

A black and white photograph of two hands reaching towards each other. The hand on the left has a large, intricate tattoo on the forearm. Between the hands, the words 'Meu Vício' are written in a cursive font, appearing to be made of sand or a similar granular material. The background is dark and out of focus.

Meu Vício

depois do amor

KELL TEIXEIRA



MEU VÍCIO DEPOIS DO AMOR

Kell Teixeira



Copyright © Kell Teixeira

Capa: Denis Lanzi

Revisão: Andrea Moreira

Diagramação Digital: Equipe Bezz

ISBN: 9788568695579

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 1 - Vida de casados](#)

[Capítulo 2 - Sob controle?](#)

[Capítulo 3 - Sob controle? Nunca](#)

[Capítulo 4 - Retorno](#)

[Capítulo 5 - Salvação?!](#)

[Capítulo 6 - Sussurro inesperado.](#)

[Capítulo 7 - Corrompendo-se](#)

[Capítulo 8 - Tóxico](#)

[Capítulo 9 - Minha prisão](#)

[Capítulo 10 - Convertendo-se](#)

[Capítulo 11 - Assimetria da felicidade](#)

[Capítulo 12 - Pretexto](#)

[Capítulo 13 - Perdendo o jogo](#)

[Capítulo 14 - Engolindo o orgulho](#)

[Capítulo 15 - Divergindo-se](#)

[Capítulo 16 - Seguindo meu caminho](#)

[Capítulo 17 - Seguindo meu caminho](#)

[Capítulo 18 - Revendo alguns passos](#)

[Capítulo 19 - O preço a ser pago](#)

[Capítulo 20 - Sem vencedores](#)

[Capítulo 21 - Encarando algumas verdades](#)

[Capítulo 22 - Escolhas...](#)

[Capítulo 23 - Será que é possível?](#)

[Capítulo 24 - Novas cartas](#)

[Capítulo 25 - Ludibriar-se](#)

[Capítulo 26 - Promessas](#)

[Capítulo 27 - Confissões](#)

[Capítulo 28 - Suspiro](#)

[Capítulo 29 - Fora da realidade](#)

[Capítulo 30 - Palavras](#)

[Capítulo 31 - Respirando novos ares](#)

[Capítulo 32 - Nosso refúgio](#)

[Capítulo 33 - Confronto](#)

[Capítulo 34 - Sem fórmulas](#)

[Capítulo 35 - Encontrando-se](#)

[Capítulo 36 - Um milagre a cada dia](#)

[Capítulo 37 - Era uma vez](#)

[Capítulo 38 - Rumo ao novo amanhã](#)

[Epílogo](#)

Prólogo

Maycon

Dois anos, dez meses e vinte dois dias sem cheirar cocaína parece impossível e ainda soa como algo estranho para mim.

Sinto isso quando me olho no espelho e não me reconheço. Odeio isso. É como se o simples fato de pronunciar meu nome fosse trazer verdades sobre mim que quero esconder. Há meses que reduzi algumas doses de remédio, Elena foi contra, mas é sempre a mesma coisa. Após mais uma consulta, aumentam mais a doses e no fim, continuo um dependente químico. Já estava tomando sete comprimidos e mesmo com eles, não consigo dormir. Não que reduzir algumas doses me fez sentir melhor, na verdade, estou conseguindo dormir menos ainda, mas também não estou tomando remédios em vão. Ao menos quero acreditar nisso.

Olho Elena ao meu lado, que está dormindo e observo seu rosto sereno. Volto a olhar o teto iluminado pela claridade que adentra o quarto, lembranças de situações que não tenho certeza ter vivido, vêm a minha mente a todo o momento.

Me lembro do Robert, aquele folgado que ficava *serrando* o meu pó, ele nunca saiu e nunca vai sair da minha cabeça, mas antes eu conseguia não me sentir tão culpado.

Em madrugadas como esta, eu me lembro de toda a merda que durante o dia eu tento inutilmente apagar. Respiro fundo, levanto sem fazer barulho, vou ao quarto do Noah, que dorme tranquilamente, olho em seu rostinho e tento manter minhas promessas. Volto ao quarto sem esperança alguma de dormir, esse é o preço que estou pagando, é o preço a ser pago. Vou à sacada, acendo um cigarro, olho as estrelas e lembranças voltam a me assombrar.

Primeiro, você entra em colapso, começa a sentir um vazio tão grande, busca ardentemente uma solução, quer se encaixar, mas percebe que nunca vai conseguir. “Amigos” parecem entendê-lo mais do que a sua própria família. E no fundo, você acha que sabe qual a solução. Ela sempre inclui uma dose nas veias que alivia toda a pressão, você entra com a tosca ilusão que pode controlar, então aceita uma segunda e o pensamento permanece: *Ah, uma vez ou outra não irá me tornar um viciado, eu ainda posso controlar.* Você se ilude, porque o efeito que ela proporciona é melhor do que a realidade a sua volta. Isso o faz querer continuar, então você começa a acreditar que a droga é a solução, mas não é. E quando percebe, já é tarde, está aprisionado novamente, ela o transforma em um

monstro, rouba todos os seus sonhos, sua família e vida. E é impressionante como a cocaína ainda marca a minha vida.

Posso contar no calendário quanto tempo estou sem e o mais trágico é que eu me lembro de como é bom, como me sentia bem estando sob o intenso prazer dela. E antes que isso me pegue novamente, esse vazio misturado a ânsia em voltar a usar, tento me focar que agora tenho algumas promessas a cumprir, estou indo bem, ao menos pareço bem. Ainda que a verdade não seja essa. Porque o meu primeiro pensamento a cada manhã está direcionado a ela. E é uma merda procurar milhões de distrações, e no fim do dia, voltar para o mesmo inferno. Porque nenhuma dessas distrações realmente é válida e no ápice do desespero por uma dose, estou a ponto de sucumbir. Mas eu tenho um filho, uma esposa, meus pais e tudo isso faz uma pressão enorme sobre mim. Sei que não posso simplesmente pôr tudo a perder novamente, mas não há controle. Um pouco e isso me fará ir além das promessas, da vida e dos princípios.

Não, você não pode, não você, não mais. E apesar de forçar o pensamento, no fim tudo que persiste em minha cabeça é a tosca ilusão de que eu preciso mesmo disso.

Mas, segundo meu último relatório médico, eu sou um paciente em recuperação e Elena ama dizer que não sou aquele cara, então acho que não cabe mais a mim o título de um merda de viciado.

Respiro fundo, termino o cigarro, olho para as minhas mãos trêmulas, minha cabeça está doendo e nada parece fazer sentindo. Estou entrando em desespero.

Quero continuar a ser forte, mas quando que eu fui forte?

Não há outro caminho ou saída, tenho plena consciência de que todo viciado está condenado a morrer pela droga.

Penso em Noah, olho para Elena e respiro pesaroso, então começo a tossir e tento segurar para não a acordar, mas é inútil, minha garganta e meus pulmões doem. Abafo o som entre as mãos e volto a deitar ao seu lado.

Tudo é questão de autocontrole. Mas como se obtém o controle? Estar no controle é uma mentira que você conta a si mesmo e essa ilusão o faz seguir adiante com a tosca promessa de um amanhã melhor. Isso é ser um humano, mentiras construídas sobre mentiras.

Continuo pensando no tempo em que me sentia à vontade com a ausência, onde uma casa vazia era tudo que eu tinha e todas essas lembranças vagam em minha mente, misturado com o que sobrou de quem eu um dia fui.

E mesmo tentando reprimir, essas questões vão e vêm sempre, me deixando o gosto amargo e a vontade de regressar.

Elena se mexe na cama ao passar o braço em meu peito, se aproxima e coloca a cabeça sobre ele. Afago seu cabelo e sinto sua respiração em minha pele.

Tudo está silencioso, a vida continua e eu sigo tentando trilhar esse caminho, os minutos voam e essa não é a primeira noite que passo acompanhando dessa velha companheira, dessa escuridão crescente em mim. Nada de anormal, é apenas eu sendo eu mesmo, escutando as vozes de amigos que nunca tive, mas que de alguma forma sempre estiveram aqui. Em noites assim, eu me lembro que um dia eu disse a Jayde que meu pai saiu de casa procurando algo melhor, que nós, seres humanos, somos assim, estamos sempre em busca de algo melhor. O que talvez eu nunca tenha revelado é que cresci escutando que eu era a melhor coisa que havia acontecido na vida dele, conseqüentemente nunca pude entender o que ele foi procurar lá fora. Mas, na verdade, eu só não queria ver, sendo a criança mimada que sempre fui, que eu nunca fui seu algo melhor.

Sinto Elena e me pergunto se algum dia eu serei seu algo melhor. Mas por que temos realmente que ser o melhor de alguém? Já é um fardo tão grande tentar ser o seu melhor, quanto mais o de alguém. É louco porque eu nunca tive como controlar meus pensamentos, ou falando de um jeito mais formal, nunca tive controle mental e até o momento, nunca precisei.

Olho as horas ao meu lado, ainda são três e cinquenta. Merda! Elena me aperta forte, mas sua respiração está calma. Talvez eu tenha sido uma total decepção, porque ao contrário dela, que sempre quer um diálogo, eu prefiro o silêncio e isso a fez querer passar o Natal com seus pais. E confesso que metade de mim deseja que ela e Noah fiquem, mas a outra simplesmente não quer falar sobre isso. Talvez eu precise disso tanto quanto ela. Talvez eu não precise de mais nada. Sinto um vento entrar no quarto, então puxo a coberta sobre ela para aquecê-la, o que a faz jogar sua perna sobre as minhas, praticamente me fazendo de cama.

Mais horas se vão e quando o relógio desperta, me levanto e vou ao banheiro e com o meu estômago embrulhando, tomo um banho para me preparar para mais um dia na clínica.

Limpo o espelho embaçado e como sempre, olho esse rosto estranho e repito: Essa é sua nova vida, então siga o manual.

Capítulo 1 - Vida de casados

Completamos dois anos e meio de casados e quando paro para pensar, vejo como o tempo passou rápido. Noah irá completar três anos daqui a quatro meses e para mim continua sendo um bebê. Chega a ser cômico quando Noah tem uma simples febre, apesar de ser médico, Maycon quase entra em colapso ao vê-lo passar mal. Ele continua sendo um pai babão e apesar de seus pais e eu termos sido contra, em menos de um ano Maycon abandonou a terapia, deixando claro que não o controlamos. A única parte chata que ainda persiste se chama Jayde. Mesmo depois da fama, quando ela aparece, os dois têm uma noite de porre e a briga entre nós no dia seguinte é recheada de indiretas.

Isaac abriu uma clínica psiquiátrica e além do Maycon, que atua como clínico, ele contratou mais um clínico, dois psiquiatras, duas psicólogas, entre elas a Katherine, e outros profissionais necessários. Fiquei magoada, afinal, eu acabei de me formar e Maycon nem sequer sugeriu o meu nome para o seu pai. Ele acha que Noah está muito novo e prefere que eu me dedique a ele.

Nossa vida como casados é boa, mas como não tenho amigos, já que meu amigo mais íntimo, Keven, agora mora em outra cidade, minhas manhãs e tardes praticamente se resumem ao Noah. Não que seja ruim ser mãe, mas seguir sempre a mesma rotina se torna consequentemente monótono.

Às vezes recebo a visita da Jessica e apesar de Maycon não gostar, eu e Jennifer nos tornamos muito próximas, e quando temos tempo, programamos algo para fazermos juntas. Isso sempre rende alguns comentários maliciosos do Maycon, que insiste em dizer que ela não presta. Por conta disso, elas sempre vêm quando ele não está. Infelizmente essa é a verdade, eles nunca se relacionarão como uma família.

As horas passam e confiro o relógio, já são nove e meia da noite e ele ainda não chegou. Estou preocupada, Noah já dormiu e estou aqui deitada na cama, esperando meu marido chegar. Amanhã será o primeiro dia da Katherine, provavelmente Maycon se dispôs a ajudá-la, por isso ainda não chegou ou talvez seja apenas eu e minha neura. Quero ignorar esse ciúme, mas não sei se suportarei bem essa aproximação deles. Ainda que ele insista que são profissionais.

Engraçado que por mais que ele negue, é igualzinho ao seu pai até no jeito de dormir, pelo que Jennifer me fala. Hoje eu tenho certeza que ele não é o cara que muda por alguém, tem personalidade forte e insiste na ideia de que o verdadeiro amor faz você aceitar a pessoa como ela é, e sempre conclui isso com “Por isso

te amo, Elena, chata, bem assim do jeito que você é.”

E como diz minha mãe, vou ter que me acostumar com isso.

E pensando em minha mãe, quero passar uma semana com meus pais. Sei que ele não vai, na verdade, depois daquela briga, ele nunca mais voltou para a casa deles. Apesar de ambos se desculparem, Maycon não recuou na promessa de não voltar mais lá. Nesse tempo ele continuou a fumar, na verdade, bem mais do que antes, principalmente quando está nervoso. Mas beber só quando está com Jayde ou como ele mesmo diz, nas noites necessárias, não sei bem o significado disso. Mas Maycon é assim, uma criatura indecifrável.

Já a minha “querida” sogra Emily, continua palpitando em tudo e achando o filho um deus. O problema é que ele aceita a opinião dela, inclusive de não ter mais filhos. E assim como ela se dedicou a ele e abandonou a carreira até Maycon completar doze anos, Emily acha que eu também tenho que fazer o mesmo pelo Noah.

No fim, Maycon tem razão, a felicidade é construída dia após dia e alguns não são tão bons como eu gostaria, mas os bons compensam os maus.

Escuto a porta se abrir, então me viro e o vejo entrar.

— Oi — ele tosse.

— Por que demorou?

Maycon sorri.

— Se disser que fui ao médico, você acredita? — reviro os olhos. — Imaginei que não, então estava com Katherine.

— O quê? — altero o som da voz e ele sorri.

— Hoje tossi o tempo todo e apesar de querer mesmo me automedicar, temi pelo Noah e fui ao pneumologista tirar algumas dúvidas, que me confirmou se tratar de uma gripe e garganta inflamada — eu o olho, incrédula. — Sério, aqui! — Tira a receita de antibiótico do bolso. — Nem vi o Noah, não quero passar isso para ele. Fui porque a tosse persiste e um exame mais detalhado confirmaria minhas suspeitas.

Não espera minha resposta e segue para o banheiro, tossindo muito. Aquela tosse de cachorro. Ele toma um banho e quando sai, continua tossindo.

— Talvez seja por causa do cigarro, Maycon — provoco.

Ele deita do meu lado e me abraça.

— Quase não estou fumando, Elena. É gripe junto à merda de uma infecção de garganta, mas se quer colocar a culpa no cigarro, acho que ele não ficará magoado — diz brincalhão e dá um beijo no meu pescoço. Ele tatuou meu nome junto ao símbolo do infinito em seu dedo anelar esquerdo, diz que é a sua aliança. Jayde e Noah também tiveram seus nomes tatuados.

Continuo sentindo seus beijos, é excitante e confortador.

— Te amo — sussurro.

— Também te amo, meu anjo.

— E a Katherine? Você já a viu? — brinco, provocativa.

— Não, mas ela começa amanhã. Quer que eu mande um beijo? — debocha.

— Engraçadinho. Mas mudando de assunto, sábado vou para a casa dos meus pais e...

— Passar o Natal com eles. Já conversamos sobre isso e não concordei e você me deixou a opção de acompanhá-la, o que para mim não é opção.

— Maycon, amor, já está mais do que na hora de parar com essa ideia boba de não entrar na casa dos meus pais. Poxa, vamos deixar o passado para trás. Vai mesmo querer passar o fim de ano sozinho? — faço charme.

— Tudo bem, não vamos render assunto. Você pode ir, se sua consciência fica bem me deixando aqui comemorando o Halloween sozinho — escuto sua risada sem graça. Conhecendo como o conheço, sei que Maycon irá jogar com as palavras e tentar me fazer ficar com consciência pesada.

— Ninguém comemora Halloween no Natal — ignoro.

— Eu e Jayde comemorávamos e falando nela, Jay vai passar o fim de ano aqui, uma semana. Então, teoricamente, não vou estar completamente sozinho — pisca, me dando indireta.

— Ótimo, então vou ficar quinze dias — brinco e lhe dou um beijo, que Maycon corresponde delicadamente.

— Pare com isso, você é muito má! Quinze dias só se eu puder contar o tempo por nós, o que fará quinze dias durarem três. O que acha?

— Já conversamos sobre isso e será uma semana. Desde que Noah nasceu, não passo um final de semana na casa deles, sempre são eles que vêm...

— Tudo bem, vocês podem ir. Eu aguento uma semana.

— Eu sei disso, além do mais, tem a sua mamãezinha — provoco.

— Pelo menos alguém me ama — faz charme.

— E eu não te amo?

— Chega de falar por hoje, Elena. Você tem o péssimo hábito de falar demais. É melhor me aproveitar de você agora, já que supostamente irá ficar sete dias longe de mim — ele fala e me pega de surpresa ao se virar e me puxar pela cintura, me colocando por cima dele.

— Mas você ainda tem mais alguns dias para aproveitar minha companhia e se demonstrar que merece, talvez eu volte antes — pisco, fazendo charme.

Sorrio ao olhar em seus lindos olhos e ver sua insatisfação ao me ouvir. Maycon sorri e morde o lóbulo da minha orelha, começa a passar as mãos por baixo da minha camisola, subindo por minhas coxas e pressionando meu corpo contra o seu.

— É sério que está tentando me chantagear? Sinto decepcioná-la, mas eu posso fazer esse jogo também e convencê-la a passar o Natal aqui.

— Jura?

— Tenho certeza. É fácil te convencer, meu anjo. Duvida?

Maycon começa a distribuir beijos pela minha mandíbula, indo em direção ao meu pescoço, beijando e chupando. Ele adora me deixar com marcas, ainda mais por saber que eu odeio. Mas só por hoje não vou protestar, não quero acabar com o clima, amanhã dou um jeito nisso com uma base. Ele continua e passa o braço pela minha cintura, me levanta junto com ele e nos senta na cama. Tira a blusa rapidamente e puxa minha camisola para cima, me deixando apenas de calcinha. Maycon olha para os meus seios, fascinado.

— Durante a gravidez tive medo de nunca mais ver esse seu olhar faminto por eles. Eu sei que meu corpo não é mais como era antes.

— Verdade — ele responde e fico com muita raiva, olhando para ele sem acreditar que acabou de confirmar isso. Ele dá um sorriso irônico, mas logo morde a língua, me olhando maliciosamente.

— Realmente seu corpo mudou com a gravidez, mas mudou para melhor — dá uma piscadela e me puxa para o seu colo, então as minhas pernas ficam ao redor do seu quadril.

Ele começa a passar as mãos pelos meus seios e me beija de um jeito único, eu sei que nunca vou me cansar disso, o desejo não tem fim. O prazer que Maycon me proporciona se torna cada vez melhor. Fazer amor com ele é como estar em um paraíso particular, as sensações que meu marido me faz sentir são incomparáveis. Somos intensamente um do outro.

— Isso dói, Maycon! — Protesto com um gemido de dor e prazer ao sentir uma leve mordida em meu seio. Ele sorri.

01— Como, hoje estou só o pó — eu o encaro por suas palavras. — Ei, calma. Não no sentido literal, quis dizer, acabado, então vou deixá-la no controle — fico sem entender o que ele sugere por “controle” até vê-lo tirar a bermuda.

— Entendi. Você não quer perder tempo — sorrio maliciosamente.

— Não mesmo. Noah adora acordar no nosso “tempo”.

Maycon me puxa de volta para o seu colo e ataca a minha boca, quando dou por mim, estou louca, tentando conter a vontade de tê-lo dentro mim. Às vezes me acho uma insana quando se trata do Maycon, ele faz com que eu fique uma tarada por sexo.

Hoje sei que quando se ama, nada importa. Nesse momento, apenas demonstramos o sentimento e a necessidade de um pelo outro. Sempre tem aquela pessoa que terá o seu coração para sempre, mas Maycon vai além, ele me terá para sempre.

— Depois de anos recebendo minhas instruções, é hora de me mostrar o que aprendeu, não acha? — ele sussurra com ironia. Nem em horas como essa, ele a deixa de lado.

— Acho que você vai ter que me ensinar mais — Maycon me ignora, me levanta com seu braço ao redor da minha cintura e com a outra mão se posiciona entre as minhas pernas, fazendo com que eu o sinta de uma vez dentro de mim. Depois volta a me beijar, e só consigo pensar em sua boca gostosa, em ser dele. Ele pode ver em meus olhos, não consigo esconder, é nítido o amor que sinto por ele.

— Como você consegue ficar cada dia mais deliciosa? — ele pergunta em um gemido e me conduz, fazendo deliciosos movimentos.

Nossos gemidos preenchem o quarto, mas tento me conter, porque Noah está no quarto ao lado. Pego impulso, passo minhas mãos ao redor do pescoço de Maycon e continuo com meus movimentos, enquanto ele me segura, fazendo com que eu o sinta bem fundo em mim, me levando à loucura.

— Eu amo você, meu anjo — fala entre gemidos no meu ouvido, o que me faz aumentar o ritmo em seu colo e chegarmos ao ápice do prazer juntos. Descanso a minha cabeça no ombro dele e Maycon permanece dentro de mim, enquanto nossas respirações se normalizam.

— Parabéns! — Ele sussurra, passando as mãos no meu cabelo.

— Obrigada — sorrio.

— Parabéns para mim que a ensinou a fazer direitinho — ele ri, debochado.

— Idiota! — Bufo.

— Elena — Maycon toca meu rosto e me faz encará-lo. — Sei que está com a pulga atrás da orelha por causa da Katherine, mas quero que saiba que você é a única para mim, e faço questão que todos vejam isso. Amo você e sempre vou amar. E no fundo, sei que vai ficar três dias e voltar chorando por sentir a minha falta. Fora a consciência que vai pesar e ficar martelando com pensamentos de como sou um cara lindo, um tesão que qualquer garota iria querer se casar e por sorte do destino você acabou conseguindo e fez uma burrada em me deixar sozinho.

— Sério que acha mesmo que eu penso isso? — ironizo e ele sorri.

— Sei que não, mas estou dizendo porque não quero que se sinta mal depois — me beija.

— Pode ficar tranquilo, isso não vai acontecer — eu lhe dou um olhar irônico.

— Não consegui mesmo convencê-la a passar o Natal comigo? — ele pergunta com malícia, o que me faz dar um tapa em seu braço, rindo.

— Que horror! Tentando me chantagear com sexo?

Maycon gargalha.

— Eu? Jamais! Estou pensando no seu bem-estar, já que a conheço e sei que fica mal quando me deixa sozinho.

— Quando foi que eu o deixei sozinho?

— Não vou ficar remoendo lembranças, passado é passado e eu já a perdoei — ele finge tossir.

— Maycon, pode parar — eu o interrompo.

— Tudo bem. Pode ficar tranquila, eu já a perdoei muitas vezes e sei que como tenho um bom coração, eu a perdoarei novamente — fala, brincando.

— O sexo não funcionou, então vai começar a baixar o nível para tentar me convencer? — dou um sorriso.

Maycon me joga na cama, se deita por cima de mim, prende minhas mãos e começa a fazer cócegas na minha barriga, e isso me faz gargalhar e implorar para que ele pare. Então ele começa a me beijar e logo nos perdemos no outro outra vez, mas agora ele está no controle.

A semana passa e finalmente chega o dia da nossa viagem. Maycon, que não está com uma cara boa, nos leva ao aeroporto. Noah está empolgado, já que adora meus pais e irmãs.

— Tem certeza que não quer ir? — faço charme.

— Talvez na próxima — sorri.

— Vai mesmo? — pergunto, surpresa.

— Na próxima vida. Não se esqueça de mim.

— Levando seu clone junto? Impossível — então ele me beija. Mesmo com uma dorzinha no peito, sei que mereço um tempo e ficarei fora somente uma semana. Maycon é dramático demais e já até o imagino correndo para a casa da mãe, que acrescentará mais coisa uma em minha lista de péssima nora.

Abandono do lar.

— Te amo — volta a me beijar.

— Me liga.

— Nem pensar. Vou deixá-la sentir a minha falta — Maycon revida.

— Achei que iria tentar uma última cartada — brinco.

— É inútil tentar convencer pessoas menos inteligentes que eu. Meus motivos estão acima do seu raciocínio — zomba.

Antes que eu revide, Maycon beija muito Noah e o abraça apertado.

— Quem é o príncipe lindo do papai?

— Eu — diz tímido e sorri.

— Cuida da mamãe pra mim e não deixa nenhum cara se aproximar, tá — dá

outro beijo em Noah e pisca.

— Não vou *dexar*. Te amo, papai — Noah diz com seu jeito meigo e Maycon quase chora. É a primeira vez que se separam.

— Tudo bem, já vamos, Senhor Drama — dou um sorriso. — Eu te amo — eu o beijo, que ele corresponde e me abraça.

Nosso voo é anunciado e mesmo com o coração apertado, eu embarco. Chegamos a nossa poltrona, então acomodo Noah ao meu lado e dou beijinho em seu nariz, o que o faz sorrir para mim.

— O papai não vai?

— Não, meu amor, só nós e vamos nos divertir muito. Você quer ver o vovô, não quer?

Ele confirma e apoia a cabeça em meu braço e não demora a adormecer. E assim que o faz, solto um suspiro e olho a nossa foto em meu telefone. É bom estar casada, mas apesar do drama do Maycon, também é bom ter um tempinho para mim com a minha família sem a interferência da família dele. Respiro fundo e acabo cochilando também, sentindo seu perfume em mim.

Capítulo 2 - Sob controle?

Maycon

Vejo Elena ir com Noah e sinto um aperto no peito. Merda! Não sei se aguento tanto tempo longe deles, é a primeira vez. Mas foda-se, infelizmente não consegui impedir, fazer o quê? E sinceramente, estou tão estressado que talvez seja melhor. É tanta pressão e fora que ouvi muita merda do meu pai e estou precisando de um tempo também. Entro no carro, volto ao nosso apartamento e ligo para Jayde. Chama até cair e quando desisto, ela envia uma mensagem.

Estou indo para o embarque agora. Eu te encontro na boate do centro daqui a quatro horas.

Jayde agora é assim, só os lugares mais caros. Os barzinhos que frequentávamos antes, só depois de bêbada. Vida de celebridade é outro naipe. Eu olho as horas, quatro e vinte da tarde, então sigo para o quarto, me deito e acabo pegando no sono.

Acordo com o barulho irritante do meu celular, então olho para ele com uma imensa vontade de quebrá-lo. Merda! São quase nove da noite. Eu pego o telefone e vejo que era Jayde ligando. Ao desbloqueá-lo, noto que Elena enviou uma mensagem dizendo que chegou bem, então mando outra desejando uma ótima noite.

Eu me levanto às pressas, tomo um banho e em vinte minutos estou pronto. Sabe quando você acorda meio louco, querendo encher a cara sem pensar nos possíveis motivos? Bom, esse sou eu. Vou para a garagem e entro no carro, ligando o som no último volume para acordar o cérebro que ainda está meio *offline* e *Blaze of Glory* do *Bon Jovi* começa a tocar.

Acendo um cigarro para relaxar e em meia hora estou em frente à Girus, só então mando uma mensagem para a Jayde.

Jay, já chegou?

Faz mais de meia hora – ela responde.

O foda desse lugar é que só tem gente da alta, mas fazer o quê? Estaciono o carro e entro, encontrando Jay no banco próximo ao balcão. Ao me aproximar dela, que está de costas, coloco as mãos sobre seus olhos, bloqueando sua visão.

— Antes de toda essa fama e pessoas a querendo, eu estava com você e éramos apenas nós — sussurro. — Eu não sei sobre você e sua nova ondinha de celebridade, mas sei sobre nós e nossa velha maneira de nos divertimos. Quer perder a linha comigo?

Ela se vira, abre um largo sorriso e me abraça.

— Você é a única coisa que me faz voltar para essa merda de cidade. Que saudade, May! — Ela me dá um beijo, então me sento ao seu lado e peço uma vodca. Jay já está na ativa.

— Bom saber que sou a coisa que a faz voltar aqui — sorrio — E como vai a vida? — pergunto por perguntar, não estou a fim de saber, mas finjo prestar atenção enquanto viro quatro doses e escuto os prós e contras da fama. Jay fala demais, ou talvez seja eu que perdi a paciência de escutar. Enquanto isso observo seu rosto, que apesar de cansado, é lindo, ela tem essa aura mística.

— May, vou ao banheiro. Só um minuto — ela se afasta rapidamente, continuo tomando meus goles e acendo outro cigarro. Uma mulher fica no lugar onde Jayde estava e faz um pedido, e logo reconheço a voz, me fazendo dar um sorriso torto.

— Esse lugar não combina com você, doutora *Katherine* — ironizo, silabando seu nome.

— Interessante sua observação. Acreditava piamente que não combina com homens casados, que é o seu caso — retruca, isso me faz sorrir e encará-la.

— Fui abandonado por uma semana, e sabe que ficar sozinho não é do meu feitio. Não estando seguindo os passos do bom moço.

— Elena sabe que está aqui?

— Eu sei que estou e em boa companhia.

— Jayde, suponho?

— No momento, me referia a você — provoco e a deixo constrangida. Ela desvia o olhar, mas mantenho o meu firme, tentando intimidá-la. Ela está diferente, até então só a tinha visto de jaleco e sinceramente, ela é atraente. Pensamento idiota. Mas ultimamente estou me permitindo ser idiota. Ela fica sem graça por eu estar a encarando, então desvio o olhar.

— Considere que seus joguinhos podem não funcionar com todas, Maycon — ouvi-la me faz olhar para o seu rosto novamente. Sorrio.

— Como não? Minhas jogadas são adaptáveis a todos os oponentes. Essa é a minha garantia — pisco.

— Gostou da análise? — sua voz soa provocativa, o que me deixa sem graça.

— Interessante, mas não gosto de analisar. Sou mais de avaliar o produto — ambos rimos. Que porra! Isso é o efeito da bebida. Ela me observa atentamente.

— Acho que isso soa mal, vindo de um homem casado — provoca, o que me faz olhar para o meu dedo com o nome da Elena, então termino a minha bebida.

— Ouvi dizer que a maldade está nos olhos de quem vê, e no que se refere a nós, creio que tudo condiz com a sua interpretação. Não é minha culpa a perspectiva que projeta sobre minhas palavras. E se Elena estivesse ao meu lado, meus olhos estariam voltados para ela, disse você pode ter certeza — ela sorri.

— Não vamos ser radicais. Olhares são apenas deslizos e todos estamos sujeitos — sorrio.

— Olha pra você, Maycon, aos poucos está voltando aos velhos hábitos. Cuidado! Está caminhando para uma recaída. Sabe disso, não sabe?

Dou uma risada irônica.

— Está sozinha?

— Não, vim com Graziela, Derek e Mike

— Interessante. Então posso sugerir que estão se relacionando por estarem juntos?

— Isso é apenas sua sugestão. Não quer dizer que seja verdade — ela me lança um sorriso de vitória.

— Bom, então, apesar das evidências, é apenas sua sugestão que eu vá ter uma recaída. Não quer dizer que seja verdade — retruco.

— Ah meu Deus! Chega! Era apenas um conselho, me esqueci que você gosta de jogar com as palavras.

— Não estou jogando. Mas mudando de assunto, agora estou magoado. Meus colegas de trabalho me excluíram, até mesmo você, que decepção, Katherine.

— Deixa de ser cínico, mal conversa com eles.

— Isso não é motivo para me excluïrem, ou é? Não me diga que são amigos, se conhecem apenas há uma semana.

— Sabe, Maycon, quando eu o conheci achava que sua ironia era por causa da abstinência, mas cometi um engano. É da sua personalidade. Acredito que um meio de defesa para afastar as pessoas.

— Sabe, Katherine, aceite como um conselho, já que estamos dispostos a aconselhar essa noite. Você é uma boa psicóloga, mas se baseia e entra diretamente em questões pessoais. Deveria rever seus conceitos, porque isso só faz com que seus pacientes se sintam intimidados e mecanicamente eles a bloqueiam.

— Obrigada pelo conselho, caro *Freud*! Mas funciona para a maioria dos meus pacientes.

— Disponha, minha cara. Não estamos no mesmo barco, mas no mesmo oceano — pisco com charme, isso a deixa sem graça e me diverte.

— Venha sentar-se com a gente. Assim quebra um pouco o mito de ser o filho do dono.

Dou uma gargalhada.

— Até parece. A queridinha da clínica agora é você — satirizo.

— Mas o filho continua sendo você.

— Considerando que hoje meu pai me disse que me considera como filho, me sinto meio que no papel.

— Não entendi. Como assim? — ela ri.

— Hoje ele me disse que já que atuo como clínico e sou péssimo em administração, teve que tomar algumas providências. Justificou dizendo que não está conseguindo conciliar a clínica e sua empresa, então ele tomou uma decisão para solucionar o problema.

— E qual foi?

— Contratou um novo administrador... Antes de revelar o nome, frisou que não queria atrapalhar minha carreira e esperava que eu entendesse. Sabia que viria merda e veio. Resumindo, ele colocou a “esposa” na área administrativa. Ou seja, ela é a mandachuva agora e explicou que apesar de não ser coerente, em um ambiente de trabalho, ele quebra as regras me considerando como seu filho dentro da clínica, e realmente espera que possamos desenvolver um relacionamento profissional. Ou, sendo mais claro, espera que eu possa acatar as ordens dadas por ela a mim.

Katherine não consegue conter o riso.

— Isso é brincadeira?

— Não. Hoje descobri que meu pai me considera como um filho. Vim até beber para comemorar a notícia. Não é qualquer pai que faz isso, tipo, demonstrar essa grande consideração. Só pais nível super-heróis.

— Imagino que não seja fácil para você lidar com essa situação.

— Uma convivência forçada? Imagina! Nada que uma boa dose não resolva — sorrio.

— Está aí o seu problema, Maycon. Ignora seus sentimentos se afundando em algum vício, mas você sabe que não pode continuar fazendo isso, porque cedo ou tarde vai enlouquecer.

— Por acaso já lhe disse que gosto de enlouquecer? — ela finge me ignorar.

— Sério, Katherine, os loucos não me amedrontam, me sinto em casa com eles. Geralmente são os chamados normais que me fazem recuar.

— Tudo bem. Se realmente acha que está se fazendo bem e essa é a solução, não vou questioná-lo — suspira. — Vou voltar à mesa, se quiser se juntar a nós, são bem-vindos, você e Jayde.

— Obrigado. Talvez eu dê o ar da graça.

Ela se afasta e após alguns minutos, Jayde volta.

— Já ia declarar óbito aqui, mas você voltou.

Ela se senta e nós conversamos por mais um tempo, e desta vez eu presto atenção. Jayde me fala da loucura que é ter cada passo documentado e que às vezes isso assusta. As horas se vão e perco a noção do quanto já bebi. Se Elena estivesse em casa, seria briga, com certeza. Ah Elena, minha Elena. Oh garota que fala e no fim sempre vem um sermão de como ela espera que eu siga as

regras de bom moço. Apesar das brigas e de sermos o oposto do outro, estamos levando. O amor é um sentimento engraçado, ainda que a pessoa o machuque ou faça algo que definitivamente o magoe, não é o fim. Por causa da droga do sentimento, nunca há um fim. É como um vício, uma dose alta nas veias. Você sempre quer mais, ainda que faça mal. E eu sempre quero mais da minha deusa, minha vida. Dela e do meu pequeno Noah.

Olho para Jayde e nem sei mais sobre o que ela está falando. Penso na Elena, no Noah, e na vontade imensa de estar com eles. Ela é foda. Essa é a minha semana de folga e ao invés de viajarmos para um lugar bacana, ela se manda e me deixa aqui, consumindo as lembranças dos seus sermões que ficaram gravados em mim.

— Está pensando nela? — escuto a voz de Jayde e sorrio. É impressionante que apesar da distância e do tempo que ficamos sem nos ver, ela ainda é a mesma, consegue até mesmo saber o que estou pensando. O que não é difícil para quem me conhece e ao contrário da Elena, Jay me conhece. — Por que não foi com eles?

— Porque algumas lembranças não precisam ser desenterradas. O tempo passou, mas a cicatriz ainda é bem nítida — engulo em seco.

— Esse é seu problema, May. Finge que perdoa, mas não consegue nem ao menos esquecer.

— Eu perdoei, Jay, perdoei mesmo, mas não significa que quero correr o risco de passar por tudo novamente. Ainda que sejam apenas memórias na minha mente louca — viro outro copo.

— Não gosto de vê-lo triste, sabe disso.

— Por que ficaria? Estou ao lado de uma estrela que vai pagar a minha noite de porre — dou risada. — Quem mais pode ter isso?

Eu me aproximo dela e dou um beijo em seu rosto.

— Não sente falta, May? Não sente falta de nós tocando nos bares, da guitarra, das loucuras? Você amava isso, e agora... — ela não termina ao olhar em meus olhos.

— Sinto sim. Eu me lembro de tudo e essas lembranças me fazem bem, mas estou percorrendo outro caminho agora.

Ela fica pensativa, com um olhar duvidoso e sei o que pensa, mas quero evitar ouvir suas razões, as minhas já me bastam.

— Que tal uma última viagem, May?

— Pra onde? — finjo não entender.

— País das Maravilhas. Um *doce* nos leva pra lá. Topa? — sorrio, sem graça. Porra! Não acredito que ela acabou de dizer isso. Estou confuso, bêbado e pra compensar, sem vontade alguma de resistir. — Uma última vez... — ela insiste.

Penso no Noah, tudo bem que é LSD, mas tenho receio. Jay continua. — Que tal? Vamos pra casa, May. Nossa casa, relembrar os velhos tempos, nossas festas, nosso tudo. Por favor! — E me dá um olhar pidão e imagino que ela já está louca, não temos mais casa. Não existimos mais como antes, ainda assim, essa loucura me dá saudades.

— Tudo bem, acho que é o que temos pra hoje!

Pago a conta, acendo outro cigarro e passo na mesa da Katherine.

— Boa noite — cumprimento a todos.

— Fumar faz mal à saúde — Derek brinca.

— E dar *pitaco* na vida de quem não conhece, também — pisco e todos riem, sem graça. — Comportem-se — brinco.

— Vai pela sombra — Katherine sorri, ela roubou as minhas frases.

Apenas dou um aceno e saio com Jayde. Seguimos para o barzinho em frente ao Campus, agora tem karaokê nele e antes de sair do carro, Jay me dá um *doce*, eu nem penso muito e falo para guardar para depois.

Entramos no bar e continuamos bebendo, então vamos ao karaokê e cantamos *Don't Cry - Guns N' Roses*, sua banda favorita, já eu, prefiro Nirvana. Mas... O foda é que a porra da música junto com o efeito da bebida me lembra de quantas vezes eu fiz Elena chorar e isso me faz questionar que talvez ela tenha ido porque quer um tempo. Talvez eu esteja a sufocando demais.

O bar de repente começa a encher. Merda! As pessoas se aglomeram e acho que é por causa da Jayde. O foda é que vejo seus rostos estranhos e não reconheço ninguém. Pego na mão de Jay e continuamos cantando. Agora parece que todos estão curtindo, óbvio que estão, Jay é famosa e está dando um show de graça.

Rio da nossa performance louca, lembranças dos velhos tempos tomam minha mente, tempos em que eu amava ser quem era. Quando acaba, alguém pede *Patience* e eu me lembro que quando Jay se estressava comigo, eu pegava o violão e cantava essa música para ela. Acho que ela também se lembrou, porque está sorrindo com o pedido. Então eu canto a música, as pessoas me ajudam e Jay também, ela que é a cantora e não está cantando porra nenhuma. Na verdade, estamos dividindo um microfone, mas me sinto bem. É como voltar aos velhos tempos onde éramos apenas nós e nossa vida louca. Onde o que valia era apenas o hoje e deixávamos um claro foda-se para o amanhã. Tempos em que cantávamos em barezinhos e ganhávamos bebidas em troca. Quando termino, as pessoas aplaudem de pé e por conta do nosso show, ganhamos uma rodada de bebidas e cigarros de graça. Houve uma época que considerávamos isso uma puta sorte! O foda é que já estamos tão bêbados.

A trilha sonora do *Guns* continua, bebemos até não aguentarmos mais e

saímos cambaleando. Demora um tempo para encontramos o carro, mas por sorte, eu consigo. Jayde então se lembra do *doce* e me entrega um.

— Espero que a viagem seja boa — eu olho para ela, sem graça.

— Vai ser — então eu apago ali mesmo.

Quando acordo, a luz do sol está batendo em meu rosto, mas além dela, tem um guarda do lado de fora anotando minha placa. Merda! Acho que levei uma multa. Saio e tento mudar a situação, iniciamos uma discussão e por sorte não vou parar na cadeia por desacato. Peço desculpas, pego a multa e depois de uma bela bronca, vou embora com meu carro. Deixo Jayde em seu novo apartamento, aquela parte de que ela iria ficar uma semana, era apenas para fazer a Elena ficar, sei que não rola. Jayde tem compromissos e eu entendo. Tenho algumas lembranças das loucuras da nossa noite de agito e não sei ao certo se cheguei a usar o *doce*. Elena pediria o divórcio se soubesse que fiz isso, mas nem mesmo eu tenho certeza do que aconteceu. Contudo, tem segredos que devemos levar para o túmulo. E esse é um deles. Mas valeu a noite, apesar da dor de cabeça horrível que sinto agora. Dou um abraço forte em Jay, ela não é mais só minha, agora tem uma legião de fãs e respeito isso, apesar de achar o caralho. Nos despedimos sem palavras, apenas um sorriso e a promessa no olhar de viver para uma próxima aventura.

Pego a estrada, e já que não quero ficar sozinho, ligo para a primeira pessoa que vem a minha mente.

— Posso passar o Natal com você, mãe?

— Oh, amor, claro que pode!

— E se eu quiser emendar o Natal com o Ano Novo. Tem problema?

— Você ainda tem um quarto em minha casa. Sabe disso, meu amor.

— Posso pedir pra fazer lasanha também? — brinco.

— Já está no forno.

— Obrigado, mãe. Eu te amo.

Passo no apartamento, deixo o presente de Natal do Noah no quarto dele e o da Elena no nosso quarto, e pego o da minha mãe. Que merda! Estou há tanto tempo tentando loucamente manter o controle, chegando a ponto de não saber diferenciar o inferno do paraíso e isso é tão caótico, faz todo sacrifício perder o valor. Penso em Noah e choro feito idiota. Porra de consciência. Será que fiz algo estúpido a noite passada? Agora estou feito um imbecil, me sentindo culpado. Mas qual o sentido nisso tudo? Toda vez que chego com a porra do nariz fungando, independentemente do motivo, Elena desconfia, acha que voltei a cheirar. Discutimos, ela faz acusações, coloca o Noah no meio e me faz sentir um lixo. Merda! Isso não acaba, uma vez que fui um viciado, não existe o voto de confiança. Mas para um cara que já quebrou tantas promessas, é mais que

aceitável. E por que estou pensando nisso mesmo? Qual é, porra? *LSD* não é coca, e nem mesmo sei se usei aquela merda. Dou um murro na droga da cômoda e tento me convencer, mas nem mesmo eu acredito. A quem estou tentando enganar? Estou fingindo ser esse cara que nem eu mesmo conheço, e enquanto tento ser forte, presencio silenciosamente minha ruína. Por que me sinto tão vazio e solitário? Tenho uma família perfeita... E talvez essa seja a questão. Eles são perfeitos demais para mim e não ser bom o suficiente acaba comigo.

Droga! Mas antes que perca a merda do autocontrole, sigo para a casa da minha mãe. Estou afundando e enquanto isso não for visível, acho que posso continuar fingindo estar bem.

Capítulo 3 - Sob controle? Nunca

Maycon

Chego à casa da minha mãe e suspiro frustrado por ter apenas essa opção. Entro e sou recebido com sorrisos, fazendo com que eu me arrependa por ter tido esse pensamento. Tudo indica que Erick não está, o que é estranho, mas não questiono.

— Sei que parece chato, mas posso dormir primeiro e depois conversamos?
— sorrio com uma cara de ressaca ao vê-la se aproximar entusiasmada. Estou com mau humor pela péssima noite no carro com Jay.

— Maycon, Maycon, sabe que isso vai render uma bela briga com Elena, não sabe? — ela inicia.

— Depois falamos sobre isso. Não quero render assunto ou sequer pensar nisso no momento, não agora, mãe. Me dá um tempo, por favor? — insisto.

Ela me abraça e isso me faz sentir bem. Sinto que de alguma forma ela alivia um pouco esse vazio. Subo para o meu antigo quarto, e acho bizarro minha mãe mantê-lo como se eu ainda morasse aqui, fecho as cortinas, pego uma coberta, tiro a blusa e os sapatos, e me jogo na cama, afundando nesse breu de escuridão que se instala. Depois de um tempo, meu celular vibra e vejo que são mensagens da Elena, vídeos, para ser mais exato, de Noah brincando com cachorros.

— *Diz para o papai que você quer um* — escuto sua voz ao fundo.

Elena está jogando sujo, ela sabe que detesto cachorro, me dá nos nervos ver Noah brincar. E ele ri muito, abraça e rola no chão com o cão.

— *Papai eu quero um cacholo* — sorrio ao escutá-lo pronunciar errado. O vídeo termina com os dois me mandando beijos e dizendo que me amam.

Que droga! Estou confuso, de ressaca, me sentindo tão culpado. Olho nossas fotos e meus pensamentos fluem com flashes de momentos nossos.

É estressante perceber que, de alguma forma, sua vida segue apenas em tentativas frustrantes de ser alguém que não é. Estou há tanto tempo tentando ser o cara que não sou, e mesmo sabendo que não posso mais continuar nessa farsa, estou fazendo o melhor que posso, mas essa exaustão está arruinando tudo, faz todos os dias serem iguais. Acho que os sorrisos do Noah costumavam me cativar mais, agora tudo parece tão vazio. Fecho os olhos e sinto que estou com tanto medo de ter que encarar Elena com a verdade, com medo de que ela possa acordar e ver que eu ainda sou o velho Maycon, que ainda sinto vontade de voltar a ser seu pior pesadelo e isso acaba comigo. Porque enquanto ela ignora todas as evidências, estou segurando tudo isso para que ela e Noah não sintam

sequer um vento contrário.

Por que tem que ser assim, Elena? Por que você tem sempre que ver abrigo onde não existe? Por que pinta um quadro imaculado de uma mente conturbada? Não percebe que meus demônios ainda me perseguem? Não vê que eu não consigo mais ser o que você quer que eu seja?

É frustrante, porque eu posso ver toda essa tensão quando olho em seus olhos.

Elena tenta a todo custo me manter sob controle e sua precisão não a deixa ver que eu sou apenas cinzas de uma mentira, a promessa quebrada de que tudo vai ficar bem. E o foda é que nada está bem e nossa felicidade só representa algo inalcançável no momento. Eu estou tão sozinho e ela tão longe. Minhas lágrimas queimam em meus olhos, enquanto a culpa faz sua imagem desaparecer na minha mente cansada e nessa encruzilhada eu começo a implorar apenas por refúgio. Meu último pensamento só me diz que eu quero ter a chance de voltar para casa, mas nem sei se um dia eu tive um lugar para chamar de casa.

Eu a amo tanto e ela sempre será tudo para mim. Ela e o Noah. Só que não posso continuar mentindo, não posso ser quem não sou, não posso mais ocupar um papel que incumbiram a mim. Queria apenas encontrar um lugar nela onde eu pudesse ser apenas eu e isso iria satisfazê-la... Só que esse lugar não existe, a não ser em mim.

Meus pensamentos continuam explodindo em minha cabeça e dói tanto que tento parar, mas isso não tem fim. Acabo me rendendo a dor, ao cansaço e a culpa.

Acordo com a minha mãe acariciando meu rosto sem ter ideia de quantas horas se passaram.

— O que anda acontecendo com você, amor? — ela pergunta, docemente.

— Nem eu sei, mãe — acendo um cigarro. Merda, meu último, o maço chegou ao fim.

— Você está fumando demais, Maycon.

— Ah, mãe, para! Já basta aguentar o falatório da Elena por causa disso, só por essa noite, não toca no assunto. Por favor! — Ela se cala, mas após minutos, quebra o silêncio.

— Seu pai disse que tem se isolado, quase não conversa com ninguém e passou até mesmo a almoçar sozinho — ela me encara. — Tem tomado seus remédios? — ignoro sua pergunta.

— Quando não se tem o que dizer, o melhor é ficar calado — sorrio, mas isso não a convence. — Queria ter um diploma apenas para colocar na lápide, não

tinha intenção de exercer a profissão — murmuro.

— Se isso não o satisfaz, procure outra coisa.

— Esse é o meu problema. Vivi tantas coisas que nem sei mais o que me satisfaz, mãe. Mas não quero falar sobre isso. E mudando de assunto, ele falou a você que deu a clínica de papel passado para Jeniffer?

— Foi isso que o chateou?

— Não exatamente. Estou pouco me lixando pra eles, por mim que morram os três...

— Maycon! — Minha mãe me repreende, chocada.

— Pare de exagero — sorrio. — A morte é a consequência da vida, um dia todos vão morrer, é fato.

— Mas isso não nos dá o direito de desejar a morte de alguém — ela contrapõe.

— Não quero ter que trabalhar com ela, mãe. Meu pai não pode forçar nossa convivência e acho isso patético da parte dele.

— Maycon, você tem que aprender a deixar o passado no passado, perdoar e seguir em frente. Jeniffer e Elena se dão muito bem, não é mesmo? Acho que foi até a Elena que sugeriu que ela trabalhasse na clínica — escuto e reviro os olhos. Merda! Tinha que ser a Elena.

— Sim, mãe, estão se dando bem até demais. Estou cansado da Jeniffer ficar colocando merda na cabeça da Elena. Realmente eu quero sair, não vou trabalhar com ela, mãe. Sem chance, já estou procurando outros lugares para trabalhar.

— Mas se não gosta, por que vai continuar exercendo a profissão?

— Vou fazer o quê? Só tenho a porra desse diploma. Gráficos de jogos não sustentavam nem a mim, quanto mais minha família — minha mãe coloca o dedo na minha boca pelo palavreado, dou um beijo nele. — E também, você gosta de ter um filho médico, era isso que queria — brinco e beijo sua mão. — Meu pai também gosta e Elena, essa ama.

— Por que não volta a cantar como antes? Sempre gostou de música.

— Elena nunca aceitaria.

— O que importa é você, Maycon.

— Importava mãe, não importo mais — termino o cigarro e apago no cinzeiro improvisado - o criado ao lado. Minha mãe coloca minha cabeça em seu colo e afaga meu cabelo, me fazendo sentir um menino.

— Está tendo problemas com a Elena, não está?

— Isso é relativo, sempre teremos problemas. O nome disso é casamento — zombo, ambos rimos.

— Maycon, eu nunca achei a Elena a garota certa para você... — não deixo que continue.

— Nunca vai existir uma aos seus olhos, mãe.

— Não é pela pessoa que ela é, e sim por vocês serem muito diferentes.

Foram criados com valores diferentes e esse choque de tradição sempre irá trazer problemas se não souberem se adaptar. Amor, qualquer um percebe que seu casamento não está bem e se acha que precisa de um tempo, não tem que continuar pelo Noah e ser infeliz.

— Para, mãe. Você sabe que eu amo a Elena, amo demais. O problema é que a cada briga ela coloca o Noah no meio e eu acabo revivendo tudo o que passei na época do seu divórcio com meu pai. Isso me traz uma insatisfação pessoal, é como se lutasse contra, mas estivesse destinado ao mesmo caminho. Estou frustrado porque tudo que eu não quero para o Noah está bem na minha frente quando me olho no espelho.

Ela continua me acariciando.

— Por que ela foi para casa dos pais em pleno Natal? — ela muda de assunto, sei que falar sobre o divórcio também a magoa.

— Porque... — penso, mas nem eu tenho a resposta. — Não sei. Talvez eu tenha virado uma péssima companhia — sorrio.

— Você nunca será uma péssima companhia, amor.

— Pra você, mãe. Sou seu filho, é diferente. Me ama por isso — pisco.

— Deixa de ser bobo — ela me beija.

— Você e meu pai também estão distantes, aconteceu alguma coisa?

— Não, só seguindo nossas rotinas. Seu pai tem outra família e eu não faço mais parte dela, então se não é sobre negócios ou relacionado a você, não temos porque nos encontrarmos sempre.

Ele tem outra família. Merda, nem sei por que ouvir isso ainda me incomoda. Respiro fundo tentando não me abater.

— Mãe, eu tento gostar da Jeniffer, mas não consigo. Na verdade, adoraria vê-la morta. Odeio essa proximidade dela com Elena, tudo que ela diz soa tão falso, e...

— Então seja sincero com sua esposa. Quem tem que colocar limites, é você.

— Não adianta. Quando toco no assunto, ela diz que deixa de conversar com Jeniffer o dia que eu deixar de falar com Jay. Olha que mulher foda! — Rimos. — É tanta falação que às vezes desejo ser enterrado vivo. Sério! E ela só termina quando sou obrigado a me desculpar.

— Amor, eu não quero colocá-lo contra a Elena, mas sinceramente, não sei por que ela reclama de você. Ela tem uma vida maravilhosa, tudo que ela quer, você dá. Não sei que ideia louca é essa de querer trabalhar e deixar o Noah com a babá.

— Quem contou? — fico curioso.

— Seu pai. Jeniffer pediu emprego para ela, na clínica.

— Olha que mulher desgraçada. Esse é o motivo de não gostar dessa puta. Se intromete sem ser chamada.

— Maycon, com certeza foi a Elena quem pediu e não sei por quê. Afinal, até a faculdade da irmã dela você ajuda a pagar, não é? — eu me viro, encarando seu rosto.

— Como sabe disso? Está investigando minha vida, mãe?

— Não, mas faço sua contabilidade, lembra? — sorri. Minha mãe não deixa passar nada. — Às vezes acho Elena muito insensata. Ela não deveria ter deixado você sozinho, isso não é atitude de uma boa esposa.

— Existe isso? Boa esposa? Já se perguntou se sou bom marido? — ironizo.

Minha mãe levanta, abre as cortinas, me traz chocolate quente com bolo e calda. Casa de mãe tem esse lado bom. Depois de comer e tomar um banho, ligo para Erick e peço para que ele traga cigarros quando vier para casa. Nossa ceia de Natal inicia às sete, depois trocamos presentes às nove, e como Erick está demorando, pergunto para a minha mãe, que me informa que ele foi resolver umas pendências com um cliente.

Sério? Em pleno Natal? Que desculpa sem noção. Sei que é mentira, mas não questiono. Quando volto ao quarto, eu o escuto chegar e após ouvir conversas, deduzo que eles estão bem. Procuro um jogo decente e passo a noite matando zumbis, fumando cigarros e chorando a ausência da Elena e do Noah. À meia-noite mando um escroto Feliz Natal a ela e Jayde, recebo várias mensagens de conhecidos, até mesmo Jayde retorna. Elena e sua família também enviam mensagens e acabo colocando no silencioso, já que isso começou a me encher o saco.

Acordo às dez e meia da manhã, depois de levantar e tomar um banho, escuto o telefone tocar.

— Oi — diz, animada. Quero fingir desdém, mas o fingir desaparece assim que escuto sua voz.

— Oi, meu anjo. Estou com saudade de você, muito mesmo. Quando você volta?

— Maycon! Eu cheguei há dois dias, relaxa — rebate descontraída e pela voz parece estar bem.

— Relaxa porra nenhuma. Por que tem que ficar uma semana? — falo mais irritado do que gostaria. Merda! Estou aqui pra baixo e ela toda animadinha. Miséria de vida.

— Amor, calma. Às vezes é bom sentir um pouco de saudade e eu também estou sentindo sua falta, muito.

— Vou fingir que acredito. Mas está se divertindo? — relevo.

— Estamos, e muito. Hoje vou levar Noah ao parque. Ele está adorando.

— Elena, não força a barra. Ele também adora quando o levamos aqui. Sem sensacionalismo, por favor.

— Maycon, pare com isso, por favor. Poxa, não quero brigar — fica em silêncio. — Está com a sua mãe?

— Talvez — provoco.

— Ela já falou mal de mim?

— Tem o que falar? Você dá motivos?

— Nossa, você está insuportável.

— Normal. Eu também acho que estou — respiro fundo.

— Eu te amo muito, mas vou deixar o Noah falar agora. Está bem?

Ela não espera nem a minha resposta e já passa o telefone.

— Papai, tem *cacholo*, eu quero um *cacholo*.

— De pelúcia, com certeza — respondo e ele repete para mãe, todo feliz, como se eu tivesse concordado e até se esquece de se despedir. Elena volta ao telefone.

— O que você está fazendo?

— Jogando videogame na casa de uma loira linda.

— Engraçadinho — rimos.

— Viu o seu amiguinho?

— Por que o veria, Maycon?

— Não sei, ao acaso, talvez.

— Não vi. Amor, estou saindo agora com Noah. Eu te amo muito e até sexta. Vou voltar para passar o fim de ano com você, tudo bem? — ouvi-la me dá certo alívio.

— Promete? — insisto.

— Prometo. Eu te amo.

— Também te amo. Diz isso ao Noah. Amo vocês mais que tudo. Ah, e cuidado com ele no parque, ou melhor, vocês dois.

— Pode deixar! Beijos e sonhe todos os dias comigo.

— Também te amo, meu anjo e volta rápido para mim. Vou contar os dias para vê-la novamente e juro que não a deixo fazer isso de novo. Agora vai aproveitar sua folga do Maycon. Beijos — eu a escuto rir.

— Beijos — desliga.

As horas passam, ligo para Jayde, conversamos um pouco e imploro para ela apagar minhas fotos das suas redes sociais, inclusive as da última noite, mas ela

diz que não postou. Eu duvido disso, mas de certa forma, o fato de ela dizer isso me deixa aliviado.

Mais alguns dias se vão e em todos eles minha mãe sempre comenta algo sobre Elena, mas nem dou ouvidos. Porém me pergunto por que mulher fala tanto. Depois de escutar todos os defeitos possíveis da minha esposa, eu me lembro que prometi para a Jayde uma música para o próximo álbum. Não entendo por que ela gosta de cantar as minhas músicas se tem grana para pagar compositor. E a porra nem me dá créditos. Jay é foda.

Vou para o quarto e tento compor alguma coisa, mas penso apenas em tudo que gostaria de mudar e não posso. Pego o violão, que por sinal está desafinado, então desço para a sala e recorro ao piano. Toco as primeiras notas de uma melodia sem graça que está em minha cabeça, mas isso me distrai, gosto dessa parte. Sempre me senti bem compondo e depois de horas, a letra flui dedilhada em um piano.

Meias verdades e solidão

Ela foi embora com uma promessa de nunca mais voltar

Ela queria mais de mim

Mas eu fiquei apenas com o gosto amargo de solidão

Alguns cigarros e cinzas de promessas que nunca acreditei

Porque espinhos sempre vazem sangrar

Sim ela poderia me dar razões (eu nunca acreditei) Eu apenas amava suas mentiras (nada de anormal)

Mas tudo que ela quer são cores brilhantes e céus azuis

Eu só posso dar apenas uma estrada velha meias verdades e solidão

Sim ela quer apenas acreditar em verdades ocultas sobre nós

Talvez o ato de me desfazer a faça estar em ruínas

Mas querida quando foi que eu prometi noites felizes e verdades claras sobre mim?

Não nunca prometi nada além de noites solitárias e promessas vazias

Tudo sombrio, tudo sombrio

Nada além de céu sem estrelas

Meias verdades sobre algo iluminado Meias verdades sobre um talvez final feliz

Apenas tons escuros, solidão e cigarros Meu coração está sangrando

Seu cheiro ainda está em minha pele

Mas vejo apenas um vulto sobre nós
Apenas escuridão

Assim que termino, envio a letra para Jayde, que gosta e me pede para colocar uma melodia. Ela realmente é muito folgada, já que a pior parte é essa, mas antes de desistir por completo, consigo algo. Não é “a música”, mas já é alguma coisa. Gravo um vídeo e envio para Jayde.

A tarde se vai e a noite chega. Odeio depender tanto da Elena. A dependência em si não é algo bom, seja com drogas ou pessoas, é a mesma merda, no fim você se ferra. Erick e minha mãe saíram para jantar, vão trazer mais cigarros, eu já acabei com os meus. Como não quis ir, estou sozinho nessa mansão sem sentido e parece que no fim isso é tudo que me resta. Acabo me deitando no sofá e adormecendo.

Quando acordo, vejo uma chamada perdida da Jayde, então ligo de volta e ela agradece pela música. Conversamos mais um pouco, brinco dizendo para ela parar de plagiar e colocar meu nome nas composições. Ela fica puta, me xinga como se isso fosse um absurdo.

— Ok, grande compositora, pode continuar ganhando os créditos — brinco.

— O que eu posso fazer se realmente sou — ironiza.

— Você é mesmo, Deus sabe — retruco com a mesma ironia.

— Você me ama, May, só não se deu conta ainda.

— Sempre, um amor que quer distância, mas amo. Você é foda, Jayzinha.

— Vai à merda. Odeio que me chame assim — rimos.

Ela levanta algumas questões sobre a melodia, mas ignoro, se quiser, ela que mude. Depois de um tempo, desligamos. Tento voltar a dormir, mas é inútil, então vou ao quarto ligar para Elena e quando está quase caindo no correio de voz, ela atende.

— Oi, meu amor — escuto sua voz serena.

— Oi. O que você estava fazendo para demorar tanto para atender ao telefone? Estava quase desistindo.

— Nossa, Maycon, você está insuportável de verdade. Eu acabei de sair do banho e vi que estava ligando.

— Banho é... Queria tê-la ajudado a se ensaboar.

— Eu também queria, meu rabugento — Elena sussurra de forma sensual.

— Elena, não brinca comigo. Você não sabe como é passar uma noite sentindo a merda da falta de alguém — falo para provocá-la.

— Quem disse que eu não sei? Eu, melhor do que ninguém, sei como faz falta um certo homem com um corpo lindo e todo tatuado nessa noite fria ao meu lado.

— Se sentisse falta estaria com ele.

— Mas eu sinto e muita. Se ele estivesse agora comigo, veria o que está perdendo por te me deixado viajar sozinha.

— E o que ele está perdendo? Se me contar, dou uma ideia nele!

— Por mais que ele não mereça, vou dizer porque sou uma garota muito boazinha.

— Está ficando interessante.

— Se ele estivesse aqui, veria a camisola que comprei da cor dos seus olhos. Uma bem curtinha e uma micro calcinha da mesma cor — Merda, só de ouvi-la já fico excitado. Elena será minha morte.

— Como assim? Se eu não estou aí, por que você está vestida com essa camisola? — demonstro minha desconfiança.

— Porque eu ainda tinha esperança que você nos acompanhasse, então trouxe algumas camisolas novas para te agradar e mais algumas coisinhas que poderíamos experimentar — ela dá uma risadinha no final.

— Jura? Na casa dos seus pais? Pervertida você, hein! — Brinco. — Mas continue, estou gostando... O que seriam essas coisinhas?

— Coisas que comprei no sex shop, que seria uma forma de agradecer por você vir comigo e Noah nessa viagem.

— Que porra! Será que estou falando com a Elena mesmo ou liguei errado? — pergunto com ironia.

— Maycon, olha a boca. Por mais que nosso filho não esteja ouvindo essa conversa, tente não falar assim. Sem querer você pode acabar falando um palavrão na frente dele.

— E lá se foi a Elena sexy e voltou a vovó Elena que reclama de tudo — digo apenas para provocá-la.

— Se você pudesse me ver agora, confirmaria que de vovó eu não tenho nada.

— Uau, eu quero mais dessa Elena sexy. Mas por que você não me disse que tinha ido ao sex shop?

— Porque seria uma surpresa, mas infelizmente serei obrigada a dormir sozinha — finge uma voz tristonha.

— Está provando do próprio veneno. Por sua causa, eu, melhor do que ninguém, sei como é ruim ficar duro ao imaginar a minha mulher vestida de forma sexy. E para piorar, ela ainda me provoca só porque não posso ter o prazer de tirar a camisola do seu corpo gostoso. Realmente a vida é uma merda — ela ri ao ouvir meu comentário.

— Pode deixar, amor, eu tenho vários planos para nós assim que chegarmos.

— E poderia fazer uma caridade a um necessitado revelando os planos?

— Alguns planos para agradar meu marido, com, por exemplo, me deixe ver...

Que tal uma bela massagem com óleos afrodisíacos vindos de Paris? E um lindo corpete com meias 3/4 vermelho sangue? Vou vestir só para ele tirar depois.

— Acho que liguei para o número errado. Devo ter ligado para o disk sexo e a atendente também se chama Elena — brinco.

— O quê? — ela muda o tom.

— Brincadeira, meu anjo. Mas posso saber com quem você foi atrás de todas essas novidades para apimentar a nossa relação?

— Eu acho que você não vai gostar de saber.

— Quem será essa boa alma? — pergunto com ironia, pois já sei quem foi. A nova “amiguinha”, a vadiazinha do meu pai.

— Maycon, a Jennifer foi comprar algumas coisas e me chamou, e como eu sempre tive curiosidade de entrar em um sex shop, fui com ela. Isso o incomoda?

— Sabia que era a putinha do meu pai. Elena, você sabe como eu me sinto sobre essa linda amizade de vocês, mas até que ela serviu para alguma coisa.

— Jennifer é a única amizade que eu tenho agora, Maycon. Não começa, porque não estou falando nada da sua amiguinha de porre, Jayde.

— E nem tem o que falar, Jay é quase uma orientadora do bom caminho. Minha amiga do peito e dos rins — ambos rimos.

— Então ficamos assim, você fica com sua amiguinha, que eu fico com a minha. Agora, boa noite.

— Ah, qual é? Agora que a noite ia ficar interessante, vai ficar chateada comigo?

— Não, apenas estou ficando com sono e vou buscar Noah. Ele está na sala com o meu pai vendo tevê.

— Deixe o garoto se divertir com o *Vovô Sauro* dele.

— Idiota — ri. — Pena que você não está aqui para me divertir — diz, sensualizando.

— Nossa! Você por telefone é atrevida, hein. Não sei se vou aguentar até o Ano Novo para ter você.

— Mas não precisa. É só você vir para cá e matar a nossa vontade.

— Ou você voltar. Estamos em um embate. Quem está disposto a ceder?

— Eu vou, só que será no Ano Novo.

— Você é uma bruxa que está lançando o seu feitiço para me convencer a ir até aí. Acha que não conheço seu joguinho?

— Mas está funcionando? — pergunta curiosa e me faz rir.

— Sinto muito, meu anjo, mas não está.

— Então, boa noite. Eu te amo.

— Também amo você, praga dos infernos — sussurro.

— Do que me chamou, Maycon?

- Anjo da minha vida, relaxa.
- Também te amo. Beijo.
- Beijo — antes de desligar ouço sua risadinha.

Vou para a sala de jantar, então ao bar do Erick, pego uma vodca e fico pensando nela e sorrio feito um idiota.

Elena é a fonte de toda a dor e frustração, mas é a cura. A única. Se soubesse que iria virar minha vida do avesso, juro que teria explodido aquele ponto para evitar o nosso primeiro encontro. Ah, quer saber, teria porra nenhuma. Ficaria esperando dias até cruzar o seu caminho, porque eu, bom, eu a amo e estou condenado a isso pela eternidade.

Capítulo 4 - Retorno

Os dias passam e em todos eles Noah e eu nos divertimos. Mas no fim da tarde, me bate aquela saudade do Maycon. Ele é tão complicado, mas não custava nada ter cedido. Porém, definitivamente, ceder e Maycon, são palavras que não se encaixam na mesma frase. Até mesmo em nossas ligações rola um clima de tensão. É aquela parte chata de: *Só irei ceder, se você fizer primeiro*. O que consiste em ele nunca ceder, porque eu acabo cedendo primeiro, mas não desta vez.

Pela manhã ele me liga, faz recomendações ao me ouvir dizer que vou levar Noah ao parque, faz drama também. Esse é o Maycon e começo a desconfiar que drama seja seu segundo nome.

Voltamos após passarmos a tarde no parque, então dou um banho em Noah, que cochila logo em seguida. Eu fico surpresa ao ver uma chamada perdida de Jennifer. Se Maycon soubesse que estive perto de desistir de vir e ela me convenceu a não fazer a vontade dele, iria odiá-la ainda mais, se é que é possível. Ligo de volta para ela, que atende rapidamente.

— Oi!

— Oi, Elena, como vai a miniférias longe do Maycon? — brinca.

— Estou com saudades, mas estamos nos divertindo muito.

— Ótimo, vou te contar um babado, aproveitando que Isaac saiu com Jessica — dá uma risadinha. — Ele detesta fofoca, principalmente em relação ao seu bebezinho. Ontem Emily ligou e disse que Maycon está muito chateado por ter que trabalhar comigo — começo a rir ao escutá-la, lembrando do drama que ele deve ter feito para a mamãezinha.

— Ela falou com você? — interrompo, pensando na audácia de Emily.

— Com Isaac.

— Mas o que ele disse a ela?

— Que infelizmente ele já tinha me prometido isso, no entanto, entenderia se Maycon quisesse sair.

— Nossa! Ela deve ter trincado de raiva.

— Vai escutando. Ela insistiu, tentando convencer Isaac a me fazer desistir e que Maycon não era obrigado a trabalhar comigo. Isaac a cortou dizendo que infelizmente a vida é assim, nem sempre trabalhamos apenas com quem gostamos e que está mais do que na hora do Maycon aprender isso. Fora que ele não é mais um bebê.

— Ela não rebateu?

— Ficou uma arara, falou aos montes, eles acabaram discutindo, mas desta vez Isaac não voltou atrás.

— E o Maycon?

— Não está mais conversando com Isaac, que está chateado com essa atitude infantil, mas mesmo assim, disse que não vai ceder. Maycon é tão dramático, tudo é na base da chantagem, não sei como você aguenta.

— O problema é a mãe que passa muito a mão na cabeça...

— Antes era no meu casamento, agora ela dá palpites no seu — rimos. — Mas, e vocês, decidiram se terão outro filho?

— Acredita que ela disse ao Maycon que como eu posso querer outro, se nem do Noah eu cuido direito?

— Olha que mulher desgraçada, mas ele ao menos a defendeu?

— Jura que sim, mas eu duvido. Maycon a escuta muito.

— Agora né, porque quando usava drogas, pouco se importava com o que ela dizia.

— Verdade... — admito, constrangida.

— Mas você desistiu de engravidar por isso?

— O que eu quero, ele não quer e sabe como já é estressado.

— Elena, deixa de ser boba. Por acaso ele deixa de sair com a Jayde? Tem que parar de fazer a vontade do Maycon. Ele é um folgado mimado que adora exagerar e acha que o mundo gira em torno dele. E se você não consertá-lo, ninguém mais irá fazê-lo.

— O que você sugere?

— Quer mesmo ter outro bebê agora?

— Queria, mas...

— Mas nada. Você quer, então pare de tomar anticoncepcional, tenho certeza que Maycon não vai parar de fazer sexo com você, e quando menos esperar, já vai estar grávida.

— Não é tão simples assim, Jennifer.

— Então continua deixando Emily opinar no seu casamento — diz, irônica.

— Por um lado, você tem razão.

— Por um não, por todos — enfatiza. — Elena, se Emily não o aceitasse de braços abertos na casa dela, tenho certeza que Maycon teria ido com você.

— Acha mesmo?

— Tenho certeza. Para a minha casa ele não viria nunca — rimos.

— Disso até eu tenho certeza.

— Então, Jayde está em turnê e sozinho ele não ficaria. Olha, Elena, tem dois anos que eu a escuto reclamar das intromissões da Emily, se não cortar agora, até qual faculdade Noah irá cursar, ela vai escolher — pondera.

— Você tem razão. Acho que realmente vou fazer isso.

— Acha não, vai fazer. Fico até imaginando a cena que ela vai fazer quando souber que será avó novamente. Mas, e as fantasias? Já usou?

— Não, iria usar na viagem. Mas ele não veio.

— Até hoje? — ela ri. — Agora entendo o mau humor do meu enteado — brinca. — Poxa, já tem um mês.

— Pare, sabe que sou tímida.

— Vou te ensinar a deixar de ser. Acho que Isaac chegou, depois conversamos. Beijão no gostoso do Noah.

— Outro. Obrigada por tudo. Vou tentar convencer Maycon a não sair da clínica.

— Isaac está muito chateado, se Maycon soubesse como isso o afeta. Acho um absurdo ele deixar de conversar com o pai por causa disso.

— Eu sei, também acho. Mas vou tentar convencê-lo a mudar de ideia.

— Espero que mude. Isaac já está chateado por ele ter se afastado. Se continuar assim e Maycon não desistir, acho que eu saio, não quero ficar entre os dois.

— Mas não pode, é seu sonho, a clínica foi um projeto seu. Tudo bem que eu te convenci a trabalhar lá, mas o projeto foi seu. Se Maycon não concorda, que ele saia, não você. Desistiu de tanta coisa por não o desagradar.

— Então chega para nós duas. Coloque um basta também.

— Tudo bem.

— Quero ver o Maycon na linha — brinca.

— Pode deixar.

— Beijinhos, tchau — escuto a voz de Jessica ao fundo e Jennifer desliga.

As horas se vão e acabo cochilando ao lado de Noah com as palavras de Jennifer ecoando na minha cabeça. Quando acordo, Noah não está ao meu lado e isso me faz descer as escadas rapidamente, então vejo que ele está com meus pais. Após o jantar, tento colocar Noah para dormir, mas ele prefere continuar com o meu pai, então vou para o meu quarto tomar um banho e quando saio me deparo com o telefone tocando. Maycon. Tento ser sensual, mas o seu velho sarcasmo, que misturado com a ironia e seu mau humor, me desanimam. Apesar de tudo, eu amo ouvir sua voz. Amo muito e só de ouvi-la meu coração dói de saudades. Suas gracinhas melhoram meu humor e alivia um pouco minha vontade de correr para os seus braços.

Quinta-feira, Maycon me liga novamente, me diz que está morrendo de saudades, que não suporta mais ficar longe de nós. Amo escutar cada palavra e após duas horas ouvindo suas declarações loucas, acabo dormindo ao som da sua linda voz. Quando acordo, olho para Noah ainda dormindo. Ontem ele me pediu

para irmos embora, está sentindo falta do pai tanto quanto eu, mas estou feliz por ter conseguido vencer esses dias. Me sinto bem pela minha vontade ter prevalecido, por ter tido esse tempo com meus pais.

Após o almoço, minha mãe e irmãs ajudam com as malas. À tarde, entre choros e abraços, nos despedimos. Às cinco e meia, meus pais nos levam ao aeroporto e às seis eu e Noah já estamos no voo de volta para casa.

Assim que Noah e eu desembarcamos, vejo Maycon. Ele, como sempre, chama a atenção enquanto caminha em nossa direção. Agora me pergunto como eu consegui ter ficado tantos dias longes do meu vício preferido?

Noah, assim que vê o pai, solta a minha mão e vai correndo com seu jeitinho todo desengonçado. Maycon fica de joelhos no chão, o esperando de braços abertos, então reparo que muitas pessoas estão emocionadas quando os veem se abraçando. Maycon se levanta do chão com Noah no colo, que continua agarrado no seu pescoço e nesse momento me sinto uma bruxa por ter mantido os dois afastados durante esse tempo. Maycon me olha intensamente assim que me aproximo, passa o braço que está livre ao redor de minha cintura e me puxa para um beijo carregado de saudades. Sinto uma mãozinha pequena em meu rosto, então me lembro de que Noah está vendo o nosso beijo. Ele coloca sua mão entre nós, interrompendo, o que me faz virar e dar um beijo estalado em seu rostinho.

— Estava quase morrendo de saudade. Por um momento pensei que você não tinha mais casa, Elena! Ou, tinha esquecido o endereço — resmunga como sempre, pior que até disso eu senti saudade.

— Olha quem fala. Pensei que também não tinha mais casa, afinal, ficou todos esses dias com a mamãezinha. E falando nela, pensei que a veria aqui com suas amigas perfeitas gritando “Queimem a bruxa!”. Já que eu sou uma bruxa má, porque deixei o filhinho dela sozinho na noite de Natal — Maycon revira os olhos.

— Pare de falar mal da minha mãe. Você deveria ficar grata por ela ter cuidado de mim na sua ausência — pisca. — Fora que ela nos fará um grande favor hoje.

— Como assim, um favor?

— Vamos comemorar nossa noite de Natal especial — ele pisca para mim com um jeito safado.

— E o que você está pensando, Maycon Sebastian?

— Em muitas coisas, Elena Tyner Sebastian. Vou fazê-la pagar por ter me abandonado e minha mãe vai me ajudar a ocultar o cadáver — ele dá um beijinho no meu pescoço.

Saímos os três abraçados em direção ao nosso carro e apartamento. Assim que

chegamos ao nosso apartamento, Maycon manda - sim, ele manda - que eu me apresse, dizendo que a noite será longa. Diz que quer ver a mesma Elena ousada do telefone, mas agora, ao vivo. Dou gargalhadas, não posso negar que estou tensa, afinal, por telefone é uma coisa, pessoalmente é bem diferente. Ligo para Jennifer escondido de Maycon para pedir uma ajuda, já que minha vergonha não irá deixar meus planos irem em frente. Ela dá gargalhas e me aconselha a beber muito. Jennifer é fogo, que idiotice a minha de ligar esperando ouvir algo sensato. Sigo seu conselho e tomo três doses de tequila que encontrei no barzinho que Maycon insiste em ter aqui em casa, segundo ele, é seu combustível. Sinto meu corpo em chamas e com mais ousadia.

Tomo um banho, visto o espartilho que disse para o Maycon que eu iria usar para ele. Coloco uma calça jeans e uma regata com uma jaqueta de couro preta, salto agulha preto e uma maquiagem marcante. Maycon não está acostumado a me ver maquiada dessa forma, é meio estilo Jayde, então espero que ele goste, já que a intenção hoje é mostrar uma Elena diferente.

— Uau! Como você está gostosa vestida dessa forma. Uma mulher fatal — Maycon diz, me abraçando por trás e se esfregando em mim. Ele é tão safado.

— Pare, Maycon. Cadê o Noah?

— Dei um banho nele, um boa noite cinderela e logo ele capotou.

— O quê?!

— Brincadeira. O moleque estava cansado e dormiu depois de falar *pacas*, puxou você nisso — ele sorri do próprio comentário.

— Ele ficou agitado a viagem toda depois que eu disse a ele que iríamos te encontrar.

— Está vendo? Até o Noah sentiu minha falta, menos uma certa pessoa que diz tanto me amar — faz beicinho.

— Pare de drama — dou um tapa em seu ombro.

— Falando em drama, arruma as coisas do Noah que ele vai dormir com uma gata hoje.

— Como assim?

— É meu filho, tem que começar cedo — brinca, mas para assim que me vê revirar os olhos. — Relaxa. A gata é minha mãe e é para termos o nosso showzinho particular — pisca.

— Maycon, ele ainda é muito pequeno... — tento protestar, mas ele me corta colocando o dedo sobre os meus lábios para me calar.

— Anjinho macabro, relaxe, por favor. Não estrague a nossa noite. Planejei algo bacana pra nós, apenas faça o que eu pedi. Minha mãe já sabe o que fazer caso ele sinta a sua falta na madrugada, mas eu acredito que ele só acorde amanhã — concordo mesmo contrariada, vou para o quarto de Noah e arrumo

sua mochila, quase chorando.

Depois de deixarmos Noah na casa de Emily, ele me leva para um motel luxuoso. Assim que entramos na suíte, percebo a decoração exótica com o vermelho predominando o ambiente, uma cama redonda espaçosa, um frigobar e uma TV LCD, depois vou ao outro ambiente e vejo a sauna, e em outro, uma piscina privativa. Nunca imaginei que um dia iria a um motel, mas estou adorando tudo. Volto ao quarto e vejo Maycon no bar. Olho a minha volta e fico sem entender um tipo de cadeira, que mais parece cadeira de ginecologista, com alguns detalhes diferentes.

— Curiosa? — escuto sua voz próxima e logo sinto seus lábios roçarem no meu pescoço.

— Um pouco — Maycon está com duas taças de vinho, então me entrega uma e bebe da outra.

— Isso é uma cadeira erótica. Ajuda a variar as posições, é bem-confortável e dá pra brincar muito, já que a sua estrutura é para isso. Podemos abusar da criatividade na hora das posições — sorri, sugestivo. — Ela assusta de primeira, pelo modelo, mas não a assustou, ou assustou?

— Não, apenas achei diferente. Nunca estivesse em um motel, quanto mais diante de uma cadeira assim.

— Acho que seria estranho se você dissesse que já esteve em um quarto de motel, né! Mas podemos brincar de médico e posso ser seu ginecologista. O que acha? Tenho um aparelho ótimo para fazer exame de toque.

— Sei... Palhaço! Você está mais para professor do que para ginecologista — digo com ciúme, afinal, com certeza eu não serei a primeira com quem ele vai usar esse tipo de cadeira. — Com quem usou? — disparo com ciúmes. Droga!

— O quê? Sério isso?

— Com quem usou? Eu conheço? — digo, rude.

— Ah não. Pode parar, seu ciúme idiota já acabou com várias noites nossa. Não vou deixá-la estragar mais essa. Não mesmo.

— Você diz isso porque ao contrário de você, nunca fiz nada com outra pessoa, quanto mais em uma cadeira dessas.

— Nem eu — ele tenta não rir e eu engulo em seco.

— Então, como sabe disso tudo? — Maycon pensa um pouco.

— Dedução — fecho a cara. — Esqueceu que morei junto com uma mulher por anos? Apesar do jeitão da Jayde, ela é bem informada nessas paradinhas. Às vezes eu acho que ela até pratica BDSM, e do jeito que ela é bruta, tenho pena

das mulheres com quem ela se relaciona.

— Sério? Que desculpa, hein! Vou fingir que acredito.

— Que bom, então vamos pular para a parte interessante. Porque eu quero que promessas sejam cumpridas, senão vou continuar achando que liguei para o disk sexo aquele dia e falei com uma atende que também se chama Elena — diz, irônico.

— Pode deixar, mas eu vou ditar as regras hoje e quero que você tire a roupa e me espere na cama — pisco.

Maycon dá um sorriso malicioso e começa a tirar a roupa, eu tomo o vinho em uma golada só, depois levo a garrafa comigo para o banheiro. Preciso ter coragem de fazer o que tenho em mente e deixar esse ciúme bobo de lado, então bebo mais uma quantidade boa de vinho direto da garrafa, tiro minha roupa e vejo que o corpete e as meias ficaram muito bem em mim. Nunca me imaginei vestida assim, mas também nunca imaginei tantas outras coisas que aconteceram, então isso aqui não é nada.

Pego da bolsa o pen drive junto com o óleo de massagem afrodisíaco e visto um sobretudo curto de couro que deixa minhas pernas à mostra, só então saio do banheiro. Assim que Maycon me vê, ele me analisa de cima a baixo como se eu fosse um doce suculento, me manda um beijo e assovia para mim. Ele é uma comédia mesmo, e eu o amo muito. Vou até a TV e coloco o pen drive, que começa a tocar a música *Dance for you* da *Beyonce*, e eu começo a dançar e fazer um *striptease* para Maycon, que fica me encarando, impressionado. Tento não rir com o seu olhar concentrado em todos os meus movimentos. Dou o melhor de mim e rebolo bastante, como no clipe e quando abro o sobretudo, posso ver Maycon ofegar, me fazendo sentir uma deusa pelas sensações que estou causando nele. Pela primeira vez eu o deixo sem palavras e isso é bem difícil, já que ele se acha o dono da razão. Jogo o sobretudo nele, continuo dançando e conforme a música segue, vou jogando cada peça em sua direção e assim que fico perto o suficiente, ele tenta me tocar, mas eu dou um passo para trás. O show não terminou e como eu já estava me preparando um tempo para fazer isso, não o deixo me interromper. Quero demonstrar que sou inteiramente dele, que sou sua garota e de mais ninguém.

Quando termino, estou quase nua e um tanto bêbada, o que alivia a timidez. Conservo apenas o salto alto e meias, então Maycon me agarra pela cintura e me senta na cadeira erótica, me deixando totalmente exposta para ele, que começa a passar sua língua em todo o meu corpo, me fazendo suspirar de prazer.

— Desculpa, minha delícia, mas hoje estou tão louco que vou pular as preliminares, ainda mais que baixou a “*Beyonça*” em você — brinca. — Você é linda. A mais linda de todas — ele sussurra e se afunda em mim de uma vez.

Maycon está mais intenso, seus movimentos são mais precisos, fazendo seus gemidos saírem como nunca antes. Ele segura meu cabelo em um rabo de cavalo e expõe meu pescoço, beija e chupa enquanto continua dando o melhor de si. Nossos corpos estão suados pela forma intensa que estamos nos entregando. Maycon sai de dentro de mim, me coloca de quatro nessa cadeira e continua seu jogo. Caramba, uma semana é capaz de deixá-lo louco, tenho certeza. Depois de um tempo, gozamos e Maycon me vira de frente para ele. Permaneço sentada na cadeira e ele entre minhas pernas, beijando o vale entre os meus seios e subindo em direção aos meus lábios. O beijo se intensifica e eu o sinto me pegando no colo, sem parar de me beijar. Acho que vamos repetir a sessão, mas sou surpreendida quando Maycon se joga comigo dentro da piscina. Droga! A água está fria, muito fria. Dou gritos, xingo e até mesmo lhe dou uns tapas pelo susto. Ele me pede desculpas e mais uma vez nos perdemos dentro da piscina e não demoramos para voltar ao quarto, onde ficamos entre carícias. É tão bom sentir isso, esse carinho mútuo.

Nossa noite se vai e quando acordo pela manhã, ele já está tomando seu “café”, que na verdade é tequila. Sorri para mim e eu retribuo o sorriso.

— Sua mãe não ligou! Será que Noah ficou bem?

— Na verdade, eu não sei se ela ligou. Desliguei nossos telefones — sorri descarado e me deixa de boca aberta.

— Você é louco? Por que fez isso?

Ele se aproxima e me beija.

— Porque era a nossa noite, minha mãe sabe se virar e com certeza fez isso.

Quer repetir a noite ou ir embora?

— Vamos antes que eu seja acusada de abandonar meu filho — brinco e Maycon me mostra a língua.

Eu me arrumo e seguimos para a casa de Emily, esperando não ganhar um sermão por isso. Maycon é completamente louco. Como pôde desligar o telefone sendo que é a primeira vez que Noah dorme fora. Olho para ele e sorrio, que retribui e prefiro não fazer comentários da sua loucura para não quebrar o clima.

Capítulo 5 - Salvação?!

Chegamos à casa de Emily e não sei onde enfiar a cara de vergonha, já Maycon, esse não tem vergonha alguma. Jeniffer tem razão, ele é um folgado mesmo. Emily abre a porta e nos recebe com um sorriso.

— Oi — falo sem graça.

Ela não responde, mas mantém o sorriso e Maycon se aproxima e a beija.

— Noah ficou bem? — o descarado pergunta normalmente.

— Ele acordou às quatro e chorou quase duas horas, depois voltou a dormir e está assim até agora — ela nos diz.

Agora minha vergonha está em nível máximo, nem sei o que dizer. Que raiva!

— Já esperava por isso — Maycon retruca e me deixa com mais raiva. — Vai dormir então, mãe, eu faço almoço para nós — ele pisca. Minha sogra é chata em relação a cozinhar, apenas ela pode fazer as refeições.

— Posso arriscar, Elena? — me pergunta, brincando.

— Não faria isso se fosse você — finjo entrar no clima, mas estou sem graça.

— Lógico que pode, mãe, sabe que cozinheiro bem. Se fosse a Elena, eu concordaria em não deixar, mas sou quase um *chef* — ele me provoca, sorrindo e Emily acaricia seu rosto e o beija. Eu acabo me aproximando e dou um beliscão nas costas de Maycon sem que sua mãe perceba.

— Obrigada, amor, mas seu pai e sua madrasta vêm almoçar aqui e...

Maycon a corta.

— Por quê? — pergunta, surpreso.

— Eles querem ver o Noah — ela justifica e Maycon faz cara de poucos amigos.

— Não pode ser por foto? — ele questiona.

— Sem gracinhas, Maycon, e, por favor, se comporte. São da família e sabe que detesto que trate seu pai assim.

— Quando eu não me comporto, mãe? Sou um bom menino agora, esqueceu? — diz, sarcástico.

— Bom, vou dar início ao preparo do almoço. Fique à vontade, Elena — sorri.

— Precisa de ajuda, mãe?

— Não, amor, não preciso. Pode ficar à vontade com Elena.

— Ok, vou para o meu quarto — Maycon conclui e Emily segue para a sua luxuosa cozinha.

Eu não ofereci ajuda porque além de ela não aceitar, tem duas cozinheiras que sempre a ajudam. Fora que se eu ficar na cozinha, sei que vou ouvir muitas

indiretas e no momento prefiro evitar.

Maycon sobe a escada e eu o sigo. Quando entramos no quarto que Emily preparou para Noah, eu o vejo dormindo como um anjo e me sinto horrível. Ele não estava preparado para dormir sem mim, não ainda. Maycon lhe dá um beijo e vai para o seu quarto. Penso em não ir, mas logo o escuto me chamando de uma maneira não discreta, então eu acabo o seguindo.

Eu entro no quarto e como Maycon já está deitado, eu me jogo na cama e o abraço. Alguns minutos se passam até que alguém bate à porta.

— Entra! — Maycon é o primeiro.

— Essa semana eu estava revendo vídeos e fotos do Maycon, de bebê aos dezenove anos. Quer ver, Elena?

Sorrio e Maycon reviva os olhos.

— Por que isso, mãe? — diz, rude.

— Assim ela verá como Noah é idêntico a você, a não ser os olhos, a cor...

— Quero sim, vou adorar — respondo e ela coloca o pen drive na TV e assiste emocionada às primeiras cenas, mas logo deixa o quarto. Maycon olha indiferente, depois encara o teto.

O vídeo inicia com ele no hospital, recém-nascido no colo da mãe, parece que Isaac está filmando. Depois, eles em casa, se beijam e beijam Maycon, fico emocionada. Realmente era uma família perfeita. Conforme o filme vai passando, vejo as grandes semelhanças de Noah e Maycon. Há momentos que se eu não soubesse que é Maycon, poderia jurar que estou vendo Noah. Na verdade, o que os diferencia é a cor dos olhos. Ele é o centro das atenções dos pais e as lembranças me emocionam até chegar à adolescência. É estranho, porque Maycon muda completamente, de um menino brincalhão passa a ser mais sério. Não há mais vídeos dos três juntos, apenas ele e Emily, me fazendo sentir uma tristeza ao saber o motivo e isso me faz lembrar de um artigo que li sobre a importância dos pais na vida de uma criança. Vejo Maycon se transformar com os anos, aos quinze ele está tão magro e abatido, já com várias tatuagens. Então me assusto ao ver como ele mudou completamente e sei bem o motivo. Cocaína.

— Você mudou muito... — fico sem palavras, Maycon olha para a TV.

— Nessa época eu perdi uns dez quilos, em uns quatro meses. Gastava toda a grana que conseguia. Usava muito e todos os dias estava fora de controle. Passava algumas noites na rua, meu dinheiro acabava e eu arrumava uma correria do caralho. Ia para a casa de pessoas desconhecidas só porque tinham pó. Quanto mais cheirava, mais queria. Apagava na rua e acordava sem saber onde estava. Era uma loucura. Quando meus pais chegaram ao limite, me internavam. Eu saía, voltava para a mesma merda e o ciclo se repetia.

Continuo vendo o vídeo. Ora ele aparece muito magro e assustado, ora mais

estável, às vezes no hospital, outras com cigarros e bebidas. Chega a ser deprimente. É chocante, não sei qual a intenção da Emily em mostrar essa autodestruição. Talvez, por ser sua mãe, ela enxergue apenas as lembranças. Termina o vídeo com ele dando um beijo em Emily e levando a mão à câmera, todo tatuado, com brincos, não há mais vestígio algum do garoto do início do vídeo. Não parece nada bem e acho que o pior momento, ou o mais decadente, melhor dizendo, é dos quinze aos dezessete. Não faço comentários com o fim do vídeo, apenas suspiro. Não é o tipo de vídeo que quero mostrar ao Noah.

— Não gostou? — ele pergunta e me dá um beijo. — Minha vida está resumida nisso aí — sorri.

— Gostei, claro que gostei — sorrio. — Se sente incomodado ao ver?

— Não, isso nunca saiu da minha cabeça. Toda essa merda, ainda sonho com isso, às vezes são bons, outras não. Me lembro das loucuras, mas depois eu consegui controlar, me estabilizei — olha para o teto novamente e fica pensativo.

— Como conseguiu?

— Um dia, ou melhor, noite, quando cheguei em casa, estava limpo, sabe, tinha passado um fim de semana fora cheirando e estava tão cansado, meu corpo, minha cabeça, eu só queria dormir. Entrei e encontrei a minha mãe chorando, sentada no sofá e estava tão pensativa, que não percebeu a minha presença. Quando eu me aproximei, vi que ela estava com uma foto minha nas mãos e o telefone ao lado. Eu já conhecia aquela cena, sabia muito bem o que aquilo significava. Ela estava me procurando, atrás de notícias minhas. Não sei se foi a depressão do momento ou o cansaço, mas vê-la daquele jeito me detonou por dentro. Então fiquei na frente dela e me ajoelhei, ela me encarou assustada, parecia ter saído de um transe e me abraçou forte. Não sei por que fiz isso, mas naquele momento eu queria que ela se orgulhasse de alguma coisa que eu tivesse feito, então olhei em seus olhos e perguntei o que ela achava que aquele garoto da foto se tornaria. Meio incrédula, ela disse que quando ele era criança, achava que ele seria médico porque ele disse isso. Me levantei e lhe dei um beijo, foi nesse momento que me fiz a promessa de lhe entregar o diploma de medicina. Tentei manejar no uso das drogas e reduzi as noitadas com amigos.

— É um milagre ter conseguido se formar — ele me olha com ironia.

— Sério que realmente pensa isso? A cocaína é estimulante, conheço muitos por aí que tem até mais ânimo que quem não usa. Eu estudava de manhã e o resto do dia era para droga e o que me ajudou a justamente manter essa vida “dupla” eram as notas. Elas estando altas, me davam a garantia de não deixar meus pais descobrirem. Mas depois foi impossível continuar na farsa, fui deteriorando aos poucos. Mas como eles não tinham mais controle, apenas assistiam. Depois de passar no vestibular fizemos um acordo, que me ajudou a

cumprir a promessa e como parte disso fui morar sozinho — fico em silêncio. — Reconheceu o Robert? Ele aparece comigo, ao meu lado.

— Não, não me lembro dele. Você o conhecia há muito tempo?

— Desde os quatorze ou quinze. Não me lembro com exatidão. O foda era que ele tentava parar, mas sempre que encontrava comigo, voltava a usar — Maycon respira fundo. — Antes de ele morrer, na noite da festa, eu comprei uma boa quantidade e fui para o apartamento dele. Combinamos que iríamos dividir o bagulho, ficamos a tarde toda cheirando. Mas antes de chegar ao fim, eu lembrei que tinha que te encontrar, por causa da festa. Então me despedi dele e o deixei com o resto do pó, dizendo que pegaria depois e como ele estava depressivo, não quis ir à festa. Engraçado que naquele dia ele desabafou, falou que estava querendo pôr um fim em tudo, reclamou da família. O foda é que eu estava tão *chapado*, e como nunca fui bom com conselhos, não dei palpites. Na verdade, até achei estranho aquilo, porque nunca falávamos sobre família, nem mulheres. Ele era gay. Tinha problemas com os pais, não tenho muita certeza das razões, mas no fim acho que eles não aceitavam bem a orientação sexual do Robert e talvez isso os cegasse para o cara incrível que o filho era. Nunca perguntei sobre isso. Ele realmente evitava falar da família. Na hora de ir, ele me pediu para mandar lembranças para a Jayde, falou sobre cuidar dela, mas também estava tão *doidão* que falava coisas sem sentido. Pelas nossas últimas conversas, sabia que ele iria acabar se matando. O foda é que eu não sou um cara de opinar, geralmente preferia discutir sobre as leis da física, medicina e tudo que não faz mais sentindo, porque ele morreu... — Maycon fica uns minutos em silêncio. — Elena, fui eu quem comprou o pó, fui eu que levei para ele e combinamos de dividir até a última carreira, mas fui embora e deixei o cara sozinho. Fui a última pessoa que o viu vivo — engole em seco. Maycon está visivelmente abatido e estou tão chocada com essa revelação que não sei o que dizer.

— Se sente culpado, é isso?

— Não — tenta soar indiferente. — Se não aguenta a porra do pó, não usa. Ele abusou e se ferrou. Morreu — fica um tempo me encarando, não sei o que espera que eu diga. Maycon se levanta, vai até a sacada e fuma um cigarro.

— Tem fumado muito ultimamente. Não acha? — mudo de assunto.

— Não, não acho! A única coisa que acho é que os remédios não estão fazendo mais efeito — ele diz, ainda fumando na sacada.

— Por quê? — eu me levanto e vou ao seu encontro. — Está tendo vontade de voltar a usar? — Maycon dá uma risada irônica.

— Nunca deixei de ter, Elena, mas ultimamente está pior, entende? — suspira. — Que porra! É estressante isso, tentar manter o controle, a mente pira muito.

Não sei como reagir a isso, na verdade, eu não entendo como ele pode sentir

vontade depois de todo esse tempo. Nem sei o que falar. Sinceramente, estou apavorada com a ideia, porque analisando a situação, Maycon não é de se abrir comigo, não sobre isso e essa mudança de atitude me assusta. Não sei se ele busca um refúgio ou apenas quer me manter informada.

— Por que sente falta, Maycon? Eu e Noah não somos o suficiente para você?
— sussurro.

Ele fica pensativo e dentro de mim quase imploro pela resposta, mas por fora mantenho a calma. Maycon termina o cigarro e continua de costas para mim.

— Elena, sei que a maioria das pessoas pensa que a recuperação é apenas uma questão de não usar drogas. Consideram a recaída um sinal de fracasso completo e os longos períodos de abstinência, um sucesso total. Mas não é assim. Olha, estou tentando, mas acho que cheguei ao meu limite.

— Amor, não fala isso! Por favor!

— Olha pra mim, Elena — se posiciona na minha frente e segura meu rosto. Estou segurando as lágrimas. — Não posso mentir para você, sei que prometi, mas infelizmente tem promessas que estão longe de conseguirmos cumprir.

— Maycon, não, você já conseguiu. Olha o tempo que está sem...

— E o que eu fiz nesse tempo? A quem quer enganar? Estou me entupindo dessa merda de cigarro para tentar controlar a ansiedade. Só que essa porra não está funcionando mais.

— Amor, sei que está na fase de aprender a viver sem drogas e está indo bem — falo, deixando transparecer meu desespero.

— Ter parado com a coca me deixou um vazio tão grande. Me sinto um completo inútil e não sei como parar ou preencher isso — ele me abraça. — Elena — toca o meu rosto e me faz encarar seus olhos. — Isso não tem nada a ver com você ou Noah. Não quero que pense isso. O problema sou eu, sempre foi.

— Mas tem que ter um jeito, sempre tem.

— Só se me der um tiro. Esse é o jeito.

— Maycon, pare. Se não consegue continuar por mim, faça pelo Noah.

— Mudar pelos outros é enganar a si mesmo e acho que estou me enganando há um bom tempo. Infelizmente sou um idiota que não consegue esquecer e essas lembranças me torturam. E não adianta mais fazer preces, porque nenhuma divindade está disposta a me ajudar.

Não respondo. Ele fuma outro cigarro, depois joga a guimba no cinzeiro e antes que eu continue, Noah entra no quarto e corre de encontro a Maycon, que o pega no colo e senta com ele na cama.

— *Não pode me dixa com vovó, não quero* — Noah protesta e arranca uma gargalhada do pai.

— Foi a mamãe que te deixou, amor, não eu — Maycon responde e o beija.

Noah continua protestando, mas Maycon faz cócegas e ele esquece entre gargalhadas. Continuam brincando e eu me sento ao lado deles. Estou sem chão e não sei se quero ou finjo ignorar o que Maycon me disse. Várias questões passam pela minha mente e todas sem resposta. Não sei o que fazer, olho para Noah dando gargalhadas com Maycon e uma tristeza enorme me consome. Eu me envolvi, namorei e me casei com um viciado em cocaína. E mesmo que ele tenha ficado algum tempo sem, ela sempre me assombra. Não sei como Maycon pode brincar com Noah em um momento e no outro me falar tudo isso. E agora? A quem vou implorar ajuda? Emily irá me culpar e meus pais, sem chance. O tratamento médico ele abandonou, não há quem o faça voltar e me nego a acreditar que ele realmente irá fazer isso. Me sinto um lixo e a pergunta que me atormenta é onde errei com ele, onde deixei de ser suficiente para fazê-lo querer voltar o vício?

Emily bate à porta e anuncia que Isaac chegou com a família. Dou o meu melhor sorriso e finjo não estar despedaçada. Maycon pega Noah no colo, o isqueiro e o maço de cigarros, olha para mim parecendo confuso e deprimido, depois desce, então eu os sigo.

Jeniffer, assim que me vê, me abraça e como demoro a me desfazer do seu abraço, ela sussurra.

— Está tudo bem?

— Está — saio dos seus braços.

Isaac me cumprimenta e abraça Noah, então nos diz que Jessica foi para a casa dos avós maternos. Isaac se aproxima de Maycon e pega Noah no colo. Cumprimenta o filho, que o ignora com um simples e seco oi, então nos dirigimos para a sala de visitas. Maycon se senta perto de Emily, a abraça e Isaac fica encarando a cena.

— Você está no *YouTube*, Maycon — Isaac diz sério e todos olham para Maycon.

— O quê? — pergunta, surpreso.

— Um dueto com Jayde em um bar.

— Ah! Deve ser antigo, na época da banda. Antes do sucesso dela.

— É recente — Jeniffer interrompe. — Tem muitos acessos, ficou bem bacana vocês cantando *Guns N'Roses*. Ficou show! Jessica quem nos mostrou.

Maycon não responde, fica apenas encarando o chão e pela expressão em seu rosto, sei que tem uma história por trás disso, só não sei se quero ouvir.

— Ela compartilhou com todas as amigas — Isaac diz, sorrindo.

— O vídeo está no *YouTube*? — Emily pergunta, distraída.

— Sim, ficou bacana.

Emily pega o telefone, mas Maycon toma de sua mão.

— Chega de vídeo por hoje — sorri. — Estou com fome, vamos almoçar?

Ele muda de assunto, agora tenho certeza que tem coisa aí. Almoçamos, Noah almoça junto a Maycon e é tão lindo ver essa conexão entre eles, essa paixão. Maycon não é um pai ruim e isso pesa, e muito. A conversa surge animada, apesar de Maycon se isolar com Noah. Tento entendê-lo, mas isso está longe do meu alcance. Ele é uma pessoa maravilhosa, mas infelizmente se prendeu de tal forma ao passado, que se fechou no seu mundo e vive na escuridão da própria infelicidade. Maycon está depressivo, mas como ajudar alguém que não aceita ajuda? Como eu posso ajudá-lo se ele me deixa de mãos atadas? Após o almoço, ele e Isaac conversam no escritório. Emily me pergunta se o tenho notado distante e eu minto dizendo que não. Ela infelizmente só vê o lado do filho e no momento não quero entrar em discussão. Depois de quase uma hora, eles voltam. Engraçado que somente agora que notei que Erick não está, mas estou tão frustrada que não pergunto por ele.

Conversamos mais um pouco e Maycon decide ir embora. Agradeço mentalmente por isso. Então nos despedimos de todos e voltamos ao nosso apartamento. Estou com uma dor de cabeça horrível, então corro para o banheiro e vomito todo o almoço e quando saio, vejo Maycon levando um Noah dormindo para o quarto. Volto ao banheiro e tranco a porta, ligo o chuveiro e começo a chorar. Depois de tirar a minha roupa, eu entro embaixo da água. É impressionante como a felicidade pode escapar das nossas mãos com simples palavras. Eu me abaixo no chão e levo as mãos ao rosto e ao fechar os olhos, vejo Maycon. Ele é o homem que escolhi para mim, o pai do meu filho e depois de todo esse tempo juntos, ouvir os seus motivos me dá vontade de chorar. Não posso desistir.

Depois de um bom tempo, acabo saindo e quando vou ao nosso quarto, eu o vejo deitado na cama. Vou ao closet e visto um pijama, só então me deito ao seu lado e apesar de saber que ele está acordado, ficamos em silêncio.

— Sei que estava chorando — ele sussurra, mas permanece quieto.

— Não quero falar sobre isso agora. Acho que as minhas lágrimas não significam nada para você — retruco, ressentida.

— Sério? Elas me mantiveram aqui, esperando por você todo esse tempo — ele fala com um tom calmo e isso me faz chorar novamente.

— Por que vai desistir tão fácil? — insisto.

— Não estou desistindo fácil. As minhas razões nunca serão o suficiente para você, Elena.

— Eu não quero suas razões, não preciso delas. Preciso apenas que continue tentando, que continue ao meu lado, ao lado do Noah e cumpra o que prometeu.

— Sempre vou amar você e estar ao seu lado, sabe disso.

— Tudo bem, então... — suspiro.

— É isso que precisa ouvir? — Maycon questiona.

— É isso que eu quero ouvir no momento, só isso.

Ele se aproxima e me beija.

— Eu te amo, Elena. Amo muito.

— Mais que tudo?

— Mais que tudo.

Nos beijamos e fazemos amor novamente.

— Você tem ideia do quanto eu te amo, Maycon? Do quanto Noah te ama?

Nós precisamos de você.

— Por favor, não me pressione. Já está bem complicado pra mim.

— Não é pressão. É desespero — sussurro e Maycon olha em meus olhos. — Você é um sonho de um mundo distante. Um faz de conta que parece perfeito, mas estou acordada e faz de conta não funciona no mundo real.

— Elena, me perdoe? Eu sinto muito, só quero ser sincero. Desculpa por isso, só queria desabafar com você.

— Eu nunca quis me apaixonar por você, Maycon, nunca, mas eu estava carente, me sentia sozinha. Você foi como uma tempestade. Um refúgio na escuridão. Eu quis ser sua salvação, mas de alguma forma você foi a minha também. O anjo que não me trouxe luz, mas me ensinou a amar de uma forma que nunca poderei sentir com outra pessoa. Minha história se resume a você, a nós, somos uma família. Por isso não pode desistir. Você só está com medo, Maycon, mas o medo é bom. Ele nos mantém vivo. Sabe disso, não sabe?

Ele não responde, apenas me beija e através desse beijo, eu me faço mil promessas. Promessas por ele e por mim, por nosso filho e pela nossa vida.

Capítulo 6 - Sussurro inesperado.

Acordo pela manhã com a claridade em meu rosto. Não sinto Maycon ao meu lado, me viro assustada e confirmo a sua ausência. Levanto-me, faço minha higiene e em seguida vou ao quarto do Noah. Maycon está dormindo com ele deitado em seu peito. Sorrio com a cena, tento sair sem fazer barulho, mas acabo tropeçando em alguma coisa.

— Que horas são? — ele sussurra ao abrir os olhos. Droga, eu o acordei.

— Nove e meia. Último dia do ano — sorrio e ele boceja. — Ele acordou de madrugada? — questiono, já que não escutei Noah chorar.

— Acordou, chorou um pouco e me pediu para dormir com ele. Disse que precisava de mim. Dramático como você — sorri. — E aqui estamos. Ele voltou a dormir e eu acabei dormindo também.

— Planejou alguma coisa para a virada? — pergunto a Maycon, sorrindo. Ele faz sinal negativo. — Então vamos passar na casa do seu pai. O que acha? Eles vão dar uma festa, apenas amigos...

— Elena, as festas lá são chatas, só gente da alta, cheio de formalidade. Eu detesto, principalmente a ideia de ter que usar um terno.

— Eu sei, nem quando casamos você usou — eu o lembro disso, um pouco chateada.

— Supere isso. Já passou e eu realmente não achei que ficaria magoada. Era só assinar papéis, não precisava pôr um terno para isso. Acho que sentimentos contam mais — pisca.

— E eu acho que desde que me casei com você, minha vida se resume a superar — viro as costas, não espero a sua resposta e volto ao quarto. Depois de algum tempo escuto passos, Maycon se aproxima e me abraça.

— Podemos ir a outro lugar — sugere, me dando um beijo no rosto.

— Quero ir àquela festa, Maycon. Já percebeu que não temos vida social? — ele revira os olhos com a minha resposta.

— Elena, meu pai não me convidou.

— Jeniffer me convidou, nos convidou. Mas mudando de assunto, o que você e seu pai conversaram ontem?

— Disse que eu tenho que crescer, parar de ficar levando conversa para a minha mãe e resolver meus problemas sozinho. O resto é bla bla bla — dou uma gargalhada ao escutá-lo. Isaac está realmente mudando. Maycon me encara, sério.

— Ele tem razão. Mas o que aconteceu que você foi reclamar com a sua mãe?

— eu me finjo de boba.

— Nada. Apenas que estou a fim de sair da clínica.

— Mas mal entrou, Maycon. Pelo menos lá está tendo a chance de atuar na sua área...

— Tenho um diploma e uma licença, posso atuar em qualquer lugar — diz, arrogante.

— Mas não te pagarão o que seu pai paga — friso e Maycon suspira.

— Dinheiro não é tudo, Elena.

— Não gostou de trabalhar ao lado da doutora Katherine? — provoco.

— Amei trabalhar com ela, mas vestida com jaleco não rola — passa a língua em meu rosto e sinto seu piercing. Então ele sussurra. — Não posso ver os seios dela, o jaleco cobre tudo — retruca sorrindo e eu me viro com raiva para lhe dar um tapa, mas Maycon segura meus braços.

— Idiota. Quer dizer que olha para ela? E falando nisso, o que aprontou com a Jayde, hein?

— Nada. Fomos em um bar, bebemos umas e cantamos, lembrando os velhos tempos. Nada demais. O povo fala o que não é necessário.

— Jura? — disparo, incrédula. Ele desvia o olhar e eu sei que tem mais coisa.

— Não voltei a cheirar, Elena. Fique tranquila se é isso que a preocupa — ele me solta e se joga na cama e eu me sento ao seu lado.

— Último dia do ano — sussurro.

— Parece que sim. Quer conversar sobre ontem? — olha em meus olhos.

— Não. Não hoje, não agora — ficamos em silêncio.

— Minha mãe está se divorciando, de novo — ele quebra o silêncio.

— O quê? Ela te falou? — pergunto, surpresa.

— Não, meu pai. Ele disse que como eu não sei resolver meus problemas e sempre a envolvo, provavelmente Erick se cansou.

— Seu pai disse isso?

— Sim.

— E você não brigou? Jura?

— Não retruquei. Ele está nervoso porque não pode voltar para ela. Idiota.

— Pare, Maycon. Seu pai ama sua... — não termino ao ver sua expressão nada satisfeita.

— Vai sonhando, Elena. Meu pai só continuou com Jeniffer por causa da menina, caso contrário, duvido que ficaria. Eles não combinam.

— Não vamos discutir sobre isso. Posso confirmar que vamos?

— Se você insiste — diz, indiferente e eu sorrio e lhe dou um beijo.

— Vai ser ótimo.

— Tudo é ótimo quando faço a sua vontade — me encara. — Você é linda —

acaricia o meu rosto. — Se eu não te amasse, já teria me cansado disso. Mas como eu te amo, continuo aqui — diz, magoado.

— Obrigada por me amar. Vamos tomar café? — eu lhe dou um beijo.

— Vamos.

Levantamos e Maycon toma seus remédios. É complicado, acho que será para o resto da vida. Infelizmente.

Depois do café, acordo Noah, lhe dou um banho e café. Quando terminamos, vejo Maycon pegar as chaves do carro e desaparecer, ligo para o seu telefone e o escuto tocar, está em cima do aparador da sala. Droga! Odeio quando ele faz isso. As horas passam e ele não volta nem para o almoço.

A tarde passa e já estou com o coração na mão. Depois das cinco, Noah acaba cochilando e quando é quase seis horas, Maycon volta. Odeio passar por isso novamente, procurar indícios de que esteja drogado. Ele se aproxima, me beija e eu não correspondo.

— Onde estava? — pergunto, rude.

— Tomando sorvete — pisca com charme.

— Maycon, sem gracinha. Por favor.

— Elena, pare. É o último dia do ano! Sem brigas.

— Por que não pode me dizer onde estava? — grito.

— Ei! Calma, vai acordar o Noah — suspira. — Fui até a casa da minha mãe, depois ver o Robert.

Eu olho para ele, ressentida. Esse é um dos hábitos que ele tem, visitar o amigo morto, mas agora entendo que é consciência pesada.

— Isso tudo é medo? — Maycon questiona.

— Desespero.

Ele se afasta, frustrado, sobe a escada e eu o sigo.

— O que está acontecendo, Maycon? Sinceramente, eu não entendo.

— O que está acontecendo, Elena? Eu não entendo também — retruca, irônico. — Só porque saí um pouco, você vem com esse drama todo? Relaxa, não sou o Noah, não tem que se preocupar comigo.

— Então é isso? Você desaparece sem dizer para aonde vai e eu sou louca por me preocupar? — bufo, irritada.

— Não disse que é louca, só que não precisa de drama. Está tudo bem, eu estou bem!

— Sabe, Maycon, sinceramente, acho que você não está se empenhando em manter suas promessas — eu o pressiono.

— Sabe, Elena, sinceramente, eu acho que você fala demais e pouco sabe a meu respeito.

— Sei mais do que gostaria — retruco com raiva.

— Se soubesse, com certeza engoliria suas palavras e iria reconhecer meu esforço, porque julgar é fácil, *meu anjo*. Difícil é se colocar no meu lugar e ter que admitir como você erra ao tentar colocar o Noah no meio de cada discussão com intuito de me fazer seguir *suas regras* — ele frisa.

— Eu não faço isso. Só não quero passar por tudo que passei de novo — disparo em tom alterado.

— Não tem que passar. Você só piora tudo quando se coloca no papel de vítima. Eu não parei de tentar, Elena. Ontem apenas fui sincero com você, porque prometi isso. Mas você sempre tem que levar tudo ao extremo e como se não bastasse, ainda tem que me fazer sentir pior do que já me sinto.

— Mentira, eu não faço isso...

— Não? — altera o tom. — Por que então depois de admitir para você que fui eu quem comprou a coca para o Robert, você perguntou se eu me sentia culpado? Isso estava mais que óbvio, não? Mas não! Ao invés de tentar me ajudar, a santa Elena tem que me jogar na cara que eu praticamente matei o cara.

Fico em silêncio.

— Desculpa, eu não quis dizer isso...

— Não pede desculpas, porra! Você quis dizer isso sim. Na verdade, está na cara que pensa isso. Não dá para esconder — toma fôlego. — Elena, estou cansado de ser o que você quer que eu seja. Tem tanto medo de perder o controle, que fica neurótica.

— Você me faz ficar assim. Suas atitudes Maycon, elas... — ele me corta.

— Quais atitudes? Tudo que eu faço é ir para aquela porra de clínica, atender a cada paciente dando o meu melhor, ainda que eu odeie tudo aquilo. É Maycon isso, é Maycon aquilo. E quando eu chego em casa e penso que vou ter um pouco de paz, ainda tenho que ficar ouvindo seus sermões e indiretas.

— Você é casado, não teria que ouvir se comportasse como tal.

— Quando eu não me comporto? Agora fiquei curioso.

— Quando sai com a Jayde. Não tem que sair com ela. Isso é errado! — Digo no mesmo tom alterado.

— Saio porque com ela eu posso ser eu mesmo, ela não cobra perfeição de mim. E isso é duas vezes a cada quatro ou cinco meses.

— Não cobro perfeição de você, está sendo injusto comigo — retruco, irritada.

— Eu, injusto? Sério? Tudo que eu faço é errado aos seus olhos. Acha que tem que me controlar como se eu fosse um carro desgovernado.

— Só estou tentando buscar uma solução para o nosso problema, Maycon — ele sorri ironicamente ao me ouvir. Ah meu Deus! Como eu detesto essa atitude dele.

— Então, sinceramente, acho que está na hora de você parar de buscar. Não sou um robzinho, Elena, não pode me controlar. Estou tão cansado disso, não percebe que me sufoca fazendo isso? Estou me esforçando para ser um cara normal aos seus olhos, mas está foda. Tudo que eu faço é errado.

— Então o que você espera de mim, Maycon? Eu não sei mais o que fazer!

— Eu não espero nada de você. Na verdade, eu nem cobro nada de você. Essa é a nossa diferença, porque enquanto você me reprime o tempo todo, eu só quero que seja você mesma. Porque eu te aceito como você é.

— É isso que quer, então? Está me dizendo que eu tenho que aceitar sua vidinha de viciado de novo e só assim nós viveremos felizes?

— Elena, pare. Que porra! É patética a maneira como você fala. Esquece isso, você é louca. Primeiro me diz que não quer falar sobre o assunto, depois me faz acusações. Olha, se para você o negócio é fingir, vamos fingir então. Só fui sincero com você e quer saber, prefiro mil vezes ouvir as viagens da Jay do que manter as lembranças de cada sermão que ouço seu.

— Tem o Noah agora, Maycon. Pensa nele antes de se enfiar nas drogas de novo...

— Ah vai à merda, Elena! Eu estou pensando no Noah desde o dia que soube da sua gravidez. Então pare com essa conversinha ridícula. Porque senão, juro que um dia vou ter o prazer de calar você! — Ele grita e sai do quarto batendo a porta. Toda situação é frustrante e não há um manual que me diz como proceder.

Durante alguns minutos fico apenas respirando fundo, tentando me acalmar. As horas passam e penso em não ir, mas abandono o pensamento. Não vou passar essa noite chorando e lamentando. Noah acorda e Maycon fica brincando com ele em seu quarto de brinquedos. Escuto altas risadas de ambos. Maycon pega o violão e toca para ele, Noah adora isso, tenta acompanhá-lo. Após um tempo não escuto mais e quando desço para preparar o jantar de Noah, me deparo com Maycon dando comida para ele com direito a aviãozinho. Eu me aproximo, mas sou ignorada por ele, Noah sorri para mim. Depois que terminam, ele dá um banho em Noah e eu volto ao quarto e começo a me preparar, então escuto Maycon me chamar.

— Pode arrumá-lo. Nesse quesito, você é melhor que eu.

Confirmo com a cabeça, então ele sai e vai se arrumar. Noah faz gracinha e acabo perdendo a paciência. Quando termino, Maycon está lindo, usando um terno preto. Em plena virada de ano e ele se veste de preto. Dou um sorriso ao entrar no quarto, me aproximo e isso o faz baixar a guarda e retribuir. Tomo um banho rápido, visto um vestido bege com detalhes dourados, prendo o cabelo e coloco um par de brincos que combina com o vestido. Noah também está de terno, lindo como o pai. Pego minha bolsa, a bolsa do Noah e saímos.

Maycon liga o som, seguimos sem interrupções, mas ele está tenso, pensativo. Em poucos minutos chegamos, não que seja perto, mas Maycon corre muito. Passamos pela portaria e quando chegamos à mansão Jeniffer nos recepciona, que está linda com um vestido vermelho que tem um generoso decote. Isaac também está bem charmoso, eles formam um lindo casal. Jessica vem com algumas amigas, ela está uma linda mocinha e apesar de acanhada, se aproxima do Maycon e pega Noah. Jennifer se aproxima de nós e abraça Maycon, o cumprimentando.

— Que milagre você aqui — sorri.

— Fui obrigado — diz secamente e mal retribui o abraço.

Isaac nos diz para ficarmos à vontade e volta sua atenção a Noah. Seguimos para o salão, onde se encontram os outros convidados. Maycon cumprimenta algumas pessoas, e nos sentamos, rapidamente passa o braço em volta de mim. O garçom chega e nos serve champanhe, então brindamos. Vejo Katherine entrar ao salão e se aproximar da nossa mesa. Está linda, muito. Não sei por que, mas tenho ciúme dela.

— Boa noite! — Ela nos saúda, sorrindo.

— Boa noite — respondo e Maycon apenas sorri. Ela diz algumas palavras a Maycon, pede licença, se afasta e segue para outra mesa, onde se senta com outros convidados.

Há um DJ, que toca músicas dançantes e estou adorando tudo. Sei, pelo gosto de Jeniffer, que é impossível a festa ser ruim. O número de convidados aumenta e todos vêm à nossa mesa. Cumprimentam curiosos, alguns chegam a dizer: *Nossa! Você está tão diferente. Seus pais devem estar felizes com sua recuperação.* Maycon apenas sorri, mas pela expressão do seu rosto, sei que está odiando tudo. Rapidamente as mesas são ocupadas e me surpreendo ao ver Emily chegar, ela está muito bonita, diferente. Vem até Maycon e o beija e não demora muito para Isaac vir até ela e a levar para conhecer algumas pessoas. Ele também convida Maycon, mas ele dispensa o convite. Realmente ele é antissocial, o que me surpreende, porque na faculdade não era. Vejo seus pais se afastarem e quando o olho, ele me lança um olhar irônico. Após um tempo, Emily volta à nossa mesa e senta de frente para nós, pergunta por Noah e Maycon diz que está com Jessica. Ele se levanta, vai até o bar e volta com uma garrafa de uísque. Isaac se aproxima novamente com outro amigo.

— Lembra-se do Maycon? — ele diz ao amigo, que nos olha surpreso.

— Nossa! Impressionante. Nem acredito que esse é o Maycon. Você me parece bem, muito bem — ele diz, ainda surpreso.

— Maycon, se lembra do Jordan?

— Lembro sim — diz com desdém. — Tudo bem?

— Tudo. Isaac, eu fico feliz por você, realmente estou surpreso. Você se formou em medicina, não é? — se direciona a Maycon. Ele confirma com a cabeça.

— Nossa, garoto, fico muito feliz por você e pelos seus pais. Parece que finalmente criou juízo — ele conclui, deixando Maycon bem sem graça. Cumprimenta Emily e a chama para dançar, então ficamos apenas nós, novamente. Achei um milagre Emily não ter defendido o filho, talvez tenha preferido evitar confusão.

— De onde vocês se conhecem? — pergunto a Maycon.

— Das minhas loucuras. Lembra que eu disse que tinha um médico que me acompanhava? Era esse cara aí. Um chato — ele conclui e volta a beber.

A maioria dos convidados segue para pista de dança, quero dançar, porém Maycon está mais interessado em beber. Eu acabo me levantando e indo atrás de Noah, deixando Maycon sozinho, mas no caminho encontro Jeniffer.

— O que foi? Aconteceu alguma coisa? — pergunta ao notar minha cara de poucos amigos.

— Não, eu... — suspiro.

Jeniffer segura a minha mão e seguimos para o escritório. Acabo desabafando e ela deixa transparecer sua decepção.

— Desculpe a sinceridade, Elena, mas eu já esperava por isso. Ele sempre foi assim — ela diz. Não sei como responder, apenas enxugo as lágrimas. Jeniffer me abraça e depois me ajuda a retocar a maquiagem. Promete contar a Isaac e ver como podem ajudar. Quando já estou melhor, saímos do escritório e damos de cara com Maycon, escolhendo outra bebida no bar.

— Não acha que está indo rápido demais, Maycon? — Jeniffer questiona, parece irritada. Esse é o bar particular de Isaac, mas não sei se está irritada por isso ou pelo meu desabafo.

— Não, não acho. Em uma festa ridícula como esta, só me resta mesmo beber.

— Por que não está gostando? Tem uma esposa linda, deveria passar a valorizá-la mais e aproveitar a noite com ela, ao invés de ficar bebendo.

— Até que sua sugestão não é ruim, mas eu já a valorizo. E quer um conselho, eu, no seu lugar, me preocuparia em tentar segurar meu pai, visto que ele está dançando com a ex nesse momento — sorri, irônico. — E pelo que fiquei sabendo, ela está solteira — sussurra, como se contasse um segredo. — Imagina se a vida resolve te dar o troco, hein? E analisando a situação, sua filha está com doze anos. Seria coincidência ou crueldade do destino?

Jeniffer está visivelmente irritada.

— Sabe, Maycon, é impressionante. Depois de anos, você ainda mantém a velha ilusão de ver seus pais juntos. Mas para o seu bem, sugiro que procure um

psiquiatra e vá se tratar, porque você é louco — retruca e temo que isso vire um escândalo.

— Por dizer a verdade? Sério? Ah, tudo bem, Jeniffer, sei que a verdade é considerada loucura para alguns, como você.

— Bom, se quer falar de verdades. Vou te contar uma. Não fui eu quem separou seus pais, foi você. Quando criança era mimado e pegajoso, não dava tempo para eles, você jogou seu pai na minha mão. E fora que depois que cresceu, só deu trabalho. Então, sinceramente, se tem um problema aqui, esse é você — ela retruca, sorrindo irônica.

Fico chocada com a sua atitude. Maycon se aproxima e já prevejo uma briga e antes que ele chegue perto demais, seguro seu braço.

— Você é uma puta. Uma puta que ele comeu e dispensou. Sua sorte foi que minha mãe o chutou, por isso ele está com você, caso contrário, estaria na sarjeta, que é o seu lugar. Se enxerga, putinha — dispara no mesmo tom.

— Maycon, pare! — tento segurá-lo. Jeniffer dá uma risada.

— Prefiro ser puta, a ser como você, que não passa de um viciado idiota — ela grita. — Acorda pra vida. Se o casamento dos seus pais fosse tão bom, ele não teria me procurado. E o mesmo vai acontecer com o seu, porque é igual a sua mãe, se acha demais, mas na verdade nem sequer é interessante.

— Meu casamento não corre esse risco, porque não tenho interesse em mulheres do seu tipo. Diz que minha mãe não é interessante, mas engraçado que ele não para de ligar para ela. Será por que, hein?

— Por causa do filhinho viciado que só dá trabalho. Faça um favor para todos e se mate. Vai melhorar a vida de todos nós, mais ainda a da Elena — ela grita e até Maycon se assusta com suas palavras. Ele engole em seco.

— Pare, por favor. Isso está indo longe demais — tento acalmá-los.

— O que está acontecendo aqui? — Isaac aparece na porta e os interrompe.

— Sua putinha está dando palpites na minha vida, pai.

— Maycon, não comece. Se for para causar confusão é melhor você ir embora.

— Está me mandando embora, pai? Ao menos escutou o que ela falou?

— Só falei verdades, mas acho que você já sabia sobre elas — Jeniffer continua em seu tom de deboche misturado a raiva.

— Chega, Jeniffer, guarde suas verdades para você. E Maycon, não estou te mandando embora. Só estou dizendo que se for para causar confusão é melhor ir embora, essa casa é sua, jamais o mandaria embora, sabe disso. Mas vocês dois, sempre tem que criar confusão, eu não entendo. Pelo menos uma vez não dá para ter paz? — ele os repreende. — E Maycon, sua mãe está chateada, e você, ao invés de ajudar quer arrumar briga e estragar a noite?

— Eu vim pegar uma bebida e essa puta começou.
— Diz ao garçom qual você quer, que ele leva para você.
— Na verdade, eu nem queria ter vindo — suspira. — Feliz Ano Novo para vocês — Maycon sai e nem sequer faz menção em dizer aonde vai.
— Maycon? — vou atrás dele. Ao me ouvir ele para e se vira, para me encarar. — Vou com você.
— Não, não vai. Desculpe, mas quero ficar sozinho.
Deixo as lágrimas descenderem e o vejo ir embora. É estressante e não sei mais como posso fazer nosso casamento dar certo. Não sei se devo aceitar e fingir que não me importo. A dor é tão forte que acho que se ficar por aqui, as pessoas poderão ouvir meu coração.
— Talvez seja o momento de deixá-lo seguir seu caminho — sussurro para o meu coração. — Quem eu quero enganar, ele não é feliz comigo. Maycon só é feliz em seu mudinho de vício.

Capítulo 7 - Corrompendo-se

A festa perde o sentido, sinto-me péssima, sem lugar. Vou procurar Noah e Jessica me avisa que ele dormiu e que o colocou no quarto. Assim que entro, eu o vejo deitado e rapidamente Maycon me vem à cabeça. Eles são tão parecidos. Surge em minha mente perguntas sem respostas, e no fim, é horrível saber que você nunca será o suficiente para a pessoa que mais ama. Milhões de pensamentos rodam e procuro desesperadamente uma solução, mas não encontro, na verdade, não há. Se o meu amor até hoje não foi o suficiente, ele nunca vai ser e essa é a realidade que eu temo aceitar.

Jessica acaba voltando, diz que está com sono e se deita com Noah. Aproveito para deixar o quarto e tentar me recompor. Tento não pensar, mas acho que eu e Maycon não fomos feitos para o outro, só preciso enxergar isso. Chega o momento que é necessário parar de fantasiar. Maycon já fez suas escolhas e eu preciso fazer as minhas. Volto para o salão, dou o meu melhor sorriso falso, não quero me sentir perdedora, ainda que todos meus pensamentos sejam direcionados a ele, ainda que eu engula em seco essa vontade de chorar. Não cedo e comemoro com todos a virada do ano. Por fora, dou sorrisos e cumprimentos, por dentro, sinto a fria solidão e faço preces para que ele esteja bem. E eu também quero parecer bem, é isso que eu preciso no momento. Mesmo sendo uma mentira.

Quando volto à mesa após a queima de fogos, Jeniffer se aproxima e se senta ao meu lado.

— Elena, me desculpe — suspira. — Eu perdi a paciência, nunca deveria ter falado aquilo, sinto muito — admite, eu toco sua mão e lhe dou um sorriso.

— Tudo bem, Jeniffer. Eu sei que sente, ambos perderam a paciência, não foi só você, mas você tem que admitir que pegou muito pesado.

— Sim, verdade, desculpe por isso. O Maycon nunca teve paciência ou respeito por mim, mas no fundo eu gosto dele — sorri.

— Isso é verdade — digo, sem graça.

— Acha que ele... — ela apenas sugere, mas não conclui. Mas sei que agora teme pelas suas palavras.

— Não sei aonde foi, acho que cheguei no momento que não quero achar nada. Nada mesmo.

— Elena, eu sinto muito. Isaac está arrasado, mas disfarça bem. Ele ama o Maycon mais que tudo, tudo mesmo, infelizmente... — desabafa.

Ficamos em silêncio e depois de um tempo Emily se aproxima de nós,

agradece a Jeniffer pelo convite e se despede, me dando um abraço e mandando um beijo para Noah, mas evita me olhar, e sei que pensa que no fundo a culpa é minha. Como sempre, todos têm culpa, menos seu filho.

Jeniffer sai para dar atenção aos convidados e o médico que conheci hoje, através de Isaac, se aproxima.

— Maycon já foi?

— Foi deitar. Estava com dor de cabeça — minto.

Ele estende a mão, me convidando para dançar. Até gosto de dançar, mas me incomoda porque tenho receio da intenção por trás do convite.

— Maycon realmente conseguiu sair? — ele pergunta de imediato e eu suspiro frustrada.

— Dois anos e meio sem — sussurro.

— É a primeira vez que fica tanto tempo, que bom! Infelizmente, drogas como a cocaína induz o indivíduo a autoadministração, ou seja, uma vez viciado, sempre vai querer usar novamente. Independentemente do tempo.

— Mas eu não entendo. Ele ficou tanto tempo sem... Eu realmente acreditei que...

— Imagino a sua frustração. A cocaína o deixava extremamente em êxtase. Maycon colocou na cabeça e se convenceu que sem ela não consegue ser ele mesmo. E agora, apesar do tempo em abstinência, ele deve estar deprimido, triste. Sentindo como se não fosse aceito e provavelmente nada vai preencher essa carência. A não ser a droga. É o que ele pensa, claro. Mas está fazendo tratamento com algum psiquiatra?

— Não.

— Então ele provavelmente vai retroceder se não tem ajuda.

— E o que me aconselharia?

— Sabe que o problema dele se iniciou com o divórcio conturbado entre os pais, não sabe? Porém o que eu sempre tentei fazê-lo entender, mas que nunca entrou em sua cabeça, é que fatalidades acontecem. Não temos controle sobre a vida de quem amamos, contudo, isso não é motivo para ele se autodestruir. E apesar da separação, seus pais o amavam e continuariam amando.

— E deu algum resultado, digo, na época? — pergunto e ele fica pensativo.

— Infelizmente, na época Maycon não estava aberto a nenhum tratamento, ele não queria sair, apenas ria das minhas teorias. Você sabe, ele tem um nível intelectual elevado, porém muito sarcástico — confirmo com a cabeça. — Ainda me lembro da primeira vez que o vi, fiquei espantado, quinze anos, tão jovem, seus pais achavam que era depressão, eu sabia que era droga. Sinceramente, eu não esperava vê-lo como está hoje e acho que foi um grande avanço. Apesar de tudo ser tão instável.

— Contou aos pais dele, na época? — ele sorri.

— Ele já os conseguia manipular. Ele realmente consegue isso e faz com uma facilidade que muitos duvidam. Sua inteligência e forma sagaz de se vitimar sempre me impressionaram.

— Devo desistir?

— Ninguém deve desistir, mas confrontá-lo só piora as coisas. Infelizmente não está em suas mãos, querida. Apenas nas dele, mas seu amor e apoio irão ajudá-lo.

— Já estou fazendo isso há tanto tempo que... — suspiro em desabafo.

— Imagino, mas pense também em você, não se prenda a esse problema. Dê o seu melhor e viva, procure um psicólogo. Terapia ajuda muito para codependentes.

— Sou psicóloga, apesar de não exercer a profissão — acrescento.

— Antes de tudo é um ser humano passando por uma fase bem estressante, então se cuide — a música termina, ele me agradece.

Vou até Jeniffer, que coloca um motorista a minha disposição, então me despeço de todos. Isaac está preocupado, é evidente, todos que sabem, estão. Como Maycon pode ser tão irresponsável? Pego Noah, nossas bolsas e sigo para o nosso apartamento. Vou observando as ruas enquanto Noah dorme em meu colo, nesse momento me vem à mente de que também não vi mais Katherine, contudo, antes de fantasiar coisas, prefiro abandonar o pensamento. Chego ao apartamento e a esperança tosca de encontrá-lo nele é consumida pela realidade. Subo a escada, coloco Noah em seu quarto, entro no meu, onde tudo está silencioso, vazio.

Três e meia da manhã e eu tento não pensar em Maycon, mas falho miseravelmente.

Será que você está ao menos pensando em mim? Maycon, sua atitude infantil está me enlouquecendo. A quem quero enganar, não posso controlar essa dor, não posso controlar meus pensamentos. Onde você está?

Deixo as lágrimas tomarem lugar. Eu me levanto várias vezes, pego o telefone e penso em ligar, mas não consigo. Acho muito humilhante ter que passar por isso depois de casada. Quando finalmente sou vencida pelo sono, são quase cinco.

Acordo tarde e vejo Maycon deitado ao meu lado. Sinto o cheiro de cigarro e bebida, provavelmente ele fumou no quarto, mesmo sabendo que tenho asma. Droga!

Apesar de saber que o confronto não é solução, a raiva fala mais alto. Chamo várias vezes, dou cutucões até ele acordar. É estranho, está tudo escuro. Tudo.

— Que porra, Elena! Me deixe dormir — ele murmura, irritado.

Estou confusa, pego meu telefone e vejo as horas, são quase onze da manhã, então me levanto, frustrada. Estou com tanta raiva, mas acho que ela não vai me levar a lugar algum. Escuto a voz de Noah, ele já está acordado, acho estranho o fato de ele não ter vindo ao nosso quarto e após fazer minha higiene e me trocar, constato o motivo. Maycon trancou a porta.

Idiota, como pôde fazer isso?

Vou até Noah, que está com Fátima e fico envergonhada, provavelmente ela viu Maycon chegar. Essa é a parte chata em ter alguém constantemente em sua casa, ela presencia todos os momentos e sua vida passa a ser um livro aberto.

Almoçamos às duas da tarde e eu passo o restante do dia brincando com Noah. Ligo para os meus pais e conversamos bastante, desejo Feliz Ano Novo. Não falo sobre Maycon e quando perguntam, digo apenas que está bem.

A tarde passa e quando volto ao quarto, já são quatro da tarde. Entro, as cortinas estão abertas e ele está fumando na sacada.

— Pode falar agora! — Diz ao me ver entrar.

— Eu não quero conversar, deixa pra lá.

Maycon me olha, surpreso.

— Jura?

— Falar por que, Maycon? Por que falar sobre isso? Embora eu esteja magoada, você não vai mudar. Você quem dita as regras. Já entendi.

— Bom. Você não quer, mas eu quero! Ontem aquela puta falou sobre o nosso casamento. Fiquei pensando nisso a noite toda. Como ela se atreve? Mas tive a resposta quase que de imediato. É você. Ela se atreve porque provavelmente você fala de mim para ela, não é? Reclama de mim. Estou enganado, Elena? — ele me olha irritado. Não respondo e ele vem em minha direção.

— O que a faz pensar que tem o direito de falar de mim para ela? Que porra! Com milhões de pessoas para falar o caralho de mim, tinha que ser COM ELA? — ele grita, não sei por que está tão irritado.

— Só disse algumas coisas, nada demais, Maycon...

— Sério? Por que ela disse aquilo tudo, então? Porque pareciam mais palavras suas na boca dela.

— Maycon, eu jamaisalaria aquilo para você. Nunca desejei sua morte, pode ter certeza disso. Me magoa saber que pensa isso de mim.

— Sabe, Elena, estou cansado, cansado mesmo, sei lá. Acho que todos precisam de um tempo. Nenhum dos dois está sabendo conduzir isso. E prefiro sair antes de presenciar um fim.

— Quer o divórcio? É isso?

Maycon recua e passa as mãos pelo cabelo. Acho que ele tem trauma da palavra divórcio. Parece confuso, irritado e por fim se senta na cama.

— Não, não quero me divorciar. Quero um tempo, é diferente.

— Desculpe, mas não estou conseguindo entender. Tudo isso é pelo que a Jeniffer falou? Ou você quer usar isso como pretexto para que seus pais aceitem que você volte a usar drogas?

— Você fala tanta merda que fica ridícula, sabia? Não sou seu cachorrinho, não devo satisfações a ninguém, nem aos meus pais — diz, rude.

— Sua mãe sabe disso? Você dormiu lá?

— Analise sua pergunta. Se tivesse dormido à noite, eu não teria dormido até agora. Pense antes de falar, porque detesto achar que estou conversando com alguém que nem sabe o que fala — dá um sorriso torto. — Ainda que essa seja a verdade.

Maycon está alterado, há algo errado. Eu me aproximo dele, mas ele evita me olhar.

— Onde passou a noite?

— Disse que não queria falar sobre isso. Perdeu a oportunidade de ter uma resposta minutos atrás, não vamos falar sobre isso.

— O quê? Acha que eu sou idiota? — grito.

— Você quem está dizendo isso, não eu — ironiza.

— Estava com a Katherine, Maycon? — pergunto ainda alterada e ele ri. — Onde você estava? — ele se levanta e acabo tentando empurrá-lo.

— Pare com essa paranoia de achar que tudo é mulher. Já é o inferno aturar uma, acha que sou louco de arrumar outra? Não traí você. Encontrei uns amigos e acabamos passando a noite no barzinho perto do Campus.

— Imagino que saciou sua vontade — digo, ríspida.

— Quem me dera. Se isso fosse verdade, escutar sua voz chata agora, não me irritaria! — Ele se levanta e estou com tanta raiva, que ao passar por mim, seguro seu braço.

— Se sair por aquela porta, juro que não volto mais para você! — Grito.

— Olha só, com essa pose toda e não passa de uma hipócrita — não penso duas vezes, mas quando ele me vê levantando a mão, me segura firme pelos braços e me prende contra a parede. — Não se importa em me ver fumando ou bebendo. Então por que o drama em relação ao pó?

— Está me machucando, Maycon, me solta!

— Não estou machucando porra nenhuma. E se você encostar sua mão em mim, não vou pensar duas vezes em revidar. Entendeu?

— Está me ameaçando? — pergunto, chocada.

— Avisando — ele me solta, pega uma mala e vai até o closet. Não acredito que ele está fazendo isso. Começa a pegar suas roupas e colocar na mala e me dói ver essa cena, estou em choque, não quero que ele vá embora.

— Maycon, por favor — sussurro.

— Não era para chegar a esse ponto, Elena, mas como sempre, você tem que fazer drama. Olha, quero ir sem brigas. Não precisamos disso.

— Mas eu não entendo. Onde eu errei? — choramingo.

— Pare com isso. Essa sua atitude só me faz sentir pior, estou apenas pedindo um tempo. Acabei de completar vinte e quatro anos e se não mudar minha vida, vou estar fadado a tudo que eu não quero para mim. Estou sufocado. Quero um tempo, só isso. Um tempo para esfriar a cabeça. E antes que você coloque o Noah nisso, já adianto que o verei todos os dias, no mesmo horário. Conversei sobre isso com a Katherine e ela disse que se a rotina não mudar, ele não vai sentir.

— Espere aí. Há quanto tempo está planejando isso? — pergunto, magoada. Ouvir isso dói tanto.

— Não falei sobre nós. Não sou como você que prefere falar sobre nossos problemas com outras pessoas, ao invés de conversar comigo — termina a mala e a fecha, depois olha para mim. — Um dia nós conversávamos sobre crianças e a melhor maneira de lidar com elas em um divórcio, e ela disse que o melhor era tentar ao máximo não mudar a rotina e o resto é bla bla bla... Esquece.

— Então, o que você quer é ficar longe de mim, é isso?

— Elena, eu só não quero mais ser julgado, quero poder tomar minhas decisões sem ter que dar satisfações a ninguém e isso inclui você. Não quero ter que chegar em casa e ficar escutando lição de moral. Ter que desenhar um mapa com todos os meus passos porque não confia em mim.

— Isso é mentira. Você está inventando desculpas porque não quer reconhecer seus erros. Não quer reconhecer que Jeniffer tem razão...

— Cala a boca! Pra mim já deu, não complica mais. Não quero mais passar por tudo que me fez passar. Eu tentei, cara, mas nunca é o suficiente pra você. Eu não sou o suficiente pra você.

— É isso então? A culpa é minha?

— A culpa é minha, porra. Eu estava disposto a continuar, continuaria tentando por você, mas quando eu olho para trás e vejo nossa vida juntos, sei que nada que eu fizer vai adiantar. É sempre a mesma merda. Então para mim tanto faz o que vai rolar daqui para frente.

Continuo chorando, Maycon se aproxima e me abraça. Não quero aceitar, mas caio em seus braços.

— Sabe que eu sempre vou ser seu, sempre vou te amar. E se a saudade nos

trair, sabemos onde encontrar o outro.

— Quer continuar como se fôssemos namorados?

— Não diria namorados, é só um tempo. Mas quero ter você...

— Sexo? — falo indignada. — Isso é ridículo, Maycon. Você me ofende falando assim.

— Algumas teorias foram consideradas ridículas até provarem serem concretas — saio dos seus braços. — Elena, tenta me entender ao menos uma vez na vida.

— Nunca vou conseguir — bufo e ele suspira.

— Vou ficar na casa da minha mãe até termos certeza do que queremos.

— Eu quero você, Maycon, nossa família — enxugo as lágrimas.

— Pare. Não força a barra. É só um tempo, amor, só até esfriar a cabeça. Eu preciso disso. Quero retomar o controle da minha vida.

— E se nesse tempo surgir outra pessoa em minha vida? Você está me deixando — tento ser convincente.

Maycon respira fundo e pensa para responder.

— Às vezes temos que abrir mãos de algumas coisas para termos outras e se você procurar alguém tão rápido, significa que eu não sou tão importante como você é para mim — aproxima-se e me dá um beijo rápido. Apenas sinto seus lábios. — Se precisar de mim, pode me ligar. E sobre o Noah, vamos ser racionais e tentar seguir a mesma rotina. Não se culpe, Elena. Isso é sobre mim comigo mesmo e dessa vez vou assumir a culpa, pode ter certeza.

Ele sai e não sei o que fazer, Maycon não me dá opções.

Meu Deus! Eu o amo tanto, não quero perdê-lo, mas começo a acreditar que a felicidade não existe, ela se resume a apenas momentos.

Capítulo 8 - Tóxico

Maycon

É tão complicado tomar uma decisão da qual sabe que irá se arrepender futuramente. Alguns chamam isso de burrice, mas eu chamo de tempo necessário para se encontrar. Ultimamente, eu tento de todas as formas ser o que Elena quer que eu seja, o que meus pais querem que eu seja. Mas é foda, porque se anular tanto por uma pessoa, o faz morrer estando vivo e uma hora você precisa ser apenas você. E essa é uma chance que eu não tenho com ela. Apesar de amá-la mais que tudo, esse tipo de vida não está sendo real para mim.

Olho em seus olhos cobertos por lágrimas e dói em mim causar isso a ela, dói tomar uma atitude dessa. Mas me sinto sufocado, como posso fazê-la feliz, se estou ao ponto de explodir. Às vezes é necessário tomar um ar, se restabelecer mentalmente para continuar seguindo. Isso é foda, porque ela não entende ou talvez finja não entender. Deixo o quarto antes que eu seja convencido e saio quase implorando por dentro para que ela, de alguma forma, não me deixe ir embora, mas essa não é a Elena, ela não costuma insistir muito. Geralmente, eu insisto mais. E nesse cabo de guerra, nem sempre há vencedores. Porque a droga do amor faz todos chorarem suas perdas. Elena não recuaria tão facilmente, só faz isso quando no íntimo admite sua culpa e acho que todos nós temos nossa parcela de culpa. Não sei se esse é o melhor caminho, mas é o que eu quero seguir no momento.

Passo pelo quarto do meu pequeno Noah e lhe dou um beijo.

— Papai volta, meu anjinho. Volta para você — sussurro.

O problema da Elena é que ela fala demais, cara, ela fala pra porra! E no momento, a única voz que quero escutar é da minha consciência, porque essa quase não fala. Passo por Fátima, sem graça e sorriso, mas ela não retribui. Essa é a nossa sociedade, quem sai pela porta, o que abandona, é o que não presta. Para mim isso não existe, o que existe são motivos. Eu tenho os meus e ela os dela. Deixo o apartamento sabendo que nele está tudo que eu tenho de mais importante, tudo que mais amo. É o melhor, preciso esfriar a cabeça. É horrível sempre ter que dar satisfações, horrível não ter a confiança de ninguém. Para qualquer atraso, o motivo é coca ou mulher.

Vinte quatro anos e minha vida está parada. Estou apenas seguindo os passos que estão trilhando para mim e esse não sou eu. Tentando inutilmente seguir o caminho da felicidade, segundo minha mulher, mas ainda não vi felicidade porra nenhuma, apenas cobranças e mais cobranças. E começo a acreditar que Elena

viaja demais nesse lance de felicidade. O problema de se amar tanto alguém, é que esse sentimento o faz vulnerável e essa pessoa passa a ter o poder de machucá-lo de um jeito que ninguém pode. E eu estou machucado demais. Todas as vezes que eu tento me aproximar, tento ser eu mesmo, Elena incluiu uma frase que finaliza com cocaína. Se cheirando ou não, ninguém acredita em mim mesmo, então qual o sentido em ficar limpo?

Abro o carro e jogo a mala no banco de trás. Enquanto tento manter a calma, dentro de mim quase se inicia uma revolução do volto ou sigo. O sigo ganha e vou para a casa da minha mãe. E essa luta interna só acontece por conta da maldita influência e o medo de perder Elena de vez. Caso contrário, esse seria o último lugar que eu iria. Dirijo pelas ruas e elas nada me dizem, tudo se tornou sem graça, sem emoção. Não demoro muito a chegar, depois de passar pela portaria, vejo o carro do meu pai bem na entrada.

Porra! Merda de sorte a minha!

Estaciono, pego a mala e já de cara me deparo com os dois na sala.

— Maycon! — Minha mãe é a primeira. — Onde você estava?

— No mundo das fadas — sorrio.

— Qual o seu problema? Por que não atendeu ao telefone? — meu pai vocifera.

— Me ligaram? Para quê? — tento parecer indiferente.

— Para desejar feliz Ano Novo é que não foi. O que faz com essa mala? Elena o mandou embora? — meu pai pergunta, me dando um sorriso irônico. Sei que ele imagina a resposta, mas prefere escutar da minha boca.

— Sim, pai, ela me mandou embora, me chutou feito um fracassado. Satisfeito? Agora ela pensa como você.

— Eu nunca disse isso de você, Maycon. Pare de drama! — Ele rebate, irritado.

— Não comecem, por favor. Maycon, eu nem dormi à noite, não pode nos fazer passar por isso novamente — minha mãe inicia seu sermão, mas infelizmente eu não estou com saco para ouvir.

— Vocês têm que parar com isso. Olha pra mim! Eu já estou crescidinho, não acham não? É a minha vida, não tenho que dar satisfações.

— Já que não, o que faz aqui? — meu pai volta a falar e a sua intromissão constante começa a me irritar.

— Cadê a sua mulher e filha? Acho que está na hora de ir cuidar delas!

— O que aprontou, Maycon? — minha mãe questiona.

Estou de saco cheio de sempre ser culpa minha.

— Não aprontei nada. Só preciso de um tempo, estou cansado de dar satisfações a todo mundo. Quero meu livre arbítrio de volta.

Meu pai me lança seu olhar de condenação.

— Quer voltar a cheirar, não é?! Elena não aceitou e por isso está aqui.

— Vai à merda, Isaac! Não devo satisfações a você e tem outra, o que faz aqui? A cama da minha mãe mal esfriou e já quer marcar território? Qual o problema? A sua putinha não o satisfaz mais? — provoco.

— Maycon! — Minha mãe me repreende. — Não fale assim com o seu pai! Mais respeito, não o criamos assim.

— Que não, porra nenhuma! Acham que sou idiota? Eu me lembro de vocês enchendo minha cabeça de merda falando mal do outro. Me lembro de você, mãe, falando que a bastardinha não era a minha irmã. Por que agora eu tenho que aceitar? Sou o produto perfeito da criação de vocês — aponto o dedo para o meu pai. — E ele só vai ter o respeito que quer, no dia em que souber me respeitar também, e outra coisa, fala para a sua puta que se continuar enchendo a cabeça da Elena de merda, eu mesmo vou à sua casa e corto a língua dela! — Ameação, meu pai vem em minha direção, mas minha mãe interrompe.

— Por favor! Parem os dois, agora! E Maycon, a Jeniffer não fala de você.

— Ah não, imagina! A putinha da mulher dele disse ontem que se eu me matasse estaria fazendo um favor para todos. E ele ouviu e não falou porra nenhuma.

— Maycon, eu nem escutei isso. Fora que você provoca também! Eu sempre fico do seu lado, mas você exagera demais — ele rebate, então eu o ignoro e me viro para a minha mãe.

— Posso ficar aqui uns dias? É temporário, uma semana no máximo, mãe.

— Maycon, você é casado agora, seja lá o que tenha acontecido, tem que conversar com a Elena. E pelo bem do Noah, vocês devem tentar se entender.

— Ah, fala sério! Até você, mãe? — ela não responde, apenas suspira.

— Posso ficar uma semana? Só uma semana? — insisto.

— Tudo bem, mas não vou aceitar que você se comporte como antes.

— Que isso? Como assim me comportar como antes? Se não quer que eu fique é só falar!

— Nunca faria isso para você, amor, mas já chegamos tão longe, se retroceder agora, será bem mais complicado — reviro os olhos de raiva.

— No fim, tudo se resume a isso, né mãe. Vocês só se importam se eu vou voltar a ter recaída ou não, o resto que foda-se!

— Amor, não estou falando isso. Mas antes de se casar, eu o avisei que deveria pensar muito e você disse que tinha certeza. Lembra?

— Cara, que isso! Só estou pedindo um tempo. Preciso disso, não é divórcio, é um tempo e bem curto. Sem estresse, vou subir para o quarto.

Saio da sala e subo a escada com passos largos. Merda de vida. Chegando ao

quarto, jogo a mala em um canto qualquer. Até a minha mãe está contra mim. Que porra.

Eu me deito na cama e antes que eu acenda um cigarro, ela bate à porta e entra.

— Amor, o que está acontecendo?

— Meu pai foi embora? — ela confirma com a cabeça. — Só preciso de um tempo, mãe. Só isso. Vocês fazem drama demais.

— Meu anjo, mas agora você está casado, tem um filho, as coisas são diferentes!

— Eu sei disso, mãe. Sei que tenho um filho e não preciso que me lembre a cada segundo. Isso é foda! Eu entendo que prefere que continue igual a um cachorro ao lado da Elena, mas não estou me separando, é apenas um tempo, só isso. É tão difícil entender?

— Não a ama mais? — ela pergunta com ar desconfiado.

— Se não amasse já teria colocado um fim, mas sei lá, mãe, tudo parece tão confuso agora. Eu sinto que não posso ser quem eu realmente sou. Cada vez que tento me abrir com ela, Elena vem com quatro pedras na mão.

— Mas, amor, não que eu concorde com ela, porém isso tem que ser resolvido entre vocês. Fugir vindo para cá não vai resolver seus problemas.

Merda! Essa é a bela maneira da minha mãe me dizer que não me quer aqui. Que porra!

— Tem medo que eu volte a usar, não é isso?

— Sou sua mãe, eu confio em você, amor!

Olho em seus olhos e vejo a mentira. Começo a pensar em um hotel ou um apartamento para alugar.

— Por que meu pai estava aqui? — pergunto, enquanto tento mentalizar um lugar.

— Preocupado com você, conversamos sobre isso...

— Você ainda o ama, mãe? — pergunto e a desarmo. Ela não sabe o que responder.

— Ele é o seu pai, foi meu marido e não do jeito que você pensa, mas de certa forma eu o amo sim — não sei se ela está sendo sincera.

— Esquece isso, não é da minha conta. Mas antes de pensar em voltar para ele, se lembre do amor-próprio. Ele sempre te manda lembranças.

— Ele nunca me faltou, você sabe disso melhor que ninguém.

— Se eu não puder ficar, procuro outro lugar.

— Maycon, é lógico que pode ficar, aqui é sua casa também. Só estou tentando ajudá-lo a não cometer os mesmos erros que eu e seu pai.

— Não vou cometer, pode ter certeza. Só quero colocar cada coisa em seu

lugar e... — ela me corta.

— O que a Elena pensa sobre isso? — porra! No fim é só isso que importa.

— Não tenho bola de cristal para saber — desvio o olhar. — Pode me deixar sozinho?

Ela não protesta e sai.

Começo a achar que o universo conspira contra mim e está ficando foda! As horas passam, eu tomo um banho e antes que a minha mãe perceba, desço a escada silenciosamente e pego a chave da porta, saindo logo em seguida, sem dar satisfações. Acabo ligando para a Elena, sem nem saber por que, mas ela não me atende e percebo que será difícil lidar com ela. Ah foda-se, nunca foi fácil mesmo. Elena não percebe, mas ela ainda está em mim, tão forte como sempre estive e isso nunca vai mudar. É só uma fase e como sou inconstante, espero que passe rápido. No momento, eu só quero fechar a porta para todas as acusações e cobranças, o foda é que quando se fecha a porta, o amor também fica do lado de fora.

Vou direto para a Girus e chegando lá peço um uísque. Elena finge não entender, mas esse é um momento meu e se ela soubesse respeitar meu espaço e o significado de confiança, não estaríamos nesse impasse ridículo. Que porra é essa? Estou precisando de um tempo da Elena e só fico pensando nela.

— Você, por aqui? — não preciso olhar para saber que é Katherine.

— Puta que pariu! Começo a crer que você é uma bruxa. Cara, todo lugar que eu vou acabo te encontrando.

— Sou psicóloga, mas posso ser bruxa, talvez, não sei... Foi embora rápido da casa do seu pai — ela muda de assunto rapidamente.

— Não curto festas daquele tipo, já deve ter imaginado.

— Na verdade, não. Você é indecifrável, um labirinto. Não dá para imaginar nada vindo de você.

— Nossa! Acho que começou a sessão. Que legal, você é um anjo! — Ironizo.

— Sou mesmo, arte de papai e mamãe! — Ela sorri e eu a encaro.

— É da posição sexual que você está falando, certo?

Ambos rimos.

— O que está acontecendo com você, Maycon?

— Crise existencial... Metamorfose, talvez. Você é bruxa, adivinhe.

— Está bem com a Elena?

— Sempre estou bem com a Elena, ela que não fica bem comigo, Katherine, é diferente.

Ela sorri.

— Por que ela não fica bem com você? Já se perguntou isso? — ela pede um uísque, e eu, outra dose.

— Eu a amo mais que tudo, sempre irei amar. Mas uma pequena distância para ela é um abismo. Uma palavra é motivo de discussão. Acho que todo o problema se resume a má influência que recebemos. Não acha?

— Não. Ninguém o influencia em nada, na verdade, nós é que escolhemos o caminho. Você, por exemplo, Maycon, toda a mudança começa com um plano e o sucesso dele depende de várias decisões. Comprometimento, paixão pela causa, disposição para aceitar um novo caminho, determinação para superar qualquer obstáculo. E manter sempre o foco... Caso contrário, todo esforço é inútil.

— Eu tento, oh meu Deus, como eu tento. Eu tento todo o tempo, mas não posso evitar o fato das pessoas me desmotivarem. É tão chato chegar em um objetivo rápido! Não acha?

— As pessoas que o desmotivam? Sério? Um cara tão inteligente se deixa ser desmotivado? Isso é novidade para mim.

— A questão não é essa. Eu faço de tudo e nada convence a Elena de que isso é real para mim, que eu a amo acima de qualquer coisa. Então prefiro deixar as coisas acontecerem a seu modo, é mais fácil e gasto menos neurônios.

— Mas se quer tanto convencê-la, o que faz aqui, então?

— Caridade! — Sorrio. — Darei uma palestra para homens casados sobre os deveres do bom marido! E vou começar dizendo que não devem frequentar esse lugar, pois correm o risco de serem seduzidos por psicólogas sexy.

— Você é tão sarcástico, acha que o mundo... — eu a corto.

— Hoje descobri que o mundo o qual você acaba de referir, não é uma grande irmandade onde todos querem seu bem. Então, minha cara, do mundo eu não espero nada a não ser uma revolução! O que acha?

— Sem comentários... Você é um caso perdido. Desisto!

— Não desista. Você nunca desiste, não de mim. Sempre mantém uma esperança, não é, Katherine? — sorrio.

— Sua mente psicótica sabe manipular e se aproveita disso. Aproveita para jogar com as pessoas e faz isso comigo sem demonstrar o mínimo de respeito. Mas com a Elena é diferente, não consegue jogar.

— Olhe para mim, Katherine — ela o faz. — Minha mulher não me aceita como sou, meus pais também não... Como posso jogar com eles? Sem chance, é praticamente suicídio. E você sabe o que é um bom drama sem fundamento?

— Por que joga comigo, Maycon? Sei que odeia mulheres que se envolvem com homens casados, mas me faz de idiota o tempo todo. Qual a sua intenção? O que ganha com isso? — ela faz com que eu solte uma gargalhada.

— Não jogo com você, apenas exponho meus pensamentos, você os seus e vou confessar que os seus são irrelevantes, mas gosto de escutar sua voz chata

me dizendo que devo rever meus conceitos.

— Então é isso?

— É isso! Hoje amo Elena, amanhã odeio, depois volto a amar. E por aí vai... Talvez o problema esteja em mim, ou nela, não sei, mas se um dia você tiver a resposta para esse labirinto indecifrável, me diz e debatemos isso com cálculos e questões matemáticas.

Ela apenas sorri, eu pago a minha bebida, me despeço e saio. Entro no carro e constato que Elena não me ligou, então sigo de volta para a casa da minha mãe.

— São dez horas, sem drama... — falo para a minha mãe, que me recebe na porta com a cara fechada.

Eu ignoro a sua expressão e vou entrando. Só dez da noite, qual o problema? Vou para o meu quarto e assim que entro sinto uma falta imensa da Elena, muito mais do que gostaria. E como estou um pouco bêbado, acabo ligando para ela novamente. No terceiro toque ela atende, mas não inicia uma conversa.

— Noah está bem? — falo, tentando soar indiferente.

— Se ele não estivesse eu já teria ligado para você.

Merda, obrigado, garota! Um a zero para você.

— Estou com saudades de você, Elena...

— Maycon, pare. Primeiro você dá um de louco, depois vai embora e agora me liga e diz que está com saudade? Qual o seu problema?

— Ei! Calma, sinceramente eu não sei qual o meu problema, meu anjo, mas espero descobrir antes que seja tarde para nós.

Ela apenas suspira.

— Elena, eu te amo, amo muito, mas ultimamente acho que não estamos nos completando. Sei lá, eu...

— Maycon, eu...

— Me escute, por favor. Elena, eu estava ao seu lado achando que esse era o meu lugar, apesar de me sentir deslocado, eu realmente achava que fazia sentido construir uma família com você.

— Então, para você isso não faz sentido?

— Você impõe tantas regras e todas devem ser seguidas. Por que não podemos tentar sem cobranças? Cada um expando sua opinião sem invadir o espaço do outro. Respeito mútuo, essa é a palavra.

— Porque eu nunca vou aceitar o que você quer.

Merda, eu nem falei sobre coca e como sempre ela leva para esse lado. Está viciada mentalmente, só pode!

— Tudo bem, me desculpe por incomodá-la. Eu entendo que você tenha medo e não goste de falar sobre isso, me desculpe — então desligo.

Após um tempo, recebo a mensagem dela dizendo que me ama e um belo

sermão sobre como eu devo ser e todo o dicionário do bom marido. Ler toda a mensagem me faz pensar a respeito dessa droga de sentimento que as pessoas denominam ser amor.

E olhando todo o contexto agregado a essa pequena palavra, nada que leio faz mudar minha opinião a respeito. Do jeito que eu vejo isso, o amor não muda as pessoas, ele apenas o faz aceitá-las como elas são. E analisando por esse lado, desde que eu conheci Elena, ela tenta me mudar. Mas isso realmente é irrelevante, porque no fim de tudo você sempre vai se mostrar como realmente é. Nenhuma máscara dura eternamente, e isso é o que eu sou, um cara que a ama, que erra, que não é perfeito, um qualquer, meio vulgar que tenta controlar sua loucura. Mas ainda assim, eu a amo mais que tudo. E se ela enxergasse isso, nós já estaríamos vivendo o nosso enfim juntos ou a porra do felizes para sempre que as pessoas inventam. O que é bem foda, afinal, o para sempre é muito tempo e incerto demais para as pessoas depositarem tanta fé.

Capítulo 9 - Minha prisão

Assim que Maycon sai, eu desabo. Não entendo como ele pode apenas pensar em si mesmo. Ele afirma que quer liberdade, mas desde o nascimento do Noah, tenho dedicado à minha vida inteiramente ao nosso filho. Talvez seja isso também, mas sinceramente, assim como Noah vem em primeiro lugar na minha vida, ele deveria vir também na vida do Maycon. Mesmo após o casamento, Maycon nunca quis se desfazer totalmente da sua vida de solteiro. Isso sempre gerou cobranças, brigas. É tão confuso. Agora eu o odeio e me odeio por amá-lo. Ele diz que me respeita, mas acho que já ultrapassou esse limite há muito tempo. Eu queria ter forças para tirá-lo definitivamente da minha vida, porque eu sempre quis uma família normal, mas com Maycon eu nunca terei isso. Ele é louco e eu louca por amá-lo.

— SEU IMBECIL! EU TE ODEIO, MAYCON — grito. — Poderia ter dado certo, mas você tem que se comportar como o belo idiota que sempre foi. Só que dessa vez vai ser diferente, vou fazer você provar o próprio veneno. Vamos ver quem ganha esse jogo.

As horas se vão, a raiva misturada ao amor continua e as questões... Estas eu estou deixando de lado. Tento me recompor, não posso deixar Noah me ver assim, estou parecendo uma louca depressiva. Jantamos e tento distraí-lo para não notar a ausência do pai, e acaba dando certo. Brinco, conto histórias e por fim ele acaba dormindo.

Volto ao meu quarto e vejo as chamadas do Maycon, mas não ligo de volta. Estou tão cansada que me deito na cama, vejo como está vazio o meu quarto e dói porque ao invés de conversar e assumir seus erros, ele prefere fugir, como sempre faz. Quando estou para dormir, Jeniffer me liga.

— Oi — atendo sem ânimo, já deitada. São quase dez horas da noite.

— Maycon saiu de casa? — diz de imediato.

Respiro fundo, provavelmente seus pais já estão preparando as pedras.

— Saiu! Como soube?

— Isaac me contou que encontrou com ele na casa da Emily...

— Hum...

— E agora?

— Não sei. Acho que tenho que começar a me amar mais. Estou cansada, tudo que eu faço o irrita, não posso nem fazer uma perguntar. Acho que ele não gosta

de mim, estou confusa. Maycon não sabe o significado da palavra compromisso.

— O problema do Maycon é ser mimado demais. Olha, agora que não estão mais juntos, retome o controle da sua vida, coloque Noah na pré-escola, volte a trabalhar. Podemos trabalhar juntas na clínica. O que acha?

— É uma boa proposta, mas acho que não estou com cabeça para pensar nisso agora. Depois conversamos. Amanhã, pode ser?

— Elena, não demonstre que sente falta dele, alguns homens só mudam quando passamos a ignorá-los e se quer que ele mude, acho que deve fazer isso.

Eu a corto.

— Deixei de acreditar nisso. Quando se ama, a gente quer ser melhor, damos o nosso melhor para fazer a pessoa que amamos feliz.

— Sabe que ele vai querer voltar, não sabe?

— Sei, mas quando chegar esse momento e o farei conhecer um lado meu que até o momento ele nunca viu.

— Nossa!

— Jeniffer, estou cansada. Primeiro ele me magoa com suas atitudes, depois me faz agir como uma louca e conseqüentemente como culpada. Eu não quero mais isso — desabafo. — Estou tão machucada, não acredito que depois de tudo... Ele me deixou, Jeniffer, ele foi embora e isso dói tanto! Dói demais. Nossa vida juntos, nosso futuro... É tão incerto. É sempre aquela sensação de que a qualquer momento meu sonho perfeito vai ruir.

— Elena, calma...

— Não quero ficar calma, não desta vez. Só estou implorando que Deus me dê força para sair desse inferno. Não quero ficar na cama vendo as horas passarem por não conseguir dormir enquanto ele está enchendo a cara com a Jayde. Chega! Não quero mais isso para mim.

— Eu entendo.

— O problema é que apesar de ter milhões de razões para abandoná-lo de vez, eu ainda o amo. Amo mesmo e não sei como acabar com isso — suspiro. — Acho tão humilhante ele ter saído de casa, fora que Emily deve estar me culpando.

— Dessa vez não. Isaac mesmo falou que ela ficou do seu lado, mas sabe que é porque ela não consegue controlá-lo e tem medo de ele voltar a usar, não sabe?

— Sinto muito por ela, mas provavelmente é isso que vai acontecer — enxugo as lágrimas e respiro fundo. — Estou cansada de insistir nesse caminho errado, quero encontrar a saída! Se Maycon quer enfiar a cara na cocaína, que faça, não me importo mais.

— E vai, infelizmente. E você vai ter que parar de se importar com ele, porque merece ser feliz. Olha, vou deixar você descansar, depois nos falamos. Fica bem,

Maycon não merece que sofra.

— Sei que não. Obrigada, sei que esse jogo com Maycon é muito exaustivo, mas vou ter que começar a seguir as regras.

— Você vai se sair bem. Não duvido.

— Até amanhã.

— Até.

Desligamos e não demora muito para o telefone tocar novamente, Maycon. Atendo fingindo desdém, tentando ser forte, mas acabo deixando a raiva aflorar ao ouvir dele que me ama. Isso é ridículo. Não é amor, ele só me faz de brinquedo e odeio isso. Não conversamos muito e antes que eu possa lhe dizer umas verdades, ele, como sempre, recua, desligando. Mas estou irritada demais e não vou deixar isso passar, então mando uma mensagem.

Você sabe o significado de compromisso, Maycon? Com certeza não, porque sua falta de compromisso me faz de idiota. Eu te amo, mas não suporto mais seus joguinhos. Hoje eu tive que passar o dia sorrindo e distraíndo o Noah para que ele não percebesse sua ausência. Não aguento mais suas infantilidades, suas loucuras me machucam. Você diz que me ama, mas na primeira chance, foge. Você me abandonou, não só a mim, mas ao Noah também, como se não fôssemos nada além de um fardo para você. Então pare de fingir que me ama, porque você nem sabe o que é amar alguém!

Espero resposta, mas ela não vem, então o cansaço me vence.

Acordo com uma mãozinha acariciando meu rosto, Noah.

— Mamãe linda! — Me dá um beijo.

— Bom dia, amor!

Ele se deita ao meu lado e após um tempinho brincando, nos levantamos e eu vou tomar um banho. É normal para ele não ver Maycon pela manhã, geralmente quando ele acorda, Maycon já saiu. Depois de seguirmos nossa rotina matinal, tomamos café e ocupo nosso dia com brincadeiras. À tarde, Jeniffer vem ao meu apartamento e conversamos bastante. Ela acaba me convencendo a trabalhar na clínica, então peço uma semana para me organizar. Não pergunto por Maycon, mas sei que se encontraram, afinal, hoje foi seu primeiro dia lá e apesar de não comentar a respeito dele, no fim da conversa, ela me diz que o viu e que ele e Katherine almoçaram juntos e se dão muito bem. Finjo não me importar, mas isso me deixa morrendo de ciúme. Ela diz que os pacientes gostam dele, todos na clínica gostam, mas eles não se dão bem e que o evitou a maior parte do tempo.

Assim que ela vai embora eu dou um banho em Noah e às seis horas da tarde, eu me pego olhando para o relógio, já que ele costumava chegar nesse horário. Respiro fundo, talvez ele não venha e eu tenha que inventar uma desculpa para Noah. Às sete, descemos para preparar seu jantar.

— Papai não *chego*, mamãe? — diz, enquanto brinca com dois carrinhos. Noah vai até a sala e se senta no sofá, sei que está esperando Maycon.

Respiro fundo e quando penso em uma boa desculpa, a porta se abre e Maycon entra. Noah se joga em seus braços e Maycon o pega no colo. Ele está tão lindo! Merda!

— Quem vai jantar com o papai? — pergunta a Noah, que confirma ser ele, sorrindo. Eu evito olhar para ele, mas sei que vão para a cozinha, onde ele pega o prato que fiz para o meu pequeno e dá comida ao nosso filho.

— Quer jantar? — eu pergunto.

— Não, eu já jantei com a minha mãe. Obrigado, meu anjo — sorri, mas não sei se está sendo irônico ou sincero, então ignoro e subo para o quarto.

Tento não chorar, acho que tinha a tosca esperança de que ele voltaria implorando perdão, assumiria seus erros e pediria para ficar. Mas esperar isso do Maycon é o mesmo que esperar que um suicida não se mate.

Escuto risadas dele e Noah. Eles brincam por horas e por fim tudo fica quieto, então sei que Noah dormiu. Eu troco de roupa, visto uma camisola sexy, nem sei por que, me deito na cama e me cubro. Pego meu livro de cabeceira e finjo ler, os segundos passam e nunca o relógio pareceu tão vivo. Estou ansiosa, coração acelerado, droga! Onde você está quando eu mais preciso de você, hein, amor-próprio? Escuto Maycon bater à porta, então entra e me dá um sorriso torto.

Repito mentalmente. Seja forte, seja forte, não o deixe brincar com você.

— Noah dormiu — ele se aproxima e se senta próximo a mim.

— Tudo bem — forço um sorriso.

— Amanhã eu volto.

— Tudo bem — falo firme e Maycon sorri.

— Elena, isso não é um divórcio. Sou fiel a você.

— Maycon, chega. Se não for relacionado ao Noah, não temos nada para falar — disparo, ríspida.

Ele gargalha ao me ouvir, se aproxima e toca o meu rosto, mas antes de cair na dele, tiro sua mão.

— Não estou me fazendo de difícil, vai ser assim agora.

— Nunca te achei difícil.

— O quê? — pergunto, ele dá um sorriso.

— Quero dizer, nunca te achei uma pessoa difícil.

Eu entendi o que ele quis dizer. Que droga, odeio isso, odeio passar por isso. Querê-lo tanto, mas fingir que não. Acabo derramando umas lágrimas e ele me abraça apertado.

— Amo você e sabe que isso é verdade, só preciso de um tempo. Não significa que outra vai tomar o seu lugar, não mesmo. Sempre vai ser você,

Elena.

— Por que tem que ser assim? Por que teve que ir embora? Isso me machuca muito, sabia?

— Porque às vezes é necessário irmos ao inferno para sabermos o valor do paraíso.

— Está dizendo isso para mim?

— Para os dois. Porque só assim saberemos valorizar mais a companhia do outro. Elena, ontem eu senti sua falta, muito. Senti um vazio enorme, mas ultimamente estamos tendo tantas brigas que era melhor um sair. Por isso eu saí, porque não queria presenciar o nosso fim.

— Por que temos que passar por isso, então? Não entendo!

— Seu campo de visão é menor, enxerga apenas o que quer ver. Ou seja, você e suas necessidades.

— O quê? O seu problema, Maycon, é se achar muito inteligente, mas não é tão inteligente assim.

— Dizer que seu campo de visão é menor, não é menosprezá-la. Apenas que em alguns pontos seu conhecimento é mais limitado que nos outros — ele diz isso de uma maneira muito calma.

Já eu, estou com raiva, magoada, mas Maycon está diferente, não está agressivo, na verdade, está muito passivo. Parece até mesmo procurar as palavras certas. Ele me encara e eu não consigo fugir do seu olhar, se aproxima mais e toca o meu rosto, me beijando apaixonadamente. Eu acabo correspondendo até me lembrar do amor-próprio, então eu paro e o empurro.

— Se você pretende continuar na sua casa da sua mãe, vamos parar por aqui!

— Quem disse que eu não vou ficar? — sorri, ironicamente.

— Aonde você quer chegar?

— Agora? Ao sexo, por quê? — debocha.

— O quê? — pergunto, ficando mais irritada.

— Calma, meu anjo. Elena, eu sinto sua falta, só que não suporto mais todo esse ataque, essa condenação por coisas que eu não faço. E não estou a fim de tolerar mais isso.

— No fim você acha que tem razão, não é?

— Razão é o raciocínio que conduz à indução ou dedução de algo e cada um tem a sua, ou seja, cada um a julga de acordo com seus preceitos. Então, meu anjo, sua razão, minha razão... Cada um tem a sua e isso não leva a porra nenhuma!

— Não preciso da definição de razão. E esse é o seu problema, adora debochar.

— Não estou debochando, só estou dizendo que cada um tem os seus motivos.

Olha, eu ainda choro por você e cara, se me disser que tenho que morrer por você, eu morro sem pensar duas vezes.

— Por que não pode seguir como um homem casado?

— O que é seguir como um homem casado para você?

— Parar de sair sozinho, de achar que não me deve satisfações...

— Ah, entendi seu ponto de vista. Na verdade, eu não sou esse tipo de *Romeu*, não tem controle sobre mim como não tenho sobre você. Dá para a gente continuar, só temos que respeitar o espaço do outro.

— Do jeito que você propõe, não funciona para mim — retruco, me lembrando das noites dele com Jayde e Maycon suspira.

— Apesar de ser bem difícil nossa relação, eu quero te encontrar no final da tarde, Elena, quero fazer o Noah dormir, deitar ao seu lado, fazer amor com você. Quero manter nosso casamento.

Penso em seu estranho comportamento.

— Voltou a usar cocaína? — ele desvia o olhar, frustrado.

— Que porra, cara — murmura e me olha chateado. — Não suporto mais me sentir sozinho, me sentir como uma muralha. Se você entendesse que com a coca é bem mais fácil, ela te dá uma carga de êxtase tão forte, que nem se eu fosse atropelado, sentiria dor.

— Então você realmente quer voltar a usar?

— Não voltei. Continuo tentando, mas quanto mais faço isso, mais você destrói tudo que eu vejo como força.

— Não é fácil lidar com você, Maycon. Tudo que você fala soa sarcástico, falso.

— Caralho, eu sempre fui sincero com você. Que diabo é esse lance agora? Que onda é essa, Elena? Eu não sou hipócrita com você, seu problema é que está tão familiarizada com a hipocrisia, que quando alguém é sincero, essa pessoa parece hipócrita.

— Você é irônico sim, e sabe disso.

— Elena, eu não te entendo. Às vezes eu me sinto tão mau, cara, e chego com uma esperança tosca de ouvir de você as palavras que preciso para me sentir bem, mas nunca ouço. Eu nunca te prometi ser um cara perfeito, prometi fazê-la feliz. Mas sou a droga de um humano, sempre vou errar, sempre vou tomar decisões que vão contra seus ideais, porque não sou perfeito. E se você pudesse entender isso, seria bem mais fácil. Sei que eu não sou mais tão bom como era, mas sou eu mesmo e é isso que quero sempre ser. Apenas eu mesmo, sem cobranças. Não quero alguém para me questionar, quero alguém para me amar. Assim como eu te amo.

— Você vai voltar a usar cocaína? — insisto e Maycon me olha, frustrado.

— É isso que importa, não é? Você se foca tanto nisso, que acaba parecendo indiferente a mim. A tudo que eu digo.

— Maycon, eu só não quero...

— Você só não quer passar por tudo que já passou. Eu sei, já me disse mais de quinhentas vezes isso. Já decorei! — Diz, magoado.

Ficamos em silêncio e todo o clima de excitação passa.

— Me desculpe por não ser quem você gostaria que eu fosse.

— Eu nunca quis que você fosse outra pessoa, só que respeitasse o meu espaço — ele toca meu rosto. — Você é e sempre será tudo o que eu quero. Na verdade, sou quem não sou. E por mais que eu queira ser esse cara que vai te fazer feliz, não posso me anular, não posso continuar mentindo para mim. Eu amo você. Muito, muito mesmo, e... Ah esquece, Elena, acho que nossas opiniões são muito opostas, por mais que eu queira, não vamos chegar a lugar algum. É sempre isso — suspira. — Amanhã eu volto para ficar com o Noah.

Ele se levanta e antes de sair, eu o chamo.

— Maycon! Sei que não podemos refazer nossos antigos sonhos, sei que não podemos mudar o outro, porque não há sorte em dados viciados... Mas ainda acho que podemos encontrar nosso lugar, porque eu te amo, somos uma família. E como você acha que cada um tem que respeitar o espaço do outro, a partir de hoje eu também vou tomar minhas próprias decisões. Pode ser assim?

Ele respira fundo, se aproxima e me beija novamente.

— A felicidade até existe, Elena. Só temos que descobrir uma maneira de encontrá-la, eu só quero ter você para mim e ser todo seu.

Ele volta a me beijar fazendo com que eu me perca nesse beijo. Maycon é o caminho mais obscuro que trilhei na minha vida, mas a sensação de estar em seus braços me faz flutuar com os pés no chão. Em seus lábios sinto o gosto da liberdade. Ele é a minha prisão, minha perdição. Meu louco amor. Minha condenação.

Capítulo 10 - Convertendo-se

Maycon desce o beijo pela minha mandíbula, indo em direção ao meu seio. Uma parte minha diz que eu devo parar agora e deixar de ser essa Elena emotiva que ele conhece bem e sabe dominar, mas sei que se o fizer, estarei mentindo para mim mesma, e principalmente, para o meu corpo. Eu o desejo ardentemente, ele é o homem a quem eu prometi amar até que a morte nos separasse, e no momento em que eu disse “sim”, confirmei tudo aquilo que meu coração desejava, apesar de ele ser tão problemático. Contudo, ao contrário de mim, Maycon, quando disse “sim” não levou tão a sério, já que falha tanto em manter suas promessas, como se tudo pelo que passamos até hoje não tivesse importância, como se apenas os momentos ruins do nosso relacionamento que contam.

— Qual o problema? Estou tentando te excitar, mas você não está cooperando — ele murmura, me encara e vê as lágrimas descendo dos meus olhos. — Por que está chorando? Você não quer?

— Não é isso, Maycon. É que você me faz sentir uma...

Ele deita ao meu lado, respira fundo, se vira novamente e volta a me encarar. — O que eu a faço sentir? — diz calmamente, porém seu olhar sugere ironia.

— Me faz sentir uma boba — ao me ouvir, ele segura o riso, mordendo o lábio inferior. Eu odeio tanto isso. — Sabe que me tem nas mãos, por isso me magoa tanto. E agora mesmo, sei que deveria e quero me entregar ao momento, mas essas coisas ficam martelando na minha cabeça. Odeio ser fraca e não resistir a você, quando deveria fazer isso. Olhe para você, Maycon. Quer abrir mão do nosso casamento para voltar à vida de solteiro.

— Elena, eu nunca disse isso, apenas queria um tempo...

— Tempo de um dia? — ironizo. Ele suspira, frustrado.

— Não, mas a sua ausência dói mais do que a necessidade de um tempo. E qual o sentido em dar um tempo, se você não consegue me compreender e nem se esforça para isso, Elena? O tempo não vai mudar nada.

— A questão não é sobre mim e sim sobre você! — Falo um tanto rude. Maycon se mantém calmo.

— Eu sei, é sempre sobre mim, sempre sou o errado. Tudo bem, já me acostumei a isso — passa sua mão na minha cintura. — Meu anjo, sem querer contrariá-la, mas acho que esse momento não é muito justo para uma discussão — me olha com malícia. — Você está em vantagem.

— O quê? Maycon, eu... — ele me interrompe.

— Tudo bem — diz a contragosto. — Pode continuar.

— Maycon, em nenhum momento me perguntou o que eu achava sobre você ir embora, não tentou conversar — ele faz menção em interromper, mas desiste, então continuo. — Agora você vem aqui me procurar como se estivesse tudo bem e como sou uma idiota, acabo cedendo.

Ele pensa por um momento e dói ver que tudo que eu falo não faz diferença alguma para ele.

— Elena, vamos curtir o momento sem drama, por favor!

— O quê? Sempre é assim, tudo que eu falo é...

Ele não me deixa terminar e volta a me beijar, um beijo cheio de saudade e tesão. E como ele beija gostoso, sua boca é tão gostosa, seu perfume... Ah que droga! Eu não consigo nem sequer resistir, agora sei que não tem mais volta e o pior de tudo é saber que eu preciso urgentemente da minha dose de Maycon, nem que seja por um breve momento.

Ele continua seu joguinho patético, que funciona bem comigo, belisca meu mamilo por cima da camisola, o que me faz soltar um gemido em sua boca. Ele interrompe o beijo e sorri, depois desliza os lábios em meus ombros, enquanto abaixa as alças da minha camisola, deixando meus seios à mostra. Maycon os olha com adoração, confirmando que tem uma verdadeira tara por eles. Ele passa sua língua em cada um dos deles e eu sinto meu corpo entrar em combustão. Maycon continua descendo a camisola pelo meu corpo e expondo minha barriga, que ele beija, passa a língua por meu umbigo enquanto aperta meus seios. Os beijos seguem para as minhas pernas, mas agora Maycon alterna com leves chupões e mordidas e minha respiração fica ofegante. Ele tira a minha calcinha e dá um sorrisinho safado de vitória, odeio isso. Odeio mesmo! Agora que estou mais que entregue, ele começa a tirar sua roupa e quando está divinamente nu, beija minha boca novamente, só que de maneira mais calma. Ele me estimula enquanto me beija e adoro sentir seu dedo em mim, que logo em seguida é substituído pela língua, e me tortura delicadamente, com precisão. Começo a gemer de forma incontrolável com tamanho prazer que ele me proporciona e acabo chegando ao êxtase, enquanto meu corpo passa pelos efeitos do orgasmo. Maycon se levanta, se posiciona entre as minhas pernas e me penetra, não demorando muito para gozar. Exausto, ele se deita ao meu lado.

— Você é como um porre! Tão gostoso quando tomamos, mas sempre termina com uma bela ressaca — eu olho para ele, constrangida. Isso não é bem uma declaração de amor. Antes que eu responda, ele continua. — Se houvesse uma maneira de não te amar, eu já a teria encontrado, porque procurei, mas não existe. Eu te amo e sempre vou te amar. Nunca se esqueça disso.

Ele sorri e toca o meu nariz com a ponta do dedo. Essas suas declarações

insanas me deixam confusa. Ele olha em meus olhos, eu posso ver sinceridade quando diz que me ama. Sei que está dizendo a verdade, mas como podemos amar alguém e achar que é melhor viver longe dessa pessoa? Simplesmente não dá para entender esse amor que Maycon diz sentir por mim. Ao contrário dele, o meu amor, faz com que eu queria ficar com ele o todo tempo, queira dar o meu melhor.

Apesar de saber que ele esperar ouvir um “eu também te amo” não consigo dizer. Ainda estou magoada, meu coração está machucado e mesmo que o momento seja perfeito para isso, eu simplesmente não consigo. Eu sei que antes de amar o Maycon, preciso me amar primeiro. E como ele é instável e não trouxe suas coisas de volta - o que anula o fato de querer realmente ficar - não vou dizer isso, afinal, não sei quando será nossa próxima vez. Então, apenas sorrio, passo meus braços por seu pescoço e o beijo, demonstrando todo amor que sinto por ele. Ele se aproxima, sei que não foi a nossa melhor transa e sei também que tive muita culpa nisso.

Após recuperar o fôlego, ele se levanta e veste sua bermuda. Vai ao banheiro e escuto a banheira começar a encher, depois volta para o quarto, liga o som, acende um cigarro e vai para a sacada. De lá, ele sorri e pisca para mim. Está tocando reggae, nada contra, mas parece um ritual de maconheiros viajando.

— Jayde! Se estiver entre nós, dê um sinal! — Ironizo. Maycon não rebate, mas me lança um olhar de desprezo. Termina o maldito cigarro, vem até mim, me pega no colo e me carrega até a banheira. Tomar um banho de banheira ao som de reggae não é a minha praia e Maycon percebe isso.

— Aquela parte de sem cobranças vai funcionar mesmo? — ele sussurra no meu ouvido e logo morde minha orelha.

— Com certeza — sorrio. — Quem te deu esse CD?

— Jayde.

— Está explicado!

— Qual é? É legal!

— Muito! — Bufo.

— Vai fazer drama pelo CD, também?

— Não, não faço mais drama nem pelo CD, nem por você. Vamos jogar conforme as suas regras e ver aonde vai dar!

Então me viro de frente para ele, e me sento em seu colo, com uma perna de cada lado. Ele começa a me beijar e eu adoro essa sensação de bem-estar. Apesar de nada realmente estar bem. Ele para o beijo e joga a cabeça para trás, como se estivesse apreciando o momento. Ele está de um jeito estranho hoje, diferente, mas não consigo identificar o que seria. Me encarando, ele encosta seus lábios nos meus e se afasta, logo em seguida segura as minhas pernas, me fazendo

encaixar perfeitamente nele. Maycon me penetra, me levando à loucura quase que imediatamente. Nossos gemidos ecoam pelo banheiro, nossos olhares estão presos no do outro, nossas respirações ofegantes, enquanto nossos corpos se chocam. Eu o puxo para mais um beijo e assim ficamos até chegarmos ao ápice do prazer. Maycon derrama tudo de si dentro de mim, depois apoia a cabeça no meio dos meus seios e me abraça.

Ficamos em silêncio, apenas recuperando o fôlego. Assim que conseguimos nos acalmar, ele me ensaboa e delicadamente joga água no meu rosto. Depois que terminamos o banho, ele se levanta e me pega no colo, me tirando da banheira e entregando uma toalha. Voltamos ao quarto, ele se joga na cama e eu me deito ao seu lado e nos cubro. Fico deitada de frente para ele, que me abraça e logo percebo que dormiu. Começo a passar a mão em seu cabelo e a pensar em tudo. Penso no que será do meu casamento daqui para frente e sei que chegou o momento de pensar em mim mesma, já que Maycon está pensando apenas nele, então eu devo pensar no melhor para o meu filho e eu. Desligo o som e escuto o choro de Noah, então vou ao seu quarto e assim que me vê, ele estende os braços.

— *Dorme comigo, mama?* — ele pede, com manha. Eu o pego no colo e o embalo até que ele dorme novamente, então o coloco na cama, saindo silenciosamente logo em seguida

Volto ao meu quarto e vejo que Maycon ainda está dormindo. Eu me sento ao seu lado e observo cada detalhe do seu rosto, que é tão parecido com Isaac.

Você tem a fórmula da minha felicidade, Maycon, e eu realmente queria significar tudo para você. Queria ser o seu tudo, como é você é para mim... Mas não sou e como para você não existe meio-termo... Vai ser sempre assim, não vai? Ou você tem razão ou eu. Ou você escolhe ou eu escolho. E quando não faço a sua vontade, você sente que está perdendo o jogo, que há buracos em seu plano louco. Eu só não sei qual plano, não sei o que falta em você e é exatamente por isso que estamos nesse impasse. Você joga e há muito tempo decidi jogar sozinho, ainda que eu tenha acreditado que estava do meu lado. Mas ontem me mostrou que não está e foi exatamente nesse momento que eu vi minha felicidade escorregar da sua mão.

Permaneço me questionando qual o melhor caminho e com esses pensamentos eu adormeço abraçada ao homem que tanto amo, com mais incertezas do que gostaria.

A semana segue entre sexo, beijos, mas pouco conversamos. Maycon se mantém atento a Noah, às vezes fala do trabalho, apenas um caso engraçado ou preocupante sobre algum paciente. Como combinei com Jennifer, apronto tudo

para iniciar na clínica, ainda que seja na área administrativa, mas já é um começo. Na sexta, falo com Maycon sobre o trabalho e sobre colocar Noah na pré-escola sem lhe contar que Noah já fez o teste essa semana e se saiu bem, o que me aliviou e muito. Ele não aceita tão bem a notícia, mas apenas diz que a vida é minha e que tenho direito de fazer escolhas, frisando que ele fará as dele. Sei que isso é uma chantagem, é o típico aviso, mas estou tão feliz com essa nova fase que pouco me importo com suas indiretas.

Nosso fim de semana passa com ele me ignorando totalmente e começo a perceber a infantilidade que Jeniffer tanto diz ver nele. No domingo, contei a ela sobre sua atitude infantil e depois de rir muito, ela diz que isso vai passar, porque Isaac também é assim. Eu me surpreendi ao ouvir isso, e no fim, achei graça também. Realmente o ditado tem razão. Tal pai, tal filho.

A segunda-feira chega e Maycon foi mais cedo. Sei que não irá facilitar para mim, mas deixou Noah pronto para o colégio, o que querendo ou não já é uma ajuda. Depois de me arrumar, no caminho para clínica, deixo Noah na escola. Ao chegar, dou de cara com Katherine saindo do seu carro. Ela está com um vestido tomara que caia preto e cabelo solto e assim como eu, ela tem o cabelo liso, porém escuro, e isso realça sua pele clara e olhos azuis. Katherine tem o corpo malhado, ela não é estilo Jayde, na verdade, é bem sofisticada. Eu a vejo entrar a passos largos e com a pressa ela não me vê, então sigo logo atrás. Ela dá apenas um bom-dia para a recepcionista e corre pelo corredor. Eu paro, me apresento e digo que Jennifer já me espera, então ela me indica a sua sala.

Sigo na direção indicada e ao passar pelo corredor, vejo uma porta entreaberta e escuto a voz do Maycon. Paro imediatamente, prestando atenção no que ele diz.

— Bonito, hein, doutora Katherine, chegando atrasada.

— Ninguém percebeu a não ser você. O que sugere que fica me vigiando.

Escuto sua risada um tanto sexy.

— Na verdade, você acaba de entrar na minha sala, ofegante, com bolsa e sem jaleco, o que me faz deduzir que acabou de chegar... Ou então estava fazendo outra coisa — conclui sua frase maliciosa.

— Sem gracinha, Maycon. Vim apenas pedir um jaleco emprestado, esqueci o meu. E preciso antes que alguém me veja.

Maycon dá uma risada.

— Por que acha que vou fazer um favor para você?

— Porque eu o aturo você, sou a única que faz companhia no almoço e finjo entendê-lo. Coisa que nem sua mulher faz! — Ela enfatiza, debochando.

— E o que você faria se estive no lugar dela? — Maycon pergunta e levo um

choque. Estou em choque. Escuto Katherine suspirar, parece surpresa pela pergunta também.

— Depende do que você iria querer comigo, seria só falar — ela diz, sugestiva.

Estou explodindo de raiva, mas não vou dar esse gostinho a Maycon de presenciar uma crise de ciúme. Respiro fundo e tento me controlar.

— Sério? Nossa! Que interessante, não tinha percebido que eu estava no controle, não ainda. Na verdade, eu achava que toda essa atenção era apenas por interesse — ele retruca com ironia.

— E qual seria esse interesse? — ela pergunta pausadamente e noto como ela é descarada.

— O interesse é seu, o que faz apenas você ter a resposta! — Dou alguns passos em direção à sala e vejo Maycon sentado, atento ao computador, sua mesa é próxima à porta. Ele parece verificar resultados de exames e Katherine está a sua frente, sentada na cadeira do paciente, brincando com uma caneta.

— Eu sei que você gosta de mim, Maycon. Então me empresta logo antes que eu tenha que o persuadir a fazer isso.

Maycon sorri e eu o vejo tirar seu jaleco e entregar para Katherine. Eles conversam com uma intimidade que me deixa enciumada, enquanto eu e ele mal conversamos.

— A putinha do meu pai está aqui, se vir que chegou atrasada, vai te dar um sermão. Então seja rápida.

Ela veste o Jaleco e fecha cada botão fazendo charme. Odeio esse ciúme idiota. Katherine termina, se vira e pega a bolsa.

— Gostei do seu perfume — sorri, se virando novamente para Maycon.

— Acho que não é só do perfume que você gosta — ele diz sarcástico e antes que ela saia, sigo meu caminho com um nó na garganta.

Passo por mais portas, algumas abertas, outras não. É terrível ter seu casamento em crise e saber que ainda por cima tem uma biscate dando de cima do seu marido. Viro o corredor, chego à porta da sala da Jeniffer, é distante dos consultórios e antes que eu bata, me surpreendo com ela abrindo.

— Elena — Jeniffer me abraça, sorridente.

Isaac, que está atrás, me cumprimenta, se vira para Jeniffer e se despedem rapidamente com um selinho, então ele se vira novamente para mim, me deseja boa sorte no primeiro dia e sai. Entro na sala com Jeniffer e finjo não estar magoada.

Iniciamos uma conversa distraída e ela me explica o trabalho. Volta e meia se lembra de como era trabalhar no laboratório com o marido, que na época não era seu marido, mas gosto de escutá-la. O serviço em si não é complicado e o salário

é alto, na verdade, é incompatível com o cargo, então sei que tem uma cortesia nisso. A manhã segue e Jeniffer me diz que todos almoçam no restaurante em frente à clínica. No horário, seguimos para ele e quando passamos pela recepção, vejo Maycon em frente à clínica, fumando. Assim que me vê, ele se aproxima e tenho vontade de estapeá-lo, mas me contenho.

— Quer almoçar comigo? — ele pergunta, ignorando a presença da Jeniffer. Na realidade, os dois se ignoram.

— Maycon, eu vou almoçar com Jeniffer, mas se quiser nos acompanhar... — ele me corta.

— Obrigado, mas eu ainda conservo um cérebro e ele tem capacidade de armazenar lembranças — ele diz, rude e sai sem me deixar terminar.

Quando entramos no restaurante eu o vejo almoçar com outros médicos. Katherine está entre eles e ao nos ver, ela sorri. Não conto a Jeniffer sobre o ocorrido, ela é barraqueira e quero evitar discussões ao máximo. No período da tarde, ela me apresenta a cada membro da equipe e todos são muito simpáticos, a única sala que ela evita é a do Maycon. Quando entramos na sala de Katherine, não vejo nenhum sinal de arrependimento ou vergonha por estar na minha frente, ela conversa normalmente. É uma descarada, e Maycon também é por dar atenção.

A semana segue e meu coração acelera cada vez que encontro com Katherine saindo da sala do Maycon. Mil coisas passam pela minha cabeça e me esforço para ignorá-las, mas tenho ciúme em vê-los juntos. É sempre assim e para disfarçar, ele sempre me beija quando me vê, e eu acabo entrando no seu jogo. E em casa o sexo é intenso. Engraçado, quando estamos com raiva, o sexo sempre é intenso, acho que aumenta o desejo. Talvez eu seja idiota, porque aceito fazer sexo com ele e na clínica presencio as brincadeiras entre ele e Katherine. Mas sabe aquela parte que quer provar que isso não te atinge? Eu quero me mostrar mais forte e está funcionando. Maycon percebeu essa mudança, ainda que também finja não se importar. Na sexta, Katherine nos convida para uma festa em seu apartamento, que será no sábado à noite. Ela se aproxima justamente no momento em que Maycon está ao meu lado, o que sugere que ela pouco se intimida com a minha presença. E eu acabo aceitando o convite, o que deixa Maycon surpreso, mas não fala nada.

Dizer que a Elena boba ainda não está aqui, é mentira, ela está e geralmente toda essa dor me faz desmoronar nas madrugadas. Foi uma semana difícil, Noah se adaptando à escola, eu, me adaptando ao trabalho e Maycon fingindo não se

importar comigo. Contudo não vou negar que ele me ajuda muito com Noah, inclusive revezamos para levá-lo e buscá-lo. Na frente dele, nós mantemos a normalidade familiar a qual está acostumado e isso faz com que ele não perceba a tensão entre seu pai e eu. Está difícil, muito, mas como Jeniffer disse, uma hora vai passar e toda essa dor vai ter fim e quando isso finalmente acontecer, talvez eu esteja curada do meu vício, cujo nome é Maycon Sebastian.

Capítulo 11 - Assimetria da felicidade

Devido ao cansaço da escola, Noah dorme cedo e assim que eu o coloco na cama em seu quarto, Maycon entra e o beija. Saio antes dele e toda essa situação fica martelando na minha cabeça.

Entro para o banho pensando o porquê de ele não comentar nada a respeito da tal festa. Depois de um bom tempo debaixo do chuveiro, lágrimas se misturam com as gotas de água. Do banheiro, consigo escutar que ele está ao telefone. O amor é assim, quando machuca, sempre um lado sofre mais. Não sei, parece que estamos empurrando com a barriga, insistindo em algo que já deu. Mas é meu casamento, não quero que acabe. Porém não entendo, se nos amamos, por que estamos agindo assim?

Eu o escuto dando gargalhadas e é estranho. Ele ri e eu choro, não vi Maycon sequer abatido com toda essa situação. O tempo passa, mas só me dou conta quando escuto sua voz me chamando.

— Elena, está tudo bem? — ele bate à porta.

— Está — respondo.

Desligo o chuveiro, me enxugo, coloco meu roupão e vou ao closet, me deparando com suas coisas no lugar. Apesar de ter tantas roupas, quando ele saiu de casa, eu senti falta de tudo que ele levou, na verdade, senti sua falta, as roupas faltando só confirmavam sua ausência. Maycon já está deitado, mexendo no telefone.

Assim que me deito, ele coloca o aparelho no criado e me abraça. Ficamos imóveis e apenas o som das nossas respirações é ouvido. Isso é deprimente.

— Você não jantou — diz calmamente.

— Estou sem fome.

Voltamos ao nosso silêncio melancólico. Me faltam palavras, não que não tivemos problemas antes, porque na verdade, nosso casamento sempre teve seus altos e baixos. Conviver com Maycon é isso, ele é assim, complicado demais, ora se abre, ora se reprime.

— Elena? — me chama e eu me viro para olhar para ele.

— Oi...

— Por que quer ir à festa da Katherine? Nem vejo vocês conversando — diz, fingindo desinteresse.

Então ele começa a passar a mão no meu cabelo e isso parece tão forçado. Eu odeio esse teatro. Maycon é descarado, me olha como se não fizesse nada de errado, como se essa relação com Katherine fosse algo aceitável e o pior que eu

tenho certeza que ele quer ir sozinho. Não penso muito, estou para sair da minha zona de “não tenho ciúme” e pouco me importo agora com isso.

— Por que não? Vocês são tão amigos, não pode perder! — Ironizo.

— Nós somos? — ele debocha.

— Ou isso, ou amantes! — Bufo.

Ele me olha com ar superioridade e parece não acreditar no que ouviu, então sei que vem sarcasmo por aí.

— Isso é sério? Que porra é essa? — diz, sem alterar a voz.

— Me diz você, que “porra” é essa entre vocês, Maycon? — pergunto, irritada. Eu quero manter o controle, mas acho que já o perdi.

— Não sei. Você quem sugeriu, deve ter a resposta.

— Acha que eu sou idiota? Acha que não vejo como vocês se olham?

— O quê? Como eu olho para ela? Agora estou curioso — dá um sorriso torto.

— Suas conversas sempre são com duplo sentido, fora as brincadeiras idiotas. Qual seu problema? É tão difícil assim se comportar como homem casado? — grito, já me sentando.

Ele continua deitado, com a cabeça apoiada no braço e sei que ele adora me ver irritada, mas não consigo me controlar.

— O que é se comportar como homem casado para você? Acho que perdi o manual — debocha.

— Não existe um manual, mas tenho certeza que é o oposto do seu comportamento.

— Ah! Isso com certeza, afinal, eu não acerto porra nenhuma mesmo!

— Pare de se fazer de vítima, de agir como um moleque e passe a ser homem — deixo as palavras saírem e Maycon se levanta, irritado.

— Já reparou que nada que eu faço está bom para você? Sinceramente, às vezes você é tão ignorante, parece que seu cérebro não funciona.

— O quê? Eu que sou? Só por que falo a verdade? Realmente eu devo ser mesmo para querer manter um casamento com você! Um cara que só pensa em si mesmo!

— Ah, vá para o inferno, garota! — respira fundo. — Elena, pare e pense um pouco. Eu fiquei naquela porra de clínica...

Eu o corto.

— Tempo desperdiçado, porque não adiantou nada — ironizo.

— Foda-se se acha que não adiantou, ainda assim, se quisesse comer a Katherine, já teria feito, pode ter certeza. Sabe, olha para você, é tão arrogante. Esqueceu que com Keven você agia bem pior e o viciado tinha que aceitar, né! Agora o jogo inverteu e você se faz de vítima.

— Não era assim!

— Não era mesmo, não houve beijos entre eu e Katherine, não dividimos a mesma cama e ela nunca encostou em mim. Realmente, você tem razão, está longe de ser a mesma coisa.

— Agora é diferente, Maycon, somos casados.

— Diferente porra nenhuma. Compromisso é compromisso, e que eu saiba, no contexto da palavra não há definições que indiquem valores devido ao status. Então faça uma pesquisa antes de questionar, porque ter que ficar explicando para alguém com curso superior o que significa compromisso, é meio foda!

— Cala a boca! Você está me ofendendo — aponto o dedo para ele.

— Ah! Perdoe-me, princesinha, é só você que pode ofender, né? — satiriza.

— Você é tão, tão... — desabo a chorar e ele se afasta.

— Pare com isso! Nem tudo se resolve com lágrimas — diminui o tom.

— Não sabe nem pedir desculpa e como sempre, acha que tem razão — revido, Maycon abaixa a cabeça e respira fundo.

— Tudo bem, esquece essa merda...

— Não, pelo contrário. Eu tenho que parar de esquecer quando você me magoa, passar a me valorizar e...

— Elena, me magoa o fato de falar como eu “olho” para Katherine, ela não faz diferença, é apenas uma boa companhia. E se soubesse a maneira como eu olho para você, não se sentiria insegura ou fantasiaria merda.

— Odeio esse palavreado sujo...

— Eu sei, estou tentando parar e já diminuí muito... Mas acho que você está cega a qualquer mudança minha — força um sorriso.

Não respondo.

— Olha, eu amo você.

— Pare, Maycon. Quem quer enganar? Isso não cola mais comigo.

— Eu amo sim, mas sei lá, cara, nós nunca estamos bem, percebe? Por mais que eu tente, que a gente tente, parece que tudo é em vão. Elena, eu não sei como fazê-la feliz, não sei como podemos ser felizes, somos tão diferentes, pensamos tão diferente. E por mais que eu queira, por mais que você me faça querer colocar um fim... — ele suspira. — Eu não consigo, não sei viver sem tê-la ao meu lado. É foda, por mais que eu queira ficar, chega um momento que temos que pôr um fim. Eu não quero, mas isso está ficando cada vez pior. Só que mesmo em horas como essa, eu durmo te odiando e sempre acordo te amando. Não sei, sério, me diz como eu posso te fazer feliz sem ter que anular quem eu sou?

— Não é você, são as suas atitudes...

— Elena, raciocine comigo — diz, impaciente. — Jura que se eu ficasse com ela, seríamos assim na sua frente? Por favor, pense um pouco!

— Ainda assim, homem casado não se comporta desse jeito! — Enxugo as lágrimas. Ele se aproxima e me abraça.

— O que você quer que eu faça?

— Não sei, Maycon.

Maycon continua me abraçando e dessa vez eu correspondo. Penso na Katherine elogiando seu perfume e fico mais magoada, com raiva e tentando me fazer de forte. E ainda assim, continuo em seus braços.

— Não quero fazer amor com você — sussurro. Na verdade, eu não quero que ele tente, porque se tentar, sei que vou ceder.

— Abraço virou sexo, agora?

— Pare com isso, só hoje, por favor.

— Qual é? É só um abraço, no momento estou precisando dele mais que você! — Sussurra. — Eu te amo, e ainda que parte de mim ache que já deu, quero continuar tentando por nós, pelo Noah. É só uma fase, vai passar e vamos ficar bem.

Durmo feito uma pedra e quando acordo me deparo com uma bandeja de café ao meu lado. Chocolate, torradas, geleia, iogurte e frutas. Tem até um bilhete com um pedido de desculpas. Sorrio. Desejo mesmo que seja apenas uma fase e quero que ela passe logo. Após o almoço, Maycon leva Noah à casa de Emily e fica a tarde toda. E isso me dá tempo para pensar se realmente vou a essa festa. No fim das contas, mantenho minha decisão de ir, então escolho um vestido preto justo, sandálias de salto e cabelo solto. Às oito, tomo banho e quando saio Maycon já está de volta. Como combinado, ele deixou Noah com sua mãe.

— Ele chorou? — pergunto ainda enrolada na toalha.

— Não! Acabou dormindo — ele se joga na cama e parece cansado.

Finjo desdém e continuo a me arrumar. Quando vê que não vou ceder, se levanta e vai para o banho. Eu me olho quase pronta no espelho, capricho na maquiagem e coloco brincos combinando, o perfume preferido do Maycon e algumas pulseiras. Quando ele sai, sorri ao me ver, então me agarra.

— Está tão linda, por que não curtimos a noite em outro lugar?

— Podemos ir à festa e depois a outro lugar — sugiro calmamente, sorrindo, mas odeio essa insistência dele em não ir.

A contragosto ele se arruma e fica lindo! Ele sempre fica perfeito e tem seu estilo que acho um charme, calça jeans escura, blusa branca e tênis.

Quando termina, ele me lança um beijinho olhando pelo espelho e isso me faz sorrir. Antes de sairmos, ele me beija novamente, mas antes que possa continuar, me afasto, então descemos e seguimos para a festa.

Maycon segue entre sorrisos e eu correspondo sem entender o que eles de fato querem dizer. Os minutos passam, ele estaciona em frente a um prédio próximo

ao centro, depois desce e abre a porta para mim. Toca o interfone e em dois minutos o portão se abre. Tento ignorar o fato de ele saber o endereço e até mesmo o número do apartamento dela. Entramos na recepção formal, porém elegante.

Seguimos de elevador até o sétimo andar e Maycon para em frente ao número 701, toca a campainha e antes que alguém atenda, ele me segura pelo braço.

— Antes de colocar coisas na cabeça, eu pedi o endereço ontem.

— Por que está me dizendo isso? — tento parecer indiferente.

— Porque sei que seu cérebro é projetado para pensar mal a meu respeito.

Antes que eu responda, a porta se abre e surge uma Katherine, sexy, linda e com um belo decote.

— Oi, achei que vocês não viriam — ela diz com uma voz estranha e meio que gritando, já que a música está alta. — Acho que estou gritando! Desculpe, entrem e fiquem à vontade!

Ela abre mais a porta e nos dá passagem. Música animada, decoração exótica, sala preparada para os convidados, que em sua maioria está espalhado, bebendo e outros dançando. Parece legal, pelo menos, parece.

Entramos e não consigo parar de olhar para o vestido provocante da Katherine. Realmente tem um corpo feito para o pecado. Maycon fecha a porta, reconheço algumas pessoas da clínica, Dr. Derek, Dr. Enzo e Dra. Graziela estão à mesa, então nos juntamos a eles. Nós cumprimentamos todos e Katherine nos serve uísque. Derek sorri para mim e eu correspondo timidamente. Provavelmente, ele tem uns trinta anos, sei disso porque Jeniffer vive falando dele, acho que se tornaram amigos. Ele é charmoso, um excelente médico e bem interessante.

Mas antes de continuar com meus pensamentos a respeito dele, me concentro em Maycon. Ele está tomando seu uísque e Katherine senta entre ele e Derek, Enzo e Graziela também são casados e estão com seus cônjuges. A conversa gira em torno de medicina e é óbvio que Maycon não se interessa em se socializar, nem sequer opina. Quando eu olho para ele, reparo que está me encarando, não só ele, mas vejo que alguns na mesa nos olham desconfiados.

— Maycon, desculpe a pergunta, mas para um médico recém-formado, você se sai muito bem! Quanto tempo cursou? — Derek educadamente tenta envolvê-lo na conversa.

Maycon dá um sorriso torto.

— O suficiente para conseguir um diploma — ele fala, já dispensando a cortesia e me deixando sem graça.

Todos sorriem e Graziela inicia um assunto sobre psicologia e como Katherine está bêbada, o assunto acaba sendo esquecido. Vez ou outra Maycon olha para o

telefone.

— Estudou quanto tempo, Dr. Derek? — pergunto, um tanto tímida.

— Primeiramente é Derek, segundo, poderia usar a mesma resposta do seu esposo, mas não vou ser sucinto — ele me dá um sorriso encantador e Maycon apenas o fita, atento. — Seis anos de medicina, mais dois anos de psiquiatria. Por isso a curiosidade em relação ao Maycon. Ele me parece bem novo.

— Digamos que eu pulei algumas partes, se é que me entende! — Maycon sorri e todos ficam boquiabertos, não acredito no que ouvi. — Mas se quer fazer um teste para averiguar se estou preparado, aguardo perguntas — diz com arrogância.

Derek sorri.

— Não questionaria o filho de quem paga o meu salário, isso seria burrice — ele retruca e Maycon gargalha ao ouvir isso.

— Não se atenha a isso, sou menos que vocês. Apenas mais um que pode ser substituído e estou para ser, caso não desempenhe a função apregoada pelos superiores.

— Já ouvi muito a seu respeito, sua arrogância e prepotência o precedem, mas ao invés de lhe atribuir isso a sua personalidade, prefiro crer que seja imaturidade.

— Você não viu nada! Eu já até desisti de analisá-lo! — Katherine opina, sorrindo.

— Na verdade, é personalidade mesmo, Dr. Derek, mas há de convir que geralmente pessoas interessantes têm fama que as precedem.

— Todos possuem algum tipo de fama, Maycon, sejam boas ou más. Isso nada tem a ver com ser interessante ou não. Acho que deve começar a rever seus conceitos.

Ele provoca, sorrindo e gosto de ouvir Maycon ser contrariado.

— Se você se considera propício a dar conselhos, nada contra, mas faça com quem precise deles ou ao menos se interesse, porque a mim, pouco importa sua opinião.

— Não me entenda mal, não quis te aconselhar, e pelo que vejo, você seria a pior pessoa a aceitar um conselho. Visto que seu comportamento é típico de alguém que tem a si mesmo como superior.

— Não me acho superior — sorri. — Sou algo além, nem acima, nem abaixo. Mas digamos que eu aceite seus conselhos, de que me adiantaria se eles nada mais são do que sua opinião exposta em palavras? E ainda que pessoas se reclinem a admirá-las, está longe de me impressionar — sorri. — Um dia me disseram que o tempo é irrefutável, por isso devemos gastar com pessoas que nos acrescenta e se você estiver disposto a falar sobre casos interessantes da

medicina e assuntos dos quais especialistas sempre debatem em teses, teria meu interesse. Mas de assuntos supérfluos de pessoas que acham que ter um diploma as tornam dignas, dispensio. Já basta o que sou obrigado a escutar de muitos e vai por mim, o povo fala demais! Agora se me dão licença, vou encher meus pulmões de nicotina.

Ele se levanta e sai, me deixando muito sem graça, mas Katherine dispara a rir e acabo acompanhando para disfarçar.

— Derek, você é muito inteligente, mas o Maycon é um caso perdido, não adianta insistir — Katherine diz, sorrindo. Então se vira para mim. — Não vai atrás dele? — ela pergunta, sussurrando.

— Acho que no momento ele precisa de uma amiga — finjo um sorriso. — Então não se acanhe, pode ir, sei que quer.

Katherine fica sem graça, pede licença, se levanta e sai. Graziela também sai com o marido e Enzo e sua esposa conversam entre eles.

Evito olhar para Derek e estou envergonhada, mas ele se aproxima e senta ao meu lado.

— Ele é sempre assim? — questiona educadamente.

Sorriso.

— Na maioria das vezes, mas geralmente seus discursos são acompanhados de palavrões.

Ambos rimos.

— Sei que é formada em psicologia, por que não atua na área?

— É uma longa história, tivemos um bebê e devido à maternidade... Você sabe.

— Tenho te observado na clínica e desculpe a franqueza, mas vocês não parecem um típico casal — ele não conclui, mas não sou idiota, sei o que quer dizer.

— Maycon é uma pessoa maravilhosa, só estamos em uma fase complicada.

— Pode se dizer que o conheço, seu pai já havia me alertado sobre seu gênio. Ainda assim, eu o acho um excelente profissional, direto e centrado.

— Você o conhece de onde?

— Isaac e eu somos amigos há um tempo.

— Então você sabe de tudo? — pergunto, sem jeito.

— Tudo não, sei apenas do drama que foi para tentar tirá-lo das drogas — suspiro. — Elena, se não gosta de falar sobre o assunto, dou por finalizado.

— Por mim, sem problemas — digo e ele continua.

— Ele realmente parou?

— Sinceramente, eu prefiro não procurar saber, chega um ponto que... — dou um longo suspiro, segurando as lágrimas. Derek me entrega seu lenço e eu

aceito.

— Maycon é imaturo, apesar de conhecer apenas uma parte da história, imagino que deva ser bem complicado para você. Lidar com dependentes em recuperação nunca é fácil.

— Considerando que nada na vida é fácil, acho que dá para relevar.

— Por que não atua na área? Tenho certeza que será uma ótima profissional.

— Obrigada, mas como tem certeza?

— Jeniffer também fala muito a seu respeito...

— Através dela que formou sua opinião sobre Maycon?

— Conheci Isaac, depois ela. Através dele soube do Maycon.

— Verdade, você já havia dito isso. Desculpe-me.

— E Emily, como vai? — ele muda de assunto ao ver que não estou confortável.

— Bem, está com o meu filho hoje.

— Que bom, será que posso me atrever a dar um conselho?

— Gosta de aconselhar? — brinco.

— Bom, tenho trinta e oito anos, acho que posso te aconselhar!

Escutá-lo me faz sorrir, julgava no máximo uns trinta.

— Fique à vontade, então!

— Aprender a se colocar em primeiro lugar não é egoísmo, nem orgulho. É amor-próprio. E isso, às vezes, é necessário para a sobrevivência. Por favor, não pense que isso é sobre seu casamento, porque eu pouco sei a respeito e nem me importo, sendo sincero. Contudo sei ler olhares e o seu está me contando coisas que não posso menosprezar — ele diz, olhando em meus olhos. Eu fico corada e não sei o que responder. — Não quero que se sinta constrangida, mas precisa aprender que a única pessoa que deve valorizar e querer fazer feliz é a você mesma. Quando isso acontece, tudo passa a se encaixar! Por isso, não espere mudanças de quem não acredita que deve mudar por uma mulher.

— Todos os homens acham que não devem mudar por uma mulher.

— Garotos pensam assim, homens pensam como eu e se você tem essa opinião, devo ressaltar que se envolveu apenas com garotos e não com um homem de verdade. E afirmo isso, porque sei que mulheres como você fazem qualquer homem de verdade mudar! Precisa apenas saber se valorizar — sorri, galanteador.

— Nossa! Estou sem palavras.

— Não fique! Seu marido está vindo e acho melhor eu me afastar, afinal, ele não é tão receptivo e me vendo conversar com sua linda esposa, será menos ainda. Ah! Uma última notícia, chamaria de fofoca, mas já que temos uma amiga em comum, podemos chegar a esse ponto — ele sorri. — Jeniffer está grávida,

um menino! Agora com licença, Dra. Elena, dançarei com Katherine! Até uma próxima, tenha uma ótima noite! — Ele se levanta e suas palavras me deixam sem chão.

Quando Maycon se senta ao meu lado, Derek já está longe. Ele me abraça e beija meu pescoço.

— Já quer ir para outro lugar? — pergunta.

Eu olho em seus olhos, me perguntando qual será sua reação ao saber que terá outro irmão.

— Vamos! — Respondo. Ele se levanta rapidamente, segura em minha mão e nos despedimos de todos. Katherine insiste para ficarmos mais, porém não o fazemos. Fico olhando Maycon durante nosso trajeto, me perguntando se devo ou não contar aquilo para ele.

Capítulo 12 - Pretexto

— Tem visto seu pai? — pergunto, escondendo o receio. Maycon me olha de relance.

— Às vezes, por quê?

— Nada, vocês parecem distantes.

Ele desvia o olhar, está pensativo, talvez já saiba da gravidez. Não tenho certeza.

— Elena — respira fundo, quebrando o silêncio. — Se em algum momento você se sentir como se fosse nada, quero que saiba que é muito mais do que eu mereço — olha em meus olhos. — Você é perfeita para mim. E eu amo você e o Noah mais que tudo.

Fico em silêncio, não sei o que responder. Não consigo entender o porquê dessa declaração e seu olhar não me permite decifrá-lo. Ele é muito bipolar.

— Seu pai... — volto a tocar no assunto, mas Maycon me interrompe.

— Não quero falar sobre meu pai ou a família dele, ou minha mãe, apenas sobre nós — diz calmamente e agora entendo o porquê da declaração, acho que ele sabe.

Depois disso, nada é dito até chegarmos ao nosso apartamento. Ele abre a porta e sobe para o quarto com passos largos e só então penso que ele e Katherine sumiram por um bom tempo, o mesmo tempo em que fiquei conversando com Dr. Derek. Respiro fundo e espero uns minutos. Não quero começar outra briga, não hoje, não agora. Vou ao bar e tomo duas doses de tequila, depois subo para o quarto e quando entro, ele já está deitado. Troco de roupa, escovo os dentes e me deito. Assim que faço isso, ele me abraça forte, me fazendo sentir seu corpo nu. Sua respiração está calma, mas há algo estranho. Seus olhos, não sei. Sinto isso. Uma inquietação.

— Elena, eu sei que já segui o caminho errado, uma ou duas vezes, mas...

— Uma ou duas vezes? — pergunto com sarcasmo e Maycon dá um sorriso.

— Umas cinco ou seis, confesso. Mas sabe que eu te amo, não sabe?

— Por que isso agora, Maycon?

— Só quero que tenha certeza que estou tentando encontrar a saída, estou tentando chegar a um ponto que seja aceitável para ambos — ele me beija e eu correspondo. — Eu sou complicado, mas chegamos até aqui — sorri. — Temos o Noah e tudo isso é quase um milagre.

Penso em contradizê-lo, mas Maycon continua.

— Eu sei que temos motivos para seguir cada um o seu caminho, mas se ainda

não o fizemos é porque no fundo sabemos que precisamos um do outro para ficar bem, para se sentir bem. Eu preciso de você — ele me beija. — É tão linda, meu anjo! Tão minha e eu também sou tão seu, sempre e por completo — sorri e eu observo seu rosto, seus olhos, seus lábios.

Os mesmos lábios que me matam e arrancam lágrimas, me trazem vida. Sinto desejo, quero ser dele e tem que ser agora. Toco seu rosto e me aproximo, beijando com tanto desejo e amor. Isso não significa que estou bem, que estamos bem, significa que algumas vezes os sentimentos falam mais alto que qualquer dúvida ou desavença. E no momento, estou abandonando a razão e escutando meu coração. E quando o beijo se torna intenso e estou quase explodindo de desejo, Maycon se afasta bruscamente, e isso me faz abrir os olhos, confusa. Ele se vira, respira fundo, passa as mãos pelo cabelo e parece frustrado. Assustado, abre levemente a boca como se fosse falar algo, mas se detém. E antes que o questione, ele volta a me beijar, a princípio parece forçado, mas se torna intenso e em um momento ele está por cima, em outro trocamos as posições. É uma loucura e eu amo essa loucura.

— Você me ama, não ama? — ele pergunta entre suspiros.

Não respondo, ele insiste.

— Elena, diga que me ama, por favor!

— O amor nem sempre pode ser expresso em palavras, ele se traduz em gestos e atitudes. E as minhas já se declararam diversas vezes para você.

— Diga que me ama. Não estou pedindo, estou implorando!

— Eu te amo como sempre amei!

Ao me escutar, vejo sua expressão mudar. Ele volta a me beijar com desejo e nesse momento esqueço até de mim. Suas mãos passeiam pelo meu corpo, assim como as minhas no dele. Senti-lo, amá-lo, ser dele... Por alguns segundos de amor, eu esqueço toda dor e passo apenas a me entregar.

— Às vezes você é tão má comigo, quando fala e pensa apenas em você, ignorando tudo que eu fiz por nós, tudo o que passe — ele sussurra.

— Não se faça de vítima — sussurro.

— Amor, se você silenciar essas vozes na sua cabeça, se ignorar isso, vai ver que a felicidade está ao nosso alcance. Só precisamos deixar as diferenças de lado e nos aceitar como somos, sem dar atenção a opinião de outras pessoas. Isso só nos atrapalha.

Não consigo entender o que ele quer dizer ou onde quer chegar, Maycon nunca tocou nesse assunto na hora do sexo, nem evitou palavrões como agora está fazendo.

— É tão complicado — respondo, mas ele inicia outro beijo.

— Eu jurei que seria para sempre e apesar de não cumprir muitas promessas,

essa foi pela minha vida. Eu prometo que vai ser para sempre, Elena, não vou deixar ninguém, nem mesmo você, nos separar. Te amo, meu anjo. Muito.

Ele sussurra e eu começo a tomar minha dose alta de Maycon nas veias. Continuamos nos beijando como se fosse mais necessário que o ar. Estou entregue, excitada e o querendo mais que tudo, desejando ser dele de todas as maneiras. Maycon continua me viciando, tirando minha sanidade. A intensidade dos seus beijos me leva aos céus. Ele sempre foi bom nisso, na arte de me fazer esquecer meus motivos, minhas mágoas, esquecer-me de toda dor. Ainda que seja forte, ela desaparece no momento que ele me toca, Maycon tem controle sobre mim. E odeio isso, porque ainda que não demostre, essa verdade está bem viva em mim. Ele é altamente viciante, e no fim, todo vício leva ao arrependimento, e sei que o amanhã me trará isso.

Também sei que apesar de não dizer, Maycon sabe que não estou totalmente segura sobre nós. A forma como ele me olha deixa transparecer que a qualquer momento ele pode se afastar de mim, mas é mais forte do que eu. Eu não consigo nem sequer me enganar, apesar de toda a dor que ele me causou desde que nos conhecemos, eu não consegui resistir a esse imã.

— *And I will love you baby always (e eu te amarei, querida, sempre)* — Maycon sussurra *Always do Bon Jovi*, enquanto dá leves mordidinhas no lóbulo da minha orelha. Sua linda voz sempre me encantou, mas ele cantando especialmente para mim, faz com que todo o meu corpo se arrepie. Ele desce o beijo para o meu pescoço e continua cantando.

— *I'll be there till the stars don't shine (eu estarei lá até as estrelas deixarem de brilhar) / Till the heavens burst and the words don't (até os céus explodirem e as palavras não rimarem).*

Abaixa a minha camisola, expondo os meus seios que logo se arrepiaram quando sentem sua língua passando em cada mamilo, me fazendo contorcer e gemer de prazer. Maycon olha em meus olhos e depois de se deliciar em meus seios com sua boca e mãos, continua descendo a camisola por minha barriga, que fica exposta para suas carícias.

— *And I know when I die you'll be on my mind (e sei que quando morrer, você estará em meu pensamento) / And I'll love you Always (e eu te amarei, sempre).*

Maycon sorri, me faz sorrir, é tão mágico. Ele beija a minha barriga e circula o meu umbigo com sua língua. Isso é tão gostoso e intenso, me pergunto se já posso enlouquecer, se é quem tem como ficar mais louca. Sinto-me como uma tola apaixonada que o deseja mais do que tudo e como uma boa menina, apenas deixo meu corpo ser guiado por ele. É claro para mim que com ele e apenas com ele, encontro toda a liberdade que meu corpo necessita. Encontro nesse louco que me leva ao céu e ao inferno sem cerimônia alguma e cada vez eu me entrego

de corpo e alma.

Maycon se posiciona entre minhas pernas e ficamos nos encarando.

— Eu amo você, Elena — ele sussurra e ao mesmo tempo me penetra devagarzinho, fazendo com que eu sinta que nos encaixamos perfeitamente.

A sensação é única. Maycon está dentro de mim, e esse êxtase me consome. O desejo, a luxúria, a loucura de querer ser dele por toda a vida, me domina e cada pensamento passa a ser totalmente para ele. Maycon fecha os olhos, respira fundo. Passo meus braços ao redor de seu pescoço e o puxo para um beijo, mas quando sente meus lábios, ele não me permite continuar. Não entendo, mas não questiono, nossas respirações se misturam ofegantes.

— Eu te amo e não quero que se sinta menos que perfeita, porque você é perfeita demais para mim. É tudo que eu preciso e muito além do que mereço. Te amo.

Maycon segura meu rosto entre suas mãos delicadamente e sinto meus olhos marejados por essa linda declaração de amor, mas a insegurança ainda está presente. Maycon é bom com palavra, mas não com atitudes e tudo o que ele fala é o oposto ao que vive. Palavras, o vento leva, e no caso de Maycon, elas sempre são levadas e para completar o meu dilema, ainda tem Katherine... Que droga, meu corpo está entregue, minha mente confusa e eu nem sei em que acreditar.

As lágrimas descem pelo meu rosto, então puxo Maycon, meu príncipe malvado, que às vezes se comporta como o vilão que transforma o meu conto de fadas em um de terror. Porém eu o amo e essa é a realidade.

Eu o beijo demonstrando todo o meu amor, toda a minha necessidade. Ele corresponde da mesma forma, se movimentando dentro de mim. E sem desconectar nossos corpos, ele se senta no meio da cama, me colocando sobre ele, passa um braço em minha cintura enquanto o outro está na minha cabeça, fazendo com que nossos corpos se aproximem ao máximo. Assim, chegamos juntos ao ápice do nosso prazer. Ele me abraça forte sussurrando que me ama e ficamos mais um tempo conectados na mesma posição, apenas esperando nossos corpos se acalmarem, então ele se deita, me levando junto.

— Meu anjo, olhe para mim — eu faço isso, e ele me beija, acariciando o meu rosto.

Começo a chorar, e assim que nota as lágrimas silenciosas rolarem pelo meu rosto, intensifica o beijo. Que droga, eu adoro isso! Na verdade, eu amo. Eu o amo, amo esse vício.

— Elena, olhe para mim. Mesmo que seja difícil, eu quero que você sinta como eu te amo — sussurra.

— Maycon, não é fácil como você pensa. Eu tenho medo, receios, ciúme, insegurança... É um misto de sensações e é difícil lidar com elas.

— Elena, eu amo você e sempre será só você. Você se lembra de quando nos conhecemos? Sabe, eu achava todo esse lance de amor muito clichê, mas depois de conhecê-la, minha vida mudou, apesar de eu ser um merda. Desculpe. Quero dizer, apesar de não ser o homem que você merece. Eu descobri que a vida é feita de exceções e não de regras. Entender isso leva algum tempo, talvez nunca se compreenda por completo, ou seja, a minha loucura, mas cada amor por si só é uma exceção. Não foi coincidência nos encontrarmos em um ponto de ônibus — me beija. — Naquele dia, eu me aproximei porque vi uma garota estranha correr da chuva, e eu fui até aquele ponto só para me esconder da chuva também e por curiosidade. Eu a vi e percebi que a garota estranha tinha cigarros, apesar de não parecer fumar. Aí pensei que talvez ela fosse legal e me desse um cigarro. Era para ser apenas um cigarro, mas aquela garota tinha muito mais que isso, me deu bem mais que um cigarro. Ela me devolveu a vida, me ensinou a amar e mostrou que vale apenas largar algumas drogas por outras — escutá-lo me faz afundar em lágrimas. — Eu sempre procurei acreditar apenas em fatos científicos, sempre fui governado pela minha razão, mas o fato é que essa garota me mostrou que no amor não existe fatos ou razões, o amor é uma loucura, Elena. Ele testa os seus limites, e quando você acha que chegou à droga do fim, é ele quem dá as cartas e o faz ver que é apenas o começo. Ele mostra que erros são apenas erros e podem ser perdoados.

Ele fica em silêncio, e nesse momento, ao olhar para ele, todo o discurso do Dr. Derek vem à mente.

— Sabe — ele quebra o silêncio calmamente, se afastando. — Eu cansei de procurar rebater críticas, porque elas estão por todos lados. As pessoas não gostam do meu jeito, não entendem o meu estilo de vida — sorri. — Sempre procurando um erro para jogar na minha cara. E às vezes eu sou fraco, sou inconsequente. E erro.

— Por que está dizendo isso?

— Por que eles fazem isso? Por que cometemos erros tão idiotas, tão banais? Por que eu faço isso, Elena? — muda a pergunta e me deixa sem entender.

— O que você fez, amor?

Maycon se vira, olha em meus olhos e me beija. Algo o atormenta, não sei o quê, então ele começa a chorar.

— Elena, eu não estou legal — acredito que ele já saiba da gravidez e esteja chateado por isso, então tento abraçá-lo, mas ele se afasta. — Desculpe, me dê dois minutos.

Ele se levanta, pega um cigarro, mas ao invés de ir para a sacada, ele veste a bermuda e sai do quarto. Será que ele voltou a usar drogas? Meu coração dói só de pensar, não quero acreditar, mas se esse fosse o caso ele teria me contado.

Os minutos passam e como ele demora, vou atrás. Desço a escada e o encontro sentado no sofá, bebendo direto na garrafa e chorando. Será que tudo isso é porque ele soube da gravidez da Jeniffer? Ele levanta a cabeça e me vê com seus olhos vermelhos pelo choro e quando eu me aproximo, ele enxuga as lágrimas e bebe o resto da garrafa. Eu o abraço e ele faz o mesmo, me apertando.

— Elena, eu te amo demais, meu anjo. Sabe que eu não sei viver sem você, não sabe?

— O que foi? Não estou entendendo.

— Nada. Eu só quero ser feliz com você, cansei dessas brigas idiotas, desse ciúme bobo. Eu confio em você e quero que confie em mim.

— Você me dá motivos, sabe disso.

— Eu sei, meu anjo — toca meu rosto, acariciando. — Eu não quero perdê-la. Jura que não vai me deixar? Por favor, você me promete?

Volta a beijar meus lábios e eu sinto o gosto de vodca.

— Você tem que mudar, Maycon. Estou cansada de promessas.

Ele me interrompe e segura em minhas mãos.

— Eu sei, amor. Eu vou mudar, prometo e você vai me dar a chance de mudar?

— Vou... — ele volta a me beijar e apesar do gosto de vodca, correspondo e não demora a fazermos amor novamente.

Quando terminamos, ele me leva no colo para o nosso quarto e sinto seus beijos até ser vencida pelo sono. Acordo e o vejo sentado ao meu lado, me olhando e uma bandeja de café da manhã e flores. Começo a achar que estou sonhando, mas ele me beija e me mostra que é real.

Antes do almoço, seguimos para a casa de Emily e ela parece, ou finge não saber sobre a gravidez. A tarde passa com Maycon brincando com Noah no playground e às sete da noite, vamos embora. Chegando em casa, Noah janta e toma banho, em seguida Maycon o coloca para dormir. Maycon e eu tomamos banho juntos e fazemos o mesmo da noite anterior. É tudo tão perfeito e não sei o que aconteceu, mas quero que essa felicidade continue.

Pela manhã deixamos Noah na escola e seguimos para a clínica e pela primeira vez, entramos de mãos dadas. Parece bobeira, mas esses pequenos gestos têm uma importância para mim que Maycon nem imagina. Antes de entrar em seu consultório, ele me dá um beijo rápido e nesse exato momento Katherine passa por nós como um raio, apenas dizendo um bom-dia de maneira fria, sem nem se dar o trabalho de nos olhar. Acho essa atitude estranha, então olho para Maycon, que dá de ombros. Ele entra em sua sala e eu sigo para a de Jeniffer. A manhã se vai e ela não comenta nada a respeito da gravidez, também não me atrevo a perguntar, mas sua cara não está das melhores. No horário do

almoço, não vejo Maycon, ele não está entre os colegas. Eu e Jennifer nos sentamos à mesa e fazemos nossos pedidos. Minutos depois, sinto alguém arrastar a cadeira ao meu lado e fico chocada quando Maycon se senta, ficando em frente a Jennifer.

— Tudo bem, Jennifer? — ele diz.

Eu e Jennifer paralisamos.

— Maycon — ela responde, quase sem voz.

Ele beija a minha mão e quando o garçom se aproxima, faz seu pedido. Todos almoçam em silêncio e chega a ser constrangedor.

Quando Jennifer termina a refeição, ela pede licença e se levanta. Não sei se isso foi causado pela presença do Maycon ou pela gravidez, já que hoje ela está diferente e quase não conversou comigo.

— Maycon, você poderia conversar com o seu pai, nem que seja para dizer que não quer falar com ele — ela sussurra ainda próxima a nós.

— Ligo para ele hoje. Pode dar o recado, se quiser, claro.

Ela apenas acena e assim que sai, Maycon divide sua sobremesa comigo.

— Sabe, amor, hoje eu estava pensando que podíamos ter outro bebê. O que acha?

Coloco a minha mão em sua testa, como se tivesse medindo a temperatura.

— Está passando mal?

— Não, mas você curte esse lance de família grande. Podemos tentar, começando essa semana, o que acha?

Ele me beija e por mais que queira demonstrar que tudo está bem, sinto aquele aperto no peito que me diz que nada está bem, só não tenho ideia do que seja.

Capítulo 13 - Perdendo o jogo

Maycon

Porra! A vida é bem isso mesmo, uma porra. Jayde sempre dizia que medicina não era minha praia, mas eu achava que iria morrer antes de me formar, então nem dava ideia. Agora estou aqui, vendo a merda do tempo passar enquanto atendo e examino pessoas estranhas.

Jay... E falando nela, eu nunca pensei que sentiria tanto sua falta. Nem acredito que minha vida mudou tão rápido. Sinto falta da Jay, sinto falta da coca... Mas nesse meio- tempo, Katherine a substituiu, não tão bem, mas gosto de conversar com ela. Mesmo Elena não gostando, aceitou ir à festa da Katherine e posso até ouvir Jay falando “Isso vai dá merda, May”. Tenho certeza disso, mas se Elena quer, quem sou eu para questionar.

O dia se torna noite, sexta à noite, para ser mais específico. Tento convencê-la a não ir, e como sempre acaba em briga. Já estou me acostumando, nosso casamento é isso, ou sexo ou briga. Elena faz drama, joga uma direta que não quer sexo, claro que não, está na noite do não me toque, já marquei no calendário. É sempre assim, uma noite sou rejeitado, na outra, a louca quase me estupra. É louca mesmo, fazer o quê? Eu a vejo dormir e acabo dormindo com o pensamento de que amanhã não vai prestar! Festa sem bagulho não tem como não dar merda... Esse é o lema da Jayde.

O sábado chega e assim que acordo, meus primeiros pensamentos são para coca, mas é normal, já me acostumei com isso também. Levanto e tomo as drogas medicinais, vou para o quarto do Noah e vejo que ele ainda está dormindo. Tento melhorar o clima preparando o café para Elena, e no fim, acaba funcionando, pelo menos até a hora do almoço estamos em paz. Depois do almoço, sigo com Noah para a casa da minha mãe. Acho foda minha mãe passar pelo segundo divórcio, ela se faz de forte, mas não é. E se meu pai fosse homem mesmo, seria mais presente como amigo, só para dá uma força, e pensando nisso, faz tempo que não ligo ou falo com ele. Eu olho pelo retrovisor e vejo Noah brincando.

— Estamos quase lá, Noah — sorrio e ele corresponde. Do nada, ele começa a tagarelar, acho um engraçado como ele troca as letras. Minha mãe é louca por ele e se Elena não fizesse tanto drama, eles poderiam passar o fim de semana juntos. Ela precisa de distração no momento e Noah é ótimo nisso.

Chegamos, damos um beijo em minha mãe, que já nos aguardava. Primeiro, ela vem com aquele papo de como Elena e eu estamos.

— Estamos bem — forço um sorriso.

— Estão mesmo?

— Você me chutou da sua casa, mãe. Tive que pedir abrigo e ela gosta de me ver implorando feito cachorro. Estão estamos bem! — Brinco.

— Lá é o seu lugar agora, amor.

Ela sorri e no restante da tarde brincamos com Noah. É cansativo, cara, ele não para. Parece aquelas baterias recarregáveis, o foda é que ele recarrega em dois minutos... E eu não. Não sei como a Elena quer outro filho se o Noah vale por dez.

As horas se vão e antes de voltar para casa, me encarrego de dar banho no Noah e após o jantar, ele acaba dormindo. Ao sair, escuto um belo sermão por não estar conversando com o meu pai.

— Ele tem vindo aqui? — pergunto ao terminar de escutar seu bla bla bla.

— Não. Ele me ligou para saber se você reclamou de alguma coisa.

— E? — insisto.

— Ah, Maycon, eu disse que não. É antiético falar da esposa dele.

— Digníssima esposa! — Debocho. Antes que ela possa continuar, eu a abraço e a encho de beijos. Ela sorri. — Qualquer coisa me ligue, mãe.

— Maycon! — Ela me chama. — Eu o tenho visto cometer os mesmos erros que eu e seu pai.

Fico sem entender.

— Como assim?

— Eu e seu pai nunca te falamos, mas nosso casamento já estava em crise antes da traição.

— Mentira! Não estava — retruco.

— Não é mentira, nós fazíamos como você e Elena fazem agora. Escondíamos de todos, e talvez, se tivéssemos sido mais realistas, você não teria pintado esse quadro imaculado da nossa família e teria visto o divórcio de uma forma mais aceitável.

— Por que isso agora, mãe? Quer que eu me abra com um menino que vai fazer três anos?

— Não, não é sobre o Noah. Apenas não quero vê-lo chorar pelos mesmos erros que eu.

Ela está magoada e nem sei o que fazer para aliviar isso. Antes, eu pouco ligava, na verdade, eu me desligava dos problemas, agora eles batem na minha cara e eu não tenho uma via de escape. E é foda ver sua mãe assim.

— Se ele não tivesse engravidado Jeniffer, você o teria perdoado?

— Não sei. Meu orgulho sempre foi mais forte que eu. Se tivesse a cabeça que tenho hoje, por você, eu teria. Mas pense direito e não cometa os mesmos erros

— ela sorri.

— Relaxa! Está tudo bem, estamos bem. Não se preocupe.

Dou mais um beijo e entro no carro. Não pergunto por Erik, isso é foda, nem sei qual foi o real motivo do divórcio e como eu nunca perguntei antes, é hipocrisia fazer isso agora.

Passo por algumas ruas e chego ao cemitério, e em dias como esse eu gosto de dar um trago com Robert.

O coveiro já me conhece, desde sua morte eu sempre venho, na verdade, o cara me disse que apenas eu venho e uma garota. Isso é foda, penso que talvez se tivesse sido eu, Jay e minha mãe viriam. Eu acho, não sei. Chego à sua lápide, me abaixo e acendo um cigarro.

— E aí cara. Hoje tenho uma boa notícia. Estou tão feliz, fiz uma festa daquelas, na minha mente — rio. — Encontrei velhos amigos... E curtimos muito — solto uma baforada.

— Qual é Robert? São tantas lembranças, cara. Algumas boas, outras nem tanto, eu viajava em você, sabia? Cara estranho e feio, mas tudo bem, era inteligente e beleza não conta muito — dou uma risada. — Cara, minha vida está uma merda. Quero tirar um dia para cheirar várias e estou limpo há tanto tempo, mas nada faz a vontade ir embora. É um inferno. Acho que no fundo, sou inconsequente mesmo. Estou sem graça de falar isso, mas eu sabia, naquele dia eu percebi que você iria partir para outra. Você me conhece, sabe o que eu penso sobre isso. Não gosto de opinar na vida de ninguém, você pediu. Eu até prometi ficar cheirando com você, só que eu tinha um compromisso e o deixei lá, acabando com tudo. Agora estou aqui, pagando pelos meus pecados — fico em silêncio.

— Amanhã é domingo, como qualquer outro, então quer saber a real? Não está perdendo muito. Jay voltou para a *H*, o *doce*, a bala e outras merdas. Deveria achar isso foda, mas minha vida ou a dela é a mesma merda, mas ao menos ela está curtindo. Então acho que quem se deu melhor foi você. Eu continuo na mesma, pareço bem e é isso que conta, apesar das noites vazias, das madrugadas intermináveis e dias infernais. Ah, eu ainda tenho aquela sensação de estar entre estranhos. Aquela velha paranoia, lembra? Meu moleque está crescendo e tudo que eu quero para ele é o que eu não sou. Minha mulher me ama em um dia e me odeia no outro. Nada de novo, considerando que nem eu me amo. Então é o de sempre.

Termino meu cigarro e pego o telefone, vendo que já são sete e quarenta da noite.

— Cara, eu tenho que ir. Minha louca está me esperando, mas hoje rola sexo, se demorar, vai ter briga. Eu sempre falo para você dela, da raiva e das viagens.

Esses dias eu vi um cara cheirando e fiquei louco. Tive um surto interno, pirei só na ideia, só na viagem. Ele trabalha na clínica comigo e sei que se eu me aproximar, volto para a mesma merda. Só eu percebi que era coca, ele disfarça bem. Agora só penso nisso, em como ele consegue. É isso aí, cara, você está bem, é isso que conta. Esquece minhas viagens e até a próxima. Volto quando tiver outra novidade e se precisar pode me ligar, ainda somos parceiros. Fica bem aí! Vê se não abusa.

Coloco a guimba do cigarro na lápide, já tem mais de cem, daqui a pouco vão achar que é algum tipo de ritual. Saio e troco uma ideia com o coveiro por uns dois minutos, digo para cuidar bem do Robert e isso o faz rir, então me despeço e vou embora.

Sigo pensando na Elena, e chego em casa às oito em ponto. Corro para o quarto, imaginando que ela está pelada e toda linda, me esperando na cama. Entro e escuto o chuveiro, pelo menos a parte de estar pelada eu acertei. Minutos depois ela sai do banheiro, me ignorando.

— Ele chorou? — pergunta, ainda enrolada na toalha.

— Não. Acabou dormindo — me joga na cama.

Estou cansado e ela pouco se importa com esse fato. Quando vejo que não vai ceder, me levanto e sigo para o banho. É estranho, não conversamos e o pior é que chegamos a isso e ninguém fez nada para impedir. Me arrumo rápido, Elena está linda, mais uma vez uso meu charme tentando excitá-la com beijos, mas ela não cai. Isso já está enchendo o saco, agora ela se julga uma mulher decidida. Na verdade, Elena é de fases e eu só tenho que me adaptar a essa nova. Mas reconheço que está diferente e isso não é tão bom como eu gostaria. É a tal da porra de ser independente. Não estou curtindo muito e desejo que passe rápido.

Seguimos para o apartamento da Katherine, paro em frente ao prédio, como ela me explicou antes, foi fácil encontrar. Toco o interfone e escuto sua risada ao reconhecer minha voz. Entramos na recepção e seguimos até o sétimo andar. Elena está fria, distante e me mandando um claro foda-se. Chegamos à porta do apartamento e eu aperto a campainha e antes que ela me questione, pois está me fuzilando com os olhos, seguro seu braço e explico que peguei o endereço com a Katherine na sexta-feira. Mas Elena é foda, juro que acredito que seu cérebro é programado para pensar mal de mim. Nem tento um beijo, sei que ela não vai me dar. Katherine aparece na porta e está linda, um tanto exótica. Tento não olhar para os seus seios tão à mostra, mas não são apenas seus seios, ela está no estilo louca para dar. E para a minha segurança é melhor manter distância.

Vejo alguns médicos da clínica, incluindo Derek - o pé no saco, amigo do meu pai. Ele é o tipo perfeitinho, sempre aparenta estar disposto, prestativo, com a fala pomposa e educado. O tipo que me dá nos nervos. Bondade demais, para

mim cheira a falsidade.

Sentamos à mesa com esses “conhecidos”. Na verdade, se não fosse pelo fato de trabalharmos no mesmo lugar, não chamaria de conhecidos. Seus assuntos são sem graça e eu pouco me interesse em participar. Katherine nos serve bebidas e senta entre Derek e eu, que se acha o melhor médico, mas segundo meu pai, pode se achar. Ainda assim, não me impressiona.

Ele inicia um assunto e me coloca no meio como se eu quisesse participar, mas Elena está bem empolgada, parece até admirada com ele. Acabamos tendo uma empasse e vejo a carinha de satisfeita da minha esposa ao ver que ele não se rendeu ao meu charme, definitivamente não jogamos no mesmo time e isso é foda. Ela nunca olhou assim para mim, com essa devoção. Tento relevar, mas a cada resposta dele, vejo os olhos da Elena brilharem. Que porra é essa? Esse cara nem é interessante. No fundo, acho que isso é apenas para me irritar. E está me irritando mesmo. Falo minhas últimas palavras e levanto com intuito de encerrar esse teatro ridículo. Vou até a sacada, longe dos olhares dos outros e espero por Elena, mas percebo que ela não vem quando tem outras opções. Dou uns passos e vejo como ele conversa com a minha esposa em perfeita sintonia. Que porra!

Volto para a sacada e fumo o meu cigarro olhando as pessoas passarem na rua. Mulheres adoram se iludir! Com certeza ela deve estar admirada com as “sábias palavras” daquele babaca. E eu aqui, feito um idiota morrendo de ciúme. Ligo para a minha mãe para saber como está Noah e batemos um papo rápido, então desligo logo em seguida.

Acabo por fumar mais dois cigarros. Que merda! Sempre fumo demais quando estou nervoso. Penso em voltar à mesa, mas quando me viro na direção deles, me deparo com Katherine, que percebe para quem estou olhando.

— Se contente com a minha companhia, porque sua esposa não virá. Ela está conversando entusiasmada com Derek.

Ao ouvir isso, eu sou tomado pelo ódio. Que porra! Elena, por que você tem que fazer isso?

— O que será que está pensando o grande Maycon? — ela provoca. — Será que ele tem tanto medo assim de perder? — Katherine sorri e isso me deixa ainda mais puto.

— Medo de quê? — pergunto com um sorriso sarcástico. — Estou na sacada, fumando um cigarro e em boa companhia — friso.

Ela se insinua se debruçando no parapeito. Observo seus movimentos. Não sei se é raiva da Elena ou as provocações de Katherine que estão falando mais alto, mas acho melhor voltar para dentro e me afastar.

Dou alguns passos sem prestar atenção na conversa de Katherine. Fico entre a porta de vidro da sacada e a sala, Elena continua conversando com Derek. Ela

está tão interessada que nem me nota, sua admiração por esse almofadinha é visível. Katherine vem por trás e sussurra em meu ouvido.

— Que feio, me deixou falando sozinha.

Meu ódio por Elena fala mais alto, então me viro para a Katherine:

— Não estou tão interessado em psicanálise, nem em ficar te admirando na sacada — sorrio. — Mas se tiver um lugar mais interessante, talvez eu te conte alguns segredos.

— No fim do corredor posso fazer uma sessão especial! — Ela me diz com um sorriso louco.

— Costuma atender a quantos? — ironizo e vejo sua irritação.

— O que quer dizer? — retruca, irritada.

— Nada...

Volto à sacada distante dos olhares de todos e ela me acompanha, ninguém parece notar nossa ausência, ou talvez estejam bêbados demais, e como Elena está em boa companhia, também não sentirá minha falta.

Katherine me olha de uma maneira safada. Está bêbada e muito. Fico alguns segundos olhando para o céu, as estrelas. As palavras presas em mim, começam a me sufocar, e apesar de não achar um bêbado uma boa opção, sei que pelo menos não haverá acusações.

— Me sinto doente por dentro, vazio, sem capacidade de mudar a situação. Mas isso não é novidade pra você — ela sorri, não sei se consegue me entender. — Fico me perguntando se ela ainda me ama. Isso fica martelando na minha cabeça, sabe. Discutimos tanto e nunca chegamos a lugar algum e só tem piorado. Estou começando a achar que os portões da prisão não se abriram pra mim e tudo que eu fiz foi trazer Elena para esse inferno.

— Talvez a pergunta seja se você ainda a ama, não?

— Ela não acredita, mas eu juro que a amo. E talvez tenha sido horrível ela ter que conviver durante todo esse tempo comigo.

— Você sempre se achou o problema, Maycon, e eu nunca entendi por quê. E depois de todo esse tempo, achava que você já tinha encontrado a resposta.

— Eu sei que andei errado, que estive mal e fui ao fundo do poço. Sei que prometi e depois disso tudo, depois de admitir, achava mesmo que conseguiria preencher esse vazio — olho para ela. — Katherine, estou tentando soar calmo com você, mas está tudo tão confuso dentro de mim. Eu quero ser outra pessoa, queria não sentir vontade de voltar a coca e apesar de lutar contra isso, eu ainda me sinto preso a esse mundo. É como se nunca tivesse saído. Estou tão perdido e parece que ninguém me entende — engulo em seco e desvio o olhar. Ela se aproxima e me encara, olhando diretamente em meus olhos.

— Eu posso te ajudar, Maycon — ela sussurra e não me dá tempo nem de

pensar.

Katherine me beija de forma tão eloquente e eu fico paralisado, sem reação. Mas gosto da ideia de saber que alguém quer se aproximar de mim. Então ela para e me olha novamente.

— Você precisa apenas de um refúgio e eu posso ser isso pra você.

Ela volta a me beijar e quando começo a corresponder, imagens de Elena, Noah, a minha mãe e toda essa porra de vida! Ela continua me beijando, mas começo a não achar legal e tento fazê-la parar, mas ela está descontrolada, então eu a empurro.

— Katherine, pare, por favor!

Tiro suas mãos de mim e ela fica parada me olhando, confusa.

— O que você está fazendo, Maycon? Por que não quer continuar?

— Nem deveríamos ter começado! — Falo, já irritado comigo. Ela tenta se aproximar novamente. — Por favor! Não faz isso.

— Maycon, Elena não vai saber.

— Katherine, que porra! Não vai rolar, cara. Olha, estou puto com ela, mas isso não é motivo. Só estou magoado e confuso. E sabe o que vai acontecer se continuarmos? Vai dar merda! Você está iludida, não sinto nada por você e você também não sente por mim. É apenas atração — ela fica sem graça. — Eu sou casado e amo a minha esposa. Parece patético isso, mas é a verdade, eu sinto muito. Mas não rola.

— Maycon eu...

— Esquece essa merda! — Suspiro. — Desculpe, Katherine.

Eu saio da sacada e a deixo lá. Belo filho da puta que eu sou. Volto para festa e Elena ainda conversa com aquele retardado, então me aproximo com a cara mais *deslavada* do mundo. Evito olhar para ela, não quero que meus olhos de culpa me condenem. Derek sai assim que me vê aproximar, então me sento próximo à Elena e a chamo para irmos embora. Não vejo Katherine até nos despedimos, educadamente e com muita falsidade, ela insiste para ficarmos e se despede da Elena, parece bem. Eu não olho para ela e muito menos nos despedimos.

Minha consciência não pesa, ela me mata. Por que fiz isso? Que merda! Escuto Elena falar do meu pai, respondo sem interesse. Estou com um medo do cacete de perdê-la e no fundo, sou igual ao meu pai. Que porra! Por que você fez isso Maycon? SEU MERDA!

Elena faz mais perguntas e respondo todas sem interesse. Antes de chegar ao apartamento, tento mostrar que ela é tudo para mim. Sabe aquele desespero que te faz mostrar para pessoa o quanto você a ama? Subo as escadas correndo, tomo um banho rápido e me deito na cama. Elena entra, troca de roupa e se deita ao

meu lado, então eu a abraço com uma vontade enorme de contar a verdade e implorar perdão. Mas seria cometer o mesmo erro que meu pai. Ele contou e ganhou um divórcio pela sinceridade. Que porra! Cara, o que eu faço?

Tento contar, mas ela me desanima com seu sarcasmo. Meu Deus! Estou tão desesperado, que faço mil declarações. Olho em seus olhos e a beijo, mas que porra, a pouco tempo eu estava beijando outra. Não consigo, não posso fazer amor com ela depois da merda que fiz. Elena me puxa para um beijo, excitada, eu, com arrependimento e tentando me concentrar no momento. Começo a cantar com intuito de me fazer concentrar, música sempre me ajudou e está me ajudando agora. Digo o quanto a amo e fazemos amor. Eu a amo tanto que dói saber que posso perdê-la para sempre. Mais uma vez me declaro tentando achar uma mínima esperança de perdão, mas não consigo. Sinto-me um lixo por tudo que fiz. Eu, que tanto julguei, acabo de cometer o mesmo erro. Ainda que não tenha continuado, as consequências serão as mesmas. Eu traí a confiança dela, eu traí a pessoa que mais amo. Fui inconsequente e aceitei o beijo da Katherine. Eu olhei em seus olhos e aceitei essa aproximação, eu flertava com ela, quando não deveria.

Olho para Elena e vejo a sinceridade em seus olhos. Isso só me faz sentir pior. Peço um tempo e saio do quarto, se tivesse pó, juro que cheiraria, mas só me resta a droga de uma vodca. Nada parece bom para mim agora. Elena vem ao meu encontro e ao invés de contar a verdade, faço amor com ela de novo. Eu não quero perdê-la e não sei como vou fazer para isso não acontecer. Subimos para o quarto e passo a noite acordado pensando por que é tão difícil, como chegamos a isso.

Pela manhã, preparo seu café. Vamos à casa da minha mãe, evito olhar para ambas. Agarro-me a minha melhor distração, Noah, e assim o domingo passa. Na segunda, após deixar Noah no colégio, seguimos juntos para clínica. Gelo quando encontro com Katherine no corredor, mas ela nem sequer me olha. Nós dois erramos, mas eu sou comprometido, o que aumenta mais a minha culpa. E se a situação chegou a esse ponto, foi porque eu permiti. Que merda, agora vejo como foi fácil durante todo esse tempo eu ter culpado mais a Jeniffer, na verdade, o mais culpado sou eu, e consequentemente foi meu pai também.

Dou mais um beijo em Elena, fingindo não saber o motivo desse comportamento da Katherine. Entro no meu consultório e fico pensando em mil maneiras de evitar um divórcio e a única que encontro é ter outro filho. Atendo meus pacientes com a cabeça a mil. No almoço, eu me sento com ela e Jeniffer, parece que minha culpa está estampada na cara. Jeniffer está estranha, não sei, não somos próximos, digamos que nosso único ponto em comum agora são os mesmos erros. E isso muda as regras do jogo. Quando ela se levanta, pede para

eu dar notícias ao meu pai, ou quase isso, não presto atenção. Quando fico sozinho com Elena, sugiro uma nova gravidez, é um golpe tão baixo, mas percebo que de certa forma a ideia a deixa feliz. Acho que estou tão desesperado, que não sei qual caminho seguir e dessa vez eu assumo a culpa. Sei que não terei apoio e os julgamentos virão sobre mim em uma velocidade assustadora. Estou desesperado para encontrar a luz no fim do túnel, mas para todos os lugares que eu olho, só prevejo escuridão. E sinceramente, pela primeira vez, eu não sei como me safar.

Capítulo 14 - Engolindo o orgulho

Maycon

Elena muda de assunto e apesar de tentar, eu não consigo prestar atenção em suas palavras. Tudo que vejo são seus olhos e pergunto por que fiz isso. Queria tanto ter a chance de rebobinar essa parte, mas a vida não nos dá essa opção.

Terminamos o almoço e voltamos para a clínica. Entro em meu consultório e Samantha, a recepcionista, me avisa que a próxima paciente desmarcou. Fico por minutos olhando a tela do computador com aquele medo crescente de perder o controle. Sabe aquela parte de ter que assumir os erros, eu nunca fui bom nisso, sempre me achei alheio aos que cometia, e agora estou aqui, com medo das consequências. Nunca me senti tão inseguro, tão sem chão. Respiro fundo e saio da sala, ao passar pelo corredor, escuto a voz da Elena e Katherine, meu coração gela, seu frio. Tento escutar e ouço a voz de Katherine, então me aproximo da porta do seu consultório.

— Se tem problemas com o seu casamento, Elena, deve resolver com ele. Não entendo por que está aqui, não somos íntimas, nem sequer amigas. Se acha o comportamento dele estranho, deve perguntar a ele o motivo, não a mim.

— Katherine, não se faça de santa. Aconteceu alguma coisa e vou descobrir o que é!

— Se aconteceu ou não, sinto muito, mas não é comigo que você irá encontrar as respostas. Se realmente acha que aconteceu alguma coisa, é problema seu, mas comece perguntando para as pessoas certas, que no caso, é o seu marido. Agora se me der licença, tenho pacientes para atender.

Suspiro aliviado pela resposta de Katherine, então caminho rapidamente para a sala da Jeniffer. Merda! Agora tenho que dar satisfações a ela, ninguém merece.

— Com licença! — Digo, entrando.

Ela se assusta ao me ver, essa é a primeira vez que venho aqui.

— Elena saiu, mas deve estar voltando — diz de antemão.

— Quero falar com você — ela arregala os olhos. — Não estou me sentindo bem, pode cancelar meus pacientes e remarcar no decorrer da semana?

Ela fica muda, me olhando. Mulher chata, que porra! Evito encará-la.

— Tudo bem, precisa de mais alguma coisa?

— Não — penso um pouco. — Meu pai está na empresa?

Ela confere as horas.

— Acho que sim...

— Ah... Então, obrigado. Eu vou embora.

Saio da sala implorando para não encontrar com Katherine ou Elena, volto ao meu consultório e pego as minhas coisas. Cara, estou tão desesperado, cabeça quase explodindo de dor, tento raciocinar, mas nada parece aceitável. Quando estou para fechar a porta, me assusto com a voz da Elena.

— O que foi? Por que vai embora?

— Não estou me sentindo bem.

— O que está sentindo? — pergunta, preocupada. Até isso me deixa sem graça.

— Estou com dor de cabeça, muita dor mesmo. Pode pegar o Noah? — ela confirma com a cabeça. — Vou ficar na casa da minha mãe.

— Por quê? — ela questiona e falo a primeira desculpa que vem à mente.

— Ela ainda está mal pelo divórcio e tirou férias. Vou fazer companhia e vou para a nossa casa à noite.

— É só isso? — ela insiste e sei que logo estarei ferrado.

— No momento é — eu lhe dou um beijo rápido, que ela corresponde, mas sei que está desconfiada.

Não dou mais explicações, saio rapidamente. Em segundos, estou longe da clínica. Sei que Katherine não vai contar, caso contrário, já teria feito. Que porra! Isso foi tão infantil, eu não sou assim, nunca concordei com isso. Por que fui cair nessa? Sinto-me sozinho, perdido, vazio, procurando a luz na escuridão. Estou tão desesperado que deixo as lágrimas correrem. É tão frustrante, tão apavorante o pensamento de ser descoberto, queria encontrar uma maneira de deixar isso ir, mas não há.

Paro no acostamento e ligo para a minha mãe, que atende ao terceiro toque.

— Oi, amor!

— Mãe, tem um tempo?

— Para você, sempre.

— Já entrou de férias, não é?

— Sim, meu anjo, estou em casa, quer vir aqui?

— Estou indo.

— Aconteceu alguma coisa, Maycon?

— Quero conversar, só isso. Estou indo!

Não acredito que um beijo tão sem importância vai acabar com o meu casamento. Parece aquelas piadas sem graça, mas ela pode destruir a minha vida. Meu desespero está tão nítido, estou enlouquecendo. Porra! Corro pelas ruas na esperança vil de que essa merda toda seja só um pesadelo. Chego à casa da minha mãe e mal estaciono o carro, já saio, chorando. Quando entro na sala, dou de cara com ela e meu pai, e os dois me olham assustados. Minha mãe vem em

minha direção, me dando um abraço e isso faz com que eu desabe, chorando como um menino.

— Maycon, o que foi? — ela me pergunta, assustada.

Meu pai se aproxima, então olho para ele e nem sei o que fazer. Ele me abraça, estou tão desesperado que correspondo, seguindo meu instinto. Me sinto como se tivesse voltado aos dez anos, e eles, de alguma forma, fossem me ajudar como faziam na época.

Então me recomponho, olho para eles sem saber como contar, ou para quem contar. Para minha mãe, que sofreu tanto com uma traição, ou para o meu pai que sempre sofreu com minhas condenações? Estou arrependido e muito envergonhado. Que porra! O medo me possui, sinto-o avançando pela minha pele, e por mais que tenha errado, temo as pedras de condenação.

— O que está acontecendo, Maycon? — ele pergunta calmo, porém preocupado. — O que você fez?

Eu me sento no sofá e fico sem reação, não sei como começar, as palavras fogem e só resta a porra da vergonha. Minha mãe se senta ao meu lado, me abraça, meu pai fica na minha frente, esperando a resposta.

— Mãe eu... — solto o ar que nem sei por que estava prendendo. — Eu traí a Elena — olho em seus olhos. — Eu e a Katherine nos beijamos.

Confesso que não me atrevo a olhar para o meu pai e minha mãe fica em silêncio. Os dois ficam e eu odeio isso.

— Emily, eu vou indo. Vou deixar vocês conversarem — ele finalmente fala e eu mantenho meu olhar no chão. — Depois que conversar com a sua mãe, se quiser falar comigo, Maycon, pode ir à minha casa — ele diz sério, não se despede, apenas escuto seus passos se distanciando.

Eu olho para a minha mãe e vejo a decepção em seu olhar, isso me mata. Ela respira fundo.

— Contou para a Elena? — finalmente pergunta.

— Não posso, se eu contar, ela não vai me perdoar.

— Se ela descobrir, também não. Então seja homem e assumo os seus erros.

— Não é fácil, mãe!

— Eu sei que não! Maycon, eu sempre vi muito do seu pai em você, mas quero ver um pouco de mim também, então seja sincero e deixe que ela saiba por você. Conte tudo. Vai doer? Vai sim, muito. Mas é melhor a dor da verdade, do que a ilusão da mentira — volta a ficar em silêncio.

— É só isso que tem a me dizer? Eu estou a ponto de enlouquecer e só o que me diz é isso? — pergunto, chateado.

— O que quer que eu diga? Dói, Maycon, dói muito e me decepciona, depois de todo o sofrimento que passamos, depois de tantas vezes você ter dito que

nunca faria. Ver você cometer os mesmos erros me magoa muito. Eu não apoio o que você fez, mas você é meu filho e sempre vai ser.

— Mãe, estou tão arrependido, não sabe como.

— Eu sei que está, eu o conheço — ela me abraça. — Mas tem que mostrar isso para a Elena e mesmo assim, não sei como será a reação dela. Sabe, pode até achar que eu não gosto dela, mas quando a conheci, vi mais de mim na Elena do que gostaria e tive medo de ver a história se repetir... E aqui estou eu, vendo a mesma cena com personagens diferentes.

— Acha que ela não vai me perdoar, não é?

— Só ela tem essa resposta, meu bem. Seja sincero, diga a verdade.

— Mãe, eu não vou suportar perdê-la e se contar, ela não vai me perdoar! — Continuo chorando.

— Mas se não for sincero, você nunca irá se perdoar. E a pior dor, é a da consciência. Se realmente se amam, talvez consigam superar isso. Mas a vida é assim, Maycon, nossos erros são nossa melhor escola, talvez essa experiência sirva de aprendizado, talvez ajude a se entender com seu pai e a ver Jeniffer de outra forma. Ou vai me dizer que o que pensa sobre Jeniffer, pensa sobre Katherine?

Suas palavras me arrasam, me faz sentir pequeno, agora eu nem sei o que pensar de mim, quanto mais da Katherine ou Jeniffer.

— Por que nunca conseguiu odiá-la, mãe?

— Porque ela nunca quebrou uma promessa feita a mim, foi seu pai. Nesse mundo machista, nós sempre acusamos a mulher. Mas eu nem conhecia Jeniffer direito, não tinha um compromisso com ela, não tínhamos uma vida juntas, então, meu bem, fui racional como sempre. A balança pesou mais para o seu pai, mas talvez Elena não seja como eu.

— Ainda assim, acho errado o que eles fizeram com você. O que eu fiz... — desabafo entre lágrimas.

— Nunca disse que era certo, mas quando percorremos o mesmo caminho, as pedras passam a doer em nós também e isso muda nossa visão e julgamentos sobre quem já o percorreu. Você viveu o meu drama, a minha dor, agora vai viver a do seu pai.

— Que porra! Eu jurei que seria fiel, que seria só ela e até nisso eu falhei. Como se perdoa um erro assim? Para ela, traição não tem perdão, para mim não tinha e agora estou louco tentando encontrar uma maneira de fazê-la me perdoar. Mãe, eu tô ferrado. Fui um idiota e cometi um erro que sempre achei imperdoável. Me diz agora, como eu posso olhar nos olhos dela e dizer que tudo que eu sempre condenei, tudo que sempre rejeitei e julguei, eu fiz? E pior, fiz com ela. Eu a traí e sei que não mereço perdão.

— Amor, eu sei que errou e estou sofrendo junto com você, mas precisa ser sincero. Não deixe que ela fique sabendo por outra pessoa, a dor é maior. Não seja covarde, assuma seus erros.

— Não sou covarde, mas não sei como encarar isso, não sei como criar coragem. Eu já a magoei tanto, acho que no fundo você tinha razão. Não estava preparado para esse casamento e acabei o destruindo, e a culpa é minha. Elena tentou e eu pouco me importava. Você consegue me perdoar também, mãe?

— Se você errar um milhão de vezes, sempre estarei pronta para te perdoar um milhão e meio.

Ela acaricia meu rosto, deito em seu colo, choro por mais um tempo, minha mãe tenta me confortar, mas não há conforto. Não há solução. Estou na beira de um precipício e minha única opção é pular. Eu vou perdê-la, sei que vou e não há nada que eu possa fazer para acabar com isso.

Minha mãe continua me acariciando, não sei o que fazer, fico a tarde toda preso nesse funeral, questionando tudo e implorando por uma chance de voltar atrás. Ela continua tentando me animar, o foda é que ela realmente tenta e acho isso tão sem sentido. Cometi o mesmo erro que um dia cometeram com ela. E ela, mais que ninguém, poderia ter jogado uma real na minha cara. Ter dito como sou hipócrita e não mereço uma chance, porque é isso que eu sou. Olho as horas, são quase seis, como sei que ficar aqui não vai me ajudar muito, decido ir embora, então agradeço a minha mãe por tudo. Ela não protesta, sabe que preciso enfrentar meus demônios.

Passo três vezes em frente ao prédio e não consigo entrar, não tenho forças para encarar Elena. Penso no meu pai, ainda que estejamos em uma fase ruim, ele é meu pai. Talvez ele possa me ajudar, então sigo para a sua casa nessa tortura. Elena me liga, sou covarde demais para atendê-la no momento, então mando uma mensagem dizendo que vou chegar em uma hora. Não demoro para chegar ao condomínio e só de pensar que vou encontrar Jeniffer, me sinto pior. O foda é que agora eu estou no time dela, e Katherine também. Os hipócritas, e eu, mais que elas. Estaciono em frente à garagem deles, vou andando até a entrada. Toco a campainha e a governanta atende, me deixando entrar e dizendo que irá chamar meu pai. Fico esperando escorado à parede e os três chegam à sala.

— Oi... — digo as duas.

Elas me olham como se vissem um fantasma.

— Melhorou? — Jeniffer é a primeira.

— Estou melhor. Oi, Jessica, tudo bem?

— Tudo... — retruca com cara de poucos amigos, tem ciúme do meu pai comigo.

— Podemos conversar, pai? — ele confirma com a cabeça.

— Vamos ao escritório — ele diz e seguimos juntos, e quando entramos, ele tranca a porta.

— Não contei a ninguém — ele inicia.

— Uma hora todos vão saber.

— Mas não antes da Elena.

— Acha mesmo que devo contar a ela?

— É inteligente, Maycon, sabe que não tem outra opção, não se quer ter a chance de continuar seu casamento.

— Você contou e perdeu suas chances.

— Eu não sou você e Elena não é a sua mãe. Não foi porque nós não conseguimos superar que significa que vocês não irão conseguir. Reconheça seus erros e não se esconda atrás de desculpas, nem dos seus julgamentos.

— Ela não vai me perdoar, pai, sei disso.

— Agora não, mas tudo tem seu tempo, e às vezes, dar um tempo é necessário — escutar isso dele me derruba.

Ele não me critica ou julga nem por um minuto. Volto a chorar. Não acredito que meu pai está me dizendo isso.

— Você deveria ser o primeiro a me criticar, pai.

— Por que faria isso? Você é meu filho, Maycon, eu te amo, quero vê-lo feliz, e tem outra, eu já passei por isso. As pessoas costumam ver a dor de quem foi traído, mas quem traiu também sofre. O pior e mais cruel julgamento é o que você faz de si mesmo. Não tem porque eu dificultar mais para você, isso é desumano. Mesquinho da minha parte.

— Mas eu fiz isso com você, não lembra?

— Você foi vítima, mas imagina se fosse o Noah, levaria em consideração?

— Não...

— Então, campeão! Eu te amo muito, minha felicidade também depende da sua. Seu problema é que ainda tem que amadurecer, Maycon. E assim como eu aprendi, seus erros vão te ensinar também.

— Se não for para ficar com ela, não quero continuar...

— Você vai continuar com ou sem ela, sabe por quê? Porque tem o Noah, ele precisa de você. Eu sei que é difícil, mas eu sobrevivi... — faz uma pausa e eu o olho, esperando escutar a solução. — Maycon, quando eu conheci sua mãe, soube que nunca amaria alguém como eu a amei. E no dia que eu a perdi, também achei que a vida havia perdido o sentido, mas tinha você, tinha meus pais e Jessica. E ainda que meu casamento estivesse acabado, havia motivos para continuar. Isso não é sobre a Elena te perdoar ou não, isso é sobre você se perdoar. Reconhecer seus erros e se dar uma nova chance.

— Eu não sou forte como você.

— Você é sim, não é um erro que irá derrubá-lo. É mais forte que isso e antes de casar com Elena, já era pai do Noah, deve manter seu compromisso com ele. Pode ter quebrado o de marido, mas não quebrou o de pai.

— Quebrei sim...

— Recomeçar não é fácil, mas a vida tem esse ponto satisfatório. Não é porque perdeu um grande amor, que não pode mais amar. Não vou dizer que será na mesma intensidade, mas pode amar novamente. Não torne tudo mais difícil para você.

— Não vou desistir da Elena, pai!

— Não estou dizendo para desistir, mas dê tempo ao tempo. Conte a ela a verdade, mas respeite o momento dela, respeite a dor dela. Não procure se justificar, não procure culpados. Mostre que a ama, que realmente está arrependido.

— Como ela pode acreditar que a amo se eu a traí? Quem ama não trai. Não é o que dizem?

— Apenas os inimigos não traem uns aos outros, no mais, todos estamos sujeitos.

— Nem sei como vou contar isso a ela.

— Vai para a sua casa, siga a mesma rotina com Noah, depois chame Elena para conversar e seja sincero. A sinceridade é sua maior aliada agora. Não faça promessas, respeite a decisão dela seja qual for. Depois disso, reveja seus conceitos, pense em como se perdoar, porque antes de pedir a ela uma chance, você tem que se dar essa chance. Caso contrário, cometerá os mesmos erros. Depois de conversar com ela, nós voltaremos a conversar e você decide o que vai fazer em seguida.

— Obrigado, pai. Obrigado mesmo — ele me abraça.

— Não se torture por um erro, Maycon, porque hoje eu sei que todos os dias cometemos erros, uns graves, outros nem tanto, mas somos humanos, vamos errar sempre. Isso não diminui quem você é ou a sua importância na vida das pessoas.

Saímos do escritório e ele me acompanha até o carro. E antes que eu coloque o carro em movimento, ele se aproxima da janela.

— Maycon, não é um erro que define quem nós somos, mas sim, o que fazemos depois de cometê-lo. Escute o que eu falei e se lembre de que eu e sua mãe sempre estaremos do seu lado, ainda que o mundo fique contra você, somos seus pais, vamos te amar sempre.

— Tudo bem, obrigado, pai.

— Agora vá, Elena deve estar preocupada.

Nos despedimos e sigo para o meu apartamento, a cada quilômetro rodado

minha esperança diminui. Penso em todos os erros, nas vezes que desprezei meu pai, nas vezes que magoei minha mãe. Penso em como sou horrível para Elena, e aqui estou eu, trilhando há tanto tempo esse caminho. Sei que minha vida vai mudar, sei que perdi Elena. Você só sente o peso de um erro quando sabe que o mais prejudicado será você.

Chego ao nosso andar, cada passo é um espinho fincado em mim. Abro a porta, não vejo Noah ou Elena, subo a escada, passo no quarto do Noah primeiro, ele está dormindo, então dou um beijo nele. Saio e paro em frente ao meu quarto, sabendo que daqui a algumas horas ele pode não ser mais meu. Abro a porta, Elena está na sacada vestida com uma camisola branca, seu cabelo está preso, então se vira e me olha, desconfiada.

— Demorou tanto.

Sua voz está embargada, ela se aproxima e percebo pelos seus olhos que estava chorando. Minha mente está confusa e meu coração pesado, o peso da culpa. Sento na cama, ela se aproxima e senta à minha frente, então olho em seus olhos e tento segurar minhas lágrimas, até nossas respirações estão pesadas. Queria ter ao menos uma escolha além dessa, mas não tenho.

— Pode falar, Maycon — ela diz com lágrimas nos olhos, me fazendo sentir um monstro.

— Eu estou com a cabeça a mil, tentando organizar meus pensamentos e isso não é desculpa ou justificativa, mas a primeira coisa que eu quero dizer é que eu amo tudo em você. Mas quero que entenda que essa conversa não é sobre amor ou algo relacionado a ele — estou com nó na garganta. — Algumas vezes tomamos decisões idiotas, cometemos erros injustificáveis e como eu disse, isso não é sobre amor, nesses momentos, geralmente o deixamos de fora, e quando o fazemos, cometemos loucuras que jamais serão aceitas.

— Seja direto, Maycon. Sei que é bom com palavras, mas não precisamos disso.

— Estou sendo sincero, por favor, estou tentando encontrar forças, é tão confuso que não sei nem se... Só me escute... — respiro fundo. — Uma vez você me disse que quando recebemos um presente e não estamos preparados para ele, não o recebemos com a mesma emoção — começo a chorar, ela já está em lágrimas, mas apesar da pouca distância, há um abismo entre nós. Respiro fundo, tentando encontrar forças. — Elena, eu recebi um presente, o melhor e mais sincero presente da minha vida. Ele sempre foi tão importante, mas ao invés de demonstrar o quanto eu o amava e amo, fui incoerente, cometi erros, não soube valorizá-lo. Não é questão de reclamar da vida, mas acho um tanto injusto ela te apresentar seu verdadeiro amor sendo você imaturo para recebê-lo — enxugo as lágrimas. — Você é meu verdadeiro amor, mas eu não estava preparado para

você. Para as suas perfeições tão imperfeitas, para tudo que você é. Foi como receber um oceano inundando meu deserto. E ao invés de agradecer pela vida que esse oceano me trouxe, eu passei a querer meu deserto de volta.

Ela continua chorando, quero abraçá-la, mas não posso, não consigo.

— Percebe que isso não é sobre você, é sobre o belo filho da puta que eu sou — ela me olha tão confusa, com tanta dor. — A vida é feita de escolhas e eu escolhi o caminho errado, de novo — solto todo o ar dos meus pulmões. — Elena... Eu te trai com a Katherine.

Ela fecha os olhos ao me ouvir e vejo as lágrimas silenciosas se transformarem em um choro de dor. Ela perde a voz, seus lábios ficam brancos, sua pele pálida e por um momento penso que ela vai desmaiar.

— O quê? Como assim, me traiu com Katherine? — diz com a voz falha.

— Ei sei, fui um pilantra e traí...

— É brincadeira, não é? Você não faria isso, não isso!

Ela se levanta e eu a sigo, então Elena começa a chorar alto.

— Por que, Maycon? Por quê? — ela grita.

— Me perdoe, eu te amo... Por favor, me perdoe?

Tento me aproximar e quando faço isso, ela começa a me dar tapas, tentando acertar qualquer parte do meu corpo, depois leva as mãos à cabeça.

— Por quê? Meu Deus, por que isso? Onde eu errei com você? Eu tentei ser paciente, tentei superar, fingi ser cega a todos os seus erros. Eu tentei tanto...

— Elena, eu sei, mas não passou de...

— Já é humilhante saber, não me venha com detalhes. Não acredito em suas justificativas.

— Elena, por favor...

— Maycon, olhe para você! Adorava julgar seu pai, falar da Jeniffer — ela sorri em meio às lágrimas. — Não vou dizer que é igual a seu pai, porque se fosse a metade do homem que ele é, nosso casamento não estaria acabado.

— Eu sei, eu errei, mas estou implorando uma chance...

— Uma chance? Depois de tantas, ainda se acha no direito de pedir mais uma? Não tem mais chance, você sabe o que estou sentindo, e sabe como dói, então...

— Elena, por favor, me escute. Eu fui um idiota, estava com a cabeça quente, mas todo mundo erra, não sou perfeito. Eu te amo e se me ama pode me perdoar.

Continuamos chorando com desespero.

— Pare de pedir perdão, Maycon. Você sempre foi tudo pra mim, eu abri mão de tanta coisa por você e mesmo que tivesse recaídas, eu estava disposta a continuar a lutar com você, mas outra mulher, Maycon? Outra mulher? Você me traiu e isso dói — ela chora com tanta dor e dói tanto ter causado isso a ela. —

Você me traiu, como pôde fazer isso?

— Elena, eu não sou perfeito e nunca vou ser, mas eu te amo... Eu te amo muito e estou arrependido. Estou implorando outra chance...

— Não, Maycon. Chega! Quero me dar uma chance, eu mereço uma chance de ser feliz, e sabe que nunca vou ser com você — ouvir isso aumenta mais meu desespero.

— Meu anjo, olha... — tento me aproximar, mas quando encosto nela, Elena grita, me fazendo recuar.

— Não encoste em mim, nunca mais!

— Amor, por favor...

— Amor uma ova. Vá embora, desapareça da minha vida.

— Por favor, pense em tudo que passamos.

— Foi um tempo jogado fora. Já desperdicei demais meu tempo com você, acabou, Maycon. Posso até chegar a perdoá-lo, mas o “nós” acabou. Vá embora, e, por favor, tenham a decência de saírem da clínica, você e aquela puta, porque a partir de hoje não desisto de mais nada por você — ela vai até o closet e começa a jogar minhas roupas na cama. Pega uma mala e vai colocando tudo dentro com desespero e raiva.

— Vamos acabar assim?

— Acabou faz tempo, acabou no momento que decidi ficar com ela. Está livre, Maycon. Aproveite a sua liberdade, porque jogou seu casamento no lixo por causa dela, então faça bom aproveitamento e seja feliz — ela passa por mim e abre a porta, joga minha mala com raiva para fora do quarto. — Amanhã mando o restante para a casa da sua mãe. Saía daqui.

Vou em sua direção e paro a sua frente, mas ela não me olha.

— Sinto muito.

— Não sinta, porque vou superar isso e seguir em frente.

— Quando seguir em frente, espero que possa se lembrar de nós e de tudo que fomos para o outro.

— Só vou conseguir me lembrar de tudo o que abri mão desde que me envolvi com você.

— Elena, por favor...

— Desista, Maycon. Estou desistindo definitivamente de nós! Siga em frente, porque você não ocupa mais espaço algum na minha vida.

Assim que saio do quarto, ela fecha a porta com força. Passo no quarto do Noah, lhe dou um beijo e algumas lágrimas acabam caindo. Desço com a minha mala, passo pela sala e vejo nossas fotos do nascimento do Noah, do nosso casamento, nós três. Pela segunda vez, estou perdendo a minha família e isso dói demais. Fico observando uma foto nossa e o meu pensamento corre solto. Que

porra! Você sempre vai ser a única, Elena, como sempre foi. Desejo que um dia possa me perdoar. Eu te amo. Agora só me resta engolir o meu orgulho e tentar ser uma pessoa melhor para o Noah.

— Me perdoe por não ter conseguido, amor. Não que esteja desistindo, mas, você tem razão, quero que seja feliz. Talvez seja o momento de trilhar outro caminho, deixá-la ser feliz, deixar ser quem realmente é. Dói tanto dar esse passo, mas às vezes é preciso... Eu te amo, Elena, ainda que seja um amor tão indigno. Eu te amo.

Capítulo 15 - Divergindo-se

Maycon vai embora e toda a esperança de uma vida juntos, sai com ele. Hoje sei que apenas um sentimento é capaz de matar o amor, e esse é a decepção. E agora tudo que me resta é encarar a desilusão, meus erros, a culpa por ter me permitido ser tão ingênua, tão tola. Ainda que eu queira, não há forças em mim, então desabo no chão. Choro até não ter mais lágrimas, na verdade, não me resta nada, esse foi o golpe mais duro. Aquela sensação de morrer mesmo estando viva, a dor junto com a raiva me dilacera totalmente. E a ironia está em você saber que a única pessoa que pode aliviar e te consolar, é quem te machucou. E isso é mendigar amor.

Deito na cama e as lembranças do Maycon torturam minha mente, e essa é a pior forma de ser torturada, senti-lo e saber que ele não está, saber que ainda assim, essas lembranças não vão me deixar ficar bem. Eu estou desistindo dele e pela primeira vez quero sentir o vento da liberdade. Quero me preocupar apenas comigo e Noah, ser feliz e não apenas fingir ser. Acho que quando a linha do respeito é ultrapassada, por mais que doa, deve-se reconhecer que esse é o fim. Não é fácil desistir do amor da sua vida, não é fácil deixar de trilhar um caminho que você jurava que lhe traria felicidade, mas é preciso, afinal, quantas noites eu ainda vou querer perder com alguém que promete e nunca cumpre? E mesmo que quisesse, agora tudo perdeu o sentido e o grande Maycon não passa de um hipócrita como todos que ele sempre julgou.

Respiro fundo, fico na cama sentindo o amargo da decepção, o nó na garganta. Refaço nosso caminho, lamentando minhas escolhas e ter ignorado a todos que já previam nossa desgraça. Lamentando ter acreditado nesse amor. Acho que se for analisar bem, não houve de fato felicidade, apenas momentos felizes. Deixo mais lágrimas correrem, a dor é tão cruel, tão forte, mas ela se cala perante o pensamento e a momentânea esperança de ser a última vez.

Não quero e nem vou me abandonar, não vou desistir de mim, quero reconstruir meus sonhos, quero me completar. E para isso vou ter que juntar os cacos do meu coração. Deixar que o tempo tome seu devido lugar e amenize a dor, que me ajude a restabelecer a confiança em mim mesma. Essa que é destruída toda vez que me vem Katherine e Maycon à mente. O pensamento machuca e todas as declarações dele se transformam em insultos na minha cabeça. Qual o sentido em trair alguém? Qual o sentido em machucar tanto os sentimentos de alguém?

As horas passam, essa é a noite mais cruel para mim. Ele me traiu e nada

apaga isso, o orgulho ferido. Não acredito que ele chegou a fazer sexo com outra, e ainda que ele não tenha confessado, sei que Maycon não é do tipo que fica só no beijo, e mesmo beijo, é traição para mim.

O dia renasce e ainda que nada em mim tenha forças para levantar, não quero me mostrar frágil, eu realmente terei que ser forte para fingir estar bem. Às cinco da manhã, bebo enérgicos feito louca, tomo três doses de tequila, subo ao meu quarto novamente e tomo um longo banho, aproveitando para derramar minhas últimas lágrimas. Saio e me apronto para o trabalho, fazendo uma boa maquiagem para disfarçar essa noite sem dormir. Acordo Noah, que de imediato pergunta pelo pai. Droga! Ele se acostumou a ser acordado pelo Maycon e não quero que ele sofra pelo mesmo maldito motivo que eu. Não quero Maycon na minha vida, mas não posso tirá-lo da vida do Noah, não de imediato, apesar de desejar ardentemente isso. Apagá-lo das nossas vidas.

— Cadê meu papai, mamãe?

Ele insiste e tento explicar de um modo que ele possa entender.

— Amor, olhe para a mamãe — ele assim o faz, então dou um sorriso. — A mamãe te ama tanto, que não consegue ficar longe de você. Você também me ama, não ama?

— Sim — ele sorri, meigo.

— Assim como você mora com a mamãe, o papai vai ficar com a mamãe dele. Porque ela o ama muito e não podemos separar mães e filhinhos, não é?

Noah suspira, acho que o confundi mais ainda.

— Mas ele é meu papai, tem que *fica* comigo.

— Mas você tem a mamãe e não precisamos dele.

Noah me olha assustado, vejo tristeza em seu olhar, então respiro fundo.

— Ele foi *embola* mamãe?

— Ele vai ficar com a vovó e quando quiser vê-lo é só falar. Combinado?

— Ele não gosta mais de mim? — eu o abraço e dói vê-lo assim.

— Ele te ama, assim como eu te amo. Mas a vovó precisa dele assim como eu preciso de você.

— Ah... A vovó não pode *molar* com a gente?

— Não, mas ele pode vir te ver, tudo bem?

Ele não faz mais perguntas e é horrível dizer isso a ele, mas a minha raiva não me deixa agir com clareza. Sei que os próximos dias serão difíceis, mas ele vai se acostumar. Noah é forte como eu e vai superar.

Descemos e tomamos café, quando terminamos, brinco com ele escovando seus dentes, pegamos nossas coisas e o motorista já nos aguarda. Se antes eu ficava aflita por notícias do Maycon, hoje não me interessa, sei que isso também vai passar, essa revolta pela traição, mas quando acontecer, espero ter superado

essa ilusão.

Noah ficou visivelmente triste por saber que o pai não estará tão presente, já que depois que eu disse a ele que Maycon foi morar com a vovó, ele ficou cabisbaixo e não conversou durante todo o trajeto até a escola. E vê-lo assim me faz odiar Maycon mais ainda. Quando o motorista me deixa em frente à clínica, vejo o carro de Katherine. Apesar de querer estapeá-la, não vou me rebaixar, esse tipo de mulher não vale a pena. Passo por ela, dou um bom-dia e me aproximo assim que seguimos pelo corredor.

— Soube de tudo, Katherine. Eu lhe desejo sorte com o viciadinho de merda do Maycon. Porque vai precisar — sorrio e ela fica pálida.

— Elena, você está entendendo errado. Não passou de um beijo, não é o que está pensando...

— Não quero saber, pouco me importa. Não se preocupe em justificar nada, na verdade, eu quero agradecê-la por ter me tirado um peso enorme das costas. Boa sorte com ele — sorrio novamente e sigo com passos rápidos pelo o corredor, passando por Derek.

— Bom dia, Dr. Derek — sorrio.

— Bom dia, Elena. Como vai?

— Muito bem.

Eu o ouço dar um bom-dia para a Katherine e continuo andando com a cabeça erguida, mas desabando por dentro.

Quando entro na sala da Jeniffer só não desabo em lágrimas porque dou de cara com Isaac.

— Bom dia — digo sem graça.

— Bom dia. Tudo bem, Elena?

— Tudo be... — antes que eu termine, ele fala.

— Elena, eu já estou a par de toda a situação. Maycon me ligou ontem à noite e disse que não vai mais trabalhar aqui em consideração a você — seguro o riso irônico ao ouvir a palavra consideração, visto que ele nem sabe o que é, mas antes de protestar, me lembro que Isaac é seu pai. Obviamente está do lado do filho. — Não quero e nem posso dar palpites em sua vida, mas acho que por experiência própria vocês deveriam manter a rotina do Noah. Sei que a situação é complicada, mas não é necessário seguir com exatidão erros de outrora.

Apesar do “nem posso me intrometer”, Isaac continua com seu “conselho”, que é sensato, eu confesso. Mas desta vez não vai existir quem vai me dizer o que fazer, vou tomar minhas próprias decisões e de início quero que Maycon sofra e não vou facilitar nada para ele. Escuto tudo e no fim agradeço, então ele se vira para Jeniffer e conversam sobre outro assunto, apesar de não serem claros, sei que é sobre a gravidez. Assim que ele sai, Jeniffer, que sempre foi

falante, fica muda. Sem jeito. Então, como quero fingir estar bem, começo.

— Está tudo bem?

— Está... Bom, na verdade, assim como qualquer pessoa, não devo dizer o que você deve fazer. Sei que deve ser difícil...

— Jeniffer, está tudo bem. Maycon não significa mais nada para mim — sorrio e ela sabe que é mentira, então se aproxima e me abraça. Eu começo a chorar e ficamos assim por muito tempo, em silêncio.

— Elena, eu sinto tanto.

— Não sinta. Vai passar, você vai ver, vou ficar bem.

— Maycon parece arrasado, e...

— Desculpe, mas eu não quero falar sobre ele.

— Tudo bem. Não falo mais.

Não tocamos mais nesse assunto, eu passo a preencher a minha mente com trabalho, não pergunto o que farão com Katherine, mas acho que para eles, ela não é o problema, visto que Maycon saiu. No horário do almoço acabo encontrando com Dr. Derek.

Como Jeniffer saiu com Isaac, ele se aproxima.

— Posso? — ele pergunta antes de sentar.

— Agradeceria se o fizesse — sorrio.

— E o Maycon? Não o vi hoje.

Sorrio sem graça, como não tirei meu anel de casamento, sei o motivo da pergunta.

— Não sei, na verdade, estamos nos divorciando.

Falo com naturalidade e ele mantém a discrição, não fazendo mais perguntas. Eu observo Derek e até a maneira como ele utiliza os talheres é extremamente perfeccionista, ele tem um toque de sofisticação que admiro.

— E então, vai exercer a profissão? — inicia outro assunto. O garçom chega e oferece um suco e eu acabo aceitando.

— Não pensei, mas refleti muito sobre seus conselhos. E algo me diz que devo segui-los.

Ambos sorrimos.

— É definitivo isso entre você e Maycon? Posso te chamar de você? Não quero parecer atirado.

— De maneira alguma você me parece atirado e pode me chamar como desejar. Mas sobre Maycon, minha cota de decepções chegou ao limite, acho que está na hora de tomar novos ares — brinco.

— Isso é bom, mas vá com calma, não deixe que as frustrações a façam cometer erros dos quais poderá se arrepender. Quando se está decepcionado, muitas vezes passamos a ter uma visão distorcida do que realmente queremos. A

decepção de fato não é a melhor conselheira.

— O que faria no meu lugar?

— Elena, é mesquinho me colocar em seu lugar, porque cada um sente a intensidade de sua dor e não sei sobre que nível de decepção estamos falando. E crendo que não tenha passado pela mesma situação, não me acho no direito de dar opiniões. Mas, em todo o caso, tome apenas como conselho. No meu caso, estando decepcionado, eu me resguardaria, esse seria o meu tempo de observar as pessoas e ouvir o que elas dizem. Tempo de aprender, crescer, ter uma nova conduta, desenvolver uma nova postura — sorri. — Aguardar até que a vida me mostre qual é o melhor caminho a seguir. Não agir de maneira alguma por impulso, esperar que tenha uma visão clara de seus objetivos, mas não procure alguém para preencher a carência. Sei que uma hora ela baterá à sua porta, procure você mesma suprir sua carência, se fazer feliz. E somente quando chegar a esse ponto, saberá que nada poderá atrapalhar sua felicidade, apenas você mesma.

— E como eu vou ter certeza dessa visão clara sobre minha vida?

— Você saberá, mas para ver, precisa estar atenta. Sem tanta ansiedade, sem tanto desespero para tentar fazer com que as coisas aconteçam do jeito e na hora que você quer. Deixe as coisas fluírem naturalmente. A paciência será a sua aliada.

Fico observando seus lábios mexerem, ele é tão sensato. Derek continua.

— Não acredito na frase de que não podemos escolher quem amar, podemos sim, e se tiver paciência a pessoa certa vai se aproximar, e amá-la será algo tão natural como a chuva, ou calor. Não se afobe, apenas deixe o tempo tomar seu lugar e vai ver que toda essa dor vai se tornar insignificante.

— Você falando parece tão fácil. Como se tornou essa pessoa tão sensata, tão segura de si?

— Isso é segredo! — Sorri. — Talvez um dia, eu revele, mas por enquanto, apenas siga meus conselhos. Sou um bom psiquiatra, modéstia à parte.

Ambos sorrimos e percebo que Derek tem o dom de me acalmar, essa sensação é como o doce para uma alma amargurada. Sinto-me segura, sinto que suas palavras parecem sagradas, tudo que preciso para o momento e isso me faz esquecer a minha realidade caótica.

Voltamos à clínica e quando entro na sala fria pelo ar-condicionado e sento à minha mesa, tudo volta em um sopro gélido. Toda a dor que tento esquecer, o amor amargurado está aqui, e de repente, a vontade de querer saber do Maycon me invade como uma fissura a um viciado. Meu vício mais danoso é ele, e preciso urgentemente de tratamento. Preciso me curar, deixar esse amor doentio acabar. À tarde, eu mando uma mensagem para o Maycon e peço para ele não ir

ao apartamento. Ele questiona sobre Noah, mas minto dizendo que ele ainda não reclamou de sua ausência. Sei que rejeição é o ponto fraco do Maycon, ele recua quando acha que não sentem sua falta e não me sinto culpada por fazer isso. Não quero vê-lo, pelo menos não hoje.

As horas se vão e quando estou me arrumando para ir embora, agradeço a Deus por ter tido forças para vencer esse dia. Pego Noah no colégio e a professora diz que ele teve febre e ficou tristonho o dia todo. Isso me deprime, e ao invés de achar que é por causa do Maycon, prefiro fingir que é gripe. Vamos para a casa e tento animá-lo, até me atrevo a um banho com ele na banheira, e por um momento isso o distrai. Às nove horas da noite, ele vai para o sofá da sala e eu sei que ele está esperando por Maycon, mas não me atrevo sequer questionar. O tempo passa e ele acaba adormecendo.

Eu o coloco em sua cama e vou ao meu quarto, e é ali que desabo, onde deixo toda a dor tomar conta, onde a solidão me joga na cara meus medos e a máscara cai. Estou tão magoada e sentindo tanta dor com a separação. Uma parte de mim queria tê-lo aqui, mas o orgulho não me deixa nem mesmo levar esse pensamento adiante.

Tomo calmantes e eles fazem efeito rapidamente. Sou acordada pelo choro de Noah, chamando o pai. Vou ao seu quarto e o encontro assustado, então eu o pego no colo e tento acalmá-lo, mas ele só volta a dormir quando o levo para o meu quarto. Ele tem febre durante a madrugada, mas assim que eu o dou um antitérmico, sua temperatura se normaliza. Mais uma vez eu não consigo dormir e outro dia se inicia. Sigo nossa rotina e ele acaba fazendo as mesmas perguntas sobre o pai. Noah é esperto, muito, uma vez sua professora disse que ele consegue se expressar bem, tem um vocabulário amplo e consegue se destacar em meio aos coleguinhas. Quando comentei isso com Emily, ela disse que Maycon também era assim, o que não foi uma surpresa. Tal pai, tal filho.

No caminho até a escola, ele segue silencioso. Sei que não consegue entender o que está acontecendo, mas essa situação está afetando-o. O dia segue e eu me distraio almoçando com Derek e Jeniffer, formamos um ótimo trio. Esses momentos são raros e únicos. Depois do almoço, Jeniffer conta sobre a gravidez e eu a parablenizo. Mesmo não querendo se intrometer, ela acaba me aconselhando a não afastar o Maycon do Noah, e sei que tem razão.

Mas não estou pronta para vê-lo, então sugiro que Emily o pegue em meu apartamento, e ela o faz assim que chegamos. Ele dorme em sua casa e minha noite passa a ser mais solitária, se resumindo em lágrimas e mais lágrimas. A parte que tanto anseio que passe, parece não ter fim. Eu sinto muito a sua falta, e em meio às lágrimas acabo adormecendo e sonho com ele. Sonho que estamos juntos na cama, mas ele desaparece e me desespero. Acordo assustada, percebo

que tudo foi um pesadelo, são três da manhã e sei que não vou conseguir dormir. Espero o dia amanhecer novamente, ele não me traz nada de novo, parece tudo igual, tudo monótono e sem nenhuma esperança. Sigo a minha rotina sem vontade alguma. Agora Katherine passou a fugir de mim como o diabo foge da cruz. Eu ocupo a minha cabeça com o trabalho, mas nada parece fazer sentido e a cada vez que fraquejo, penso que isso vai ter um fim, e quando acabar, estarei livre.

O dia se vai e eu sigo usando a minha máscara imperturbável. Maycon manda uma mensagem dizendo que pegou Noah e que vai levá-lo para a minha casa à noite. Chego ao apartamento e tento me fortalecer para esse encontro. Tomo um banho, mas não consigo jantar. As horas passam, oito, nove, às dez e meia a campainha toca. Eu vou até a porta usando um robe e consigo sentir o seu perfume. Eu a abro, um tanto trêmula e seguro a vontade de chorar, respirando fundo, mas meu coração acelera ao vê-lo.

— Ele dormiu — escuto sua voz e tento buscar forças em mim.

— Pode colocá-lo em seu quarto?

Maycon entra e sobe a escada, fico na sala o esperando descer. Em poucos minutos ele aparece.

— Ele ficou bem ontem? — pergunto, tentando me mostrar indiferente a ele.

— Ficou. E me contou uma história que eu fui morar com a minha mãe porque as mães e filhos não podem se separar. Contou que você disse isso a ele e perguntou se era verdade — ele me encara e eu evito olhar diretamente em seu rosto.

— Queria que eu dissesse como você é pilantra? — bufo e Maycon desvia o olhar.

— Elena — ele se aproxima. — Eu errei e não tem um só segundo que não me arrependa por isso. Mas pense em tudo o que vivemos, que passamos para chegar até aqui. Você vai jogar fora como se nada tivesse importância?

— Eu não joguei fora, foi você. Isso só está acontecendo por você ser inconsequente e eu não perco mais meu tempo com pessoas assim, nada do que disser vai me convencer do contrário.

Ele se aproxima mais e eu recuo dois passos. Sei que se ele encostar em mim, posso acabar cedendo.

— Elena, eu te amo e estou ficando louco. Não sei o que fazer para conseguir o seu perdão, porque ele é tudo que eu preciso. É um absurdo terminar tudo por algo tão sem importância, somos uma família — ele suplica, começando a chorar.

— Pare, Maycon. Você ultrapassou todos os limites e eu me sentiria suja se o deixasse me tocar novamente. Não acredito que tenha sido apenas um beijo.

— Mas eu juro que não passou disso... Por favor.

— Não consigo perdoá-lo e olhando melhor para você, a única certeza que tenho é que você é a última coisa que eu quero. Acabou.

— Eu te amo demais. Não fale assim, estou suplicando, cara — Maycon se ajoelha à minha frente e eu dou um sorriso sagaz.

— Sério isso? O grande Maycon vai se humilhar? Se enxergue, acha que vai mesmo me convencer? O que você espera que eu diga? Sabe que é um pouco tarde para querer salvar nosso casamento.

— Elena...

— Eu era ingênua quando o conheci. Eu acreditei em você, tentei de todas as formas, mas isso não foi suficiente. O engraçado é que você sempre fugiu de uma conversa e agora quer conversar.

— Você sabe que sou louco por você, que nunca tive intenção de magoá-la. Foi um erro, me perdoa?

— Mas sempre me magoou e antes não se importava, agora o jogo inverteu. E para ser sincera, suas explicações não me importam mais. Olha, vai procurar outra pessoa, alguém que aceite seu vício, que o aceite bem do jeito que você é... Um viciado que troca tudo por uma noite de porre com Jayde.

— Pare com isso, sei que me ama...

— Está enganado. Pela primeira vez eu posso dizer com a toda certeza que eu *me* amo, não posso mais perder meu tempo esperando que você mude. Cansei dessa ilusão. Pouco me interessa por seus problemas ou suas crises. Acabou tudo entre nós, Maycon. Seja feliz, porque eu já estou buscando ser sem você.

Maycon chora copiosamente, parecendo desesperado.

— Por favor?

— Não vou cometer mais o mesmo erro. Quero trilhar um caminho onde não tenho que me preocupar se meu marido voltou ou não a cheirar cocaína. Onde não tenho que fingir ser cega a todas as suas noitadas com amigos viciados. Hoje em dia, depois de toda a experiência, eu confirmei algo que já sabia. Se envolver com pessoas do seu tipo é perda de tempo.

— Elena, pare com isso. Você sabe que mudei...

— Eu olho para homens como o Derek e vejo que eles sim sabem valorizar uma mulher — falo isso mais para irritá-lo.

— Está interessada nele? — ele se levanta e faz essa pergunta nitidamente magoado, eu sei que estou provocando a mesma dor que ele me causou.

— Vai além disso. O interesse é mútuo, e reconheça que você não tem chance alguma perto de um cara como ele. Você não passa de um moleque.

— É engraçado. Eu não desisti quando você e Keven se beijaram, não desisti de você mesmo quando escolheu várias vezes ele ao invés de mim.

— Não somos iguais. Você gosta de mendigar amor, eu não — retruco com orgulho.

— Cuidado, um dia você pode se arrepender.

— Isso não vai acontecer e pode continuar vendo o Noah, mas corta essa de tentar me convencer. Aprenda com seus erros e tente não os cometer com a próxima, porque comigo não vai ter outra chance, e agora, se não se importa, amanhã eu trabalho.

— É sua última palavra?

— Só estou repetindo o que já havia lhe dito e não vou mudar de opinião.

Ele engole em seco, magoado.

— Tudo bem, me perdoe por fazer perder seu tempo comigo. Não irei mais incomodá-la. Eu desisto.

— Que bom, sinal que me entendeu. Boa noite.

— Estou mesmo. Desisto de você, desisto de mim, só não desistirei do Noah. E quer saber, o mundo dá voltas e em uma delas você pode querer voltar para o moleque. E quando quiser, poderá ter outra e esta outra ser bem melhor que você.

— Talvez encontre uma melhor que eu, porque milagres acontecem. Mas eu me arrepender, impossível — sorrio.

Ele sai extremamente magoado e eu choro feito um bebê, antes que queira voltar atrás, vou ao quarto do Noah e me deito ao seu lado, abraçando-o. Essa é a parte do Maycon que ninguém vai poder tirar de mim. Fico horas sentindo seu cheiro e acabo dormindo assim, desejando que fosse ele e sonhando com nós novamente.

Mais dias se vão e não nos vemos mais, Emily passa a buscar e levar Noah, não há mais mensagens, não escuto mais sua voz. Não há mais Maycon em minha vida e o engraçado é que depois que ele se foi, começo a perceber que não há mais Elena.

Capítulo 16 - Seguindo meu caminho

Maycon

Saio do apartamento me sentindo um imbecil. Merda de vida. Entro no carro e antes de o colocar em movimento, me encaro no retrovisor. Ligo para o meu pai e conversamos um pouco, ele até me chama para ir à sua casa, só que não quero, estou me sentindo um lixo. Não quero aparecer assim.

Está aí a sua recompensa por tudo que fez seus pais passarem, por toda sua vidinha de merda. O que vai fazer agora? Perdeu o jogo, cara, fim da linha pra você.

Odeio sentir toda essa merda, essa dor, viciado ou ex-viciado é a mesma merda, seu passado te condena e no fim todos só o veem como isso. E eu só penso em como uma boa dose faz toda essa merda desaparecer e faz a vida ficar boa. Começo a viajar na ideia de uma carreira, estou há tanto tempo sem, apenas uma carreira mandaria a Elena para o inferno e me faria sentir bem.

Me lembro da primeira vez que comprei pó, foi no dia que eu conheci Robert. De cara eu o achei um babaca, um viciadinho de merda, me achava tão superior e que nunca seria um viciado como ele. Me deu pena vê-lo tão dependente, louco por uma carreira. Quando ele me disse que tinha apenas três meses de pó, eu o achei mais idiota ainda, o foda que o idiota era eu, viciiei mais rápido.

Primeiro foi apenas aos sábados, depois passou a ser durante a semana, aí fodeu e passou a ser todos os dias. Meus pais desconfiaram, eu emagreci, fiquei pele e osso. Mas o filhinho deles era bom demais para ser viciado, então ignoraram. Passei a injetar e como pouco me importava em usar seringa dos outros, peguei hepatite, a doença que mais se propaga entre viciados tirando o HIV, e tive sorte de não ter me tornado um soropositivo. Fiquei mal, mas não conseguia ficar sem, foi a conta de voltar para casa e ir direto cheirar. Enquanto meus pais faziam vista grossa, eu me afundava mais. E agora que estou limpo, estou feito idiota pensando no puta prazer que a coca me dá e como uma carreira iria me fazer bem.

O problema de se andar com viciados é que depois que você para, não tem lugar para ir. Elena passou quase três anos reclamando disso, que não tínhamos vida social. Ela mal sabia que todos os caras que conheço, se eu me aproximasse, me fariam voltar a usar e já era. E olha que foda, apesar desse longo jejum, não consigo chegar perto da coca. Me lembro de quando eu saía, passava dias só cheirando, uma vez passei mal na rua, caí em frente à porta de uma loja, apaguei e quando acordei dei de cara com o meu pai. Foi nessa época

que eles reconheceram que eu era viciado. Ficaram tão desesperados, loucos, minha mãe chorou uma semana e eu pouco me lixava para eles. Na verdade, a droga destrói suas relações, mas não destruiu com a porra da Elena. Com ela eu pago meus pecados.

Fico minutos pensando para aonde ir, ligo o carro com intuito de ir à minha mãe, mas mecanicamente sigo e só paro em frente à casa do Jong, ele sempre tem da boa. Não é voltar à mesma merda, é só para apagar a Elena, por hoje... O cara, como sempre é receptivo, claro, essa porra come meu dinheiro. Ele diz ser meu amigo, mas nesse mundo não existe isso, para ele eu sou apenas uma fonte de renda e no dia que não conseguir mais pagar, ele me apaga. Ser viciado é isso, a droga o uni e o afasta. Robert e eu ficávamos bem até restar só uma carreira, aí era briga. Com Jayde era a mesma merda, apesar de que eu a tirei da *H* para comprar mais pó, porque *H* é cara e o pó também, eu não conseguia grana para tudo e meus pais surtariam se tivesse que bancar o vício de dois. E como eu vinha em primeiro, só dava para pó e depois de me abastecer, erva.

Troco uma ideia com o cara e fico sem graça quando pergunto se o cara tem. Sei que ele tem, mas é humilhante, depois de dizer várias vezes que parei, estou aqui feito um idiota. Compro três gramas e lá se vai mais dinheiro. Volto a passos largos para o meu carro e durante o trajeto reconheço alguns viciados e eles me reconhecem. Alguns até sorriem e posso até adivinhar seus pensamentos. Uma vez viciado, viciado sempre. Sabia que voltaria a isso, mas dessa vez não tenho ilusão alguma, você entra e já era. Entro no carro em uma euforia e olho para o pó, esse sim é do bom.

Preparo duas carreiras federais e lá se vai o meu jejum. Termina a segunda carreira, e já era Elena e todo seu discurso de merda. De repente o efeito começa e o mundo parece um lugar legal, as pessoas são boas e tudo é cor de rosa novamente. Estou me sentindo bem, agitado e meu sangue ferve. Ligo o carro para ir para a casa da minha mãe, mas antes me olho no espelho e vejo que nem dá para enxergar o verde dos meus olhos. Estou parecendo vampiro de tanto que a pupila dilatou. Merda, vai demorar um pouco para voltar ao normal. Chego à casa da minha mãe, estaciono e faço o máximo de silêncio possível e por sorte não me encontro com ela. Entro na porra do quarto e me jogo na cama, e antes do efeito passar, eu começo a chorar pela porra da mulher. Que merda, no fim a vida se resume a isso. Todo viciado está condenado a morrer sozinho e não posso abandonar meu caminho. Me lembro do médico dizendo para a minha mãe que meu fim estava perto e ele disse isso quando eu tinha quinze anos, na minha primeira internação. E ainda estou aqui. Tem sentido nisso? Nenhum. Acabo de perder a mulher que eu mais amo e ela está pouco se lixando para mim.

Fecho os olhos e vejo meu anjo.

Olhe para mim agora. Eu perdi o jogo. Ainda que você saia gritando meu nome, já era para mim. Sei que você merece seguir em frente e se precisar, estou disposto a sempre ser seu ódio e amor eterno. Mas olhe para nós, Elena, o amor esfriou, não é mesmo? E você está nos matando, ou seria eu? Siga em frente, eu serei o imbecil que você pode culpar, a merda do viciado que nunca tentou parar. Merda, eu sinto sua falta, meu anjo. Então foda-se. Se bem que posso me fingir de mocinho, posso cometer minhas loucuras sozinho, apagar minhas pegadas e você não vai poder se queixar, vou te deixar em paz.

Depois que te conheci, escondi toda a merda sobre mim. Me desculpe, Elena, você nem ao menos pode me dizer a pior coisa que ouviu sobre mim? Na verdade, você nunca procurou saber e se eu te contar que talvez eu seja um suicida que é covarde demais para se matar? Eu deveria ter vergonha, deveria ser seu cara melhor... Enquanto eu te amar, vou pagar por essa merda de vida. Isso tudo é apenas a lei do retorno, você faz merda e a merda volta pra você.

Espero por horas até o efeito passar e depois de um tempo, acabo dormindo. Levanto pela manhã e minha consciência dói, me arrependo tanto por ter usado. Penso naquele viciado da clínica e como ele consegue disfarçar tão bem. Droga, se Elena descobrir que usei, já era. Ah, que porra, ela não está nem aí para mim, que se foda, então.

Depois de três anos seguindo a mesma rotina, agora não sei mais o que fazer. Que merda! Tomo um banho e passo a manhã com a minha mãe fingindo estar bem, sem conversarmos muito. Depois do almoço, ligo para uns amigos e um deles me chama para trocar uma ideia, é o que penso até chegar à sua casa, quando ele me propõe para tocar em seu bar, o lugar é bacana, legal mesmo, geralmente frequentado por jovens universitários.

— Você sumiu, cara — Enzo me diz sem cerimônias. Eu o conheci através da Jayde e ele também gosta de um pó.

— Me casei e já estou separando — sorrio sem graça. Ele ri também.

— Normal. Tem um moleque, né. Fiquei sabendo.

— Tenho. Mas e aí? Como está o movimento?

— Tô ganhando uma grana boa, cada vez os jovens estão mais farristas e consumidores.

Ambos rimos.

— Às quintas, sextas e sábados?

— Sim. Vou contar algo e não é viagem. Eu conheci a meia-irmã do Robert. Lembra dele?

— Caras como ele não se esquece, mas está confundindo, ele não tinha irmã.

— Meia-irmã e está trabalhando pra mim. Ela atende no bar.

— Ele nunca me falou, mas pensando bem, a família dele sempre foi

estranha...

— Todos eles. Ela é completamente louca, não mais que você, mas vão se dar bem. Vai gostar dela.

Conversamos por mais um tempo, nada importante e não sei se vou aceitar esse trampo. O cara pergunta pela Jayde, era fascinado por ela, eu digo apenas que não tenho mais contato. E realmente quase não nos vemos, apesar de falarmos sempre.

Saindo da sua casa, vou direto para o colégio, pego Noah, já que à noite minha mãe irá levá-lo. Não conversamos muito sobre Elena ou toda merda do casamento, Noah não dá tempo, ele quer atenção, a minha, para ser mais exato. Afino meu violão enquanto ele fica tentando dedilhar o piano, depois dou um banho nele e o jantar. Quando ele dorme, conto para a minha mãe sobre tocar no bar e ela acha que devo aceitar, que realmente devo pensar a respeito.

Meu pai e Jeniffer, junto com Jessica chegam quase às dez e me contam que terei um irmão. Não dou nada mais que um parabéns, então Jessica vê meu violão e fica interessada, me ofereço para ensiná-la e combinamos de fazer aulas de segunda a quarta, lógico que não quero cobrar, mas ela insiste e meu pai acaba opinando que será melhor assim. Acho toda cena estranha, de repente, me dou bem com todos, apesar de não gostar desse novo “Maycon”, ele vai me ajudar a me manter no controle. Olho para a minha família e percebo que o lance não é realmente estar bem. Se você fingir estar bem, o resto não tem importância. Na sociedade também é assim, se você fingir se encaixar, eles pouco se importam se realmente se encaixa ou não. E tudo isso é uma falsidade sem precedentes, a lei do mais forte e foda-se para os mais fracos. As pessoas só querem te ver na pior.

Penso em cada passo e cada erro, não vou cometê-los novamente, não vou me deixar ser julgado dessa vez. As horas passam e eles vão embora felizes da vida porque finalmente o Maycon é normal, agora é um produto aceitável, anda no caminho do bem. Despeço-me de Noah e minha mãe o leva. Vou ao meu quarto cheio de lamentações, penso tanto na Elena que chega a ser loucura. Toda essa merda de sentimento é foda. Penso em Noah, em todas as merdas que ela anda dizendo para ele, não contradigo, não vou causar confusão na cabecinha dele, deixo então que ela dê as cartas. Merda, sinto tanto a sua falta, dói tanto, e acabo ficando horas no quarto fumando cigarros e pensando nela. Desço e pego uma vodca e bebo até perder a conta, até não conseguir mais pensar nela e sinto minhas lágrimas secarem. Penso em ligar, mas o orgulho não deixa, então recito eternos pedidos de desculpa na minha mente e tento fazê-la entender que não existe felicidade para nós longe um do outro, mas até na minha mente ela me ignora.

Mais uma noite se passa, levanto, tomo café e pego a correspondência, dou um beijo em minha mãe e sigo com o teatro que estou suportando bem. Ela inicia um discurso de “estou do seu lado para o que der e vier, quero que seja feliz e bla bla bla...” No fim, agradeço com outro beijo e até em momentos como esse as palavras são traiçoeiras. Dizem que se o amor não ensina, a dor passa a ensinar e talvez eu aprenda. Antes que minha mãe inicie outra conversa, invento a desculpa de ter que ir comprar cordas novas para o violão. Se ela soubesse decifrar meu olhar, saberia que é mentira, saberia que estou sangrando e com uma enorme dor, mas digamos que eu e minha mãe já perdemos essa conexão há muito tempo. Eu me sinto sozinho.

Pego as chaves do carro e saio sem rumo, pensando nas duas opções que eu tenho, cemitério ou... Ou nada, não tenho opção nenhuma, então acabo dirigindo por aí. Nenhuma novidade nisso e acabo achando que deixei de me interessar pela vida, então os pensamentos suicidas aparecem novamente. Deixe disso, Maycon, você está aguentando firme. Continue assim. Elena não sai da minha cabeça, penso em ligar para ela novamente, mas acabo ligando para Enzo e aceito a sua proposta. Ligo para Jayde para bater um papo, mas chama até cair. Logo em seguida ela retorna a ligação.

— O que foi, May?

Escutar sua voz me dá um certo alívio, então começo contando que larguei o emprego, que vou começar a tocar e cantar novamente, mas em um lugar fixo, no bar do Enzo. Ela escuta tudo sem me interromper, tento transparecer calmo e que tudo está bem.

— Você está se divorciando, não é?

— Que porra, Jay, por que tem que me decifrar assim?

— Ah, May... — ela fica em silêncio, me escutando chorar feito idiota. É estranho, eu consigo senti-la aqui. — Por que você não vem passar um tempo comigo, pode tocar pra mim.

Penso na possibilidade, mas ela está afundada em heroína e ir com Jayde é me jogar de cabeça nas drogas e em menos de um mês vou estar mais na fossa que agora. E eu até iria, mas tem o Noah e não vou fazer isso com ele.

— Jay, eu não posso, queria, mas não posso. Quando tiver um tempo, vem me ver, combinado?

— Tudo bem. Tenho que desligar agora, fique bem, May!

— Eu vou ficar. Você também, Jay.

Dou mais umas voltas e não sinto fome, mesmo com a hora do almoço se aproximando. Sem drama, volto para a casa e percebo que estou sozinho. Subo para o quarto, odiando essa impotência, essa perda de controle. Começo a pensar em todos os meus erros, odeio essa parte, a parte do Maycon que me diz que eu

poderia ter escolhido outro caminho, que poderia ter sido outro cara e escolhi esse porque quis. Viro alguns calmantes e apago. Acordo com Noah me chamando, então sei que a minha mãe o trouxe de novo e penso se Elena não vai surtar com isso. Ele se aproxima e deita ao meu lado.

— Papai, você vai comigo pra casa?

Sua pergunta me desarma.

— Papai já está em casa.

Ele não sorri e me mostra um desenho que fez, dizendo que sou eu, ele e a mãe. Só vejo rabiscos, mas ainda assim me comporto como se fosse uma obra de arte digna de galeria. Minha mãe escuta e logo arruma uma moldura para colocarmos o desenho e Noah fica todo orgulhoso. Coloco na parede do quarto e para ele isso é o máximo. Brincamos muito, depois seguimos a mesma rotina. Minha mãe pergunta se quero levá-lo, mas respondo que não, ela entende e o leva para Elena. Acho que nesse cabo de guerra não haverá vencedores.

Finalmente a quarta passa e a quinta chega. Fico um pouco extasiado em me apresentar, minha mãe me encoraja, mas como pedi, ela não irá. Chego às sete para passar o som, geralmente a apresentação se inicia às nove e quando entro, encontro com Enzo, que já está bebendo, então me oferece e acabo aceitando um copo. Acertamos os últimos detalhes, a preferência é por pop rock, mas vou fazer cover de clássicos. Conversamos um pouco, então escuto passos e ele chama uma tal de Alanis.

— Maycon, essa é a irmã do Robert.

Eu me viro e vejo uma garota com cabelo curto loira, olhos como o da Jayde, cheia de sardas, não tem nada a ver com Robert.

— Esse é o novo cantor?

Ela pergunta, sorrindo e estende a mão. Eu a cumprimento, mas não acredito que realmente seja irmã do Robert, mas foda-se, às vezes a garota usou isso para conseguir o emprego.

Enzo conta histórias sobre nós, fala sobre eu e Robert e isso me faz sentir mal, por isso evito escutar e vou ao palco organizar alguns fios e meu violão, testo o microfone e passo algumas músicas. Me ocupo com isso, já faz tempo, mas eu sempre gostei, pena que não tenho mais Jayde. Agora sou apenas eu e o violão.

Início com algumas do Nirvana, a galera até que é animada e me acompanha nos refrões, mas a maioria está interessada em beber. À medida que as horas passam, o repertório acaba e o público pede algumas, que eu acabo cantando. É bom essa interação e isso mantém minha mente longe de toda a merda que é a minha vida. Finalmente a apresentação acaba, agradeço a todos e ganho alguns aplausos, nada muito expressivo, mas o que esperar de um fim de noite com bêbados? Guardo meu violão, vou ao balcão e tomo um uísque. Fico observando

Alanis correr de um lado para outro e penso que merda de serviço é o dela. Tem outros para ajudá-la, mas parece que ela funciona como um faz-tudo.

Algumas garotas se aproximam, mas como finjo que são invisíveis, elas desistem. Quando estou para ir embora, Enzo me pede para ajudar Alanis a fechar, vem com o papo que confia em mim, por fim acabo aceitando e contando as horas para fechar, já são quase quatro da manhã. Finalmente o último cliente sai, os funcionários se vão e eu a aguardo fechar o caixa.

— Você que é minha carona hoje?

— Não. Ele apenas pediu para conferir o caixa, porque não confia em você — seu sorriso se desfaz. — É mesmo irmã do Robert?

— Quer um teste de DNA?

— Não acredito em você. Alguma vez já foi visitá-lo?

— Sempre. Tem um babaca que coloca guimbas de cigarro na lápide dele, no início eu tirava, mas agora desisti.

Dou uma risada por eu ser o babaca.

— Quando vai vê-lo?

— Sempre na madrugada.

Ela me surpreende.

— Não tem medo?

— Dos mortos? Isso é sério?

Desvio o olhar. Ela tranca tudo e me segue até o carro da minha mãe, já que hoje estou com o dela.

— Você é rico! — Ela diz assim que me vê abri-lo.

— É roubado — dou um sorriso.

— Você era o melhor amigo dele, não era?

Fico em silêncio. Acho que ela espera que eu diga algo legal, mas não tenho nada a dizer.

— Ele era um viciadinho de merda. Só isso. Mereceu morrer — me lembro do discurso da Elena.

Ela me olha furiosa e eu sorrio.

— Como tem coragem de falar isso?

— É o melhor elogio que posso fazer a ele, é o melhor que faço a mim.

Ela fica em silêncio, eu dou meia volta e espero que entre. Assim que o faz, fico esperando ouvir o endereço.

— Para onde vai me levar? — diz, sorrindo.

— O quê?

— Nosso primeiro encontro!

— Você é louca? Isso não é um encontro.

— Agora é. Pode rolar beijo, só não rola sexo. Não que não queira transar

com você, mas estou cansada.

Fico olhando-a, surpreso.

— Não quer sair comigo? Tudo bem, perdeu a oportunidade de ter uma loira em sua cama.

— Onde você mora?

— Perto daqui. Rua Kalyn, trezentos e quarenta, apartamento duzentos e dois.

— Vou cobrar a gasolina.

Assim que ligo o carro, ela liga o som e ao escutar o rock, ela tira o meu CD e coloca um da sua bolsa, aumentando no último volume, o que me faz perguntar como alguém pode ser tão atrevido. Agora tento certeza que é irmã do Robert mesmo.

Assim que chego, ela desce e fica parada segurando a porta do carro aberta.

— Quer entrar? Vem comigo!

— Não! Que pessoa convida para entrar às quatro da manhã? Você está louquinha pra dar, hein! — Ironizo e ela fecha a cara.

— Você é imbecil. E eu achando que era amigo do meu irmão.

Antes que eu saia com o carro, ela entra novamente e suspira, frustrada.

— Qual o seu problema?

— Não convivi muito com ele, queria que alguém me falasse mais a respeito.

— E não pode esperar uma hora melhor? Tipo, durante o dia, mais tarde e uma alma caridosa?

— Qual o seu problema? Não vai me dizer que mora com a sua mãe?

Sorrio e confirmo com a cabeça.

— Mentiroso. Tudo bem, acho que não quer falar sobre ele.

Ela me encara e eu desligo o carro, respirando fundo. Ela continua e acho que na verdade ela quer falar. Não que eu queira escutar merda nenhuma, mas não tenho escolha.

— Éramos irmãos por parte de mãe e estávamos nos conhecendo, quando ele se suicidou. Eu o chamei para morar comigo — ela começa a chorar. — Eu queria tanto que tivesse conseguido. Nós tentamos parar algumas vezes...

Escutá-la me faz começar a rir.

— Espera, vamos ver se entendi direito. Você também é viciada?

Ela enxuga as lágrimas.

— Só uso às vezes para escapar dessa merda de vida.

— Eu já ouvi isso antes — debocho. — E o cara hoje está a sete palmos debaixo da terra. Era um viciado idiota que quis se matar. Estamos falando do mesmo?

Ele me encara com tanta raiva e isso me faz rir mais ainda.

— Você é tão babaca! Não tem compaixão pelo sentimento dos outros?

Eu a abraço e ela acaba chorando.

— Seu irmão foi uma das melhores pessoas que eu conheci. Era um cara inteligente, mas só andava com pessoas erradas. E isso o levou a morte.

Infelizmente.

— Nós tentamos parar. Ele queria parar, sabe...

— É ingenuidade dois viciados tentarem parar juntos, um leva o outro a afundar. Muita burrice de vocês dois. Deveria ter acompanhando seu irmão.

— Você critica, mas não entende nada, não sabe o que é isso.

— Tem razão, eu não sei... Agora pode sair do meu carro para que eu possa ir embora?

Ela se afasta com raiva e eu dou o meu melhor sorriso. Acho foda porque a companhia errada era eu, e sei que praticamente matei o cara, mas não quero tentar minimizar minha culpa falando das suas qualidades para a meia-irmã que surgiu do nada.

Ela sai, dou um tchau, mas não escuto a resposta, insisto e ela me manda ir à merda. Eu a espero entrar e sigo o meu caminho pensando em como a vida é louca. Um dia ela te leva um amigo, no outro coloca uma louca no seu caminho que quer desabafar com um estranho. Olho no retrovisor imaginado que tenho boas histórias para contar a Elena, pena que será só no meu pensamento, porque ela não existe mais na minha realidade.

Capítulo 17 - Seguindo meu caminho

Elena

O despertador me acorda, hoje faz exatamente uma semana e cinco dias que ele foi embora. Não que eu queira contar os dias, mas conto sem perceber. É mecânico, coisas do coração. Dizer que meus dias sem ele são iguais, não é mais necessário, parece que revivo o mesmo dia constantemente e nesse intenso cansaço emocional, procuro de todas as maneiras ocupar minha mente tentando me convencer de que é o melhor, de que estou certa, mas o vazio cravado em meu peito se nega a aceitar isso. Meu momento é tão estressante que até com Noah tenho perdido a paciência. Ele insiste tanto em ficar e falar do Maycon que acabo falando o que não devo e sei que ele conta tudo ao pai, mas é horrível ver a clara preferência dele por Maycon. Eu me olho no espelho e me sinto horrível, esse vazio transparece em mim e antes de sequer me dar conta, já estou chorando. Mas não aguento mais, só de pensar que ele tocou outra, que desejou, beijou, e... É demais para mim. Maycon acabou com os meus sonhos, com a nossa felicidade. Sei que preciso desse tempo para descobrir a intensidade desse amor. Preciso saber se conseguirei esquecê-lo, ou viver essa ausência até ter certeza de qual caminho tomar. Sei que fazendo isso eu corro o risco de perdê-lo, nós dois corremos esse risco, mas sempre acreditei no amor. Nada, nem mesmo o tempo é capaz de apagá-lo.

Volto para a cama e me sento, respiro fundo e ao contrário de uns dias atrás, não vou mais segurar as lágrimas. Se preciso e quero chorar, farei isso. Fico alguns minutos esperando que isso passe, sem esforço, às vezes é necessário sentir, deixar as lágrimas correrem.

Após um tempo, sigo minha rotina me arrumando como de costume. Vou ao quarto do Noah, desde que falei que o pai não prestava, ele não tem me dado um sorriso caloroso. Eu estou tentando muito, por mim, por ele, mas também sinto a falta do Maycon e talvez admitir isso seja o que mais me destrói. Deixo Noah na escola e vou à clínica. Às vezes penso ter escutado a voz de Maycon, então fecho os olhos e o vejo sorrindo para mim, talvez eu esteja enlouquecendo.

O dia segue e quando menos espero, Jeniffer me conta que ele começou a cantar e tocar em um bar, diz que Jessica está tendo aulas com ele e no fim termina dizendo que ele está bem. Não sei se o intuito disso é me deixar para baixo, ou tentar me alertar que assim como ele, também tenho que ficar bem. Conversamos um pouco a respeito e ela acaba deixando transparecer a tensão em ver como Jessica passou a admirá-lo e sei que teme pela influência que ele possa

ser na vida dela. Prefiro não opinar, visto que Isaac está amando essa proximidade dos dois. Com ela, Jeniffer diz que ele conversa pouco, apenas cumprimentam, mas está feliz por vê-lo frequentar sua casa, ainda que ele não aceite um copo de água sequer.

Às vezes, em meio à loucura, passo a acreditar que amá-lo como eu amo é proibido. Minha vida se resume a isso, durmo sonhando com ele, acordo e choro pela traição, por sentir sua falta, mas visto a máscara de tudo bem, vou à clínica e ignoro Katherine. Tenho ótimas conversas com Derek, inconscientemente ele tem me ajudado com suas teorias e conselhos. Óbvio que tenho curiosidade em saber se Maycon e Katherine se veem, mas pelo visto, não.

Mais dias se vão, ligo para a minha e mãe e desabo em lágrimas contando tudo. Ela fica surpresa, pois apesar de nos falarmos constantemente, mantive isso em segredo. Ela fica chocada e depois de tentar me consolar, me dá conselhos sensatos e promete vir passar uns dias comigo. Agradeço muito por isso e chego, como uma menina, a marcar na agenda o dia da visita. Ela promete trazer minhas irmãs e tentará trazer meu pai, no fim, nossa conversa me alivia um pouco. Contudo, é ruim viver como se faltasse algo.

À tarde, depois da escola, Noah pede para ir para casa de Emily e eu acabo deixando. Ligo para ela, que não demora muito a chegar. Pela primeira vez, depois que Maycon se foi, ela entra.

Noah corre para os seus braços. Penso que será apenas um oi, mas ela senta no sofá e me faz sentar também, então diz a Noah para ir ao quarto buscar seu ursinho, que ele o faz sem protestar.

— Eu passei por tudo que você está passando e não a julgo, Elena...

— Emily eu... — tento dispensar seus conselhos, mas ela levanta a mão, me interrompendo.

— Não vou dizer as qualidades do meu filho e os motivos para aceitá-lo de volta, porque Isaac também tinha e eu não o perdoe, mas vou falar a verdade. Essa dor nunca vai embora e quer saber, abri mão da minha felicidade pelo orgulho, e foi além disso, abri mão da felicidade do Maycon pelo orgulho e não sabe como me sinto culpada ao olhar para ele e ver como poderia ter evitado tudo. E juro que se tivesse consciência de como isso afetaria meu filho, jamais teria pedido o divórcio. Pense em você, mas pense no Noah também.

— Já pensei, Emily e agradeço mesmo, mas eu sei o que quero. Mesmo assim, obrigada.

— Tudo bem. Hoje Maycon se apresenta, então Noah vai dormir comigo.

— Quais os dias que ele toca?

— Às quintas, sextas e sábados. Acho melhor passar a levar o Noah de segunda a quarta? O que acha? Quinta, sexta e sábado ele é seu e domingo

revezamos.

— Depois eu e Maycon decidimos. Somos os pais.

— Vai ser como eu falei, mas se prefere ouvir dele, fica a seu critério — suspira. — Eu já vou. Boa noite.

Ela chama Noah, que está no quarto e eu não retruco, sei como é arrogante. Antes de sair com ele, ela se vira e fala.

— Maycon está lidando bem com a situação, então se cuide. Ah e ele está trabalhando com a irmã do Robert. Você o conheceu?

Isso me desarma.

— Não... Mas ele tinha irmã?

— Fiquei surpresa também, mas Maycon disse que sim. Inclusive estão conversando bastante, acho que isso o tem ajudado, então não se feche. O momento é tenso, se fechar não irá ajudar.

— Obrigada pelo conselho. Jeniffer e eu somos muito amigas e ela tem me ajudado muito — dou um sorriso, ela não retribui e sai.

Sei que ela disse isso para que eu ficasse com ciúme. É uma cobra, acha que me engana, mas não. Bom, talvez eu seja neurótica e isso é coisa da minha cabeça, talvez ela queira me ajudar. Não sei.

As horas se vão, mais uma noite de lágrimas, mas desta vez elas não são tão desesperadas. Apesar de não querer, acabo me perguntando se ele realmente já não está com outra. Que droga! Não penso muito e adormeço desejando que o tempo leve embora tudo isso. Lá se vai a quinta-feira, hoje é sexta e domingo fará duas semanas. Sábado pela manhã, Noah me acorda pedindo para levá-lo ao parque, diz que Maycon irá com nós. Não consigo entender e acabo ignorando. Tomamos café e às nove e meia Maycon me manda uma mensagem dizendo que irá ao parque com a gente. Faz dias que eu não o vejo e fico tensa e como quero parecer estar bem, vou correndo ao quarto e me arrumo.

Eu me vejo diante do espelho, sorrindo. Não estou preparada para isso, mas respiro fundo, procurando força onde não existe. Depois do almoço, a campainha toca e eu digo para a Fátima que irei atender, mas antes que eu consiga chegar à sala, Noah passa por mim correndo e abre a porta. Escuto risadas e quando apareço na sala, vejo Maycon agachado com ele no colo. Ele continua lindo, com seu estilo casual de sempre, bermuda, chinelo, cabelo mais comprido, um pouco de barba, os brincos e camiseta.

— Vamos ao parquinho de *cliançinha* — Noah diz, sorrindo. Maycon confirma com a cabeça, se levanta com ele no colo e então me nota na sala. Ficamos em silêncio e eu reprimo a vontade que tenho de abraçá-lo.

— Oi, Elena — diz, sem jeito.

— Oi...

Ele se aproxima com Noah e já me sinto trêmula.

— Vai com a gente? Noah pediu...

Diz calmamente e eu aceno com a cabeça, apesar de ter jurado que dispensaria o pedido. Pego as coisas de Noah, descemos pelo elevador em um silêncio constrangedor. Observo Maycon pelo reflexo do elevador brincando com Noah. Chegamos ao seu carro, ele coloca Noah na cadeirinha, eu até penso em ir atrás, mas a parte de mostrar que estou bem me faz ir ao seu lado no banco da frente.

— Voltou a tocar?

Falo, tentado ser indiferente e Maycon me olha de relance. Fica pensativo, após alguns minutos, rompe o silêncio.

— Elena, para mim não acabou. Estou respeitando seu tempo e espero que...

— Pare.

— Sei que é difícil perdoar alguém que te magoou, que te fez sofrer, mas eu te amo. Sabe disso.

— Não torne tudo mais difícil, por favor. Acabou, eu vim apenas para mostrar que devemos ser amigos pelo Noah. Fiquei ensaiando desde o momento da mensagem até agora.

— Se tivesse tanta certeza que acabou, não precisava ensaiar. Eu cometi erros, mas não os cometa também.

— Não insista, respeite a minha decisão.

— Tudo bem. Não vou insistir se você se nega a admitir que não acabou.

Seguimos em silêncio o restante do caminho, chegamos e ele estaciona. Desce e vai até Noah, que o acompanha todo falante, sentamos perto dos brinquedos infantis, Noah começa pelo escorregador. Maycon se mantém em silêncio, cabisbaixo, aparenta cansaço, mas ao escutar Noah, ele parece recobrar as forças. Ele não me olha e fico pensando na tal irmã e quero saber mais, mas não tocarei nesse assunto.

— Minha mãe disse que ficarei com Noah de segunda a quarta. E domingo revezaremos. Está bom assim?

— Era para nós decidirmos e não a sua mãe.

— Isso foi apenas uma dedução lógica, se não concorda, proponha uma melhor.

— Está trabalhando com a irmã do Robert? — merda! Não acredito que perguntei.

— Sim...

— Está gostando? — disparo e ele me olha sem entender.

— De tocar ou trabalhar com ela?

— Tanto faz...

— Se tanto faz, por que pergunta?

— Só estou tentando.

— Estou...

— Você gosta disso, de bares, farra... Deve se sentir no paraíso — deixo transparecer a ironia.

— Elena, não começa — volta a olhar para Noah e grita. — Noah, aí não, desce!

Olho e vejo Noah tentando subir em uma parede de escalar. Não é para a sua idade, mas ele nos ignora, Maycon vai até ele e o faz descer.

— Noah, aqui é perigoso pra você.

— Eu sou *aduto* — diz entre lágrimas e nos faz sorrir.

— Você é criança.

— Não sou. Papai é *aduto* e mora com a vovó, eu moro com a mamãe, então sou *aduto* — ele desaba em lágrimas. Ele está estressado com tudo isso, chora tão sentido, então Maycon o abraça forte.

— Tudo bem, anjinho. Você é adulto como o papai, por isso mora com a mamãe, mas isso não tem nada a ver. Para brincar ali tem que crescer primeiro. Você é um adulto baixinho.

Acabo chorando ao ver Noah tão frágil e Maycon se aproxima, me abraçando também.

— Não vou mais insistir, Elena. Se não quer, tudo bem, acho que podemos fazer funcionar assim.

Apenas confirmo com a cabeça e ele tira seus braços de mim. Então faz com que Noah o encare e explica novamente, em seguida o leva para tomar sorvete. Fico pensando em como tudo isso está afetando o nosso filho e no que ele nos disse. Ele vai fazer três anos e se considera adulto por morar comigo, tudo por causa de uma mentira minha.

Vou até eles, que se divertem com o sorvete, Noah já esqueceu as lágrimas. Maycon me oferece, mas dispenso. Passamos a tarde no parque e é tão perfeito, parecemos uma família feliz, mas não é real, não para mim. Ao irmos embora, Noah dorme no caminho de volta.

— Maycon, me desculpe por falar algumas besteiras sobre você para Noah. Sei que ele contou.

— Esquece, eu não ligo pra isso.

— Não desmente quando ele fala?

— Ele me disse que você falou que eu não presto. Ficou me olhando esperando a resposta. Apenas o beijei e confirmei dizendo que você não mente.

— Por que disse isso?

— Se não falarmos a mesma língua com Noah, vamos confundi-lo, então quando ele me conta, confirmo e logo mudo de assunto.

— Desculpa, eu...

— Está tudo bem, Elena. A vida é bem isso mesmo, você não valoriza e acaba perdendo, ainda que não queira acreditar, eu perdi você. E sabemos bem quem mais vai sofrer, não é mesmo? — ele diz e sei que se refere a ele mesmo.

Olho em seus olhos e vejo isso, vejo a verdade estampada como sempre.

Ele estaciona em frente ao prédio, pega Noah e o leva no colo, e como já passa das cinco horas da tarde, vai direto ao quarto. Depois de o deixar lá, simplesmente se despede com um tchau frio e seco.

— Vai tocar hoje?

— Sim, mas se quiser sair em algum sábado, me avise que fico com ele, dou um jeito — sorri.

— Maycon, eu...

— Relaxa, eu entendi. Só acho que devemos tentar parar com briguinhas por causa do Noah e deveríamos levá-lo a um psicólogo infantil. Será bom para ele.

— Eu sou psicóloga, Maycon.

— Eu sei, mas está tão abalada quanto ele. Não pode ajudá-lo, não nesse sentido, como mãe você é excelente — suspira.

Eu começo a chorar ao me lembrar de Noah e me sinto culpada. Maycon se aproxima e me abraça.

— Não fique assim. Estou tentando ser forte agora para não chorar também, sei que ainda vai doer por um tempo, mas vai passar. Infelizmente não tem jeito fácil de se separar, já passei por isso e sei que é uma porra — respira fundo.

— Vou sentir sua falta.

— Tudo bem. Eu sempre vou te amar e me contento em poder vê-la, saber que está bem. Bom, é melhor eu ir agora, sabe que detesto despedidas, se ficar mais não vou conseguir me controlar.

Ele se afasta e eu enxugo as lágrimas.

— Vai doer por um tempo, Elena, mas o amor também é isso, sacrifícios e eu não quero mais te machucar. Não quero mais ser o cara que a faz chorar. E sendo otimista, quando essa dor passar, quando esse ressentimento passar, vamos ficar bem, conseguir olhar um para o outro sem mágoas. Estive pensando que talvez nós nos engamos, Elena. Talvez não seja o nosso momento agora e quem sabe um dia ele chegue — sorri sem jeito. — Vou indo. Quero ver se consigo dormir um pouco antes de ir tocar. Fique bem — sorri e sai.

É tão tenso, tão complicado. Será que todas às vezes vou me sentir assim, com essa dor, essa sensação de perda? Não sei, mas é isso que sinto no momento.

Pego um livro e começo a ler, desses que Maycon odeia, romances onde tudo é tão perfeito e apesar de ser ilusório, fazem um sucesso tão grande que te faz questionar o que passa na mente das pessoas, tento até continuar, mas a história é

tão banal que nem para distração serve. Penso em tudo e começo a acreditar que ele desistiu e essa certeza começa a me incomodar, e apesar de vê-lo, estou com saudades de nós, de ficarmos juntos. Mas é isso que eu quero, ele entendeu, eu entendi, agora é seguir em frente. Infelizmente somos tão diferentes que no momento não tem como continuar.

Os dias se vão, Jeniffer me confirma que Katherine disse a ela que não passou de um beijo. E se parte de mim quer ignorar e perdoá-lo, a outra insiste que beijo é traição. E como quase nunca o vejo, ele marcou um psicólogo para o Noah, o tirou do período integral da escola e passou a ficar todas as manhãs com ele. Eu não vi problemas nisso e apesar de saber que tudo isso foi ideia da Emily, notei que Noah está mais tranquilo depois dessa mudança. Ele tem se “adaptado”, se é que é correto usar essa palavra e eu também, a dor está se tornando apenas saudade.

Em uma segunda-feira, me surpreendo ao saber que Katherine deixou a clínica. Fico feliz por isso e mais ainda quando Derek diz que sugeriu meu nome para ocupar o lugar dela, e como Jeniffer aceitou, Isaac ficou sem alternativas. Estou realmente radiante, vou exercer minha profissão. Derek, ao me contar, insiste que temos que comemorar e eu acabo aceitando, deixando que ele e Jeniffer escolham o lugar para isso. Não vou ser hipócrita de dizer que não amo Maycon, eu o amo como sempre amei, mas estou bem comigo mesma. Esse tempo tem me feito observar coisas que ainda não havia sequer notado.

Acho que as pessoas chamam de tempo de crescimento, amadurecimento e tenho me sentido mais forte. Não sei se Maycon está sentindo o mesmo, não o vejo, começo a acreditar que ele tem me evitado. E acho isso ruim, mesmo estando separados. Ainda não tive coragem de pedir o divórcio e nem Maycon, sei que o amor ainda está aqui, mas o orgulho também, então o melhor é deixar o tempo curar tudo. Minha mãe e irmãs finalmente chegam e para a minha surpresa, meu pai também veio. Converso com Maycon e ele diz que deixará de pegar Noah pelas manhãs nesse tempo e o pegará apenas no domingo para que minha família possa aproveitar Noah. Acho legal da parte dele, essas atitudes me deixam de boca aberta, o cara que criava caso por tudo, não existe mais. Eu o convido para almoçar com a minha família no domingo, mas ele dispensa, então tento conversar mais um pouco, mas educadamente ele finaliza. Em momentos assim me bate aquela pontada no peito, mas é isso e pela primeira vez depois da separação, meu coração sente uma momentânea tranquilidade.

A semana junto com a minha família me anima muito, converso claramente com meus pais e para a minha surpresa, ambos acham que devo considerar a ideia de dar outra chance a Maycon. Digo que não a descartei, mas quero me

sentir bem o suficiente, ter certeza que posso perdoá-lo, caso contrário, não adianta tentar. E somente no dia que estiver bem comigo mesma e puder pensar nisso sem sentir dor, é que sei que meu coração estará preparado para recebê-lo novamente. Quando a noite chega, como tantas outras, me pego pensando nele, em nós, mas logo me lembro de uma citação de Derek. Ele me viu pensativa e sem que eu pronunciasse algo, ele me disse:

“Somente os que têm capacidade de perdoar são os que têm a chance de recomeçar, de curar a ferida e isso não é uma característica dos fracos, somente os fortes são capazes de perdoar e iniciar uma nova caminhada com o coração pronto para ser feliz novamente.”

Reflito e começo a acreditar que estou iniciando esse caminho.

Capítulo 18 - Revendo alguns passos

Maycon

Sabe aquela parte de recomeçar? Então, mesmo que o tempo passe, você nunca conseguirá encarar como sendo um tempo construtivo. Hoje, quase um mês com a minha mãe, as lembranças de todos os meus erros se tornam mais confortáveis. Não que eu acredite em aceitar seus erros, principalmente porque naquele momento eles eram meu refúgio. Mas acredito em ter consciência deles e sei que ao fazer escolhas, como as que eu fiz, causei magoas profundas em meus pais.

Hoje, eu vejo que toda a minha trajetória no mundo autodestrutivo era como contar uma piada, contudo só agora tenho consciência que a piada era sobre mim e em como eu me destruía. E a partir desse momento de plena consciência, ela perdeu a graça. Penso em Noah, em tudo que quero esconder sobre mim, sobre meu passado e me desespero. Não quero nem por um momento que ele se sinta desprezado, que ele passe pela mesma coisa que eu, que foi o que fez com que eu seguisse esse caminho. Alguns erros são mais graves que os outros, mas nenhum deles te permite voltar.

Penso em Elena, nunca tive dúvidas se a amo, mas ao contrário das pessoas, considero o respeito uns dos primórdios do amor, e ainda permaneço acreditando que o amor te faz aceitar a pessoa como ela é. Afinal, se temos que mudar para só então sermos amados, qual o sentido nisso? Não estou questionando a mim mesmo a respeito das minhas decisões erradas e tentando justificá-las, mas a minha mudança veio através da consciência dos meus erros, então não é o amor que o muda, mas a amarga experiência de errar e sentir o peso do erro. Elena volta a tomar meus pensamentos, é constante e sei que esse tempo talvez a afaste de vez da minha vida, enquanto estou tentando controlar minha loucura misturada a pouca sanidade.

Dizer que você se acostuma a ausência de alguém também é mentira, não se acostuma a perder seu grande amor. E nunca vai se acostumar, eu sei que foi um golpe sujo da vida. Mas me responsabilizo por não conseguir ser quem Elena merece. E toda vez que as lembranças me invadirem, sempre vai bater aquela pontada de dor ao lembrar. A vida é feita de escolhas, mas ninguém conta que você pode ser forçado a algumas. Eu fui e estou vivendo a parte de silenciar a dor, pensar em uma pessoa e de alguma forma fingir ignorar seus pensamentos. Mas uma coisa é certa, alguns erros são perdoados, outros apenas esquecidos. E espero que o meu seja.

Um dia desses Noah disse porra, ou melhor, *polla*. Quando entendi o que era

expliquei que não podia falar essa palavra e ele me veio com um: Só *aduto*? Desde então estou evitando até pensar palavrão. E pensando nele, essa semana Elena está com a família e Noah ficará com eles, o que me dá uma folguinha, para o quê, exatamente, não sei.

Vejo minha mãe se esforçando para se concentrar em um livro. Olho atentamente seu rosto e me pergunto quantas rugas foram por minha causa. Eu me lembro de todas as vezes que implorei perdão e disse que não voltaria a usar e fazia tudo de novo no dia seguinte. O silêncio paira no ar como uma prece. Às vezes ela me lança um olhar e sorri.

— Por que não conseguiu perdoar meu pai?

Ela pensa, minha mãe sempre pensa, procura as palavras certas, sempre foi assim. Ela desvia o olhar.

— Algumas questões estão longe de serem respondidas — volta a atenção ao seu livro como um claro sinal de que a conversa está finalizada.

Ela sempre teve esse jeito de se achar superior, e apesar de toda a dor, nunca a vi chorar na frente de amigos ou mesmo na minha, eu apenas escutava. Não sei se eu me odiava por não poder ajudá-la ou por amar meu pai e senti que isso era como trai-la. O problema que minha “solução” causou mais dor a ela do que ao meu pai. E pensando nisso, sei que fui facilmente perdoado por ambos.

Acho um tanto injusto ela passar por isso novamente e reflito por um momento. Não posso continuar assim e percebo que não tenho por que lutar. Elena tem lidado com isso muito bem e enquanto isso, finjo que eu também. Não posso segurá-la. Vendo pelo lado bom da coisa, se é que realmente existe, eu aprendi a seguir sozinho e apesar do tempo, posso voltar.

Nos dias seguintes, sem Noah, aproveito para procurar um apartamento. Confesso que Alanis também ajudou na decisão espalhando para todos que eu morava com a minha mãe. Essa garota é uma praga. E isso foi motivo para algumas piadinhas no bar. Como detesto casas grandes, opto por um apartamento pequeno e comparado à casa da minha mãe, é minúsculo. Quando converso com a minha mãe sobre isso, ela chora como se fosse a primeira vez. Insisto que preciso disso e apesar de não concordar com a ideia, ela “respeita” a minha decisão.

Faço a minha mudança antes da quinta-feira, e segundo a minha mãe, meu apartamento é um cubículo. Mas para mim é grande com dois quartos, sendo um suíte, sala de visita conjugada com sala de jantar, uma cozinha pequena estilo americana, área de serviço e um pequeno escritório, que modifiquei para sala de música e por último, um banheiro social. Minhas aulas com Jessica ajudam a pagar meu aluguel e mesmo que minha mãe tenha insistido para comprá-lo, eu não quis. Isso significaria que perdi toda a esperança e como Elena não pediu o

divórcio, mantenho essa tosca ilusão. No sábado, já está praticamente tudo pronto e como minha mãe volta a trabalhar na próxima semana, não se importou tanto em relação ao Noah. Parando para pensar, essa foi a primeira férias que ela passou em casa e o culpado tem um nome, Maycon, como sempre.

Olho para cada canto da minha “nova casa” e não há empolgação. Mas antes de ocupar meus pensamentos com os porquês, eu me arrumo e vou para o bar. Ao parar em um semáforo, vejo alguns viciados e ao observá-los mais atentamente, eu me vejo ali. Assim como eles, um dia eu estava perdido, tão longe que era quase impossível de ser alcançado e muitas vezes a única esperança se resume a mais uma dose. Então, sem julgamentos.

Penso em Alanis, tenho mesmo tentado me manter um pouco distante, apesar das suas tentativas de se aproximar. No dia que visitei Robert, me lembrei de todas as vezes que eu o induzi a cocaína e é tão foda estar consciente e não poder voltar atrás. Em alguns dias, percebo Alanis depressiva, nesses dias a garota falante se torna distante, presa em seu próprio mundo e sei bem qual, já que ele já foi o meu.

Acho que a maior burrice de um ex-viciado é justamente tentar ajudar um viciado. Mas sabe o peso de dívida? Eu tenho isso ao me lembrar do Robert. Hoje, por exemplo, é um desses dias. Ela está calada, apesar de todos ao redor fazerem barulho, seu olhar está distante. Engraçado como as pessoas gostam de rotina, eu tento mudar o repertório, mas elas são ditadas pela mídia, sempre pedem o que está tocando nas rádios e coisas do tipo. Olho para cada rosto vazio, pergunto se eles ainda se questionam sobre tudo o que ocorre na vida ou apenas aceitam. Vejo a prepotência dos jovens que se julgam sábios, mas são apenas ignorantes, crianças ingênuas que se consideram superiores.

Vejo esses estudantes que nada tem de inovador os esperando no futuro, o máximo que querem é uma boa casa, um bom carro e grana. Como se a vida se resumisse a apenas isso, estabilidade e dinheiro. Eles vivem em prol disso e quando chegam à velhice, descobrem tarde demais que não viveram. Olham para mim como se fossem superiores por estarem correndo atrás do “grande diploma” e apesar de tudo, fui educado assim, segui esse caminho e hoje, aos vinte quatro anos, sinto como se metade da minha vida tivesse sido ignorada pela parte de consciência que me sobra, porque fiz escolhas erradas. Penso em Noah, não quero isso para ele, quero que ele tenha a chance de ser ele mesmo, que escolha uma profissão que goste e não pelo salário. Que ele viva aproveitando o melhor da vida, que suas viagens sejam realmente viagens e não sob efeitos de drogas.

— Boa noite — tenho a atenção da maioria. — Minha amiga do balcão, Alanis, está fazendo aniversário hoje — sorrio. Alanis me olha envergonhada, todos sorriem acreditando na minha mentira. É uma baita de uma mentira, mas

quero animá-la um pouco, quebrar esse gelo e tentar ampliar seu campo de visão sobre a vida. É um pulo no escuro e muita loucura, mas para tornar a vida mais suportável, devemos cometê-las de vez em quando. — Essa próxima música não está no repertório, mas acho que ela merece. É sua preferida, eu acho... — sorrio e todos aplaudem. Início os acordes, dedilho um pouco e então começo a cantar *She will be loved* do Maroon 5. Essa música, com certeza não está entre minhas preferidas, mas foi a única que consegui pensar. Depois da apresentação, todos aplaudem mais uma vez e ela passa a ganhar muitas rodadas de uísque.

Quando me aproximo do balcão, ela sorri, e isso, de certa forma, me reconforta. Talvez eu veja em Alanis todas as minhas antigas frustrações.

— Que loucura foi essa?

— Maneira eficiente de conseguir bebida grátis — sussurro e pisco. — Funcionou. Temos bebida para a noite toda.

Ela sorri.

— Deixe-me ver. Não conseguiu voltar para a sua mulher e quer conseguir sexo de graça. É isso?

— Fico tão impressionado com a sua inteligência e como consegue desvalorizar minhas boas intenções. Isso me magoa.

— Hoje não é meu aniversário, seu mentiroso, mas adorei a música. Obrigada!

— Fica sendo. Anota no calendário e resolvemos o problema. Eles estão bêbados, não vão notar.

Ela sorri e fico observando sua agitação. Vez ou outra ela me lança um sorriso, mas ele se desfaz do nada. Sinto mãos frias em meu rosto, me viro e levo um choque ao ver Jayde com dois seguranças por perto. Quase não acredito. Está muito abatida, cabelo preso num coque e um casaco que esconde suas curvas. Não está maquiada e isso realmente é inesperado. Ela se joga em meus braços, depois se senta ao meu lado, praticamente se esconde, me fazendo abraçá-la e começa a chorar. Eu me pergunto quando foi que ela se tornou tão emotiva.

— E então? Como você está?

Jayde sorri.

— Sou eu que deveria perguntar isso — protesta.

— Estou tomando uísque de graça, tocando meu violão. Não tem como estar melhor, tem?

Sorrimos e ela bebe do meu copo.

— Não tem. Vamos sair daqui? Passo tanto tempo em lugares cheios que não me sinto mais bem.

— Tudo bem.

Dou um tchau para o pessoal e saio.

— Aonde quer ir?

— Onde você mora. Quero dormir com você. Só isso.

Saio com Jayde e ela dispensa os seguranças, então eu a levo para conhecer o meu novo apartamento. Ela, que agora está acostumada ao luxo, não se empolga muito.

— Não vai dizer nada, sua porra? — sorrio.

— Legal — esnoba. — E essa história com a Elena?

— Ah! Qual é? Demorou tanto tempo e ainda acha que tem direito a detalhes?

Sigo para o meu quarto e deitamos na minha cama. Ela suspira, nos abraçamos e nos olhamos por um tempo.

— Eu sinto sua falta, sinto tanto que me questiono se vale a pena, May.

— Ah, lógico que vale. Você sempre é capa de revista de fofocas. Foi até considera uma péssima influência para os jovens...

Sorrio e ela revira os olhos com o meu comentário.

— Não quer conversar sobre Elena?

— Aquela garota do balcão é meia-irmã do Robert — mudo de assunto.

— Não quer falar sobre Elena?

Engulo em seco e respiro fundo.

— O que quer ouvir? Quer que eu fale que sinto falta dela, que ainda a amo mais que tudo? Ou que por mais que eu negue, ela está melhor sem mim?

Jayde fica em silêncio, então olhamos para o teto.

— Amanhã vou ver o Noah, May.

— Se ela perguntar por mim, diga que estou bem, que estou fazendo novos amigos e passa meu endereço. Quem sabe não recebo uma visita. E traz ele para mim, amanhã almoçamos juntos.

Ambos sorrimos.

— Mas você não fez nada para tentar voltar?

— Prometi até parar de beber e fumar, e me alistar no exército.

Pisco, ela sorri.

— Quanto tempo ela precisa para ver que você é o melhor cara que eu conheço e...

— Elena sabe quem eu sou, Jay. E sinceramente, não acho que ela pense isso de mim. Mas vamos parar com essa porra. Quero discutir apenas comigo sobre isso.

— E a coca? — ela pergunta e eu suspiro.

— Estou tentando... Pelo Noah, mas já recaí uma vez. Satisfeita?

Ela sorri, se aproxima, apoia os braços no meu peito e fica me encarnado.

— Sabe que pode mais que isso. Nada contra tocar em barzinhos, mas você tem talento, se quiser posso te...

— Jay, eu não quero. Obrigado. Sabe, foi um passo sem pensar e acordei nessa vida sem Elena. Rápido assim, mas não perdi totalmente a esperança.

— Vai fazer só isso com a sua vida?

— Gosto da minha vida assim. Desculpe se é decepcionante pra você!

— Qual é, May? Isso é só depressão pela Elena. Merece mais que ficar apenas tentando.

— Não. Pare de tentar me convencer, isso é uma porra, essa insistência.

Agora, se não se importa, poderia sair de cima de mim, estou quase um mês sem sexo e ficar sentindo seus seios não é a melhor coisa.

— Agora ferrou a merda toda, sem coca, sem sexo. E cigarro, parou?

Sorrio.

— Não, totalmente, mas estou pensando naquelas balinhas... Acha que funcionam?

Ambos rimos.

— Tem mais alguma coisa que eu deva saber?

— A única coisa tóxica que pretendo manter na minha vida é você. Vou tomar um banho.

Deixo Jayde deitada enquanto tomo um banho rápido. Como sei que ela é louca e tarada, me visto no banheiro.

Quando saio, ela não está no quarto, chamo e não escuto. Chamo novamente e ela aparece no quarto.

— São quase três. Vai mesmo dormir aqui?

— Deixei vários programas legais para estar aqui e é isso que me oferece? Um apartamento de merda com uma dose alta de depressão?

— Ah, desculpe, senhorita festança, se o que tenho é pouco para oferecer.

— Vamos sair, May...

— Nem, Jay. Estou cansado pra porra, quero só apagar por hoje. Mas espere aí, e o tal de lugares cheios e aquela conversinha fiada... — ela sorri.

Falsa, só queria sair do bar.

— Vou fazer um *stripe* se ficar aqui com você.

Sorrio e a louca levanta a blusa, mostrando seus seios.

— Pare com isso, Jay.

Ela abaixa a blusa e se deita ao meu lado de bruços, apoiando o rosto.

— E se chamarmos a irmã do Robert? A loira sem graça.

— Sério que já está com ciúme?

— Nunca ofereceu uma música pra mim — reclama.

— Todas que escrevo você canta.

— Não é a mesma coisa.

— Vai falar a noite toda, não vai?

— Vou!

— Aonde você quer ir?

— Apenas curtir com você.

Penso e em segundos estamos no carro novamente. Passamos no bar e vejo Alanis fechando, sozinha. Enzo é um desgraçado mesmo, abusa tanto.

Paro o carro e peço Jayde para esperar. Quando percebe que tem alguém caminhando atrás dela, Alanis anda mais rápido e eu começo a rir, então ela se vira.

— Idiota! Fiquei com medo.

— Sério que a Mulher-Maravilha tem medo?

— Vai à merda, bebê da mamãe.

— Não moro mais com a minha mãe — ela se vira e continua andando.

— Ei! — Grito, se vira novamente. — Quer sair comigo?

— Me evitou durante um mês, por que isso agora?

— Disse que é fã da Jayde Wesley.

— E o que tem?

— Ela está no meu carro me esperando. Não quer conhecê-la?

— E o Papai Noel existe — zomba.

— Garota inteligente. Acho que vou me apaixonar depois dessa revelação — ironizo.

Alanis se vira e continua andando, então corro atrás dela e seguro em seu braço, ela parece não gostar, tira minha mão.

— Maycon, me fala logo qual é o problema?

— Quero te levar para sair.

— Caras como você não saem como garotas iguais a mim.

— Por que não?

— Porque eu sou o tipo que eles só levam para a cama e esquecem no dia seguinte.

Fico sem palavras.

— Isso é o que eles pensam a seu respeito? Bom, vou te contar um segredo. Descobri de um jeito louco que não somos quem as pessoas pensam, somos quem queremos ser. Então, hoje você pode me mostrar que não é isso.

Ela leva um choque e fica apenas me olhando.

— Vamos?

— Olha pra mim, estou horrível.

— Se você visse o estado da garota que está no meu carro, não falaria isso.

— Por que, Maycon?

— Por que não?

Ela segue comigo até o meu carro e antes de Jayde reclamar, Alanis fica um

tempão a encarando, como se não acreditasse.

— Você... Você é quem eu penso?

Jayde olha para mim.

— Ela está drogada? Ou essa porra é assim mesmo?

— É irmã do Robert, caralho, mais respeito.

— Vai se ferrar. Ele não tinha irmã porra nenhuma — não falo nada.

Todos riem, elas seguem conversando enquanto eu dirijo sem endereço.

— Alguém tem uma ideia para aonde ir?

Pergunto e sou ignorado.

Paro em um bar de beira de estrada, mas quando vou descer, Jayde me interrompe.

— Vamos ao Stars.

— Boate de *stripe*, sério?

— Qual o problema?

Não reclamo, dou novamente a partida e em meia hora chegamos. O segurança olha para mim e Alanis desconfiado, mas quando vê Jayde, libera nossa entrada. Merda de sociedade hipócrita!

Jayde compra *H* e pó, elas vão ao banheiro, Jayde se pica e Alanis cheira e eu fico naquela fissura, louco para usar. Essa é a merda de andar com viciados. Fumo e bebo feito louco, Jayde ama *stripers*, pelo menos parece. Em meia hora ela desaparece com uma, ficamos eu e Alanis na mesa.

— Eu tenho um pouco, se quiser...

Ela oferece, finjo nem escutar e mudo de assunto.

— E então? Que história é essa de os caras te acharem puta.

— Não disse isso. Disse que só querem passar a noite.

— Seu irmão era uma putinha, deve ser de família.

Ambos rimos.

Continuo bebendo até chegar ao meu limite e sem a coca, chego rápido. Alanis continua bebendo e nada parece afetá-la. Sorri para todos, esse é um dos prazeres da coca, ela tira toda a merda da sua cabeça.

Continuamos conversando, não sei se estou bêbado demais, mas começo a achar que ela tem o mesmo sorriso da Elena. Tímido, discreto, mas me atrai.

— Gostei desse lugar — diz, sorrindo. Eu me aproximo dela, me sentando no lugar que Jay ocupava, entre nós.

— E sua esposa?

Sorrio.

— Faz um tempo que não a vejo, mas acho que chegou o momento de seguir outra estrada.

— Por que a evita?

— Porque a amo e não me dou bem com rejeição, ainda que eu a tenha provocado.

— E essa estrada por acaso é a minha? — sorri.

— Talvez. Acho o amanhã incerto para planos, mas me diga o que a sua estrada tem de interessante para que eu a escolha?

— Essa é uma pergunta que nem eu sei.

— Se eu não estivesse bêbado, não a acharia interessante, mas estou, e estou te achando até bonitinha.

Rimos feito idiotas e ela se aproxima mais. Fica olhando em meus olhos, suas pupilas parecem duas jabuticabas, o azul desapareceu.

— Essa sensação é tão boa, não é?

Ela confirma com a cabeça.

— Mas ela passa e quando passa, você percebe que não resolveu nenhum problema e esse é o real problema. Ela não é a solução, e no fundo, você quer apenas a solução.

— E quando não tem solução?

— Se tem um problema, tem solução ou então nossa matemática não faria sentido.

— Eu sou o problema, Maycon — ela começa a chorar, não me surpreendo porque sei que todo o êxtase pode se transforma rapidamente em depressão.

Me faz abraçá-la e pela primeira vez, ainda que eu queria a Elena, paro e penso que talvez Alanis precise de mim, talvez ela precise de alguém que mostre o caminho e que nem tudo está perdido como um dia eu achei que estava. E sem pensar muito, acabo lhe dando um beijo no rosto. E nesse momento, Jayde para à minha frente e fica apenas observando, não sei se aprova ou sente raiva. Mas estou curtindo e pouco me importo com a opinião dela. Sei que amanhã a culpa vai ser a primeira a bater à minha porta, junto com a ressaca, óbvio. Mas, como eu sempre digo, algumas loucuras são necessárias para fazer a vida mais suportável e eu espero sinceramente que essa loucura não seja como todas as outras.

Capítulo 19 - O preço a ser pago

O amor pode acabar? Essa foi a pergunta que me fiz durante esse mês sem o Maycon. Refiz por vezes todos os momentos bons e ruins. Escutei os sábios conselhos da minha mãe, dormi por noites ao lado do Noah, imaginando Maycon ao nosso lado, porque de alguma forma, essa é a parte dele, a nossa parte, ou como ele diria, nosso amor materializado que nunca irá se separar. Ainda dói me lembrar das brigas, das ofensas e ver onde chegamos. Mas hoje, essas lembranças se tornaram mais confortáveis. Ele ainda significa muito para mim, não vê-lo me faz entrar em desespero. Às vezes a saudade é tão forte, que me seguro para não pegar o telefone e ligar para ele, e geralmente nessas noites fico imaginando que o tempo está nos afastando. Mas esse mesmo tempo também mudou algo dentro de mim, que era frágil, mas se tornou forte. Me fez olhar no espelho e encarar minhas fraquezas, me fez reconhecer que ainda quero essa distância, mas que também preciso ter notícias dele, preciso saber como ele anda, com vai sua vida. Sei que no momento julgamos impossível, mas ainda tem uma parte da Elena que não sabe viver sem o Maycon.

Talvez nesse tempo o orgulho tenha se estabelecido, e ambos estão tentando levar tudo como combinamos. Sei que o “Maycon está bem” é tão falso como o “Elena está bem” e todas as vezes que lembro dos nossos erros, como castigo, nessas mesmas noites meu corpo me implora para voltar ao passado e ter a chance de ser tocada por ele novamente. É doloroso, às vezes chega a ser insuportável, mas o dia nasce e traz a esperança. Ainda me questiono se a felicidade existe mesmo para mim. Sem ele, parece irreal, mas com ele, também é.

A semana se vai, no sábado Jayde me liga para dizer que no domingo quer ver Noah. Ele a adora, sangue do Maycon, com certeza. Quando conto para as minhas irmãs, elas, que são fãs, entram em euforia e saem pulando feito loucas, e Noah as acompanha achando uma maravilha essa festa.

Eu sei que o tempo cura, mas cada cicatriz ainda é profunda, cada promessa quebrada se desfaz com lembranças de sorrisos. Essa é a vida e para se ter certas coisas, temos que abrir mãos de outras.

O domingo finalmente surge, minha família faz as malas, e assim como eu, eles esperam por Jayde, que aparece depois do almoço e sinceramente, pela expressão do seu rosto, sei que houve uma noitada com Maycon, e em momento assim sinto orgulho de mim pelas minhas decisões. Dou meu melhor sorriso ao vê-la, é como o cartão de visitas que informa que Elena está bem.

— Oi — diz entrando.

Kayla e Ashley saltam do sofá ao reconhecerem sua voz. Meus pais estão com as malas nas mãos, literalmente apenas esperando elas conversarem com Jayde.

— Oi, Jayde, como está?

Tento ser simpática para que as minhas irmãs tenham a chance de tirarem fotos com ela. Jayde entra, cumprimenta a todos, não me dá sinal de como está seu humor e antes que eu descubra, Kayla vem como um trem em nossa direção e faz mil declarações de amor. Ashley se mantém mais discreta, porém está animada.

Ao ver a empolgação delas, após abraçar e beijar Noah, que a chama de tia Jay graças ao Maycon, ela aceita tirar fotos e inclusive dá autógrafo. É uma loucura, mas antes de Jayde se estressar, meus pais agradecem e se despedem, com Jayde prometendo ingressos para o próximo show com direito a visita ao camarim. Ambas agradecem e vão embora e eu sinto aquela tristeza ao vê-los partir.

Jayde se mantém brincando com Noah, então eu me aproximo e me sento próxima a eles. Noah pergunta pelo pai e eu digo que verá Maycon mais tarde e nesse momento Jayde me encara com um ar frio. Cochicha algo no ouvido de Noah, ele sorri e diz que vai ao quarto buscar o Homem de Ferro, seu brinquedo preferido no momento. Ele ama heróis.

— Até quando vai continuar nessa com o Maycon? — diz assim que Noah desaparece.

— O quê? Como assim?

— Seu erro é achar que o terá sempre aos seus pés. Já parou para pensar que agora mesmo ele pode estar com outra? E que essa outra pode fazê-lo feliz? E quando perceber que você o quer, pode ser tarde demais.

— Jayde, pare. Você não tem esse direito.

— E você tem direito de fazê-lo infeliz? Qual é, Elena? Acha mesmo que me engana? Vocês se amam, qual o sentido em ficar separados por causa de um beijo idiota?

— Ele pediu para você dizer isso?

— Ele não me pediu nada, só estou sendo realista e sabe, tentei persuadi-lo porque se dependesse de mim, ele ficaria a milhas de distância de você. E pelo menos ele seria feliz.

— Se acha capaz de fazê-lo feliz. Vá em frente, faça — sorrio.

— Infelizmente eu tentei, mas Maycon prefere ficar enfurnado num apartamento de merda, conservando a tosca ilusão de que você se importa com ele, do que viajar comigo.

— Sinal de que sua vida não é tão atrativa assim — esnobo.

— Vai à merda, Elena. Pra mim você não passa de uma vadia que se finge de santa. Acha que me esqueci de como você e seu amigo ridículo ficavam enquanto Maycon estava na clínica? Acha mesmo que não sei que rolava alguns beijinhos?

— Você está enganada, não era assim.

— Maycon me contou que ele te beijou uma vez. Deixa eu pensar, ah sim, quando foi com você para casa de seus pais. Você se lembra?

— Não é a mesma coisa — disparo, sem graça.

— Jura? Achava que beijo era junção de lábios, independentemente se correspondido ou não, e o engraçado é que mesmo depois disso, continuaram amigos para sempre... Que irônico, não? E Maycon te aceitou numa boa — ironiza.

Ouvi-la me dá tanta raiva. Ela tenta de todas as formas defender o Maycon.

— Jayde, aceitar te receber aqui não significa que dou liberdade para opinar na minha vida.

— Quem disse que preciso de sua liberdade? E isso não é opinar na sua vida — sorri. — É apenas dizer umas verdades. E quer saber, eu torço mesmo para Maycon arrumar uma garota legal — ela se levanta. — Que seja feliz e esfregue na sua cara a felicidade dele, e cá entre nós, tenho leves suspeitas que isso já está acontecendo — sorri para mim, examinando como as palavras dela surtem efeito. Não tenho respostas, não sei se foi provocação ou se realmente Maycon tem outra. — Vou indo, dá um beijo no Noah por mim.

— Veio só para espalhar seu veneno, não foi?

— Gastar veneno com você? Não preciso disso, queridinha, ouvir a verdade já faz todo estrago. Beijos e fique bem.

Ela pega sua bolsa e sai, mas seu veneno já está fazendo efeito. No restante da tarde, suas palavras ficam revirando na minha cabeça. Noah chora querendo ver o Maycon, eu sabia que ficar uma semana sem vê-lo, o deixaria nesse estado. Não quero que pareça que estou correndo atrás dele, mas meu filho vem antes de todo o orgulho, então mando uma mensagem.

Maycon, Noah quer te ver, pode vir vê-lo hoje?

Após uns segundos recebo a resposta.

Posso.

Simples e frio. As horas passam, fico apenas aguardando sua chegada, apesar de não querer aparentar. Estou nervosa pensando em quem será essa outra, se é que é verdade.

Às oito, enquanto jantamos, a campainha toca, então vou até a porta e a abro. É Maycon. Sinto um choque percorrer meu corpo e tento não olhar em seus olhos. Ele está lindo, mas nada casual, parece pronto para sair.

— Vai me deixar entrar? — diz ao me ver ficar alguns segundos o encarando.

— Ah, claro... Noah, papai está aqui.

Ele não responde, mas escutamos seus passos correndo e se atirando para Maycon assim que chega à sala.

— Papai!

Maycon o abraça e começa a conversar com Noah, perguntando como foi a semana. Depois vão para o quarto dele, brincam por um bom tempo, escuto risadas e altas histórias com os heróis. Subo a escada e vou até a porta, então vejo Noah com o Homem de Ferro e Maycon com o Hulk. Sinto lágrimas molharem meu rosto ao vê-los juntos, vou ao meu quarto e tomo banho. No fundo, Jayde tem razão. Não sei por que não consigo perdoá-lo se Maycon já me perdoou tantas vezes. Agora começo a ver que provavelmente ele está com alguém, já que está frio, indiferente. Saio do banheiro enrolada na toalha e dou de cara com ele no closet do meu quarto.

— O que faz aqui?

— Aproveitando para pegar minhas últimas coisas que você não mandou. Noah dormiu.

Ele tira algumas peças que ficaram no guarda-roupa, justamente as que eu, em algumas noites de desespero, uso.

— Você deveria ter vindo buscar Noah no almoço. A noite foi tão longa assim?

Ele termina de pegar as peças, evita me encarar, dá meia volta e abre a gaveta que era do seu lado. Tira alguns objetos, caderno de músicas, de pautas e uma pasta.

— Noah sentiu sua falta, sabia. Deveria lembrar que é pai dele antes de ir para as suas noitadas.

— Elena, aonde você quer chegar? Para início de conversa, ao invés de ficar seu horário de almoço todinho com Derek, deveria ir até a escola dele se informar primeiro. Eu fui todos os dias vê-lo, o que significa que nem por um momento esqueço que ele é meu filho.

Engulo em seco e rebato.

— Desculpe, mas não te interessa o que eu faço com meu horário de almoço...

— Muito menos o que eu faço nas minhas noites.

— Mas disse que almoçaria com ele, deveria ter cumprido. Ele sentiu a sua falta.

— Você está falando isso de novo. O que me faz perguntar se é ele ou você?

Maycon pega a minha mochila, na verdade é dele, que estava entre suas coisas, coloca suas roupas e não sei se sinto tanta dor por vê-lo indiferente a mim, ou por não querer acreditar em Jayde, mas no fundo acho que é verdade

sobre ele ter outra pessoa. Ele termina, sento na cama e quando acho que ele vai sair, me surpreendo quando ele para à minha frente.

— Sabe, eu queria manter a mesma rotina com Noah em relação ao aniversário. Nós... Juntos.

— Ele pediu uma festa dos heróis. Não quero fazer em salão, Jeniffer ofereceu...

— Não. Vai ser na casa da minha mãe ou aqui. Na casa dela não.

— Sério que ainda não gosta dela?

— Não é questão de não gostar, mas eu conheci um lado da história que...

— Já até imagino, sua mãe contou — ironizo.

— Não. Minha mãe não perde tempo falando dos outros, na verdade, foi meu pai. Não tenho nada contra Jeniffer, mas não entendo o fato de ela querer me manter informado sobre sua grande amizade com Derek e como não quero criar confusão, poderia deixar bem claro para ela que eu não tenho interesse em saber.

— Não se interessa mais por mim?

— Óbvio que sim, é a mãe do meu filho. Quero que seja feliz, só acho impossível sermos amigos.

— Seus pais são amigos.

— Não é amizade. É amor abafado pelo orgulho, mas não é porque eles conseguiram viver assim que nós vamos também.

— Tudo bem. Pode ser na sua mãe, mas eu e Jeniffer vamos organizar.

— Achei que seria eu e você, junto com Noah.

Sua resposta me surpreende.

— Como estava me evitando, achei que não iria querer organizar comigo.

— Você sempre acha coisas ao meu respeito, Elena, mas se ao invés de achar, perguntar seria melhor.

— Por que está tão estressado?

— Falta de sexo — Maycon sorri e nesse momento me lembro que estou apenas de toalha.

— Jayde veio aqui hoje.

— Eu sei. Falou muita merda, ela me contou. É só ignorar. Eu ignoro.

— É verdade?

Levanto o olhar, o encarando.

— Depende, o que é verdade?

— Por que está tão frio?

— Somos homeotérmicos, mantemos a temperatura corporal. Não estou frio — sorri, mas ao ver que não acho graça, continua. — Estou apenas tentando, é meio complicado não poder te ter...

Ele não conclui.

— É verdade sobre a garota, que tem outra?

— Independentemente se você acredita ou não, mas a última com quem eu transei foi você.

Ouvir isso me deixa aliviada.

— Maycon, eu...

— Olha. Nós mudamos e ficar revivendo não faz bem a mim e nem a você, sei que está melhor agora, então eu... Estou indo.

Maycon não diz mais nada, sai do quarto com a mochila e quando desço, ele não está mais no apartamento.

A noite se vai e pela manhã deixo Noah com Fátima. Maycon virá buscá-lo, mas antes lhe dou um beijo, me despedindo dele. Às dez, recebo uma mensagem do Maycon dizendo que posso organizar tudo com Jeniffer, se desculpa explicando estar focado em novos projetos.

Derek me convida para jantar e incentivada por Jeniffer, aceito, afinal, hoje é segunda e Noah dorme com o pai.

O dia segue tranquilamente, Jeniffer anda tão estressada e acho que deve ser por causa da gravidez, mas após o almoço, ela acaba tendo uma crise de choro e me confessa que Isaac pouco parece se preocupar com a gravidez, que ela pensou que no fundo ele seria como foi com Emily e quando ela desabafa a respeito do casamento, começo a perceber que Maycon tem razão a respeito dos seus pais. Mas, se por um lado Isaac ainda gosta de Emily, por outro lado, o caráter da minha sogra, ou melhor, ex-sogra jamais a faria aceitá-lo de volta.

Tento consolá-la, Isaac é atencioso com ela, faz tudo como ela quer, acho que o problema é insegurança, porém até eu notei a admiração que ele tem por Emily. Após o choro, ela me informa que terei uma semana para me preparar e obviamente ela arrumar outra assistente e que na próxima, iniciarei exercendo minha profissão. Essa notícia me deixa feliz e nervosa ao mesmo tempo.

Após o expediente, Jeniffer me faz prometer contar tudo, acho que ela espera uma noite de sexo, já que vem comentando muito sobre o assunto. No fundo, sei que ela não torce por Maycon, por nós. Talvez seja magoa, não sei, mas qual seria o intuito de falar sobre isso com ele?

Volto para a minha casa e as sete em ponto já estou pronta para o tal jantar. Tento esvaziar a mente, apenas aproveitar o momento, mas meia hora depois Derek já está batendo à minha porta.

— Tenho a impressão de estar contemplando tal beleza pela primeira vez. Dizer que está magnífica é simplório perto do seu esplendor.

Ele diz, beijando delicadamente minha mão. Apenas sorrio, na verdade, seus elogios me deixam sem graça.

— Quer entrar?

— Não, de maneira alguma. Quero que aproveitemos o tempo ao ar livre, admirando as estrelas que te invejam por tamanho brilho.

Pego minha bolsa, tranco a porta e seguimos para o elevador. Derek possui uma BMW, e ele abre a porta como um perfeito cavalheiro. Seguimos conversando sobre economia, política e psicologia.

Chegamos a um dos melhores restaurantes do centro, onde reservou uma mesa ao ar livre, junto a uma cascata. O perfume das flores deixa o lugar aconchegante e romântico. Ele puxa a cadeira, fica tão bem de terno, exhibe elegância e superioridade. Me lembra um pouco Erik, o ex da Emily.

— Então, Elena, quer analisar o cardápio, ou me deixará persuadi-la a provar algo mais afrodisíaco?

— Bom, vou deixar por sua conta. Já que sempre caio no seu poder de persuasão.

O garçom se aproxima, Derek está de frente para mim e enquanto ele faz o pedido eu observo o lugar. É luxuoso, o que me faz questionar o valor de um prato. O garçom nos serve vinho branco. Brindamos e Derek faz mistério quanto ao prato.

— E então? Como vai o Maycon? — sua pergunta me deixa confusa.

— Por que sempre pergunta isso?

— Para saber o quanto ele ainda representa para você.

— Como assim?

— Se você se sentir desconfortável e mudar de assunto sem me responder, é sinal de que ainda o ama, e não quer falar sobre ele. Mas se sentir desconfortável, porém me responder, significa que se conformou e está pronta para seguir em frente.

— O teste ainda vale a mesma coisa depois que você o revelou?

— No momento estou no teste dois — sorri sedutoramente.

— E qual seria?

— Dizer que o um ainda funciona.

Sorrimos.

— Se ele realmente está bem, não tenho certeza, mas eu estou.

Derek sorri e passa para perguntas mais pessoais, sobre famílias e acabo dizendo como foi difícil para minha família aceitar Maycon.

— Então eles aprovam o divórcio?

— Por incrível que pareça, não. Meus pais são bem tradicionais, do tipo que acham que a família deve ser preservada, mesmo que com sacrifícios.

— Mesmo que o sacrifício seja sua felicidade?

— Bom, não os questionei sobre isso.

— Entendo. Jeniffer está em um mau momento.

— Por quê?

— Ciúme. É o tal do eu fiz e tenho medo que façam comigo.

Engulo em seco.

— Ela tem ciúmes do Maycon, mas não é por causa do Isaac e sim pela Emily. Maycon é como a mãe e isso o torna admirável a Isaac.

— Isso é loucura.

— Todos somos loucos, Elena, mas algumas loucuras são aceitáveis, outras não. Diria que no caso dela são apenas os hormônios.

— É uma fase complicada.

— E você, tem aceitado sua nova vida?

— Ainda me sinto ligada ao Maycon, Derek, não vou mentir. Ainda não acho que chegamos ao fim, nossos caminhos se divergiram, mas uma parte de mim quer acreditar que nos encontraremos.

— Ou talvez essa parte apenas precise encarar a realidade. Desculpe a pergunta um tanto pessoal — o garçom se aproxima e nos serve o jantar, depois se se afasta. — Você teve outros homens sem ser o Maycon?

Sinto meu rosto queimar de vergonha. Derek percebe.

— Já me deu a resposta, a maioria das mulheres se vê loucamente apaixonada pelo primeiro homem com quem se relacionam intimamente, mas depois de uma segunda relação, percebem que era apenas ilusão.

— Está me aconselhando a ter uma vida de libertinagem, Dr. Derek? — brinco.

— Estou lhe aconselhando a se permitir. Não que quero te intimidar ou lhe obrigar, mas a vida passa rápido, minha cara, e deixamos de viver muitas experiências pelo simples fato de não nos permitirmos por julgar ser libertino. E no fim, acabamos por arrepender.

De entrada provamos salada de aspargos com cogumelos, depois o prato principal que reconheci sendo um preparo com salmão. A conversa flui naturalmente e acabo me soltando, não sei se por culpa das quatro taças de vinho, contudo confesso que já me sinto bêbada. Por fim, para finalizar a noite, o prático carpaccio de abacaxi com cravo-da-índia.

Após me oferecer educadamente mais sobremesa e tendo minha negativa, Derek pede a conta. Saímos, sigo a viagem nervosa, não sei exatamente o Derek pretende, chegamos ao prédio e ele me acompanha até o meu apartamento.

— Quer entrar?

Pergunto nervosa, mas tento parecer calma. Ele examina o relógio.

— Quer que eu entre?

Não sei o que dizer, nem sei o que “quer que eu entre” significa. Não sei se é o efeito da bebida ou se realmente estou atraída por Derek. Digo apenas que sim

com a cabeça.

Ele entra atrás de mim, mas de repente me puxa delicadamente, toca meu rosto, se aproxima e não sei o que fazer. Não é como Maycon, estou confusa, não sei se realmente quero. Ele se aproxima e apenas sinto seus lábios nos meus, nesse momento tenho aquele choque de realidade e tudo parece desmoronar dentro de mim. Sinto como se eu tivesse traindo, que isso é errado, eu ainda me sinto casada, então eu o afasto.

— Desculpe, Derek, mas eu não posso. Ainda não me sinto preparada.

Ele apenas se afasta como um cavalheiro.

— Tudo bem, eu que peço desculpas. Fui precipitado.

— Não é você, eu... Eu só preciso ficar sozinha.

— Tudo bem, eu entendo. Muito obrigado pela noite, espero mesmo que possamos repeti-la outra vez.

Sorrio, ele se despede com um beijo em meu rosto, agradeço pela noite, Derek vai embora.

Me sinto estranha, corro para meu quarto e tomo um banho às pressas. Saio e não sei qual o real motivo, mas passo a noite chorando. Choro como nunca e nesse momento percebo o quanto Maycon ainda está vivo em mim e essa é a realidade que não quero aceitar, mas meu corpo ainda se nega a pertencer a outro que não seja ele. E não sei o que fazer sobre isso ou se algum dia isso irá passar.

Capítulo 20 - Sem vencedores

Entrando na clínica, dou de cara com Derek, fico sem graça, mas ele é discreto, apenas sorri e vai para o seu consultório. Vou para a minha sala, ou melhor, da Jeniffer, que já chegou e ao me ver, sorri sugestivamente e antes que eu diga algo, ela inicia:

— E então, como foi a noite?

Sorrio.

— Foi boa, interessante, eu diria.

— E como ele é?

— Como ele é em que sentido?

Falo, colocando minha bolsa sobre a mesa e me sentando.

— Como assim? Óbvio que é na cama.

— Não chegamos a isso — digo, sem graça.

— Por que não?

— Não estou preparada, não me sinto bem fazendo isso.

— Elena, pare com isso. Derek é homem e cá entre nós, um ótimo partido.

— Eu sei, sei que é, mas eu...

— Ainda ama o Maycon, não é?

— Não é só por isso. Fico pensando em como será constrangedor para nós se nos encontramos com ele, sabe. Eu não sei... Não estou pronta para isso.

— Já pediu o divórcio? Por que para aceitar sair com Derek, provavelmente quer se separar, não é?

Ouvi-la me faz cair na realidade e isso é óbvio. Se saio com Derek, pelo menos tenho que pedir o divórcio. Penso a respeito, mas não quero pensar. É tão... Não sei.

Almoço com Derek e Jeniffer, que não para de jogar indiretas, mas Derek se sai bem contra as investidas dela. Quando voltamos, ele segura minha mão, diz que tem habilidades de leitura através dos sinais. Sei que é brincadeira e me distraio com suas previsões exageradas. Ambos rimos, mas somos interrompidos quando vejo Emily e Isaac chegarem à clínica, ela me olha de cima a baixo. Tiro minhas mãos das mãos do Derek, ela apenas sorri como se confirmasse algo. Jeniffer rapidamente vai em direção a eles, e eu a sigo e entramos na sala da Jeniffer, onde eles acabam de entrar. Emily está de terninho bege claro, como sempre, exibe sua elegância.

— Oi, Emily — Jeniffer é a primeira.

— Olá, para as duas — ela nos olha de relance.

— Oi — sussurro.

Isaac apenas sorri e eles conversam sobre processos jurídicos. Ele entrega para ela papéis e mais papéis, Emily examina os documentos e eu noto que Jeniffer fica muito desconfortável. Eles conversam por mais alguns minutos, Isaac a convida para almoçar, mas ela dispensa dizendo que irá almoçar com Maycon. Ouvir seu nome me deixa sem graça.

— Almoçamos os três, então — Isaac sugere.

— Negativo. Você quer falar a respeito do processo da Callier e Maycon odeia esses assuntos. Sem chance Isaac, eu quero apenas ter um almoço com o meu filho — sorri ao falar dele. — E falando nisso, Elena, posso entrar com a documentação do divórcio para você. Se quiser, é claro, se confiar em mim, estou à disposição.

— Ótima sugestão! — Isaac diz, ironizando. — Vai sair perdendo, Elena.

— Olha que maldade. O nosso foi feito por mim e você saiu ganhando uma esposa jovem e linda! — Ela sorri e todos ficam sem graça, principalmente Isaac. — Bom, já vou indo, assim que estiver tudo pronto, te encaminho novamente — vira-se para nós.

— Agradeço por ter se oferecido.

Emily não questiona, se despede com um beijo e Isaac sai a acompanhando. Toda essa situação realmente é estressante para Jeniffer, se estivesse no seu lugar, também acharia.

À noite, Derek vai ao meu apartamento, conversamos bastante, ele acaba me esclarecendo muito a respeito do divórcio, e eu me sinto bem em sua companhia. Antes de ir, ele tenta um beijo, mas me viro e ele beija meu rosto. Ligo para Maycon, Noah atende, diz que está bem e que amanhã dorme comigo, escuto ao fundo Maycon dizer que será quarta, gelo ao ouvir a sua voz, e Noah me conta sobre seu dia e como foi na escola. Fala sobre o novo *partameto do papai* e escuto a risada de Maycon ao ouvi-lo. Quando ele finalmente se despede, Maycon apenas desliga, não me direciona uma palavra sequer. E não sei por que isso ainda me magoa.

Pela manhã, ligo para um advogado e explico que quero me divorciar. Ele marca um encontro para que possa esclarecer a situação e quando estou a caminho, depois do expediente, tenho uma crise de choro. Ligo para a minha mãe e conto que não tenho certeza, conto sobre Derek e ela diz que não deveria tomar uma decisão até ter certeza, diz para ir com calma, pois não acha certo eu me envolver com outro se ainda não me divorciei.

Confesso que já esperada ouvir isso dela, conheço minha mãe e ouvir sua opinião me conforta. Prefiro suas sinceras palavras, do que mentiras.

— Mãe, eu ainda o amo, mas não quero nossa vida de volta, não quero brigas,

entende? O problema é que depois que Maycon se foi, eu achei que encontraria paz, mas não. Eu continuo fingindo viver, quero tanto esquecê-lo.

— Elena, eu e seu pai já passamos por tantas brigas, isso nunca foi o suficiente para um fim. Por que não perdoar, se o perdão pode te devolver a felicidade? — não respondo. — Talvez sejam as constantes intromissões dos pais dele, proponha ao Maycon uma nova vida, em outro lugar.

— Mãe, eu preciso ser feliz. Não posso depender dele e nem entrar achando que não vai errar, não confio mais nele. A traição me fez vê-lo com outros olhos.

— Sei que sim, mas ela não foi o suficiente para apagar seu amor.

— Eu quero seguir em frente, como faço isso?

— Amor, não tem como seguir em frente se nem ao menos consegue perdoá-lo. Isso é apenas mágoa e quando ela acabar, pode ter mais a se arrepender do que o próprio Maycon. Não conheço o Derek, mas não aja precipitadamente, deixe seu coração se acalmar. Dê esse tempo a si mesma.

— Mas eu quero que acabe.

— Tudo bem, meu anjo, mas é impossível esquecer alguém que modificou tanto a sua vida em tão pouco tempo. Esse desespero é mágoa por amá-lo, por não tê-lo, por não conseguir perdoar. Isso só irá passar com o tempo. Apenas com ele.

Ela acaba conseguindo me acalmar. Infelizmente acho que nem outra vida seria capaz de apagá-lo de mim se nem em pensamento eu consigo esquecê-lo, mas vou me obrigar a isso.

A semana se vai, volto a procurar o advogado e dou entrada no divórcio, como ele conhece bem a família, inclusive já enfrentou Emily no tribunal, faz um pedido absurdo de pensão. Não achei certo, mas ele afirma que é apenas parte do processo e que provavelmente Emily vai recorrer, então acabo concordando. Derek tem vindo com mais frequência e na sexta ele conheceu Noah, e como o doce menino que meu filho é, Noah o recebeu educadamente e até mostrou seus heróis. Em certo momento falou do Maycon e Derek concordou com todas as suas afirmações sobre o pai. Após Noah dormir, conversamos sobre nós.

— Elena, não quero forçá-la a nada, muito menos confundi-la.

— Eu sei, Derek...

— Jeniffer nos convidou para sairmos amanhã e comemarmos seu novo cargo. O que me diz?

— Imagino que seja com Isaac também.

— Sim, mas será algo mais informal, barzinho com amigos.

— Tudo bem.

— Olha, se não quiser que cheguemos juntos devido a ele ser o pai do Maycon, tudo bem para mim.

— Não, por mim podemos ir juntos. Realmente não devo satisfações a nenhum deles. Não vou mentir para você. Ainda amo o Maycon, mas como você disse, quero me permitir.

Sorrimos.

— Então se permite ir comigo?

— Sim, podemos ir juntos.

— E Noah?

— Pedirei para a Fátima ficar com ele.

— Posso te buscar às nove e meia? Afinal, é sábado.

— Tudo bem, estarei esperando.

— É um bar, vista algo informal. Recado da Jeniffer — sorri.

— Ok.

Nos despedimos sem beijos, e quando ele tenta, dou apenas um abraço mais demorado. Não vou negar, sinto atração por Derek, mas apesar de ele ser o tipo de homem que eu sempre sonhei, não parece real para mim, me sinto como uma árvore sem raízes, por fora linda, por dentro, oca.

Subo a escada e me deito com Noah, percebo que preciso mais disso do que ele, na verdade, ele já está dormindo. Acabo de dar esperanças ao Derek, mas deito pensando em Maycon, isso é tão sem sentindo. Durmo abraçada ao meu bebê e sonho com o pai dele.

Pela manhã, tenho aquela sensação ruim, mas abandono esse sentimento estranho. Junto com a Jeniffer, vou à casa de Emily que acaba participando dos preparativos para a festa e opinando. Elas sugerem o salão próximo à piscina e área de brinquedos, assim os amiguinhos da escola ficarão mais à vontade. Conversamos sobre o cardápio, decoração, decidimos que cada uma fará uma lista de convidados que juntarei com a minha. Já em casa, ligo para os meus pais e aviso sobre a festa com antecedência, que será daqui a duas semanas.

Vou ao meu quarto, Noah quis ficar com Emily e acabei concordando, já que vou sair. Eu me sento na cama e algo me incomoda, então abro a minha gaveta e olho uma foto com Maycon. Sinto que ainda há uma ligação, aquele fio que finjo ser invisível, mas que me conecta a ele. Almoço e simplesmente deixo as horas passarem com esse aperto no peito. Lembro que Emily está bem, o que sugere que se Maycon não estivesse, ela não estaria, pelo contrário, ela foi bem receptiva e como eles sempre se falavam pela manhã, se não perderam o costume. Penso por vezes em desistir, mas não quero ficar em casa, não hoje. Às oito da noite, tomo um banho e me preparo para sair com Derek e antes de sair, me olho no espelho e sinto aquela sensação de *dejà vú*, sinto Maycon ao meu lado. Isso é medonho, mas confortador. Termina a minha maquiagem e confiro a minha aparência novamente no espelho, cabelo preso, salto agulha, vestido

tubinho azul-marinho, justamente um que Maycon me deu. Afasto meus pensamentos sobre nós. Derek já está a minha espera, mandou uma mensagem.

Entro em seu carro que está em frente ao prédio. Ele está casual, uma camisa social três quartos cinza escura, calça jeans e sapatos. Ele me dá um selinho, ainda me sinto estranha com isso, na verdade, estou dividida, um pode me fazer feliz, mas amo o outro. É quase como escolher entre o amor e a razão.

Não pergunto aonde vamos, mas reconheço o carro de Isaac quando Derek estaciona em frente a um bar frequentado por estudantes, me surpreende a escolha de Jeniffer, não parece ser o lugar que a agrada. Então nós os vemos na entrada e apertamos o passo escutando os elogios de Derek sobre como estou linda.

Isaac me olha surpreso e dá um sorriso. Nessas horas eu o acho tão jovial que não consigo vê-lo como pai do Maycon. Entramos, sentamos à mesa, estou nervosa, Jeniffer inicia a conversa. Há um pequeno palco, mas como não estou de frente para ele, não vejo quem está se apresentando. Acordes de violão iniciam, enquanto uma loira anota os pedidos, inicia-se uma música do Nirvana e não preciso olhar o palco para reconhecer quem está cantando. É o Maycon. Meu Deus! Ele trabalha aqui, não acredito que seja coincidência. Eu e Isaac percebemos, Jeniffer também, mas ela finge naturalidade. As bebidas são servidas e o humor de Isaac, apesar do susto, melhora assim que ele começa a beber. Ainda assim, vez ou outra ele lança um olhar de reprovação para Jeniffer, que o ignora.

— Está tudo bem, Elena?

Derek sussurra, discretamente.

— Está — respondo, mas tiro minhas mãos das dele. Estou chateada, não estava preparada para isso.

— Maycon canta muito bem — Derek diz a Isaac.

— Canta, mas ao invés de investir em sua carreira, ele investiu na de Jayde — explica. — Com isso, ele lucrou muito, tem direito a uma porcentagem de cada show, e ela tem faturado muito. Sua carreira está em ascensão.

— Então ele foi muito inteligente.

— Ele é meu filho, Derek, é muito inteligente. E falando nele, espero realmente que tenha sido uma coincidência para você, Jeniffer, como foi para mim virmos aqui hoje.

Diz a ela, que sorri sem jeito. Derek, para aliviar a tensão, inicia uma conversa e a loira volta a nos servir. Peço um suco, apesar de toda a conversa, consigo apenas escutar a voz de Maycon cantando e em seguida sendo aplaudido. Ele inicia outra. Queria poder fugir, apenas desaparecer. Apesar do desespero por dentro, por fora tento parecer normal. A conversa continua e sei que Jeniffer não

vai querer ir enquanto Maycon não nos ver. O que não vai demorar. As músicas e a conversa continuam, Isaac e Derek se distraem com conversas sobre esportes, política e assim sucessivamente. Estou nervosa, Jeniffer parece não estar muito à vontade também, acho que foi como cair no próprio jogo. Maycon anuncia a última música e meu coração acelera. Ele termina, agradece e se iniciam músicas eletrônicas. Estou sem saber o que fazer se ele me vir aqui com Derek.

Eu o vejo passar em direção ao balcão, se senta e conversa algo com a loira, a mesma que nos atendeu. Ele olha em volta e se vira rápido para o balcão, sai depressa já puxando um cigarro, deixando o copo de uísque intacto, e com isso, sei que tem algo de errado. Ele passa por algumas mesas, anda tão rápido que tenho a impressão de ele ter nos visto, mas não tenho certeza. Maycon está com o cabelo mais comprido, blusa preta, calça jeans e tênis. Lindo! De repente tenho uma vontade de chorar, é uma dor física, eu nunca faria algo do tipo a ele, não se soubesse. Seu pai fica sem graça e Jeniffer também. Derek é o único que parece relevar, então peço licença e saio da mesa falando que vou ao toalete, que por sorte, é próximo à entrada.

Saio e vejo Maycon escorado em uma parede distante da entrada, fumando. Ele está arrasado, sei disso, eu o conheço tanto quanto me conheço e dói em mim machucá-lo.

— Maycon! — Eu grito, ele engole em seco e eu também. — Desculpe, eu não sabia que...

Ele força um sorriso.

— Elena, está tudo bem. Sei que isso foi ideia da Jeniffer, e cara, nem dela estou com raiva.

Ele não consegue conter as lágrimas.

— Olha, a vida é assim mesmo, um jogo, um vencedor e um perdedor. E mesmo que me doa muito, quero que seja feliz, e se esse — suspira. — Se esse cara pode te fazer feliz, tudo bem. Eu realmente achava que era nosso destino ficar juntos, lutarmos pela nossa família, mas fui idiota e estou pagando agora por acreditar nisso. A vida é assim, alguns são destinados a felicidade, outros não. E sei que a culpa é minha.

— Maycon eu...

— Elena, desculpe, mas eu não quero conversar. Não quero falar sobre nós ou tudo o que passamos, embora isso ainda seja real para mim, é passado, é melhor esquecer. Você encontrou alguém melhor e eu quero mesmo que seja feliz, pode ficar tranquila. Só vou fumar um cigarro e depois passarei na mesa de vocês.

— Peço desculpas se toda essa situação te faz sentir mal. Derek é apenas...

— Tudo bem, meu anjo, não precisamos disso, justificativas. Você já deixou claro que quer seguir em frente, essa é só a parte de encarar a verdade e seguir

também. Eu preciso de um tempinho agora, pode me dar? — diz embargado num sussurro.

Não consigo ir. Ele olha para mim, dá uma tragada no cigarro e continua:

— Hoje à tarde, antes de vir, eu assinei os papéis do divórcio, sei que não há mais nada a dizer, mas ele me fez lembrar quando eu tinha doze anos e minha mãe me contou sobre o divórcio dela. Na época eu fiquei tão confuso e como eu não queria que o Noah passasse por isso. Fui à casa da minha mãe, sentei ao seu lado, ele me olhou e sorriu, então eu disse a ele: Sabe, Noah, um dia papai estava perdido, se sentindo muito sozinho, tão sozinho que ele ficou muito triste, mas ele conheceu um amigo, na verdade, uma amiga. Ela estava tão sozinha quanto ele e então eles perceberam que poderiam ser amigos, e isso é o melhor que você pode oferecer a uma pessoa, a sincera amizade. Porque a amizade não exige mudanças, ela não exige que tenha um passado exemplar nem nada do tipo. A amizade é o sentimento mais lindo que você pode ter por alguém, porque ela perdoa e nada, nem mesmo a distância ou o tempo, pode apagá-la e quando se é verdadeira, é como um tesouro que nunca perde seu valor. Então, meu anjo, se um dia tiver que escolher entre a amizade e o amor, escolha a amizade, porque o amor tem costume de machucar muito — Maycon suspira. — Ele prestou atenção como um adulto, olhou para mim e disse: *Você é meu amigo, papai*. Me abraçou e então eu olhei para ele novamente, procurei forças para fazê-lo entender. Olhei em seus olhinhos e disse: *Noah, eu e a mamãe seremos só amigos agora*. Ele ficou em silêncio, me abraçou novamente e não protestou. E Elena, assim como um amigo deseja a felicidade ao outro, eu desejo mesmo que você seja feliz e partir de hoje, minha amizade é o melhor que eu tenho para te oferecer — suspira e fica me encarando. — Concordei com tudo que você pediu no divórcio, não fiz nenhuma objeção.

— Maycon, me desculpe. Eu realmente sinto muito.

— Tudo bem. Eu cometi tantos erros que um dia sabia que teria que pagar por eles, é simples e está claro para mim, não sei nem por que estou lamentando! E a lei da vida, plantar e colher.

Ele chora, é demais para mim, então sigo para o banheiro e toda essa dor me derruba. Eu me apoio na parede e choro muito, ainda consigo vê-lo de relance. A garota que nos serviu se aproxima e o abraça, ele aceita e chora muito, dói porque posso escutá-los, mas dói mais ainda vê-lo ser consolado por outra.

— Maycon — sua voz é doce. Fico com ciúme ao vê-lo próximo de outra, e dói em mim do mesmo jeito que sei que fiz doer nele. — Bom, eu poderia dizer algo que te console, mas não há palavras e quando me sinto assim, me ajuda ouvir histórias de pessoas que de certa forma passaram por coisas piores.

Não escuto a resposta dele, e a garota continua:

— Não convivi com Robert porque nossa mãe era alcoólatra, o pai dele conseguiu a guarda e como eu nem conheço meu pai, continuei com ela. Minha mãe nunca gostou de mim realmente, ela sempre se irritava e chegava bêbada em casa, a vizinha me dava um prato de comida por dia e era tudo que eu tinha. Aos quinze eu fugi de casa, fiquei um tempo na rua, depois Robert me ajudou, eu devo muito a ele — sua voz fica embargada. — Bom, só quero dizer que eu consegui. Olha pra mim, poderia ser pior, eu jurava que um dia minha mãe iria se arrepender e viria atrás de mim para pedir ajuda e para me vingar eu iria negar. Ontem ela apareceu na minha porta, foi despejada e me pediu abrigo.

— Você negou? — Maycon pergunta, ainda com a voz embargada.

— Não, não consegui. Eu a deixei morar comigo e tive um alívio grande por isso, foi aí que percebi que toda essa mágoa prejudicava e fazia mal apenas a mim. Olha, todos cometemos erros, mas ficar remoendo não vai te ajudar, deve ser uma dor terrível para você, mas guardar isso não vai ajudar.

— Alanis, eu sinto muito. Isso que você me contou fez tudo o que estou sentindo parecer besteira. Mas ainda dói, eu realmente achei que poderia ser feliz com ela, ainda a amo muito, achei mesmo que Elena precisava só de um tempo e depois iria conseguir me perdoar.

— Se perdoe primeiro. Vai até a mesa e dê o seu melhor sorriso, mostre que ainda que doa, vai superar.

— É melhor você entrar, senão o Enzo vai encher seu saco se demorar mais.

— Já vou. Mas se quiser, podemos conversar quando terminar, ele vai fechar o caixa hoje, o que me garante sair uns minutos mais cedo.

— Só se pudemos cheirar um pó ouvindo a música *Unbreak My Heart* — ele brinca.

Acho que é apenas uma brincadeira, mas ela confirma e ainda diz que tem pó. Levo um choque, só pode ser brincadeira, não acredito que ela usa cocaína. Engraçado que parece que Maycon só atraí esse tipo de pessoa.

— Se você comprar mais eu topo, não vou dividir o meu — ela diz. Penso em falar com ele, mas ao ouvir o restante da conversa, desisto.

— Egoísta, exploradora igual o irmão — Maycon diz e escuto a risada dela.

Vou em frente ao espelho e ajeito minha maquiagem, quando volto para a mesa, não vejo Maycon. Derek pergunta se está tudo bem e confirmo, mas não demora e Maycon vem até nós.

— A que devo essa honra? — diz, pegando uma cadeira e sentando. Olho em seus olhos e ele parece mais recomposto, ao menos finge bem, como eu.

— Achei que não viria aqui — Isaac é o primeiro. Maycon pega na mão dele e logo em seguida cumprimenta Jeniffer, Derek e me dá um oi.

— Por que não viria? Eu e Elena estamos nos separando, não iniciando uma

guerra — diz, já enchendo o copo de Isaac e em seguida bebe nele. — Minha mãe vai até comemorar mudando para o Canadá comigo.

Todos se assustam.

— Como assim? Sua mãe não mencionou isso — Issac protesta. Maycon sorri.

— Que desespero, pai. Isso que é amor — zomba. — É brincadeira. Emily vai continuar morando aqui, para a sua felicidade.

Jeniffer olha para ele com raiva, Isaac apenas sorri e pede a um garçom outro copo.

— Você é uma comédia mesmo, Maycon.

— Na verdade, você me ama, provavelmente me fazer foi a melhor transa da sua vida.

Maycon deixa todos sem graça, Derek tenta mudar de assunto antes de Jeniffer ter um ataque. Dirige-se a Maycon.

— Meus parabéns, você canta e toca perfeitamente.

— Obrigado, Derek. Você sabe, eu vivo nas nuvens e altas viagens te faz refletir e ficar bom em algumas coisas, mas você deve entender, já que suponho ser um cara viajado.

Derek ri de maneira graciosa.

— Entendo sim, conheço as nuvens tão bem quanto você, mas minhas viagens são em um avião.

Ambos riem, tem uma tensão quase invisível entre os dois, mas ninguém parece perceber, nem mesmo Derek. Não entendo bem o que querem dizer e antes que Derek continue, a loira se aproxima sem seu uniforme, ela é bonitinha. Maycon a apresenta a seu pai. Está tímida, apenas o chama para irem, ele se despede, saem juntos e me seguro na cadeira para não ir atrás. Nada faz sentido, tudo simplesmente parece seguir em câmera lenta e só me dou conta que acabou quando já estou sozinha em meu quarto. Nesse momento choro e percebo que cometi um erro. Sinto ciúme porque que ele a deixou se aproximar, porque sei que ela pode oferecer a ele algo que eu sempre lutei contra, e pela primeira vez, me sinto ameaçada. E toda essa dor se resume a apenas uma certeza: Amo Maycon e quero nossa família de volta.

Capítulo 21 - Encarando algumas verdades

Maycon

Alanis entra no carro e seguimos. Meus pensamentos literalmente esmagam minha cabeça, é impressionante como sua vida pode mudar de rumo em questão de segundos. Minha mãe já havia me falado, mas eu preferi acreditar que era implicância dela. Que porra, que dor escrota, doeu ver e ainda dói só de lembrar. Corro pelas ruas e para ajudar, Alanis liga numa merda de música, mas me falta voz até para protestar, é aquela velha sensação de estar aqui e nada ser real.

Porra! Elena, como pôde me esquecer em um mês? Um mês... Que merda de amor é esse?

Respiro fundo e engulo todos os nós na garganta.

— Está tudo bem? — Alanis pergunta, me trazendo de volta a realidade.

— Por que não estaria? — bufo.

— Por tudo que aconteceu agora? Você estava no mesmo lugar que eu? — ela diz de maneira sarcástica.

— Olha, valeu mesmo pelas palavras lá no bar, mas vou te deixar na sua casa. Ela rapidamente muda a expressão.

— Vou com você. Não está bem, vou fazer companhia.

— Na verdade, eu prefiro ficar sozinho, valeu.

— Na verdade, eu não estou te dando escolhas.

— O quê?

— Relaxa, vai ser legal. Só vou tomar um banho, durmo em outro quarto, ou na sala, tanto faz. Não vou te estuprar ou coisa do tipo — debocha.

— Ah vai à merda, garota, não enche.

— Ei! Eu não tenho culpa do que a sua mulher fez.

— Não é mais minha mulher. Não percebeu?

— Tanto faz. Relaxa, daqui a pouco isso passa.

Não retruco, não acho que essa merda toda vai passar. Decepção não passa, você apenas se acostuma com ela. Me sinto um lixo, esperando a beira do precipício. Por dentro chorando e implorando para ser um pesadelo.

— Maycon...

— Alanis, sério. Pode ir comigo, não me importo, mas consegue ficar calada? Ela não retruca e percebo que estou descontando toda a minha frustração nela.

— Desculpe... Você não tem nada com isso, mas no momento sou péssima companhia.

— Tudo bem, se isso te faz sentir melhor, pode continuar. Só precisa deixar

isso ir, essa dor.

Não demora para chegarmos, subimos em silêncio, ela parece ter entendido. Abro a porta, entro e não rola nem um “fique à vontade”. Eu a deixo alguns passos atrás, sigo para o meu quarto, fecho a porta e vou ao banheiro. Passo um bom tempo tomando um banho frio, não que esteja calor, mas é uma forma de fazer a mente passar a se concentrar em outra coisa. E pensando bem, qual o sentido em lutar tanto para ficar com alguém se isso não o leva a lugar algum? Ter Elena é o caos, mas não tê-la é pior ainda. Penso em Noah, coitado, vejo nos olhinhos dele que está tão perdido quanto eu. Estou em pedaços e não sei como me recompor, mas eu preciso fazer isso por ele, por mim. Preciso seguir, mesmo em pedaços. Quando finalmente o frio começa a me incomodar, saio. Tudo está em silêncio, depois da minha merda de recepção, Alanis deve ter ido embora, foda-se, melhor assim.

Visto uma blusa e bermuda, vou até a minibar da cozinha e eu a vejo sentada no sofá da sala, olhando para o nada. Então me aproximo com uma garrafa de gim, ela parece sem graça, aí percebo que está mexendo no telefone, e quando reparo, vejo que a garota está de calcinha e com uma camiseta que me lembra uma da Jayde, cabelo molhado e solto. Então começamos a beber gim, vodca, cerveja, tudo que encontramos no meu apartamento. Depois de um tempo, e eu um tanto bêbado já, percebo que Alanis fica quieta.

— Está tudo bem? Precisa de alguma coisa?

Ela levanta o rosto e sorri.

— Está sim.

Levanta-se e eu evito olhar para ela.

— Qual quarto eu posso dormir?

— Tanto faz.

— No seu? — sorri com malícia.

— Por que, Alanis? Por que quer dormir comigo?

— Estou pensando em distraí-lo. É um favor.

— Dispense seu favor. Não estou a fim de sexo, desculpe.

— Não é sobre mim, é sobre você. Está mal, chateado, bêbado e ao invés de ficar pensando a noite toda, posso te cansar e te fazer dormir.

Começo a rir, a deixando sem graça.

— Você se acha.

— Não é me achar. Eu me garanto, é diferente.

— Desculpe, não me leve a mal, mas eu realmente não tenho interesse em você agora, talvez um dia. Não veja isso como uma ofensa. Obrigado pelo favor, mas vou dispensar.

Ela começa a rir com deboche e eu fico sem entender qual foi a piada.

— Da última vez que você me deu um beijo, naquele bar, achei que iria rolar alguma coisa, mas assim que saímos você vomitou. Jayde foi xingando por todo caminho, me deixou próxima à minha casa e antes de irem, vi você apagar. Relaxa, Maycon. É só sexo sem compromisso, sem medo, sem promessas e toda a merda que envolve isso.

— Me dê um motivo?

— Já disse que é um favor. Eu me garanto, e você?

— Aonde você quer chegar?

— Quero me divertir com você, simples assim. Mostre o que você tem e vejo se vale a pena.

— Uau! Interessante sua proposta, mas...

— Então vamos lá, comece e eu digo como continuar.

Olho para ela sem entender ou sem saber sob qual efeito de droga ela está, porque isso não é por causa do álcool. Ou talvez seja ele em excesso que deu muita confiança a ela.

Alanis se aproxima e tenho um ataque de riso. Ela começa a me beijar, e estou tão bêbado que vejo uma mistura de Alanis com Elena na minha frente. Linda como um anjo, meu anjo.

— Eu matei seu irmão, meu anjo — ainda vejo a imagem das duas se misturarem.

Ela sorri, não me entende, nem sei se realmente falei ou foi apenas o pensamento. Porra, como estou bêbado.

— Tira sua blusa, Maycon. Fique comigo — ela pede e eu obedeço.

Ela gargalha, eu amo seu sorriso. Se aproxima e começa a me beijar. Penso em tudo que podemos ser e não somos. Em como sou um imbecil.

— Eu estou caindo. Você quer vir me salvar? Diga que vale a pena me salvar, que ainda quer me salvar.

Ela continua me beijando.

— Eu estou te chamando, por que não me responde?

— Eu estou aqui. Vem comigo.

Ela sorri.

— O tempo está passando, te tirando de mim e não quero ficar sozinho. Eu te amo tanto, Elena...

— Eu não sou a Elena. Porra, Maycon! Sou Alanis! Alanis! Você me quer?

— Ah. Merda! O que estou fazendo? Desculpe, Alanis, mas eu não consigo. Eu sei que Elena não quer mais nada comigo, já partiu pra outra, estava hoje com a merda daquele doutorzinho, mas não posso fazer isso.

O tempo passa, eu abro os olhos e vejo Alanis ao meu lado, que sorri. Levanta-se e vai para o quarto enquanto eu ainda estou tentando organizar a

minha mente. Percebo o que aconteceu, então me levanto e antes de tentar não pensar mais em Elena, a depressão me pega de jeito. Porra!

Fico sem entender. Será que Alanis está muito puta comigo? Mulher estranha, louca, não sei o que pensar direito. Mas... Respiro fundo pensando se devo ou não perguntar alguma coisa. Vou até a porta do quarto e ela está deitada, olhando para o nada.

— Aconteceu alguma coisa?

— O quê?

— Não gostou? — pergunto, já me arrependendo por perguntar.

— De você me confundir com a Elena? — sorri.

— Primeiro você me seduz — seguro o riso. — E depois desaparece. Qual o sentido nisso?

— Procure conhecer a você, Maycon e se entender, não a mim, porque eu me conheço bem e sei até onde posso chegar, e aqui é o nosso limite.

— O quê? Está muito louca?

— Não. Nós quase fizemos sexo, só isso. E se tivesse acontecido seria uma foda, nada mais — sorri.

Fico feito idiota de boca aberta.

— Você é louca!

— Eu sei, vai dormir vai... — sorri.

— Você não vai dormir?

Ela volta a atenção para o teto.

— Vai entender! Cada um com a sua loucura!

Eu me aproximo e ela sorri. Entendo isso como um convite e me deito ao seu lado.

— Que irônico — diz, me fazendo olhar para ela. — Tentei ser legal com você e me ignorou totalmente quando chegamos, tentei relevar e você ainda disse com todas as letras que me achava desinteressante e agora está aqui, parecendo uma criancinha carente. Olha para você, Maycon, é produto de uma péssima criação.

— Você está no meu apartamento, lembra?

— Foda-se. Quem é desinteressante agora, Maycon? Me diz?

— Eu não sei aonde você quer chegar.

— Pede desculpas, mas seja sincero e me faça acreditar, caso contrário eu vou embora agora!

— Você está de brincadeira, né?

Ela se levanta, sentando, seguro em seu braço a impedindo de ficar em pé.

— Me desculpe. Minha vida está uma merda e acho que errei com você...

Ela me corta e diz.

— Me desculpe, Alanis. Você só estava sendo legal e eu mostrei o belo babaca

que eu sou — então me encara e continua. — Você é apenas um menino mimado. Cresça e deixe de ser patético. Nem bêbado consegue esquecer a Elena. É ridículo.

Então se levanta e começa a vestir a roupa.

— Tudo bem, me desculpe. Fui um babaca.

Alanis se vira e sorri para mim.

— Tudo bem. E tirando a parte de me chamar de Elena, gostei de quase fazer sexo com você.

Ela se deita ao meu lado, mas quando vou abraçá-la, ela tira a minha mão.

— Vai fingir que eu sou quem agora, a Jayde? Tire a mão de mim, Maycon.

Alanis é louca, tão louca que se fosse em outra situação eu riria disso. Não protesto, me viro de costas para ela, alguns minutos se vão, ou horas, não sei. Estou cansado, mas a sensação de vazio me preenche. Eu me viro novamente, abraço Alanis, mas ela me afasta, insisto e ela faz isso de novo, acho graça, espero um tempinho e coloco novamente, ela não tira mais. Acho que dormiu. Penso em suas palavras, fui tão imbecil com ela, muito. Agora estou aqui, cansado, mas abandonado pelo sono porque os pensamentos não permitem que ele chegue. Escuto o barulho do vento lá fora. Começo a me questionar minha vida, talvez eu tenha feito Elena se sentir como Alanis hoje, e ao contrário dela, Elena guardava todo o ressentimento. Que porra! Não queria pensar nisso, não queria pensar nela, mas é inútil.

Talvez tenha sido ilusão e agora eu estou aqui, conversando comigo mesmo em pensamento, enquanto meu coração sente o doce amargo da solidão. É estranho isso, essa tristeza, essa agonia, tão confuso, sem rumo.

Estou caindo meu anjo, vem rápido me salvar.

Não, você não quer, não dessa vez. O foda de se amar alguém é isso, é como usar *doce*, você não tem controle sobre seus sentimentos e quando está em uma viagem ruim, não resta nada a fazer a não ser esperar passar. Quanto tempo para esse martírio ter fim? Eu não aguento mais. Droga de vida. Droga de amor, droga de Elena. Vencido pelo cansaço, durmo com uma estranha louca ao meu lado.

Acordo ainda sonolento e sinto Alanis me abraçando, que é apenas mais uma criança carente. Cadê aquela pose toda? Pego o telefone e vejo as horas. Quase dez, tiro seu braço e me levanto devagar. Combinei de almoçar com a minha mãe. Arrumo uma bandeja com chocolate quente, torrada, geleia e levo para o quarto. Ela ainda está dormindo, então abro as cortinas e escuto seus resmungos pela claridade.

— Acorda que a hospedagem já venceu. Hora de seguir viagem — brinco.

Ela se senta com o cabelo bagunçado e o rosto meio angelical, dando um

sorriso meigo quando coloco a bandeja em seu colo.

— Obrigada, não precisava.

— Eu não sou um completo babaca, tenho um lado legal também.

Ela sorri e toma o chocolate. Logo depois, come as torradas.

— Desculpe se você se sentiu pressionado a ficar comigo ontem, eu...

— Relaxa. Ao invés de pensar por toda noite em como minha vida é uma droga, pensei apenas por horas e isso foi graças a você. Obrigado pelo porre! Estou te devendo uma.

— Não quero que pense mal de mim.

Sorrio. Essa é boa. Ela está envergonhada, não me olha nos olhos.

— Por que eu pensaria mal de você?

— É o que as pessoas geralmente pensam de mim.

— Eu não sou como essa merda de sociedade. Isso só são preconceitos, e na verdade, as pessoas julgam o que não são capazes de entender. O corpo é seu, a vida é sua. Faça o que quiser.

— Por que as pessoas são assim? Por que tantos padrões de beleza, por que desprezam quem não se encaixa? Por que julgam tanto?

— Alanis, infelizmente o preconceito é um fato enrustido em todos nós, tanto faz se é contra cor, raça, orientação sexual ou classe social. Hoje em dia, o que manda mesmo é o poder, o dinheiro e a posição social. Esta é a forma de vida reinante. Julgamentos desnecessários de pessoas que por um motivo escroto se acham na condição de juiz. Eu concordo com isso? Não! Mas hoje sei que me questionar sobre o termo não resolve muito, seja diferente e faça a diferença. Essa é minha opção. Dê o exemplo e espere que possam segui-lo.

— Às vezes eu queria ser outra pessoa — ela desabafa.

— Sabe, quando eu percebi que não era muito bem aceito, passei a desejar isso ardentemente. Mas continuei vendo meu rosto no espelho todos os dias. Foi aí que cheguei à conclusão que eu devo me aceitar. Tentar melhorar o que estiver ao meu alcance, e ter paciência com o que não posso. Isso se chama reconhecer seus limites — sorrio. — Levanta, já está tarde. Quero te levar para almoçar comigo, na casa da minha mãe, aceita?

— Obrigada, mas eu prefiro não ir...

— Não estou te dando essa opção. Já avisei que vamos, meu filho está com ela, vai conhecê-lo.

Não demoramos para nos arrumarmos, ela está envergonhada e não entendo o que eu perdi que a deixou assim.

— Alanis! — Chamo, ela me olha atenta. — Seu irmão dizia algo bem interessante que só depois eu fui entender. Ele dizia que aos amigos ele desejava o céu, aos melhores amigos, ele desejava o inferno. Achava aquilo uma viagem,

depois entendi o que ele queria dizer. Seus melhores amigos levavam uma vida como a dele, ou seja, aos olhos da sociedade eram pessoas erradas que mereciam o inferno. Mas ninguém sabia que ser um viciado já é viver no inferno. E te desejar o que você tem, não muda em nada sua vida — ela sorri. — Ele era um cara viajado, meu melhor amigo, meu e da Jay. Consequentemente você será nossa amiga também, então seja bem-vinda a nossa turma — ela sorri e agradece.

Seguimos escutando músicas, quando chego à entrada do condomínio, ela fica sem expressão.

— Eu não acredito, sua mãe mora aqui?

— Qual o problema?

— Desculpa, me leva embora.

— Por quê?

— Olha pra mim. Eu sou uma garçonete.

— Que engraçado, você acaba de falar sobre julgamentos e está se julgando inferior por ser uma garçonete? Isso não é quem você é. É sua profissão. Você é a Alanis, uma garota superinteressante, cativante e além de trabalhar comigo, é irmã do meu melhor amigo morto. Então o que a faz ser inferior?

— Que vergonha!

Finjo nem escutar, seguimos e quanto mais me aproximo, mais ela fica sem graça. Quando paro em frente à casa da minha mãe, ela se recusa a sair do carro, abro a porta e peço para parar de gracinha. Seguro sua mão e a conduzo como uma criança birrenta.

A porta está aberta, entramos, Noah vem correndo, mas ao ver Alanis segurar minha mão, para, não diz nada e corre de volta para a outra sala.

— Noah! — Chamo e ele ignora.

Sigo e Alanis vem alguns passos atrás. Ele inicia uma pirraça com a minha mãe, rasga seus desenhos e joga todos os lápis no chão, quando minha mãe começa a juntar, ele chuta tudo.

— Noah! Pare agora — falo sério e em tom rude.

Ele começa a chorar, berrar na verdade, me aproximo, ele vem no meu colo e me abraça.

— Que coisa feia. Não pode fazer isso com a vovó.

— É ciúme de você, sabe disso — minha mãe diz chateada por me ver repreendê-lo. Levanto a mão dizendo para ela parar.

— Não gosto dela! — Diz, apontando para Alanis.

— Nem conhece, como não gosta?

— Maycon, pare. Todos entendemos que ele é uma criança, é normal para a sua idade — minha mãe interrompe novamente.

— Não é normal maltratar as pessoas, mãe! Independentemente da idade — eu me ajoelho e o coloco de frente para mim, olhando em seus olhos. — Você não tem amigos na escolinha, Noah?

Ele confirma com a cabeça.

— Papai também. Ela trabalha com o papai, somos amigos.

— Como a tia Jay? — ele pergunta com voz de choro.

— Como a tia Jay, como a mamãe...

— Como o *Dek*?

— Conhece o Derek, amigo da mamãe?

Pergunto, sentindo ciúme. Que merda!

— Sim, ele é meu amigo. *Blinca* comigo no *patamento* da mamãe.

— Ah, legal, é bom ter amigos. E sim, é igual ao Derek, meu anjo. Agora vamos conhecer a amiga do papai e mostrar como você é legal?

— Como o *homi de feo*?

— Aham.

Eu o levo até Alanis e nem disfarço minha frustração.

— Alanis esse é o Noah, o meu Homem de Ferro.

Ele sorri, ela retribui, depois eu a apresento a minha mãe, que começa a contar histórias sobre Robert e eu, e enquanto elas conversam, fico observando Noah. Ele está muito inquieto e estressado. Por mais que eu tente, que Elena tente, ele está frustrado. Começo a pensar em como podemos resolver isso. E que porra, Derek vai ao apartamento e até brinca com meu filho. Elena é louca, não sei, acho que está bem no início e isso confunde mais o Noah. Ou talvez seja a merda do ciúme.

— Papai, eu vou *mola* com você.

— O quê, meu anjo?

— Não *quelo* mais *fica* com a mamãe.

— Não pode fazer isso.

— Vovó disse, ela disse.

Ah que merda, minha mãe está enchendo a cabeça dele. Que porra, cara, o menino só tem dois anos, que loucura.

— Maycon, eu não quis dizer isso — ela tenta se safar.

— Não mesmo, mãe! Assim como nunca quis me deixar confuso, mas não vai fazer com o meu filho o que fez comigo! Não vai mesmo, cara, ele vai fazer três anos! Não vai colocá-lo contra a mãe.

— Ela pouco se importa com você, Maycon.

— Isso não tem nada a ver com ela. Noah está ficando confuso e estou pensando nele, colocar na cabeça coisas contra a mãe, é ser muito sem noção!

Ela insiste que não foi por querer e acabamos tento uma discussão, o que

deixa Alanis mais sem graça, Noah nervoso e eu perco a cabeça. Saímos sem almoçar, pego ele e junto com Alanis, o levo ao restaurante. Tento fazer com que o resto do dia seja calmo, mas até Alanis percebe como ele faz de tudo para chamar atenção, parece excesso de carência.

— Por que não propõe para Elena morarem juntos? — ela sugere.

Na hora acho loucura, mas cada vez que olho para Noah, começo a aceitar a ideia. Deixo Alanis na casa dela, na verdade é um prédio pequeno. Agradeço pela noite, ela apenas sorri e começo a gostar do seu sorriso. Ela é franca, direta e talvez isso seja o que assusta as pessoas. Mas estou com tanta raiva, que não penso muito nela e morrendo de ciúme, pensando em como vou resolver isso. Como não misturar as coisas? Ligo para Elena e pergunto se podemos conversar, deixo claro que é sobre Noah e que estou o levando para casa. Ela não protesta, diz que me espera e que também quer conversar, o que me surpreende e muito, mas não quero falar sobre nós, quero apenas o bem-estar do meu filho. Sigo para o seu apartamento pensando em como fazer aquela cabeça dura aceitar minha proposta.

Capítulo 22 - Escolhas...

Minha noite foi péssima, senti tanto a falta do Maycon, de nós. Repensei todas as questões e percebi que com ele minha vida não é perfeita, mas gosto dela assim, com todas as imperfeições, com ele ao meu lado. A manhã se vai, quero ligar, quero saber sobre nós, falar sobre nós, que podemos nos dar uma chance. E quando acho finalmente que estou preparada para isso, ele me liga dizendo que está a caminho. Sinto um alívio, quero conversar, acho que ainda dá para tentar. Começo a imaginar como a noite dele deve ter sido péssima pelo o que eu o fiz passar, ainda que inocentemente. Tantas emoções me afloram que não identifico de imediato, é um misto de sentimentos e alívio. Fico ansiosa, ele deixou claro que é sobre Noah, mas quero tentar, não quero mais passar por noites como as anteriores, fico imaginando que ele também deva se sentir assim. Alguns minutos passam e ele chega com Noah.

— Oi, Elena. Tudo bem? — diz, entrando com Noah dormindo em seu colo.

— Tudo, Maycon — sorrio.

— Vou levar Noah para o quarto e depois conversamos, pode ser? — Maycon parece distante, frio, mas continua me atraindo.

Escuto seus passos distanciarem e em minutos, voltarem. Desce e senta no sofá, me sento ao seu lado, mas me sinto invisível, essa aproximação não parece ser real para ele. Maycon joga a cabeça para trás e suspira, depois passa as mãos pela cabeça. Ele parece estressado. Então me encara e começa:

— Tem notado Noah diferente?

— Como assim?

— Inquieto, nervoso?

— Ele tem pedido para ficar mais com você — desvio o olhar. Dizer ao Maycon a clara preferência do Noah por ele me magoa, me sinto falha no papel de mãe.

— Elena, minha mãe está confundindo a cabeça do Noah.

— Como assim? — eu me assusto.

— Dizendo que ele pode morar comigo e enchendo a cabeça dele com merdas.

— E quando você soube disso? E por que está me contando, sendo que isso beneficia você?

— O quê? Você é louca? Acha mesmo que tirá-lo da mãe e saber como isso irá influenciar na vida dele e até mesmo pode arruinar com ela, me beneficia? Sério mesmo?

— Desculpe, mas como sua mãe pôde fazer isso? Sabe que eu não posso ficar longe dele, é meu filho, Maycon. Não pode fazer isso comigo! — Começo a chorar.

— Quem disse que vou fazer? Não quero e nem vou deixar isto acontecer — ele parece abatido, mas sério. — Olha, não quero que entenda isso como uma tentativa de voltarmos, não é — ele diz e engulo em seco. — Sei que não temos mais como dar certo, Elena, mas queria propor morarmos juntos — fico sem palavras, ele percebe. — Não se preocupe, prometo que não vou forçar a barra com você e não vou invadir sua privacidade. Pode continuar com sua vida, na boa. Mas queria pedir algo — ele engole em seco. — Quero que evite o contato entre Derek e Noah, ao menos até ele ter idade para entender que não estamos mais juntos.

— Não entendo aonde você quer chegar. Noah não tem contato com Derek como você sugere.

— Ah! Qual é? Que porra é essa? Sei que ele vem aqui, que beija você.

Fico sem jeito.

— Maycon eu...

— É sua vida, ainda que eu continue pagando todas as suas despesas, pode beijar quem quiser, mas isso o confunde, e muito. Como acha que ele se sente ao nos ver juntos, separados e depois beijando outras pessoas?

— Olha, não fiz na frente do Noah. Se ele viu, foi sem que eu tenha percebido.

Maycon evita me encarar. Me sinto péssima, mas ele também está.

— Imagino que você não tenha culpa, você nunca tem. É sempre a vítima. Lembra? — ironiza.

— Maycon, por favor, pare!

— Tudo bem, esquece. Como eu disse, é sobre Noah, não sobre nós. O que me diz?

— Depois de me dizer que ele quer morar com você, acho que não me deixou escolher.

— Sempre temos escolhas, dizer que não temos, é mentira. Não estou te forçando a nada, mas sabe que se formos a um juiz e Noah deixar clara a preferência dele, tenho mais chances que você de ganhar a guarda.

— O quê? Então tem mesmo a intenção de fazer isso comigo?

— Não, não mesmo. Mas quero a felicidade dele mais que a minha, e se isso significa ter que te ver todos os dias com outro cara, foda-se. Na vida temos que pagar pelos erros mesmo.

— Maycon, eu... Talvez nós podemos tentar.

— Não, não podemos. Porque eu cometi erros.

— Erros podem ser perdoados.

— Já deixou claro que alguns não tem perdão pra você.

— Maycon, mas nós podemos mudar de opinião.

— Até ontem não tinha mudado — dá um sorriso. — Elena você não me perdoou por um deslize com Katherine! Não precisa se forçar a tentarmos de novo só por medo, eu não quero tirar meu filho da mãe. Até porque acredito que não tem ninguém melhor para cuidar dele do que você.

— Não é pelo Noah, é por nós, sei que nos amamos. E...

Ele se levanta, olha para mim como se ouvisse algo absurdo.

— Se tivesse me dito isso ontem... Talvez fosse diferente.

— Maycon, não faz diferença, ontem ou hoje, o importante é não perdemos mais tempo...

— Elena, eu te conheço e por conhecer tão bem, vou contar uma coisa que vai fazê-la desistir.

— Nada vai mudar minha opinião.

Ele dá um sorriso irônico.

— Ah, mas vai sim. Se quer tentar vou fazer jogo limpo com você. Depois que a gente se separou eu tive uma recaída, Elena. Uma única vez e ontem eu quase transei com a Alanis, não foi só beijo, foi muito mais. Não pode perdoar, não tem perdão pra você essas coisas. Mas dessa vez eu não estou procurando isso. Olha, eu amo você e vou amar sempre, e foda-se também essa porra de sentimento. Mas assim como eu estou aqui, engolindo meu orgulho para tentar fazer o Noah feliz, pense nele antes de você e me dê a resposta depois.

Maycon me deixa sentada no sofá, chorando e sai sem mais palavras. Estou sem entender ou querer acreditar. Eu passo a noite chorando e ele ficou nos amassos com a garçonele. Sem contar a recaída que ele diz ter tido. Não acredito, estou me sentindo tão idiota, tão imbecil.

Vou ao quarto do Noah, não quero chorar. Cansei desse papel de vítima, como ele mesmo disse. Podemos seguir pelo Noah, tentar por ele, a felicidade do meu filho é o mais importante. Fico assim, olhando meu pequeno tesouro e odiando mais ainda Emily.

As horas passam, à noite, depois de jantarmos, pergunto ao Noah se ele quer que o pai venha morar conosco. Ele dá um sorriso e nem preciso da resposta. Com o orgulho ferido, mando uma mensagem ao Maycon dizendo que ele pode se mudar pela manhã. Tento dormir, mas me pego pensando nele. Droga!

Vou à clínica, é meu primeiro dia como psicóloga, e tudo que penso é em como seguir com isso. No almoço conto ao Derek e a Jeniffer, ela critica Emily e diz que já esperava isso. Sua barriga começa a aparecer, reparo por minutos tentando não me ater as críticas que sempre ouço dela. Derek muda de assunto

ao me ver desconfortável, mas assim que Jeniffer se levanta, ele pede sobremesa para nós.

— Se sente confortável com isso? — ele começa

Eu choro e conto que tinha intenção de voltar para Maycon, mas ele, como sempre, arruinou tudo. Derek fica sem graça, minha sinceridade o abate.

— Acha que pode perdoá-lo por isso?

— Não sei. Não sei de mais nada, estou confusa e começo a achar que nunca vou superar.

— Maycon é um bom pai e já havia notado a preferência do Noah por ele, mas sinceramente não acho que seja por Emily. Maycon é atencioso e tenho que reconhecer que Noah o ama mais que tudo, ambos se amam. Isaac disse que ele era assim com Maycon e sinceramente falando, Maycon está tentando pelo Noah, por ele e acho que por você também. Tentando não cometer os mesmos erros. Não posso dizer que dará certo, mas tente. Só não se sinta mal, nunca deixe que nenhum limite tire de você a ambição da autossuperação. Pode superar com ele ou sem ele. Isso depende exclusivamente de você.

— Acha que será bom para o Noah?

— Disso eu não tenho dúvidas. Elena, que criança não se sente bem com os pais ao lado? E sinceramente, um confronto entre você e o Maycon agora, não será nada bom. Ele terá vantagem e não se engane, Emily e Isaac o apoiarão sem sombra de dúvidas. E infelizmente, o poder aquisitivo deles junto com a influência de ambos convencem qualquer juiz.

— Eu sei. E me magoa saber que não teria armas para lutar. Mas não sei como ser forte, como aturar a sua vidinha de farra.

— Ora, imponha regras. Se ele realmente está fazendo pelo Noah, não se oporá. Imponha limites e não demonstre suas fraquezas, seus medos ou então ele saberá onde atacá-la.

— Qual o sentido nisso tudo? Eu...

— Não procure sentido na vida, procure ser feliz.

— Obrigada, Derek. Só tenho mesmo a agradecer.

— Não, não me agradeça. Eu que tenho que lhe pedir desculpas, pensei apenas em meu próprio interesse e me aproveitei de um momento frágil seu, e talvez eu a tenha confundido sobre seus sentimentos. Peço desculpas, não foi mesmo minha intenção.

— Derek, por favor, você só tem me ajudado. Esqueça isso, quero mesmo recuperar o fôlego e seguir... Preciso mesmo seguir. Mas preciso de um tempo e se puder me dar.

— Tem todo o tempo do mundo, vou sempre estar a uma ligação de você. Então não hesite, se precisar.

Ele sorri e esse sorriso me encoraja. O dia passa, só de pensar que hoje inicia nossa tentativa como pais, e apenas pais do Noah, sinto-me desamparada. Agora vou ter que resgatar um pouco de amor-próprio e orgulho para lutar contra esse sentimento. Vou me preparando mentalmente e sigo para o apartamento.

Quando chego, está tudo silencioso, vou ao quarto do Noah e me deparo com ele dormindo com os braços todo pintando e imagino que seja imitando as tatuagens do Maycon. Fátima já foi embora, então vou ao meu quarto, me perguntando em qual quarto Maycon vai ficar, mas logo tenho a resposta, ao lado do Noah, quase em frente ao meu.

Após um banho, eu desço e o encontro preparando o jantar. Geralmente Fátima deixa pronto e eu apenas aqueço, mas como ele está no fogão, deve ter dispensando esse serviço.

Eu me aproximo e sinto aquele arrepio tão familiar.

— Foi bom o primeiro dia? — ele diz indiferente, mas continua atento à panela no fogo, que por sinal, cheira muito bem.

— Foi sim, gostei.

— Que bom.

— Maycon — suspiro, ele se vira, me encarando. Odeio parecer rendida a esse olhar, odeio sentir meu coração trêmulo. — Acho que como nosso foco é o Noah e o bem-estar dele, vamos manter algumas regras.

Ele se mantém atento.

— Não quero Alanis ou qualquer outra mulher aqui. Assim como não trarei nenhum homem. Sem brigas ou discussão, cada um faz da vida o que quer sem intromissões de ninguém. Noah o vê como um exemplo, então nada de bebidas, cigarros e qualquer outra droga na frente dele.

Ele ri e desvia o olhar, deixando evidente a decepção ao me ouvir e imediatamente me arrependo de ter dito “outra droga”, mas não protesta. Desliga o fogão, dá meia volta, se aproxima demais para a minha segurança. Tento mostrar indiferença ao sentir sua respiração em meu pescoço.

— Sua casa, meu anjo, suas regras. Quanto ao Noah, sei que adoraria que eu fosse mesmo um pai bem desgraçado, mas não sou, tenho consciência do meu papel na vida dele e não vou falhar. Mas obrigado pela sua preocupação e avisos. Vou deixar anotado.

— Não quis ofender.

— Eu sei, você nunca quer — ele se afasta. — Fiz sopa, hoje está frio, se quiser. Vou tomar um banho. E vou deixar a porta aberta, vai que você tenha uma recaída — ele sorri.

Tento ignorá-lo. Idiota.

— Acha mesmo que vou me sujeitar a isso? Não sou esse tipo de mulher,

Maycon. Se acha que vou me entregar e correr atrás de você. Está enganado. Não caio mais no seu charme, já estou vacina e nós dois sabemos onde isso termina.

— Era brincadeira, mas valeu pela sinceridade. Ela sempre me comove.

Ele diz, me deixando sem graça e segue para o quarto. Noah acorda e dou banho, Maycon lhe dá o jantar. Na hora de dormir ele pede para contarmos uma história, e como os dois estão nessa de “tudo pelo Noah” e nenhum quer falhar no papel de pai, lá vamos nós.

Eu me deito na cama e Noah se deita ao meu lado, Maycon é tão safado que deita atrás de mim, mas se vira para o teto, fazendo com que apenas seu braço encoste em mim. Noah sorri ao nos ver juntos e isso me mantém quieta.

— Que história quer ouvir, meu amor? — pergunto, ele sorri.

— Do *Huk* — diz, animado.

— Então o papai tem que contar. Mamãe não sabe essa — escuto Maycon mexendo no telefone. Parece que seu “foda-se, Elena” está ligado. — Pode contar para nós, papai? — eu me viro de lado e fico encarando Noah.

— Tudo bem, vamos lá. Papai vai contar a história de um novo herói — Noah sorri. Há dias não via esse sorriso tão intenso. — Ele não era um herói como os outros.

— Como ele é? — pergunta, animado.

— Na verdade, ninguém sabia que ele era um herói, porque seu poder era ser sincero, Noah.

Começo a rir, já prevendo indiretas e imaginando quem é o herói.

— Ele tinha algumas tatuagens, cabelos desalinhados.

— Igual a você, papai?

— Pode se dizer que sim. Ele tinha o sonho de transformar todas as hipocrisias em sinceridade e esperava que seu poder pudesse mudar o mundo, que as pessoas pudessem se amar de verdade e reconhecer que o amor te faz aceitar a pessoa como ela é, e que...

— Ele é forte? — Noah o interrompe.

— Sim, muito forte e como seu poder era ser sincero, as pessoas não o aceitavam bem. Elas preferiam os hipócritas, tipo médicos que se acham o crânio, mas são falsos.

— Seu filho tem dois, vai fazer três anos. Conte algo melhor e que seja para a idade dele — interrompo.

— Eu estou contando a história, dá licença — se vira e o sinto por trás de mim.

Sinto sua respiração em meu pescoço e congelo. Tento me segurar, manter a pose de mulher decidida.

— Mas um dia, ele percebeu que não podia acabar com a hipocrisia...

— Ele ficou *tliste*?

— Ficou, triste e se achou fraco, ele queria desistir, mas então, aconteceu um milagre, surgiu um herói na vida dele, um chamado Noah — Noah sorri. — Então, ele percebeu que não precisa de um mundo perfeito, ele só precisa ter aquele sorriso lindo do Noah todos os dias. Ele percebeu que com Noah ele era forte. Então eles se tornaram amigos e seguiram juntos pelo mundo, vivendo muitas aventuras e sendo sempre sinceros um com o outro. Fim.

— E a gente pode levar a mamãe?

Ele diz e nós rimos da esperteza dele.

— Podemos.

— Eu gosto desse *heloi*.

— Papai também. Agora vamos dormir?

Ele se levanta, dá um beijo em Noah e vai para o quarto.

Espero mais um pouco. Noah dorme, vou ao meu quarto e escuto Maycon tocar violão. Me pergunto até quando vamos continuar nessa farsa. Quero ser forte, mas como ser forte perante um sentimento tão intenso?

Mais dois dias se vão, até a professora nota a mudança de Noah, ele está feliz, comunicativo. Já eu e Maycon, fingindo bem, mas ele tem se mostrado distante, respeitando meu espaço. Não força a barra e conversamos apenas o necessário. O que não é nem perto do suficiente, nada satisfaz essa necessidade em tê-lo. Na quinta, quando chego, noto que Maycon está ao telefone. Hoje ele canta e começo a pensar em Alanis e ele juntos, não que ele tenha deixado claro se realmente estão. Percebo que é Emily ao telefone, Maycon deixa que ela fale com Noah e antes de desligar, promete levá-lo para almoçarem juntos no domingo, mas antes, escuto ele dizer que falará comigo primeiro. E caso eu concorde, ele irá confirmar.

E pensando nela, hoje ela me procurou, pediu dois minutos, que eu cedi, claro. Ela disse que Maycon entendeu errado e que foi Noah que perguntou se poderia morar com ele, ela apenas confirmou que poderia. Não foi como Maycon sugeriu, insisti que não vinha falando isso para o Noah, e como eu já havia escutado isso do meu filho antes mesmo de ele ficar com ela no sábado, não me preocupei muito. Deixei que ela e Maycon se entendessem, já estou com cabeça quente, não preciso de mais confusão.

Subo a escada, tomo um banho e quando saio, batem à porta.

— Entra!

— Está tudo bem? — é o Maycon.

— Está, está sim.

— Elena, eu já vou indo. Noah está no quarto de brinquedos. Tchau!

— Tchau — ele sai e quando desço vejo Noah distraído, Maycon já lhe deu banho. É, realmente ele está amadurecendo. Vou até a cozinha, desde que voltou, sempre deixa o jantar pronto. Hoje preparou um penne ao molho branco, o preferido de Noah, e salmão com aspargos, o meu preferido.

Estou me sentindo estranha ultimamente. Depois que Noah dorme, vou ao quarto do Maycon, abro o closet, vejo suas roupas e sinto seu cheiro. Me bate uma saudade no peito, um tesão. Acho que estou em uma crise de abstinência. Olho as gavetas, quero saber algo, quero um segredo, quero algo íntimo dele, diferente do que estou tendo, ainda que ele não saiba. Vejo seu telefone em cima da cômoda, então rapidamente eu o pego e vejo que não tem senha. Abro e vou direto para as mensagens. Nada revelador, nada que o incrimine.

Droga! Respiro fundo e me pergunto quando esse vazio, essa angustia vai passar.

Arrumo o que tirei do lugar, volto ao meu quarto e espero as horas passarem. No próximo sábado é o aniversário do Noah e tudo já está preparado. Olho as horas, mais de onze, últimos minutos da quinta, já é quase sexta e estou aqui, vendo as horas passarem. Ligo para Derek, conversamos um bom tempo, ele é tão sensato que me faz parecer uma criança.

Depois de quase uma hora, desligamos. De madrugada sou acordada com um barulho, escuto um “merda” e isso me faz levantar rapidamente. Saio do quarto, desço a escada e acabo encontrando Maycon no sofá, bebendo.

— Tudo bem?

— Tudo. Desculpe se eu a acordei. Quebrei uma garrafa — se justifica e vejo o vidro quebrado em uma pazinha. Eu me aproximo e noto que seus olhos estão vermelhos e o nariz escorrendo.

— O que foi, Maycon?

— Nada, foi apenas um dia longo, muito longo. A vida é bem essa porra mesmo, quando estávamos bem, o tempo voava. Estamos separados e essa porra é eterna.

— Sei que é complicado, mas não cometa os mesmos erros — ignoro o pensamento de uma recaída.

— Um dia desses Noah pediu para desenhar no braço dele, diz que quer ser como eu. Era para me sentir feliz com isso, mas achei uma merda. Ele deveria ser como você, deveria admirar você. Não a mim, você tem razão, sou um péssimo exemplo.

Fico em silêncio, não sei o que dizer.

— Minha vida estava tão bem sem conhecer você. Eu já tinha tudo programado e estava seguindo bem o meu caminho. Mas aí eu te conheci, tentei ser o cara que nunca fui e nunca vou ser, desejei mesmo outra vida. Mas não tem

jeito, sou essa merda mesmo e sempre vou ser. E dói saber que meu filho quer ser como eu, Elena, ver que você finalmente encontrou um cara bem melhor que eu e todos os dias eu peço a Deus para que você não perceba isso. Porque quando acontecer, já era pra mim. E eu fico todo dia pensando em toda essa merda e chego à conclusão que meu tempo já venceu. Então começo a questionar, começo a querer ser corajoso para acabar com isso. E se me disser que consegue segurar essa barra, que consegue criar o Noah, que irá tirá-lo dessa merda de vida, afastá-lo de todo esse inferno... Se me garantir que consegue fazê-lo feliz, juro que te deixo seguir e me torno apenas uma lembrança de um tempo em que sua vida foi uma droga...

Fico em choque, não consigo emitir uma palavra sequer.

— Você percebe? Percebe, Elena, que ele vai seguir esse mesmo caminho se não me tirar da vida dele?

Estou tremendo. Ele está falando em suicídio, não sou idiota. Sei que deveria me compadecer, mas não consigo ao ver a evidente fraqueza dele e me assusta saber que Noah quer ser como ele. Não consigo sequer pensar em algo que o conforte. Ele está completamente louco e isso me deixa fora de mim. Suas palavras me machucam, me rasgam, não quero que ele... E só de ouvi-lo falar assim, a raiva me sobe à cabeça.

— Maycon, uma hora essa decepção vai passar e acho que ao invés de apelar para bebida ou drogas, deveria mesmo provar que ama o Noah. Mas contrário disso, você se mostra fraco e sabe que se continuar desse jeito, nem eu vou poder salvá-lo, porque se condenando, você o condena também. Amanhã eu trabalho, vou voltar a dormir, se precisar de alguma coisa...

Subo a escada percebendo que ele praticamente me disse que se eu garanti que aguento, ele se mata. Como ele pode me dizer isso? Como pode fazer isso ao Noah? Começo a perceber que o problema do Maycon não é comigo ou nosso relacionamento, ele tem peso na consciência. Maycon não se aceita e nem se perdoa por tudo que fez de errado e infelizmente não sei como ajudá-lo. Dói demais e começo a questionar onde estão os milagres do amor que todos dizem existir, porque até hoje, apesar de amá-lo, não presenciei um milagre sequer, apenas a dor.

Capítulo 23 - Será que é possível?

Estou em choque, tremendo mesmo, não sei como reagir ou o que dizer, fico pensando no que devo fazer? Reconheço que quanto mais eu penso, mas quero fazer com que ele entenda que é importante para mim. Eu me sento na cama e fico por horas tentando entendê-lo, entender tudo que estou sentindo. Como ele pode parecer bem em um dia e péssimo em outro? Hoje ele saiu daqui bem, talvez eu... Não sei... Desabo em lágrimas, escuto alguns passos pelo corredor e o som de porta se abrindo. Não sei o que fazer. Respiro fundo, tento pensar com clareza em como vou ajudá-lo se não suporto nem uma aproximação mais íntima? Mas tem o Noah e se Maycon fizer uma loucura, não vou conseguir encarar meu filho. Enxugo as lágrimas, passo uma água no rosto e saio do meu quarto, parando em frente à porta do quarto de Maycon, onde forço a maçaneta, mas está trancada.

— Maycon — ele não responde — Maycon! — Quase grito.

A porta se abre e ele me encara, não diz nada, mas sua expressão mudou, está diferente. Evito olhar em seus olhos.

— Não disse que ia dormir? — ele sussurra.

— Quero conversar com você.

Ele abaixa a cabeça, se vira e volta para a cama. Eu entro e sinto o cheiro de cigarro, então me aproximo e sento na cama. Ele está de lado, olhando fixamente para a janela, fungando e eu quero acreditar que é por ter chorado.

— Ei — digo, ele se mantém distante. — Você sabe que é importante para o Noah, não sabe?

Ele dá um sorriso torto, mas não responde.

— Maycon... — digo calma, tentando soar serena.

— É a mesma coisa, Elena? É a mesma coisa quando ele fala seu nome?

Quando ele diz coisas que eu deveria dizer, provoca o mesmo efeito em você?

Não respondo, ele continua:

— Sabe, estou me sentindo tão sem importância. Joguei conforme as regras, segui os conselhos que deram sobre você precisar de um tempo e agora estou aqui, vendo você se apaixonar por outro sem poder fazer nada.

— Maycon, eu...

— Ele a beija como eu costumava beijá-la? É a mesma coisa pra você?

Respiro fundo e não sei se minto ou falo a verdade. Prefiro a verdade, ainda que ela me desarmará.

— Eu nunca cheguei tão longe como cheguei com você. E sobre suas

perguntas, ainda que finja que não, você tem as respostas, bem no fundo você sabe que sinto sua falta, mas o que eu posso dizer, Maycon? Eu estou tentando seguir pelo Noah. Porque infelizmente você...

— Elena, eu sei seus motivos — diz, embargado e volta a derramar mais lágrimas. — Você deveria ter se afastado, eu deveria ter me afastado de você antes de chegarmos a um relacionamento, porque agora está insuportável para mim. Desculpa estar te incomodando com isso, mas não sou forte, eu nunca fui.

Vê-lo chorar corta meu coração, então eu choro junto. Eu me aproximo mais, ele se vira de frente para mim e acabo me deitando ao seu lado, com a cabeça em seu peito. Maycon me abraça forte.

— Acho que eu errei em não me abrir com você, nunca demonstrei minha insatisfação. E agora estou achando que deveria ter implorado seu perdão, deveria ter tentado de todas as formas e quanto mais eu penso, mais vejo que compartilhei pouca coisa com você. Eu simplesmente me fechava e achava que era melhor assim. E agora você não está mais em minha vida — funga. — Todas essas noites eu via seu rosto antes de dormir. Ficava me perguntando se deveria esperar você ligar, mesmo sem ter muita esperança de isso acontecer. Você estava me deixando de lado e eu não fiz nada para impedir. Então começo a ter a falsa ilusão de que nosso tempo ainda vai chegar, mas não vai, nosso tempo chegou e passou. Essa é a verdade. A tosca verdade.

Eu mantenho o silêncio.

— Eu não entendo, sabe. Apesar de ter deixado outras pessoas se aproximarem, meu coração se mantém fiel a você, Elena. E se o que vivemos foi uma coisa boa, se você foi minha salvação, então tem que durar. Não parece certo acabar.

— Maycon, não sei. Eu praticamente perdi todos os nossos passos, os sinais que nos conduziam ao outro depois de cada briga não existem mais para mim. Agora mesmo, eu estou aqui, estou sentindo sua dor e não vou mentir, ainda me sentindo tão bem em seus braços, só que eu não sei... Ainda preciso e quero esse tempo, mas Noah precisa de você e eu também, preciso muito. Nunca vamos deixar de ser uma família, ainda que estejamos separados...

— Não vai existir mais “nós”, não é?

— Sempre vai existir o “nós”. Amo e sempre vou te amar.

Ele me levanta, fazendo com que eu o olhe e meu Deus, eu não posso continuar aqui, estou sem forças para lutar contra essa imensa vontade de ser dele. Tento desviar o olhar, mas ele é o imã e eu estou tão atraída, implorando internamente para ser dele.

Olho em seus olhos e me acho tão insensata por não correr. Ele se aproxima e sei que vai me beijar.

— Uma última vez, meu anjo, por favor? — implora.

Se ele pudesse ler os sinais, saberia que eu também imploro por uma última vez. Várias coisas passam pela minha cabeça e tudo some ao olhar para ele.

— Promete pra mim que será a última? — sussurro.

Ele se aproxima para me beijar, me sente tensa e se afasta.

— Você não quer, não é?

Uma parte de mim quer, quer muito, mas a consciência me diz que uma única dose e toda a dor e dependência vão voltar. Ainda assim, já ultrapassei meu limite de segurança. Seguro seu rosto entre minhas mãos e o beijo e nesse primeiro contato de nossos lábios, todo nosso amor vem à tona, sinto nossas peles queimarem e tudo que quero é continuar beijando Maycon. Ele me traz algo que há tempos não sentia. Vida. E nesse quarto escuro nosso amor brilha intensamente. Vai além de apenas sentir, é real, é visível. Eu olho em seus olhos, vejo meu mundo e uma paz me invade. Parece que tudo vai ficar bem, continuo o beijando, nossas mãos se perdem em nossos corpos e em segundos estou nua, ele nu e tudo parece mágico.

— Você é tão perfeita, tão linda — ele sussurra e tudo que quero é continuar a beijá-lo, suas leves mordidas em meus lábios me excitam.

Por mais que eu tente negar, nunca sentirei com outra pessoa a mesma coisa que sinto em seus braços. Ele conhece cada pedacinho do meu corpo, cada ponto que deve tocar para me dar prazer. Em suas mãos, me sinto uma escrava rendida, pois não há nada que Maycon queira fazer, que eu consiga negar ou afastar. Por um lado, amo isso, mas por outro, odeio, pois sei que todas as vezes que ele me toca, me vejo viajar para um mundo perfeito onde só ele pode me levar com o delicioso encontro entre nossos corpos.

— Você também é lindo, perfeito — digo, enquanto passo a mão em seu rosto. Ele olha bem dentro dos meus olhos.

— Beleza física é uma mentira que nossos olhos nos contam, a verdadeira beleza se encontra no interior — ele diz com a voz amarga e ao mesmo tempo seus olhos se enchem de lágrimas. — Não mereço você, meu anjo.

Antes que suas lágrimas caíam, eu o puxo para mais um beijo. Maycon retribui de forma intensa. Nossas línguas se encontram ao mesmo tempo em que suas mãos passam pelos meus seios e permanecem apertando e torturando. Minhas mãos vão para as suas costas, descendo por todo seu corpo, fazendo com que Maycon solte um gemido baixinho que não me passa despercebido. Ele se encaixa melhor entre minhas pernas e sinto sua ereção em meu sexo. Como o ar é necessário, Maycon desce os lábios em meu pescoço, que recebe suas carícias, entre beijos e mordidas que só me deixam mais louca de desejo por ele.

Maycon desliza para o vale entre meus seios e chupa cada um deles. Parece

que meu corpo estava carente por seu toque, porque sinto com exatidão e até meus mamilos estão mais sensíveis. Sinto que a qualquer momento eu vou explodir.

— Maycon, eu..

— Não é o melhor momento para promessas, meu anjo. Vamos apenas nos entregar ao momento... — sinto como se encontrasse a cura para uma doença rara, o alívio que meu corpo precisava que só ele pode me dar.

— Anjo, você não sabe como senti sua falta — os olhos de Maycon brilham enquanto beija meus seios.

— Você os olha de um jeito que parece ser a primeira vez que os vê — digo e Maycon desvia seus olhos para o meu rosto.

— Elena, para mim sempre vai ser como se fosse a primeira vez, mas nunca a última — ele me dá um sorriso tímido, volta a me beijar e suas palavras tocam o mais profundo do meu coração. Mesmo com tudo o que passamos, não consigo evitar o que sinto por Maycon, e as palavras saem como uma confissão.

— Eu te amo — sussurro.

— Eu também te amo e sempre vou amar — Maycon sussurra.

Nos segundos seguintes estamos loucos como animais famintos saboreando sua presa. Ele me deixa fora de mim, o desejando como sempre, então ele me beija loucamente e nos entregamos de uma maneira insana, ardente, desejando que não tenha um fim, e quando terminamos, estamos esgotados. Eu me deito e seus braços me apertam com força.

— Não tem ideia como eu sentia falta dessa sensação de tê-lo dentro de mim — sorrio e ele beija meu ombro.

— Está vendo, meu anjo, como eu posso conseguir viver sem você, se estar com você é a melhor coisa que tenho na vida? — Maycon me pergunta e sinto suas lágrimas.

Meu coração dói ao ouvir sua pergunta. Sei que eu disse que é a última vez, mas como irei conseguir viver com ele na mesma casa e nos mantermos afastados?

Não consigo responder, eu apenas o puxo para um beijo que ele retribui com a mesma intensidade. Não demora para o fogo reacender, Maycon volta a entrar em mim, ambos gememos o tempo todo. Ele faz amor comigo se declarando com palavras lindas em meu ouvido, eu o amo, e esse sentimento é único. Tenho certeza que nunca sentirei isso por ninguém, a não ser por ele. Mas sei também que quando essa entrega passar, a realidade que virá depois, será oposta. Andei tanto por esse caminho que sei que não haverá surpresas ou mudanças. Quando terminamos nossa segunda dose, fico em seus braços e sinto sua respiração acalmar. Penso em levantar, mas acabo dormindo.

Escuto ao fundo o barulho do despertador e me esforço para abrir os olhos. Vejo as horas no telefone do Maycon, são quase oito. Merda! Estou atrasada. Saio de seus braços e o escuto murmurar alguma coisa, mas logo ele abraça o travesseiro e volta a dormir.

Vou ao meu quarto, tomo um banho rápido, batendo todos os meus recordes me arrumando, e em meia hora já estou indo para a clínica.

Chego e vou direto para a minha sala e quando entro vejo um buquê de flores do Derek com um bilhete desejando um ótimo dia. Respiro fundo e tento não pensar a respeito, não quero pensar no Derek, nem no Maycon, quero me concentrar no serviço e é isso que faço. Atendo meus pacientes dando o meu melhor e quando chega o horário do almoço, vejo Jeniffer e Derek, eles já estão à mesa. Cumprimento e sorrio, Jeniffer, pela sua expressão não está em seu melhor dia e antes que eu pergunte o motivo, ela inicia:

— Já viu o novo clipe da Jayde?

— Não. Rock não é meu estilo.

— Deveria ver. Achei bem revelador, pelo menos Isaac e Emily estão chateados. E acho que você vai entrar para o time.

Dou um sorriso sem entender, ela tira seu *iPad* e me entrega, Derek faz os pedidos e os dois continuam o assunto que provavelmente já estavam conversando.

Coloco no *YouTube* o nome dela e vejo seu novo single, que já está com muitas visualizações. O clipe começa com um cara chegando a uma casa mal-assombrada, ele parece confuso, até que lembra o Maycon, o rock pesado inicia e me surpreendo, mas não vejo nada demais até ela começar a cantar sendo interpretada pelo rapaz.

Jayde Wesley - Anjo sexy

Desculpe o drama, mas tomei uma dose alta de verdade e quero expor minha vida.

Começando pelo meu pai, um comedor de puta que fodeu com sua secretariazinha.

*Mas não veja por esse lado, também tenho uma mãe que se acha perfeita
E não passa de uma vadia.*

Com licença, meu anjo, pode me dizer o que você já ouviu falar sobre a minha vida?

*Talvez um pouco de conto de fadas de viciado de merda
A estrada perdida para lugar nenhum. E aqui, as verdades que não quer ouvir.
Meu anjo, agora você pode ver o inferno disfarçado de paraíso?*

Acho que não é sobre nós, é apenas sobre mim.

Então se prepare porque quero perverter você.

Vou te mostrar como eu sou...

Eu cresci em uma mentira, com tendência a muita malícia.

Então crédito a Sra. Cocaína que me ensinou a manipular os idiotas da minha vida

Eu sei que você já ouviu falar sobre as noites na rua e como elas são assustadoras.

Eu sou a versão perfeita do bem e mal. A vítima que todos querem.

Eu ouvi dizer que você não quer ser da minha turma.

Ainda que você mantenha sua cabeça e toda a sua pose de santa

Vou fazer gritar meu nome implorando para mais uma dose

Então vamos, anjo sexy, isso é apenas a primeira partida.

Meu anjo sexy quer me salvar.

Desculpe, então vamos começar de novo, sem drama dessa vez.

Talvez eu seja um louco homicida e tudo isso seja uma viagem minha.

Socorro! Pode ver que estou morrendo?

Pode me salvar agora?

Meus demônios estão contra mim.

Ou será o meu anjo?

Esse é o jogo

Hoje você tem as cartas,

Amanhã você rasteja pela jogada.

Isso soa tão sexy, você é tão sexy.

Talvez eu tenha que ser apenas um que irá se deixar salvar.

Será que você, sendo tão inocente se preza a fazer milagres?

Talvez eu deixe que você conduza o jogo, porque olha pra você.

Todo meu ódio e amor de braços dados.

E hoje eu quero ser o garoto mal, quero ser sua dor, seu inferno.

Pode me ajudar?

Pode me perdoar?

Bem-vindo à minha vida, anjo sexy, onde todos são ratos sujos.

Então vamos começar de novo, porque meu anjo sexy não quer perder.

Meu anjo sexy vai se perverter

Sexy, minha putinha é tão sexy

Sinto minha pele queimar, a cretina nem aparece no vídeo. Apenas sua voz, ela quis deixar claro que foi o Maycon quem escreveu. Jeniffer me olha, esperando minha reação. E tudo que me vem à mente é como o Maycon é um idiota.

Derek percebe a tensão e inicia outro assunto. Quando Jeniffer termina sua refeição, ela nos diz que tem médico e que irá com Isaac, então se despede e vai embora. Aproveito a ocasião e agradeço a Derek pelas flores, mas apesar de tentar não pensar, sei que a letra é do Maycon. Jayde nunca escreveu uma música sequer, que eu saiba. E com isso me pergunto como ele tem coragem de se expor dessa forma, de expor seus pais, e pior, como tem coragem de me chamar de puta?

— Pensando na música, imagino — Derek interrompe meus pensamentos.

— Não sei como o Maycon se acha no direito de fazer uma coisa dessas. Isso magoa, até a mãe dele foi ofendida.

Derek ri.

— Elena, você se formou em psicologia e nunca analisou o Maycon? — sorri, sugestivo. — Ele é um paciente muito interessante, sua forma de ver a vida, seu mundo... — volta a sorrir. — Mas voltemos a música. Maycon não ofendeu ninguém, apenas transmitiu seus sentimentos com sinceridade, porém ela, sem filtros, se torna ofensiva. A sinceridade é um ataque ao ego das pessoas e está expresso na letra a visão do Maycon sobre o mundo ao seu redor. A letra apenas me diz que quem o escreveu não passa de uma criança assustada que não entende o mundo e se vê como o foco ou vítima. Consegue me entender? — Derek segura meu queixo, me fazendo olhar em seus olhos. — Maycon vive com um escudo, fez de seu mundo, seu refúgio.

— Eu... — ele levanta um dedo, me silenciando e continua.

— Maycon tem medo de mudanças, ele se sente desconfortável, mas todos nós temos este medo, cada um se defende como pode e ele se defende se refugiando em si mesmo — Derek olha em meus olhos e sorri de canto. Seu sorriso é encantador, misterioso. Parece estupidez alguém descrever Maycon tão claramente e mesmo eu sabendo que ele é assim, me nego a ver essa verdade.

— Como consegue? Você parece ter sempre a resposta para tudo, sua sensatez me desarma... Me faz sentir ignorante — sorrio e quero mudar de assunto.

No momento não quero falar do Maycon, não com Derek. Ele segura minha mão, sei que não deveria querer fugir, mas quero.

— Se algo a incomoda, pode ser sincera, pelo menos comigo. Sou racional e observador, essa é a minha defesa. Mas se não quer falar sobre Maycon, então falaremos das flores. Gostou delas? Jeniffer me disse que rosas são suas preferidas.

— Gostei, obrigada!

Ele começa outro assunto enquanto termino a sobremesa, depois voltamos para a clínica. Vou ao meu consultório, a tarde passa, estou chateada, tão cansada desse caminho, tão cansada de tentar e sempre ter o mesmo resultado. E falando nisso, sei que quando Jayde vier, eles vão sair e vai ser a mesma coisa. Então por que voltar a isso? É isso que realmente quero? Algumas memórias nossas são bem convidativas, lindas, mas também tem algumas tão assustadoras. Eu realmente sinto a dúvida aqui, dentro de mim, me questionando se quero mais noites com lágrimas, me questionando se tudo que vivi já não foi o suficiente. Atendo meus pacientes e choro nos intervalos, e mais um dia de trabalho se vai.

Quando chego em casa, escuto Noah com ele no quarto de brinquedos, Noah vem correndo ao me escutar fechar a porta.

— Mamãe, eu fiz um *plesente* pra você, é *segedo*!

Ele me mostra um desenho, eu me ajoelho e o abraço, dando um beijo e dizendo que está lindo. Isso o faz sorrir. Ao me levantar, vejo Maycon me examinando.

— Oi — digo e ele apenas sorri. — Jayde lançou uma nova música, você viu? — ele me olha surpreso, tentando entender. — Como você pôde? — dispero, rude.

Maycon se assusta.

— Como assim? Não entendi.

— A letra é sua, tenho certeza — pego o telefone e mostro a ele. Maycon bufa, frustrado.

— Bom. Primeiro Jayde é foda e louca, segundo, realmente fui eu quem escreveu, mas isso tem anos. Foi quando te conheci, nem tinha engravidado ainda.

— Então você pensava isso de mim? Por que não me disse na época?

— Elena, sério que vai brigar por causa de uma música?

— Você acha que tudo o ofende, mas quando você ofende, aí não tem importância.

— Faz quatro anos. Como eu ia imaginar que ela lançaria essa porra agora?

— Olha a boca, seu filho está aqui.

— Realmente. Depois conversamos sobre isso — engole em seco.

Noah fica nos olhando sem entender. Maycon vai para o seu quarto e me deixa com ele. Conversamos sobre a escola, as horas passam, tomo um banho, jantamos os três. E eu não volto a tocar no assunto.

Depois que Noah dorme, vou ao meu quarto e Maycon bate à porta.

— Entra!

— Ainda está chateada comigo?

— Nem sei — bufo. — Não tem como ficar chateada com alguém que não tem noção de suas ações.

— Elena, isso foi uma viagem. Já escrevi tanta merda e quando Jayde achava legal, guardava, não sabia que ela iria lançar.

— Sério? Então foi sem permissão?

— Pode se dizer que sim.

— Então a processe! — Digo com ironia.

— O quê? Sério isso? Como eu vou processá-la se faturei com os lucros dela?

— Maycon, foi muito bom ontem, quero dizer, essa manhã, mas o que adianta? Se tentarmos uma reconciliação, voltaremos para as mesmas brigas, sabemos disso.

— Será que é realmente só isso? Se faça essa pergunta. Não sou bobo, acho que tem outra pessoa influenciando você.

— Quem? — pergunto com ironia.

— Me poupe de ter que admitir a verdade, você já tem a resposta. Olha, a vida é curta e não vale muita coisa, o tempo é um canalha que pode te tirar o mais importante. Então coloque na balança nossa vida juntos e suas novas opções e escolha o que irá te fazer feliz. Ontem você me disse que ainda me ama, mas procura pretextos idiotas para ficarmos mal, e nesse momento eu passo a me questionar se realmente esse amor ainda é real pra você.

Ele fala e sai, me deixando sozinha no quarto. E ficamos assim, eu deitada pensando nele, com a certeza que ele está no outro quarto deitado pensando em mim.

Capítulo 24 - Novas cartas

Maycon

Antes de poder comemorar minha vitória, percebo a incerteza. A vida é assim, você acha que recebeu uma ajuda, alimenta a tosca ilusão de que agora as cartas vão começar a melhorar, acredita que terá uma nova chance, afinal, eu juro que escutei um eu te amo dela, mas as horas se vão, o dia se vai, e quando Elena finalmente chega, percebo que duas horas com outro cara, a fez esquecer de tudo, e tudo que ela tem agora é um “foda-se Maycon” e sua merda de expectativa... Puta que pariu, Elena é tão indecisa, uma hora ela parece querer, mas na seguinte, muda completamente de decisão. Sinceramente, é bem cansativo essa montanha russa.

Merda, por que Jayde foi fazer isso? Ela poderia ao menos ter me avisado, apesar de que para mim são meras desculpas de quem não quer falar a verdade. Pelo telefone entro no *YouTube*, Jayde é louca, o clipe ficou até legal, sombrio, a cara dela. Só não curti o cara a interpretando, ou melhor, não sou idiota, ele interpreta a mim, mas... O que esperar de alguém que aproveita uma música escrita em uma viagem de cocaína e grava como um single? Só uma sem noção mesmo. Penso em ligar para ela, mas antes, ligo para a minha mãe para saber qual meu status depois da música.

Chama até cair, recebo sua mensagem minutos depois.

Estou ocupada, depois te ligo, bjs!

Ela também está chateada, dupla merda. Ligo para o meu pai, explico que a música foi escrita há quatro anos, ele escuta, mas parece atento a outra coisa, sua voz está ofegante, escuto a voz de sua mulher ao fundo e começo a achar que liguei na hora errada. Desligo.

Resta-me apenas Jayde, ela me atende e sinto sua frieza.

— Fala! — Diz, rude.

— Oi, Jay, vou direto ao assunto. Seria pedir muito me avisar qual música minha vai lançar? Porque...

Ela me corta.

— Por que isso agora, Maycon? Já sei, Elena achou ruim, é isso? Ah, vai à merda Maycon. Foda-se você e sua vidinha medíocre. Estou cansada disso. Achou ruim, me processa, então!

— Ei, calma garota, qual o problema? — pergunto, confuso.

— O problema é que estou cansada, esse é o problema. Cansada de ser a trouxa, cansada de ver pessoas me julgarem sem nem me conhecerem. Há dias

que eu durmo duas horas por noite, termino um show e já estou na estrada pra fazer outro e como se não bastasse, ainda tem toda a merda de fofocas que inventam sobre a minha vida. Então me poupe das suas frustrações, porque eu estou pouco me lixando!

Ela começa a chorar. Merda, justo hoje você também está assim?

— Jay, se acha que é demais, dá um tempo.

— Não é questão de tempo. Estou cansada, May. Cansada dessa vida, nada me atrai, nem motiva, não sinto mais vontade em subir no palco, estou passando a odiar essa merda de todos acharem que tem o direito de opinar na minha vida. Sabe, as pessoas falam tanta coisa sobre mim e machuca me ver em capas de revistas com mentiras absurdas a meu respeito...

— Jay, calma. Estou aqui, garota. Relaxa. Eu sei que a maioria das coisas é mentira. Quer parar? Para. Volta pra casa, Jay, volta pra mim... — sorrio pensando que minha vida também está uma merda.

— Que casa? Não existe mais nós, agora você tenta bancar o paizão de família — debocha. — Você não passa de um idiota que se deixa ser controlado por uma garota mais ridícula ainda. Não pode me ajudar, não te acho mais interessante, não passa de um babaca, Maycon. Essa é a verdade!

Putaquepariu. Minha vontade é de mandá-la para as quintas. Respiro fundo, Jay está pior que eu.

— Concordo com você, mas fazer o quê? Ainda assim tenho boas histórias pra contar... Então vem pra casa e me mostra onde estou errando. Talvez possamos achar a solução.

— Não quero ouvir histórias, quero me apagar das histórias, essa é toda minha merda de vida e parece que de repente eu virei um produto à venda. Vou desligar, estou tentando dormir.

— Pare com isso, garota. Vamos conversar.

— Me esquece, Maycon e continue aí, bancando o idiota e tentando impressionar essa ridícula que nunca vai te aceitar como você é. E sobre a música, conversa com meus advogados.

— Jay, pare com isso, eu... — ela desliga sem sequer se despedir.

Merda, sei que ela está mal, mas eu não posso fazer nada estando longe. Obrigada, Jay, por suas palavras incentivadoras. E a você também, Elena, por me dar esperanças e tirá-las nos minutos seguintes. Agora estou aqui, imaginando por que eu saí da cama hoje.

A chuva começa e eu vou até a sacada e vejo a rua começar a ficar molhada pelas gotas, fumo um cigarro. Vejo os carros passando em alta velocidade, os faróis iluminado as gotas como se fosse algo mágico. E eu aqui, de volta ao meu quarto improvisado, vivendo uma vida que não posso controlar. Então apenas

observo o que plantei. Mas antes de meditar em tudo, meu celular desperta, anunciando que eu não tenho tempo para desperdiçar com as mesmas questões de sempre.

Tomo um banho rápido e fico pensando em Jayde, não sei como ajudá-la. Às oito, sigo para o bar. Chego e dou de cara com Alanis, ela sorri timidamente. Sorrio de volta, ontem não conversamos muito, eu afundei total na depressão, cantei como se não fosse eu e me isolei totalmente. Toda vez que penso em Noah, sinto um desespero. Penso no caminho que percorri e temo que ele queira seguir o mesmo. Olho para Alanis, sei que temos que conversar, só não sei como começar. Não estou a fim e para minha sorte, ela está na ativa, o que não nos dá tempo. Depois da última música, vou ao balcão, digo a Enzo que no próximo sábado é o aniversário do meu filho, o convido para a festa mais por convidar mesmo. Sei que Alanis está escutando a conversa, mas não falo nada sobre ela. Espero até eles fecharem e ofereço uma carona. Não sou o tipo de cara imbecil que vai ignorá-la. Temos que esclarecer algumas coisas, ainda que eu ache que ela pouco se importe com o que aconteceu. Fico aguardando no carro.

— E aí? — ela diz ao abrir a porta.

— Estamos aí — sorrio.

— E você e sua esposa estão se dando bem morando juntos?

— Depende do que você considera se dar bem? Mas não quero sua definição e nem falar sobre isso, então para encerrar o assunto, estamos levando! — Sorrio.

— Nossa! Direto.

— Alanis, eu quero falar sobre o que aconteceu no sábado.

— Não precisa, não tem o que falar. Eu entendi tudo.

— Ok, se acha melhor assim, não quero te magoar nem nada do tipo.

— Maycon, relaxa. Eu entendo que você está no modo “salvar o casamento” e aquilo foi só um deslize, espero mesmo que consiga o que quer. Não somos mais apenas colegas de serviço, agora somos meio amigos — sorri. — Se não se importa, aceitei a carona porque quero chegar cedo em casa — ela entra.

— Vai à festa do Noah no próximo sábado?

— Eu trabalho, sei que Enzo libera, mas ganho por dia — sorri.

— Vai se foder, somos meio amigos, já dividimos a mesma cama e eu quero te ver lá. Posso te buscar se me garantir que irá.

— Não vai ter problemas com a sua mulher?

— Sempre tenho problemas com ela, isso é relativo. Com ou sem você, eles existem — sorrio e coloco o carro em movimento.

Seguimos falando sobre músicas e em alguns minutos ela já está em casa. Eu sigo, pensando na palavra casa. Quando me casei com Elena, tinha um lugar que gostava de chamar de casa, onde os dias eram os mesmos e às tardes se

resumiam a loucuras com ela e Noah. Hoje eu meio que me sinto deslocado, tentando acertar, mas achando que a qualquer momento Elena vai me mandar embora.

Chego, não faço barulho e o silêncio paira no ar. Vou ao bar, pego duas garrafas de vodka e subo para o quarto, ele está como eu o deixei, carregado de emoções, mas me fazendo sentir vazio. Começo a beber pensando que hoje foi o melhor dia da minha vida - que irônico. Troco a roupa e deito na cama com uma dor de cabeça dos infernos. São duas e meia da manhã e não consigo dormir, levanto pensando em toda essa merda, pensando que sinto falta do tempo onde eu não me preocupava com coisa alguma. E mesmo assim, depois de tantos erros, eu mantenho o foco apenas nessa porra de tal felicidade que parece tão irreal. Quando começo a pensar merda demais, vou ao quarto do Noah e o vejo dormindo. Olho seu rosto, e só de olhá-lo, começo a pensar que não é tão ruim. Talvez eu esteja apenas mirando no alvo errado. Noah foi o melhor presente da minha vida e devo valorizar essa pequena parte de mim que me vê como um herói. Acaricio seu rosto, ele espreguiça, dá um sorriso dengoso e quando olho esse rostinho tão pequeno, vejo o real motivo para continuar.

Volto ao quarto e antes de começar a depressão, tento mentalizar algo significativo e quando chega ao ponto de ter que lutar para continuar, significa que sua vida está uma merda mesmo. Bom, mas foda-se, sei que não mereço nada mais do que consegui. Porque nada que tenho é realmente meu, nem minha própria vida, perdi o controle há tempos. E não sei exatamente que passos dar ou como retomá-la. Talvez Jayde tenha razão e se não fosse pelo Noah, mergulharia nesse abismo com ela. O problema de se tirar um viciado das drogas é isso. Para ele não existe felicidade sem drogas e se você não for capaz de lhe dar essa felicidade, não o tire, caso contrário você só o estará condenando mais. É como um faminto no caminho, se não tiver como alimentá-lo, não lhe faça conhecer o alimento.

A dor não passa, mas bebendo feito um idiota, não vai passar mesmo. Tomo um banho, e quando saio, me surpreendo ao ver Elena sentada em minha cama. É louca mesmo, são mais de três da manhã e ela está no meu quarto. Sua expressão está séria, parece que não conseguiu dormir. Provavelmente vem sermão ou lição de moral, mas não estou a fim de apostar, estou cansado e não tenho expectativas. Ficamos em silêncio, sei que Elena não gosta muito de iniciar uma conversa, então lá vou eu.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não consigo dormir, estou confusa. Amo você Maycon, mas estou com medo, estou insegura. Porque todas as vezes que eu acreditei, todas as vezes que eu tentei... Você...

Eu a interrompo.

— Eu falhei, eu entendo mesmo e sei que tem razão em não querer me dar uma chance. E sabe qual é a real? A verdade é que eu deveria agora fazer um discurso sensacionalista para tentar te convencer a voltar pra mim. Mas olha pra mim, minha vida é essa droga mesmo, eu sou um cara instável sentimentalmente, provavelmente o pior que você conheceu. Um idiota que por loucura ou deslize da vida, cruzou seu caminho e aprendeu a te amar e que infelizmente, apesar de você merecer, não pode te prometer ser perfeito. Não pode te prometer não errar. Mas sabe, acho que se ainda realmente nos amamos, não existe um número contabilizado de chances, existe duas pessoas lutando para ficarem juntas, se apoiando mutuamente e oferecendo a mão todas as vezes que uma cair — ela me olha, surpresa. — Sem promessas, sem cobranças e que seja um passo de cada vez. Tentamos hoje, tentamos amanhã e assim continuamos até quando der.

— Sem cobranças, você podendo seguir como solteiro, é isso?

— Não disse isso, mas eu quero te acrescentar e quero que me acrescente. Ainda temos muito a aprender, muito chão para andar e o amadurecimento só vem com o tempo, eu sei. E talvez ainda sejamos crianças perto da grandeza desse sentimento, mas esse mesmo tempo que você diz precisar, costuma ser cruel com o amor e em alguns casos, ele o congela ao ponto de matá-lo. Não quero te dar razões, Elena. Quero apenas te dar motivos e o único pra querer ficar com você, é porque sei que como eu te amo, nunca vou amar mais ninguém, mesmo com todos os seus defeitos. Não posso te prometer nada, porque também descobri que não sou bom com promessas.

Ela se aproxima e me encara.

— Por que vai ser diferente dessa vez?

— Não sei se vai ser diferente, mas agora estou diferente. Sua ausência mudou algo em mim. E eu não consigo me livrar de você... — sorrio, ela se mantém séria. — Esquecer você, quero dizer. Sei que já dissemos que era o fim e algumas coisas ficaram confusas entre nós, mas eu quero ter você de novo. Sempre — suspiro. — Eu te amo, vamos tentar, e se você não se sentir confortável, deixa apenas entre nós — ela me beija e eu correspondo, então me deito e ela o faz também.

— Eu tenho tanto medo de sofrer de novo, Maycon.

— E eu queria poder garantir que isso não vai acontecer, mas não posso. Só posso garantir que sempre vou amar você. E quero dar meu melhor dessa vez. Fazer as escolhas certas. Ao menos tentar fazê-las.

Ela sorri, me beija e ficamos um bom tempo abraçados ouvindo a chuva cair.

— Elena — quebro o silêncio. — Há um tempo, antes de te conhecer, eu tinha

feito alguns planos com Jayde — sorrio, ela se mantém atenta. — Dizia a ela que quando me formasse, como não esperava viver muito, nós arrumaríamos as malas e viajaríamos pelo mundo, sozinhos, conheceríamos lugares exóticos, curtir o resto de vida, sabe... E seguir os dias sem preocupações. Jay ficou tão empolgada, topou na hora que me ouvi. Mas hoje eu não faço ideia do que aconteceu com esse sonho. Porque não há lugar algum que eu queira ir se você e Noah não estiverem comigo. E essa porra de cidade que sempre odiei, passou a ser agradável, passei a admirar essa rua, a gostar do prédio, desse andar, e principalmente, a amar esse apartamento, porque nele está o meu maior tesouro. Você mudou a minha vida de uma forma surpreendente. Não tem como voltar atrás, ainda que tenha dias que eu sinta saudades desse tempo que te falei, hoje tenho certeza que o melhor lugar para estar é aqui com você.

— Jura que não se arrepende, Maycon? — ela me beija e seus olhos estão lagrimejando. Sorrio.

— Juro. Quero você e sempre vou querer. E tudo que peço é que eu possa sempre ter a chance de continuar dormindo ao seu lado.

— Tudo bem, amor, mas vamos deixar isso entre nós, por enquanto.

— Como você quiser, meu anjo. Pode me beijar agora?

Sorrio, ela me beija e é tão gostoso, intenso.

— Me diz o que está pensando? — pergunto quando vejo seu olhar enigmático.

— Que apenas quero que você pegue minha mão e nos conduza pelo caminho. Eu te amo, Maycon. Quero dormir aqui ao seu lado, quero ficar olhando em seus olhos até o sono chegar. Quero me ver neles — ela sorri.

Eu a beijo e sei que Elena está cansada, então não insisto muito. Penso em Derek, mas não quero questioná-la. Penso em Jayde e me pergunto o que está acontecendo com essa garota. Fico acariciando o cabelo da Elena e não demora para ela dormir. E essa sensação de estar junto a ela é maravilhosa, tão perfeita que acabo dormindo também, torcendo para que o amanhã não me surpreenda novamente.

Pela manhã, assim que acordo, preparo o café da Elena, acordo Noah e prometo levá-lo ao parque. Ele está em contagem regressiva para a sua festa. Elena acorda e ficamos bem, realmente bem, apesar de achar nossa relação instável. Porém, ao ter certeza dessa instabilidade, quero aproveitar esse tempo como sendo um prêmio, não que eu seja um bom garoto, mas quero mesmo aproveitar. Após o almoço, como prometido, levamos Noah ao parque, ele é uma pilha, não cansa nem descarrega. Eu e Elena revezamos e por mais que eu queira realmente concentrar nessa momentânea felicidade, meus pensamentos estão em Jayde. Sei que está acontecendo alguma coisa. Que merda de vida, temo por ela,

temo por mim e sei que toda essa depressão envolve *H* em excesso. Fico me perguntando como vou ajudá-la. À tarde, depois de voltarmos para casa, ligo para ela, Jay não me atende, mando mensagens, mas não tenho resposta. Elena percebe a minha frustração.

— O que foi?

— Nada, quer dizer, Jay não fala mais comigo.

Elena sorri descaradamente. Acabo sorrindo também, ela me abraça. Noah está com seus brinquedos. A noite vem, jantamos e antes de ir para o bar, depois de um banho, resolvo apelar para o sentimentalismo e mando um e-mail.

Oi, Jay.

Olha, não sei o que anda acontecendo com você, mas sabe, ainda que não nos falamos e nem nos vemos com a mesma frequência, e que nossas vidas tenham tomados rumos diferentes, você sempre vai ter uma parte de mim. Amo você, sabe disso. Nos conhecemos há muito tempo e ainda que agora isso pareça irrelevante, gosto de lembrar de todas as loucuras, das vezes que eu precisei e você esteve ao meu lado. Acho foda isso de não poder retribuir.

Mas eu ainda me lembro do dia em que ficamos só eu e você em uma tarde chuvosa, jogando conversa fora. Das discussões. Parecíamos duas crianças, que apesar de tudo, estavam contagiadas pela alegria do momento, pela emoção de ter um ao outro. Sabe, eu tenho sua foto na minha carteira, olhar pra você me faz bem, eu queria que você soubesse que amo mesmo você, amo suas loucuras. E sei que anda em um momento estressante e talvez tenha razão, minhas escolhas hoje não são tão emocionantes. Mas ainda tenho o mesmo desejo que sempre tive ao te ver chorar, naquela época eu achava que um abraço podia aliviar sua dor e era isso que eu te oferecia.

Desculpa por todas as vezes que eu magoei você, talvez eu tenha sido foda e pilantra algumas vezes. Mas isso não anula tudo o que vivemos, não é mesmo? Jay, isso está virando testamento, cara, sei que detesta isso, e sei que eles andam falando muita merda sobre você. É aquela velha história, eles julgam porque não tem a capacidade de entender. Mas tá aqui um cara que te entende. Um cara que conhece e ama suas qualidades, e que sempre vai ocultar todos os seus defeitos. Porque eles nunca me impediram de ver essa garota maravilhosa que você é.

Um dia Jay, eu precisei, e você foi minha amiga, minha irmã e conselheira, e eu não soube te dar o valor merecido. Agora que estou aqui sem você, vejo o quanto é importante para mim. Acho que nunca vai existir a palavra certa para te agradecer. Não vou mentir e dizer que tenho uma realidade maravilhosa te esperando, porque nós sempre preferíamos as loucuras das viagens. Ainda assim, eu tenho um lugar aqui que só você pode ocupar. Isso tá uma droga né?

Porra! Mas é isso, Jay, não sei o que está acontecendo, cara, mas eu estou aqui para você, assim como sempre estive para mim.

Eu sei que te dar tudo que você merece, seria impossível. Portanto, o que tenho a lhe oferecer em forma do meu agradecimento, seria todo o meu amor sincero, ser verdadeiro, e dizer que quando precisar de alguém, chame por mim novamente, não sou tão bom como antes, mas ainda sou o Maycon, o cara que conhece um lado seu que ninguém no mundo vai conhecer. Então para com essa porra de vácuo e me manda pelo menos um oi, dizendo que está bem. É isso, foi mal pelo exagero. Fica bem, garota!

Capítulo 25 - Ludibriar-se

Não sei se foi a melhor decisão, mas é melhor se arrepender pelo que fez, do que pelo que não fez. Na sexta à noite, liguei para a minha mãe assim que ele foi para o bar, desabafei a respeito da confissão de quinta-feira, sobre a música e como fiquei magoada, mas ao invés de escutar o que a maioria das pessoas fala para mim, minha mãe abriu meus olhos para realidade ao me perguntar como eu olharia para o Noah caso Maycon se matasse. A pergunta me desarmou, fez meu coração doer e como ela frisou, eu poderia até superar, mas meu bebê não superaria. Nesse momento, o medo de ter que encarar um amanhã sem ele me fez agir assim. Na madrugada, depois de insistir e não conseguir dormir, fui ao seu quarto e depois de escutar tudo que ele tinha para dizer, tive mais segurança. Não sei se realmente estou pronta, se ele está, mas quando acordo pela manhã, depois de dormir ao seu lado e ao vê-lo bem, sentir que ele está bem, isso me faz acreditar que foi a melhor decisão.

Nosso sábado se vai, depois que Maycon segue para o bar, ficamos eu e Noah. Não demora para o meu pequeno dormir, está cansado, já que brincou muito no parque. Aproveito e coloco as roupas do Maycon no meu closet. Quando termino, sinto de certa forma uma satisfação e faço uma prece para que dessa vez seja mais fácil. Sei que tive a opção de voar, de ir para longe e mesmo assim escolhi Maycon mais uma vez, e chego à conclusão que esse laço que nos une nunca vai desatar, ele sempre será minha escolha. Ainda tenho dúvidas sobre o amanhã e sei que tudo pode acontecer, meus receios se calam em meu peito, mas ainda os sinto.

Há tantas questões e uma delas é o seu “trabalho”, não concordo com ele cantando em bares durante a madrugada, porém isso parece satisfazê-lo, e como Maycon mesmo disse, vamos tentar um dia de cada vez. Mas ainda assim não posso negar que mantenho a esperança de que dessa vez dará certo. Penso nas palavras da minha mãe, ela me conhece bem e tenho sentido que meus pais são os únicos que prezam pela minha felicidade. Minha mãe ficou feliz ao me ouvir concordar, disse que apesar do Maycon ter seus erros, e problema com ele mesmo, merecia outra chance, que devo tentar entendê-lo. Sei que foram muitas chances, mas eu quero tentar e pensando em tudo que conversamos, já posso ver mudanças nele. Até suas palavras estão mais maduras, mas ainda quero manter isso apenas entre nós. Sem ter que encarar julgamentos se não der certo novamente.

Não que eu vá e nem quero abandonar a Elena que cresceu em mim, mas

quero encontrar um meio-termo, como ele disse, nos acrescentarmos sem invadir o espaço do outro. Não vai ser fácil, eu sei. Agora mesmo, as horas estão passando e tento ignorar aquela parte que me diz que ele está ao lado da Alanis, não é fácil, mas pensar nisso só me traz incertezas e com elas surgirão as brigas, e essa segunda opção quero dispensar da minha vida.

Meu telefone toca, é Derek. Respiro fundo e atendo sem saber o que dizer.

— Oi...

— Atrapalho alguma coisa?

— De maneira alguma, sabe disso — tento ser convincente.

— O que aconteceu? — ele parece me decifrar. — Pode ser sincera, é algo em relação ao Maycon?

— Derek, eu não quero parecer hipócrita...

— Você não é e nunca será, pode ter certeza.

— Maycon não estava lidando com tudo bem, sabe, realmente tenho medo de perdê-lo.

Ele faz silêncio.

— Me deixe pensar. Ele se fez de vítima, disse algo a respeito de se matar ou coisa do tipo?

— Não — minto. — Eu decidi. Não foi por pressão, foi medo de acordar amanhã e não tê-lo ao meu lado.

— Você tem certeza disso, Elena?

— Eu sei que não sou perfeita, sei que também errei com ele e talvez eu pareça patética, depois de ter chegado tão longe, retroceder, mas sabe, eu realmente acredito que mesmo chegando longe, ainda posso voltar pelo caminho. E eu quero, e apesar de tudo posso sorrir, me sinto bem, sinto paz. Derek, estou escutando meu coração e não podemos nos enganar por muito tempo, amo o Maycon, e ainda que as probabilidades sejam pequenas, vou apostar nelas — faço uma pausa. — Novamente — suspiro.

— Tudo bem, somos amigos antes de tudo — percebo sua voz fragilizada.

— E vamos continuar sendo, só quero pedir para deixar Jeniffer de fora dessa, quando me sentir bem, conto a ela.

— Tudo bem. Espero que esteja tomando a decisão certa, na verdade, Elena, apesar de tudo, quero que se lembre que sempre terá escolhas e ainda que caia, pode sempre levantar. Essa é a vida, ela sempre nos dá opções. Vou desligar agora, como sempre, se precisar, estou ao seu dispor... Boa noite.

— Boa noite, obrigada!

Tomo um banho, depois de lavar o cabelo, vejo através dos meus olhos cansados dentro de mim, desejando mesmo que tenha uma trégua, desejando que agora seja real e que possamos fazer valer a pena. Deito e o espero chegar, sei

que vai ser assim. Às três e meia escuto a porta se abrir, logo em seguida seus passos e ele segue para o outro quarto. Está ao telefone, escuto sua voz em uma conversa. Levanto e sigo silenciosamente ao outro quarto, a porta está aberta, ele realmente está distraído ao telefone, imagino ser Jayde.

— Fiquei preocupado com você, não é sentimentalismo, Jay, para com isso, porra!... Tudo bem, vou dormir agora... Você vem para a festa do Noah, né?... Ok, estou te esperando, Jaydezinha. Fica bem, quero te ver bem!

Ela provavelmente xingou, ele desliga dando risadas. E só então se vira e me vê na porta. Ele se aproxima e me beija e não sinto gosto de bebida.

— Acordada até essa hora? Por quê?

— Você. Estava esperando meu travesseiro perfeito — sorrio. — Vamos dormir no meu quarto, nosso...

— Vou tomar um banho primeiro. Consegui falar com Jay, parece que hoje ela está melhor.

— É só drama para ter a sua atenção.

Ele não retruca, mas ela é assim, quando Maycon se afasta, Jayde sempre parte para o drama para tê-lo de volta. E funciona, sempre funciona.

Ele vai para o banheiro, pego seu telefone para verificar e vejo que era ela mesmo. Infelizmente ela é a pedra do meu casamento, ou era. Estou divorciada agora, mas mesmo assim Jayde continua sendo a pedra no meu sapato. Acho que toda sua frustração está em Maycon não querer ir com ela. Volto ao quarto e não demora para ele vir enrolado na toalha, já que suas roupas agora estão aqui.

Ele se deita pelado, me abraça e sorri.

— Hoje você parece bem feliz — falo. — Viu um passarinho verde no serviço?

— Passarinhos não costumam aparecer à noite, a sua maioria é diurno. Já os morcegos... — sorri, sugestivo.

— Encontrou com alguma morcega?

— Aonde você quer chegar?

Apenas sorrio. Sem perguntas, Elena. Você está tentando.

— Até você! — Nos aproximamos e ele me beija.

Eu gosto, realmente gosto e há uma parte em mim que é loucamente apaixonada pelo Maycon, mas ela não inclui minha razão. Correspondo suas carícias e não penso mais em Alanis. É frustrante, mas eu sou mulher e se me magoei com o beijo de Katherine, óbvio que magoa saber que ele quase dormiu com outra. Mas eu resolvi passar por cima disso, engolir o orgulho e esconder toda a frustração. E não demora para o prazer tomar conta de todo pensamento. Maycon é uma dose perfeita de dopamina, ele estimula cada célula do meu corpo com seus beijos, com toque e como uma viciada, me entrego rapidamente.

Quando terminamos, ele está suado, ofegante e sei que não vai demorar para dormir, então me aconchoo em seus braços.

A cocaína foi o pior vício do Maycon, e ele, meu pior vício. Amá-lo é aquela mistura de dor e prazer. Olho para ele, em seus olhos e ambos estão machucados, nós fizemos isso, e as feridas ainda estão sangrando, isso é nítido. Mas o destino resolveu brincar conosco, ele fez duas pessoas improváveis se amarem e aqui estamos nós, cheios de razões e orgulho ferido, mas engolindo tudo com uma dose alta de prazer. Parece insano nos acostumarmos com a dor e por mais que eu queria correr, nunca dou de fato um passo para longe dele.

— Amanhã vou almoçar com a minha mãe e levar o Noah. Tudo bem pra você?

Sorrio, confirmando e me aproximo, beijando a sua boca.

— Sabe que eu amo você, não sabe?

— Por que tem que ser tão difícil? Por que tanta dor?

— Porque só através da dor que conhecemos o verdadeiro amor.

— Você é louco...

— Sempre — tento desviar o olhar, mas estou conectada em alta tensão contemplando minha estrela errante, meu céu noturno.

Voltamos aos beijos, porque nesse momento de clareza, onde os olhos revelam as mágoas, as palavras são amargas demais para serem ditas. Quando paramos, ele levanta e vai fumar um cigarro. Acabo dormindo o vendo pelado, fumando e sorrindo para mim próximo à sacada. E esse sorriso me diz que estou mergulhando no escuro novamente.

Pela manhã, quando levanto, ele e Noah já estão de saída. Despeço-me deles com beijos e lá se vão os homens da minha vida, então passo a tarde sozinha lendo livros sobre traumas e como lidar com eles. Sinto como se toda essa carga fosse minha única amiga, mas sei que Maycon também carrega muito peso. E não sei se ele já se abriu sobre isso com alguém. Depois de horas lendo, percebo que meu coração está em silêncio, calmo como as águas de uma lagoa e acabo cochilando.

Sou acordada por Noah, a noite já está chegou. Ele conta que brincou com Jessica, almoçou com vovó e vovô e que tem um neném na barriga da Jeniffer que é irmão do papai, e logo em seguida pergunta se tem um na minha. Maycon ri e diz que não. Depois do banho, jantamos, faço Noah dormir e nisso fico quase uma hora contando histórias.

Quando ele finalmente dorme, vou ao meu quarto e Maycon já está deitado, mexendo no telefone.

— Como foi o dia em família? Perdi alguma coisa? — eu me deito ao seu lado, ele deixa o telefone de lado e me abraça.

— Não. Sua amiga está ficando bem barrigudinha.
— É seu irmão — ambos rimos.
— Ela é tão insegura. Acho isso estranho, porque ela quer mostrar que se sente segura, mas assim que minha mãe se divorciou, ela engravidou.
— Pare, Maycon, foi antes. Se não me engano, faz quatro meses.
— O divórcio saiu a pouco, mas quando minha mãe deu entrada, que foi há quatro meses e meio, Erick contou ao meu pai — sorri.
— Acha que ela fez isso só para segurar seu pai?
— Não sei, mas hoje prefiro não opinar.
— E correu tudo bem com eles?
— Sim. Eu ouvi algumas indiretas da minha mãe por ter concordado com tudo no divórcio, mas de resto, foi tranquilo.

Ficamos em silêncio e ninguém comenta mais sobre o assunto. Escuto apenas sua respiração e assim dormimos, sem muitas palavras.

Acordo às sete e me preparo para ir à clínica, Maycon ainda dorme, ele e Noah, que não sei que horas veio para o nosso quarto. Está abraçado ao pai, agora entendo porque Maycon vestiu uma bermuda.

Mais uma semana se inicia e assim que chego à clínica vou direto ao meu consultório, e minha manhã se resume em consultas com meus pacientes. No almoço, tento fingir normalidade, vejo Derek indo para o restaurante e estou sem graça, mas ele me vê e espera.

— Oi! Muita fome?
— Sempre! — Sorrio.

Derek é educado demais para entrar em assuntos pessoais sem brecha e como eu não dou, apenas fazemos os pedidos ao nos sentarmos à mesa. Jeniffer chega e senta ao meu lado.

— Ontem almoçamos com Emily. Noah está cada dia mais lindo e a cara do Maycon — ressalta.

— Ele me disse que viu vocês. E foi tudo bem?
— Foi sim. Emily fez lasanha pra mim, estava com vontade de comer a dela.
— Que bom.

— Só achei um pouco inconveniente Maycon pedir a Isaac emprego para a garçonete — ela diz com desdém. — Ele ficou insistindo, falando das qualidades, que ela é ótima como administradora e faz praticamente de tudo — engulo em seco. — Emily acabou entrando e disse que a conheceu no domingo passado e que de fato a garota é muito educada. Realmente entendo que eles sejam amigos, mas as coisas não são assim.

— Não vejo problema em ele tentar ajudá-la, afinal, deve ser cansativa a rotina dela — Derek interrompe e Jeniffer faz cara feia. Acho tudo isso bem

chato, primeiro ele sai com ela, ou melhor quase transa, e agora quer ajudá-la. — Jeniffer, você não está dando certo com sua secretária, talvez se dê com ela — Derek conclui.

Respiro fundo e finjo não me importar.

— Deus que me livre! Imagina o que meu enteado vai aprontar se eu não der certo com ela? Por mim, que Isaac arrume na empresa, aqui não quero de jeito nenhum. Não quero encrenca com Maycon, ainda mais agora.

— Mas não tem ciúme? — pergunto, sorrindo.

— Quem gosta de mulheres loucas é o Maycon, sem ofensas Elena, você foi a única exceção e já saiu dessa.

— O que tem agora? — Derek muda de assunto e eu fico sem jeito com a resposta dela.

— Agora eles entraram na fase adoração total ao bebê Maycon. O intocável. Sério, Isaac não cansa de elogiar e Jessica morre de ciúmes. Acho que ele se esquece das qualidades dela.

— É só a Jessica? — Derek diz e ambos rimos.

Finalmente a refeição é servida e tento não pensar muito no assunto. A tarde passa e no restante da semana me concentro em meu trabalho e na organização da festa do Noah, apesar de que Emily já tomou as rédeas. Estou evitando mesmo confrontos com Maycon, mas ele acaba dizendo nas entrelinhas que Alanis tem uma vida difícil, e pelo que escutei naquele dia, sei que deve ser mesmo, mas eu prefiro não ouvir a respeito. Contudo, essa situação me sufoca e na sexta à noite, depois que ele chega do bar e se deita ao meu lado, eu comento.

— Amor...

— Fala — ele murmura.

— Eu estava pensando em nós e cheguei à conclusão de que tentei ser uma boa namorada, não deu muito certo, ser uma boa esposa — ele se mantém atento e eu respiro fundo. — Também não deu muito certo. Então pensei que quero continuar a ser sua mulher, sua conselheira, sua amante, mas quero tentar algo novo. Quero ser sua amiga também.

Maycon me encara, indiferente. Toco seu braço e começo a acariciar delicadamente, tentando manter a serenidade.

— Eu te amo e quero muito entender você. Quero sentir seus medos, sua tensão, porque só assim conseguiremos fazer dar certo.

— Tudo bem — diz sem jeito. — E por onde quer começar?

— Me fale de você, fale algo que nunca contou a ninguém. Vamos compartilhar segredos — sorrio.

— Bom, eu...

— Pensa como se fosse a Jayde, se sente confortável em falar do Robert para

ela?

Percebo que citar o nome do amigo causa um certo desconforto em Maycon. Ele olha em meus olhos, continuo acariciando seu braço e mantendo a mesma expressão. Quero demonstrar que ele pode confiar em mim. Ele se vira e encara o teto, ainda está em sua zona de conforto e quero que ele se abra, mas tenho que avançar aos poucos.

— Éramos amigos, muito. No início foi a cocaína que nos uniu, mas realmente nos tornamos amigos. Lembra na nossa primeira briga, na minha casa, na festa?

— Hum, hum.

— Depois que você foi embora, eu bebi e cheirei muito. Quando acordei já era tarde, bem tarde mesmo, lembro que Jayde estava aos prantos e me contou que ele morreu, eu coloquei uma mensagem pra ele no *Facebook* e foi tudo que consegui dizer. Uma parte de mim me acusava pela sua morte, mas passei a cheirar quando pensava nisso. Na verdade, eu não derramei uma lágrima, passei apenas a inibir qualquer sentimento em relação a isso. Nunca contei pra ninguém sobre essa culpa.

Ele me encara novamente e dou um sorriso singelo.

— Por isso quer ajudar Alanis. Acha que isso pode aliviar a sua consciência?

— pergunto calmamente. Ele fica em silêncio.

Quando digo isso, Maycon me olha e percebo um sorriso malicioso em seus lábios, posso ver o sarcasmo e ele tenta me intimidar com seu olhar. Fica em silêncio me encarando, e consegue me amedrontar como muitas vezes, mas tento não deixar isso nítido, seu olhar me desconcerta, mas já avançamos um pouco e não posso retroceder agora. Quando dou por mim, ele já tirou minha mão do seu braço e agora se mantém atento ao meu rosto, tão atento em meus olhos que passo a desconhecer esse Maycon que está à minha frente. Agora sinto uma barreira que ele levantou e sei que entrou no modo defensivo. Respiro fundo e sorrio docemente. Ele deixa claro que se fechou e por hoje chega. Antes que eu continue, ele fala.

— Você é boa, Elena, mas não funciona comigo. Sei que está tentando, mas amizades não são construídas a base de sessões de terapia, e sim confiança. Entendo seu ponto de vista e reconheço seu esforço, mas há muita coisa que não sabe sobre mim e talvez se contasse, você se assustaria, ainda não está preparada. Deixe que as coisas fluam naturalmente, eu realmente acho que posso aliviar um pouco da minha consciência se ajudar Alanis, mas isso não significa que estarei pagando a dívida com Robert. Obrigado mesmo por tentar, imagino que seja meio foda pra você.

— Estou tentando apenas ser sua amiga.

Ele sorri como se me pegasse em uma mentira e isso me deprime.

— Uma coisa que eu aprendi com anos frequentando psicólogos, é que a única coisa necessária para mudar uma pessoa, é mudar sua consciência de si mesma. Eu tenho alguns problemas comigo mesmo, eu sei. Mas estou encarando meus demônios porque descobri que não adianta continuar ignorando tudo que tenho dentro de mim. Afinal, a pessoa que vive apenas olhando para fora, apenas sonha, quem olha para dentro de si e se encara como realmente é, desperta. E estou despertando, encarando algumas verdades, analisando as consequências e medindo meus passos. Tudo isso me faz reconhecer meus limites. Agradeço mesmo por sua ajuda, mas acho que tem que começar a olhar para dentro de si, e se acha mesmo que sessões de terapia funcionam, tente com você. Procure um bom psicólogo, porque nossa rotina cansa. Não é cansaço físico, essa rotina entre eu e você produz um desgaste emocional a ambos. E isso você pode tratar com terapia.

— Desde quando passou a achar que isso é uma sessão?

Ele sorri novamente.

— Desde o “quero ser a sua amiga”.

— Por que continuou?

— Porque isso te faz bem, conhecer sobre mim. Então por que vou negar isso a você?

Ele me desarma totalmente e me deixa sem graça. Eu me sinto como uma criança que foi pega no próprio jogo, mas consegui um avanço, eu acho. Ele me vira de costas e me abraça, beija o meu pescoço e o silêncio traz o sono.

Noah acorda extasiado, hoje é o seu aniversário. Escuto seus gritos em comemoração, Maycon se levanta e abre a porta para ele, que vem e pula em nossa cama. O dia será agitado e eu sei que promete.

Capítulo 26 - Promessas

A manhã se vai e depois do almoço, Maycon sai e quando volta, chega com uma caixa grande.

— Noah, é pra você! Parabéns! — Ele o abraça e o beija.

Maycon vai até a varanda e a coloca no chão, depois se afasta e me diz para ajudar Noah a abrir. Então abrimos a caixa junto e Noah sorri como nunca, e ao ver o que tem dentro me sinto feliz. É um filhote de cachorro da raça pug. Eu o seguro no colo e entrego a Noah, que o abraça com muita satisfação. Esse gesto de Maycon me impressiona muito.

— Mas você detesta — digo, sem entender.

— Mas Noah adora. O que eu posso fazer? São dois contra um. Só que corta essa de querer que eu ajude, porque isso não vai rolar. Que fique bem claro. E ele vai ficar aqui por aqui, se levar para o quarto, ele vai embora. Entendeu, Noah? — ele sorri.

— Mamãe é um *cacholo*! — Diz empolgado, ignorando o pai.

Noah abraça e beija o cão enquanto Maycon olha com cara de nojo.

— É menino, papai? — ele pergunta e nos faz rir.

— É macho — Noah nos olha sem entender. — Em outras palavras, é um menino — Maycon explica, se senta no chão e eu me sento ao seu lado, enquanto Noah se diverte com o cão.

— Como ele chama?

— Você escolhe. Qual o nome?

Ele nos olha confuso.

— Não sei como chama.

— Pergunta para ele — Maycon retruca, se mantendo longe do cachorro.

Faço cara de desaprovação com a sua ironia, mas Noah inocentemente pergunta ao cachorro e espera resposta, mas não obtendo, se vira para nós.

— Papai bobinho, ele não fala!

— Ele chama Bold, pode ser?

Noah confirma com a cabeça, Maycon me puxa para o seu colo e beija meu pescoço.

— Como vai ser hoje à noite? Digo, em relação a nós?

— Ainda não quero que as pessoas saibam.

Ele volta a me beijar.

— Tudo bem para você? — pergunto e ele confirma com a cabeça.

— Eu te amo muito — ele acaricia meu rosto e eu observo Noah, distraído,

brincando com o cachorro. Olho as horas e me lembro que meus pais estão a caminho.

— Antes dos seus pais chegarem, eu vou para a casa da minha mãe.

— Por quê?

— Acho melhor assim, meu anjo. Durmo lá hoje e nos encontramos depois que eles se forem.

— Maycon, eles sabem que voltamos. Eu contei.

Ele me olha, surpreso.

— Inclusive, minha mãe acha que já é o momento de termos outro bebê.

— O quê? Como assim?

— É uma nova fase. Noah está com três anos e eu realmente quero passar por essa fase com você ao meu lado. Acho que de certa forma irá nos ajudar a passar por isso, um bebê é uma luz e precisamos disso no momento. Seria bom para os três.

— Quando você decidiu isso?

— Antes de viajar, no Natal, já pensava nessa possibilidade de ter outro filho e cheguei até mesmo a fazer exames, mas como você não queria, desisti. Mas agora eu quero.

Ele fica pensativo.

— Mesmo depois de tudo, você quer mesmo ter outro filho comigo?

— Eu perdoei você e quero que se perdoe também — eu dou um beijo nele.

— Estamos no caminho e sei que podemos ser felizes juntos.

— Por que essa mudança tão repentina, Elena? Eu realmente não consigo te entender.

— Porque eu te amo e vou te amar sempre. Tive a chance de fazer novas escolhas e ainda assim escolhi você. E pela primeira vez, ao invés de tentar mudá-lo, quero aprender a aceitar como você é. Sei que posso me magoar e te magoar, mas eu escolhi e quero viver com você ao meu lado — ele sorri e me beija gostoso.

— Acho que podemos tentar aumentar a família. Mas, e o Noah? Talvez ele ainda não esteja preparado.

— Ter irmãs nunca foi problema para mim, não será para ele. Eu até mesmo acho que se você tivesse um irmão, quando seus pais se divorciaram, teriam lidado melhor com tudo que ocorreu.

Falo e ele não retruca, volta a me beijar e eu correspondo.

— Mas o que a fez realmente mudar de ideia?

— Percebi que não consigo encarar um mundo sem você ao meu lado. E quando parei para pensar nisso, na sua ausência, me senti pequena, incompleta, vazia. O amor tem dois lados, Maycon e talvez o nosso não seja o mais bonito ou

a história mais cativante. Mas é real, um amor sujeito a falhas como muitos. Intenso e acima de tudo, decidido a não morrer.

Continuo em seu colo e ficamos observando Noah brincar com Bold. Ele está tão feliz que eu sei que nenhum presente irá fazê-lo sentir-se tão bem. A tarde passa e meus pais chegam, Maycon os recepciona um tanto sem graça, mas acabam conversando um pouco. Minha mãe trouxe pudim e ambos gostamos, Noah faz festa com meu pai e mostra alegremente o cachorro, arrastando-o para a sala.

Eu os acomodo, então me contam as novidades dos vizinhos e minhas irmãs ficam empolgadíssimas por saber que Jayde estará presente. Às cinco da tarde, nós vamos para o salão de beleza e quando voltamos, às sete, Maycon já foi para a casa da mãe, deixando Noah com o meu pai. Conto a minha mãe que preferimos manter apenas entre nós que voltamos e ela acha sensato. Ela fica encarregada de arrumar o Noah, ele geralmente faz muito charme quando está com meus pais.

Às oito da noite estamos todos prontos e seguimos para a casa de Emily. Estou um pouco tensa, mas me distraio conversando com a minha família. Em meia hora chegamos e ela nos recepciona e recebe meus pais com cortesia. O engraçado é que ela parece a anfitriã e deveria ser eu e Maycon, mas não me incomodo com isso, visto que minha lista de convidados me acompanha. Emily está linda, em um vestido floral mais curto e noto que é a primeira vez que a vejo assim. Ela leva Noah para a área de brinquedos onde estão seus amiguinhos.

Vamos para o salão, vejo Maycon com Alanis e não acredito. Eles estão sentados à mesa, bebendo e sorrindo e ao lado dela tem um rapaz, acho que o vi no bar. Os três conversam animados e como estou indo na mesma direção, não posso fingir não vê-los. Respiro fundo, ignoro o ciúme e cumprimento os três. Maycon segura em minha mão e me apresenta a eles.

— Enzo, essa é Elena, mãe do meu filho.

— Elena esse é meu chefe, Enzo e Alanis, irmã do Robert.

— Prazer em conhecê-los. Com licença, vou me sentar com meus pais, fiquem à vontade.

Sorrio e dou uns passos, então vejo Jeniffer com Jessica e Isaac, e Derek está com eles. Eu me aproximo, cumprimento todos e apresento meus pais e irmãs para o Derek. Estou tentando me controlar, então me sento com eles e minhas irmãs seguem para área de brinquedos para ficarem com Noah, apesar dos muitos monitores, elas realmente adoram ser tias. Meus pais explicam que irão ver Noah e seguem apreciando o salão, que de fato está magnífico. Emily desta vez superou Jeniffer no quesito organizar uma festa, está aconchegante para adultos, atraente, confortável e seguro para crianças. Jeniffer se aproxima e

cochicha em meu ouvido.

— Maycon mal nos cumprimentou e Emily está se achando. Esquece a idade que tem — diz, irritada.

Tento segurar o riso, porque Emily nunca aparentou a idade que tem, e hoje, mais que os outros dias, está magnífica. Mas não consigo segurar e acabo soltando um leve riso. Jeniffer está com excesso de ciúmes, agora entendendo Isaac sentando ao seu lado com cara de poucos amigos, mas acho compreensível, essa fase é sensível para qualquer mulher. Jessica se levanta e vai aos brinquedos, os garçons se aproximam e servem bebidas. Vejo a professora do Noah e vou cumprimentá-la, aproveito e faço o mesmo com alguns pais que reconheço, em seguida, vou para a área das crianças. Fico onde consigo observar as duas áreas e vejo que Maycon está sorrindo, distraído e parece tão indiferente a mim. Mas antes que esses pensamentos me dominem, ignoro e me atenho aos outros convidados.

Observo Emily conversando com um homem, eles sorriem bastante, estão em um grupo de conhecidos. Ela não foi tão receptiva com Isaac como ele é com ela em suas festas particulares, ou talvez esteja tentando evitar por ser muito discreta. Em determinado momento ela vai até Maycon e o obriga a se levantar, o levando para a mesa onde ela estava com seus amigos, depois para a de outros convidados. Isaac fica os observando até ser cutucado por Jeniffer, acho graça, e acabo voltando a minha atenção ao Noah. Ashley se aproxima e me pergunta se Jayde não virá e juro que só agora que notei sua ausência. Respondo que não sei, ela volta para os brinquedos ajudando as crianças e conversando com os monitores.

— Você está linda, ex-esposa — escuto a voz de Maycon e sorrio.

— E você, em boa companhia — digo.

— Pare com isso, garota. Foi você quem quis assim.

— Sério? Não me lembro de ter dito para convidá-la.

— Elena, vai começar? Foi antes de nós voltarmos e outra, o que o médico almofadinha que não para de me olhar faz aqui?

— Convidado da Jeniffer — sorrio.

— Ah, esqueci que minha madrastra me ama — ironiza.

— Sabe que tem culpa nisso...

— Eu sei, por isso ignoro. Mas mudando de assunto, o projeto fazer neném começa hoje? — ele me cutuca, provocando.

— Fala baixo. Daqui a pouco a sua mãe escuta isso e faz um escândalo.

Ele apenas sorri. Estou com uma vontade louca de beijá-lo, e posso ver o mesmo em seus olhos, mas ele se afasta e vai até Noah. Fico os observando e pensando que posso ficar mil anos apenas observando os dois, o amor entre eles

é incrível. Sinto esse amor, essa conexão que nos uni e quando penso que não, ele me surpreende ao ir aos brinquedos com o Noah, e claro, meu filho faz festa. O garçom se aproxima e me oferece uma bebida e eu acabo aceitando. Quando se cansa, Maycon sai dos brinquedos e começa a caminhar em minha direção, de repente desvia e ao escutar o oi do Derek descubro o motivo disso.

— Tudo bem, Derek?

— Você é bem mãe coruja, né, Elena?

— Como não ser? — ambos sorrimos.

— Verdade. Ser mãe é um presente valioso, mas desculpe a intromissão, e você e Maycon? Estão bem?

— Estamos, pela primeira vez em dias me sinto bem.

— Que bom, fico realmente feliz por você e espero não estar atrapalhando.

— De maneira alguma, você é convidado. Mas, e a Jeniffer, já melhorou o humor?

— Não consigo entendê-la. Sei que é ciúme, por isso ignoro. Jeniffer é uma boa amiga, apesar das loucuras.

— Verdade.

— Bom, eu já vou embora, Elena. Eu só vim para prestigiar o aniversariante rapidamente, pois tenho um compromisso.

— Ah, mas ainda é cedo. Fique mais um pouco.

— Obrigado, mas tenho mesmo que ir. Parabéns e tudo de bom.

Ele se despede e assim que se afasta Maycon vem em minha direção. Percebo seu olhar ao longe, distante.

— O que foi?

— Jayde disse que vinha e até agora.

— Maycon, ela sabe se cuidar...

Emily se aproxima de nós e sorri sem jeito ao nos ver juntos. Sei que não aprova essa proximidade.

— Maycon, Jayde chegou e não me parece muito bem. Você poderia levá-la a um dos quartos?

— Por quê?

Ele pergunta, assustado.

— Veja você mesmo. Elena, por favor, eu vou com Maycon, faça as honras...

Ele sai às pressas com a mãe, não me dando tempo de fazer nenhuma pergunta. O tempo passa e eu não os vejo mais. Quando volto à mesa de Jeniffer, ela me conta que Jayde estava dopada e vomitou na frente de todos, as pessoas tiraram fotos e acabou causando um tumulto, então Emily a levou para a casa.

Passo a odiar Jayde mais um pouco. Não posso acreditar que além de aparecer drogada, ela fez isso. A organizadora avisa que o momento do parabéns chegou,

então Emily volta e diz que Maycon ficou com Jayde e depois de cantarmos os parabéns, ela ficará para despedir, caso eu queira ir até eles. Noah pergunta pelo pai, a organizadora nos chama no microfone, mas meu pai vem até mim e distrai Noah. Óbvio que todos notam a ausência do Maycon, mas mesmo assim cantamos os parabéns e assim que tiro as fotos com meu filho e os convidados, pergunto a Emily onde eles estão e ela confirma que estão no quarto do Maycon.

Passo pelo jardim e vou até a casa, subo a escada em silêncio e encontro a porta do quarto entreaberta, então consigo ver Jayde deitada na cama e Maycon sentado ao seu lado. Parece muito preocupado, mas Jayde se mantém indiferente, dopada, pálida, realmente mal.

— Jay, você não está bem, por que não dá um tempo? Podemos tentar reabilitação, juntos. O que acha? Eu vou com você.

— Jura que vai deixar Elena para ir comigo?

— Sabe que sim.

Ela ri ironicamente e eu fico magoada ao ouvi-lo propor isso, afinal, são quatro meses.

— Vai deixar mesmo a Elena, por mim? — ela o olha atentamente. — Quem quer enganar? Acha que sou imbecil?

— Jay — ele acaricia seu cabelo. — Demorou muito para que eu conseguisse perceber, mas as drogas nos levam à morte. Se você não fizer nada para deixar essa merda, vai acabar morrendo.

Ela o encara e vejo seu braço coberto por ferimentos que imagino serem picadas de agulha. Ela escuta Maycon, dá uma risada e isso o deixa arrasado.

— Jay, olha. Eu não quero que você morra. Dói vê-la assim — diz, magoado.

— E dói te ver assim também. Feito um cachorro implorando perdão daquela vadia. Não percebe, Maycon, não percebe que ela o arruinou? — ela retruca, se vira de lado e vomita na cama.

Maycon solta da sua mão, tira a blusa e limpa a boca dela.

— Eu parei por mim mesmo, porque percebi que não quero isso para o meu filho. Percebi que toda essa merda é só ilusão, ela não traz a cura, só te faz afundar.

— Cala a boca! Percebe que é ridículo ouvir isso de você? Justo você?

— Eu entendo. Eu também pensava que isso era liberdade, mas ser dependente é estar aprisionado. De início, pensa que a droga é sua amiga porque ela ajuda a aliviar toda essa merda de sentimentos, ajuda a escapar de coisas que incomodam — ela continua rindo e ele suspira, frustrado. — Que quantidade você tem usado?

— Vai à merda, Maycon. Não estou viciada, posso me controlar — diz com sarcasmo. Ele apenas fica ao seu lado. É deprimente.

— Quantos dias fica sem usar?

— Dias? — ela volta a rir. — Uso todos os dias, três vezes ao dia, como você usava. E agora não está assim, limpo?

— Jay eu...

— Vá pra puta que pariu. Não estou a fim de ouvir sermão. Quando era você eu não falava merda nenhuma, por que está nessa onda, agora?

— Porque nós dois éramos inconsequentes. Eu era idiota e não quero mesmo voltar a isso, nem quero te ver dependente disso. Jay, eu achava que era impossível, mas não é, cara. Pode realmente ficar limpa.

— Sério? E quanto tempo você está sem?

Maycon respira frustrado, mas só de ouvi-lo aconselhá-la uma felicidade me invade. Ela volta a vomitar, mas agora é na própria roupa. Parece que não consegue nem ficar em pé. Ele levanta, vai ao banheiro e põe a banheira para encher, depois volta até Jayde e nesse momento ele me vê parada na porta, então faz sinal para que eu não entre.

— Eu quero continuar assim, May. Quero até meu corpo não aguentar — começa a chorar. — E quando isso acontecer, vou estar livre. Não vou mais ter tanta vergonha de quem eu sou.

— Pare com isso, você é maravilhosa...

— Eu sou apenas um produto, May. Só isso. As pessoas olham pra mim e veem os cifrões. Pouco se importam comigo.

— Eu sempre me importei.

— Você tem sua vida, tem seu filho, pare de se preocupar comigo. Sei o que estou fazendo.

— Consegue tomar um banho? — pergunta a ela, Jayde dá uma gargalhada. Parece bêbada.

Ele a ajuda a tirar a roupa e a deixa de calcinha, nesse momento eu consigo notar o quanto ela está magra. Depois a leva ao banheiro.

— Quer ajuda?

— Eu não preciso de você, não preciso do seu dinheiro. Eu sou uma rock star, então foda-se você e toda sua superioridade! — Ela grita e no minuto seguinte volta a gargalhar.

Ele retorna para o quarto, então decido entrar, assim que Maycon vê, me abraça e se segura para não chorar.

— Não sei o que eu faço, não sei como ajudar.

— Já está ajudando, sabe disso — sorrio.

— Volta para o apartamento com seus pais e leva o Noah.

— E você?

— Eu vou ficar com ela. Jay não está bem, e...

— Maycon, ela tem pessoas para ajudá-la.

— Não, ela não tem. Jay só tem a mim e não posso abandoná-la. Ela já me ajudou várias vezes. Desculpe. Eu te amo!

— Maycon, não pode fazer isso comigo, com Noah. Somos uma família.

— Sabe como ela está agora? — ele não me deixa responder. — Eu já estive pior e essa garota não saiu do meu lado uma só vez. Tem ideia de quantas vezes vomitei nela, de quantas vezes ela me salvou? Desculpa, eu te amo, amo muito. Mas não sou covarde para abandonar quem nunca me abandonou.

Ele me abraça e em seguida me dá um beijo, então se vira e vai ao banheiro. Estou frustrada, muito, e como sempre nós ficamos em segundo plano. Desço a escada e encontro meus pais, que me aguardam com Noah e minhas irmãs. Parece que todos já foram embora, Emily parece querer perguntar, mas antes que o faça, me dirijo a ela.

— Acho que ele vai precisar de ajuda.

Ela acena com a cabeça, se despede dos meus pais, pede licença e sobe a escada.

Volto para o meu apartamento com a minha família e como Noah dormiu no trajeto, eu o levo ao seu quarto e deixo minha mãe cuidando dele, e dou boa-noite a todos. Tomo um banho rápido e sei que não posso lutar contra as lágrimas, mas dizem que a dor nos mantém vivos e ainda que doa tanto, estou viva, meu amor pelo Maycon está vivo. Penso nessa loucura e acho um tremendo erro ele tentar ajudá-la se aproximando, porque antes mesmo que isso ocorra, ela pode fazê-lo retroceder.

Eu me deito na cama e os minutos se tornam horas, então escuto ao fundo meu celular vibrar com uma mensagem de voz de Maycon.

Meu anjo, me desculpe. Acho que pode incluir mais essa na minha lista de pecados, mas antes de incluir, lembre-se que eu te amo e todos os nossos planos ainda são reais pra mim. Eu queria mesmo estar aí, mas como costumo dizer, às vezes somos forçados a algumas escolhas. E vendo a Jay, me vendo na Jayde, toda essa situação só me dá certeza que você é o mais próximo do paraíso que chegarei. Eu sei que nunca vou poder mudar a realidade de quem fui, mas ver o seu sorriso me faz perceber que todo caminho valeu a pena, afinal, se eu não fosse um viciado, não teria uma entrevista. Né?! Estou brincando, meu anjo, o que eu quero realmente dizer é que quando se está nesse caminho, ele é escuro, tão escuro que não se pode enxergar a saída, mas eu encontrei uma luz, encontrei você e pude ver a saída. Pode parecer confuso, mas sei que Jay precisa de uma luz, sei que não serei tão bom como você, mas se não tentar, nunca ficarei bem comigo mesmo. Eu te amo, e espero realmente te ver amanhã e ter certeza que isso não mudou nada entre nós. Beijos e o projeto fazer neném

iniciará amanhã. Te amo, boa noite, sonha comigo.

Retorno:

Eu também te amo, todos os nossos planos serão os mesmos amanhã. Imagino que deva ser difícil pra você ter que lidar com isso. Realmente queria estar ao seu lado, mas a esperança do amanhã traz conforto para essa saudade. Fica bem, eu te amo e desejo melhoras a Jayde! Beijos! Te amo!

PS: Aguardando o início do projeto. Te amo!

Capítulo 27 - Confissões

Maycon

Recebo a mensagem da Elena e me sinto bem com isso. Olho para Jay deitada na cama, pego um edredom e a cubro, depois apago as luzes e observo o céu pela janela. A noite está indiferente, como se tivesse um segredo para revelar, algo sombrio. Eu me sento novamente ao lado da Jay e percebo que sua respiração está mais calma, ainda sob o efeito da *H*. Fecho as cortinas e ligo o ar-condicionado, Jay está quente, senti isso ao tocar sua pele. Seguro sua mão, está delicada e branca como papel.

— May? — sua voz está calma.

— Oi...

— Lembra quando nos conhecemos?

— Sempre nos conhecemos. Estudamos na mesma escola no primário, não lembra?

— Não falo nessa época, falo quando te vi com Robert. Vocês andavam juntos. Rob morava sozinho já tinha um tempinho e eu dormia no apartamento dele às vezes, quando não dormia na rua — faz uma pausa. — Ele sempre foi legal comigo. A primeira vez que te vi lá, fiquei com vergonha, muita vergonha. Ele era o único que sabia como eu me virava.

Engole em seco.

— Jay, não precisa me falar disso. O que você passou, ficou para trás. Me fala como é ter milhões de fãs, milhões de pessoas gritando seu nome, esperando ansiosos para ver a estrela do rock — mudo de assunto.

— Isso é uma merda e você não tem interesse nisso, nunca teve. May, hoje eu quero confessar algumas coisas — solta um suspiro. — Eu tenho nojo de lembrar... — começa a chorar. — Tenho nojo de todos os homens que eu deixei me comer e tudo pra conseguir uma dose. Eu precisava de três pra ficar bem, mas uma tinha quer ser antes de deixar que eles me tocassem, porque sem droga eu não conseguia. Robert sabia e às vezes me chamava para dormir com ele. Não trepar. Eu fiz tanta merda que passei a ter nojo de caras, nojo de mim. Queria morrer, sair dessa vida, mas nunca tinha solução, não tinha saída. Prometia parar, mas quando você lembra como é bom, como viajar é gostoso e o prazer que isso dá, desiste de sair.

— Eu sei, eu viajo só na ideia.

— Mesmo morando na rua, eu dava os meus pulos pra conseguir sobreviver. Minha mãe nunca se importou e meu pai... — suspira. — Ele me transformou

nisso — ela chora muito e não é preciso terminar pra saber o que significa.

— Jay, por favor, não precisa me contar...

— Isso me fez ser quem sou, segui o caminho errado, tomei decisões erradas e... A culpa é minha. Sempre fui errada. Sempre fui a menina má... — sorri sem jeito. — Ainda me lembro de você dizendo que nunca iria parar, que cheiraria pó até morrer. Eu te achava o cara, pouco se importava com outros, andava sempre de cabeça erguida.

— Você não é má, Jay. E eu também me lembro disso, de todas as merdas que fiz e de algumas eu até gosto de lembrar. Mas esse mesmo cara tem um filho agora de três anos e não quero essa vida pra ele.

Ficamos em silêncio. Ela volta a falar.

— May, Robert me dava comida, uns trocados, mas ele passava um perrengue com os pais. Ele queria mesmo me ajudar e fazia o que podia. Eu o amava muito — chora. — Um dia você chegou no apartamento dele e eu estava horrível, tinha acabado de voltar da rua, e você nem percebeu, só pensava no pó. Quando foi embora, Robert me perguntou se eu queria sair dessa vida, estava depressiva, não suportava mais, queria mesmo me matar. Ele sabia que sim, sabia que eu havia chegado ao limite. Então contou que seus pais sustentavam seu pó e eu fiquei morrendo de inveja de você. Mas Rob me disse que você era gente boa e que morava sozinho. Eu contei que te conhecia, que já havíamos tocado juntos, mas que eu havia desistido da banda. Minha vida estava me sufocando e eu tinha medo que descobrissem sobre meu passado e passei a querer apenas não estar aqui. Então ele falou pra eu tentar me aproximar de você, mas a única maneira que eu conhecia para me aproximar de garotos era com sexo. Desculpa, May, Rob não disse pra mim te enganar nem nada do tipo. Isso foi ideia minha. Por isso fiquei com você. E quando me chamou pra dormir na sua casa, eu tinha intenção de não sair mais de lá.

— Você é bem foda, mas eu também sou e acho que foi juntar a fome com a vontade de comer.

Jayde se vira e apesar da escuridão, posso ver o brilho em seus olhos. Ela toca meu rosto e sorri.

— Eu odiei beijar você e estava tensa, sem *H* e não sabia se conseguiria te deixar me tocar. Você não sabia de nada, mas quando rolou, foi diferente, carinhoso, gentil e pela primeira vez eu não me senti usada. Não que te ache o cara na cama, porque você não é — sorri, provocando. — Mas foi diferente pra mim, pela primeira vez. E isso me fez sentir pior, eu era puta e você me tratou como uma mulher.

— Putas são mulheres, Jay. A maneira como querem viver sexualmente não desmerecem a pessoa delas. E pra mim você é a garota mais foda que conheci e

não quero que se sinta menos que perfeita. Para mim e para uma multidão.

— Às vezes fico pensando que a qualquer momento alguém vai me reconhecer e trazer toda essa merda à tona. Mas depois eu lembro que viciados para a sociedade não são ninguém, não tem sentimentos, não tem importância, então chego à conclusão que isso nunca vai acontecer. Porque naquela época eu não era ninguém e provavelmente muitos acham que já morri — enxuga as lágrimas. — Eu me sinto mal por ver tantas garotas querendo ser como eu, isso e todos os meus erros gritam na minha cabeça. Essas vozes que dizem quem você realmente é.

— Silencie isso, Jay, se antes eu a admirava, agora admiro muito mais. Você percorreu um longo caminho e está aqui. Se tornou uma estrela, subiu a montanha da vida, chegou onde eu nunca vou chegar e isso é mérito seu.

— Você pode muito mais que isso, May.

— Eu ainda estou bem embaixo! Tentando subir a montanha — brinco.

— Mas não tem como silenciar, May. Eu ainda sou a mesma viciada que antes vendia o corpo por uma dose, agora é a voz, a minha vida. Mas no fim, é a mesma merda. Entende? Quando eu dormi com você, passei a achar que nós poderíamos acontecer. Que poderíamos seguir assim, mesmo com vícios. Eu tenho inveja da Elena por ter você e não saber valorizar.

— Eu não sou esse cara que você descreve. Jay, eu tenho milhões de defeitos, mas de certa forma nos completamos. Às vezes eu quero demais, exijo demais e não mereço. Nunca vou merecer.

— Você merece sim. Você foi o cara que me ajudou. Eu sei que Robert falou tudo sobre mim, eu pedi para que ele fizesse isso. Achei que mudaria alguma coisa, mesmo que ele insistisse que não. E quando você chegou em casa naquele dia, quebrei a cara porque me tratou como sempre e percebi que você era diferente. As pessoas julgam pelo passado, outras pelos erros. E até hoje eu não consegui descobrir como você julga as pessoas.

Ela volta a chorar, então eu a abraço e me deito ao seu lado, fazendo com que ela apoie a cabeça no meu peito.

— Quem sou eu para julgar, Jay? Se as pessoas pudessem enxergar os próprios erros, não perderiam tempo julgando. Ao invés disso, tentariam ser melhores, mais humanos.

— Robert dizia que as pessoas temem a morte porque não sabem que o outro lado pode ser melhor. E ultimamente tenho conversado com ele sobre isso sempre que vem me visitar.

— Você é uma celebridade, tem cortesia. Já eu, tenho que ir ao cemitério ver aquela porra.

Ambos sorrimos e vejo que ela não está pensando direito, mas não

interrompo.

— Foi tão foda naquele dia, né? Foi tão triste saber que ele foi embora, que nos deixou. Ele acreditava em um mundo melhor. Uns dias antes ele me disse que iria embora, mas que sempre estaria em meu coração assim como eu no dele. Disse que sempre seríamos amigos e que eu deveria entender sua decisão.

— Ele foi um idiota. Hoje eu vejo isso toda vez que tenho vontade de conversar com ele, sabendo que ele poderia estar aqui.

— Não, ele não foi. Todos nós chegamos em um ponto que sabemos que não suportaremos mais. Conhecemos o nosso limite. No fundo, estou feliz porque eu sei que Elena nunca vai ocupar o meu lugar no seu coração, e também porque sei que Noah vai preencher minha ausência.

— Jay, eu não estou gostando muito disso, e deixe o Robert e essa porra de ausência pra lá. Eu entendo o que você sente ao ficar longe, viajar pelo mundo, mas quando vejo você e toda sua pose de roqueira no palco é estranho. Aquela não é a minha Jay e para ser sincero já estava com saudades de tê-la aqui comigo...

— Mas você sabe que eu sempre vou estar viva em você. Sempre vai ter a melhor parte de mim, May. A sua Jay — volta a derramar lágrimas. — Robert sabia que seus amigos jamais iriam esquecê-lo. Eu o amava de coração, assim como amo você.

— Eu também te amo e não quero perder você. Se acha que está demais, para com essa porra de carreira. Estou falando sério, podemos ir para uma clínica de reabilitação e ficar limpos.

— Hipócrita. Você já está limpo, acha que me engana, que sou idiota?

— Mas faria isso por você.

— Mas já fez tanto por mim. Chega de sacrifícios.

— Estar com você nunca foi sacrifício.

— Eu sei, mas agora você tem uma família e como sei que nunca vai conseguir dizer não pra mim, não vou fazer você passar por isso.

— Lembra quando viajávamos? Pegávamos a estrada, rodando até acabar a gasolina, então tínhamos que pedir carona para voltar? — tento mudar de assunto.

— Eu sempre sonho com isso. Um lugar onde não seremos viciados, um campo de jasmim, eu e você, correndo como crianças. Um lugar onde ninguém poderá nos julgar, pois os erros não irão existir. Onde essa parada de felicidade é real. Nós éramos tão bobos, acreditávamos em tudo, tínhamos fé nesse mundo. As pessoas pareciam realmente desejar o bem umas das outras. Me diz, como chegamos a isso?

— Ah, Jay, eu nunca procurei entender. Infelizmente os homens não são tão

bons, com exceção de alguns, e justamente esses são excluídos por não terem a ambição. Mas se nesse campo de jasmim tiver fadas, acho que topo ir com você.

— Você se acha muito inteligente, né, May? Adora debochar de mim.

— Não, potranca, só falo verdades.

— Rob dizia isso de você.

— Aquele merda? Fala sério! Quer dizer que falavam de mim pelas costas?

— Às vezes sim. Eu sempre me desculpo com Rob por você ter sido a melhor coisa que aconteceu para mim.

— Vou me apaixonar se continuar com essas declarações.

— Foda-se. Só quero que saiba que você é o melhor — ela toca meu rosto e me faz olhar em seus olhos. — Nunca deixe de pensar isso, de acreditar nisso. Você vai viver muitos anos, ser feliz, ter uns catarrentos para fazer companhia ao Noah, e...

— E você vai ser madrinha de todos. Que tal? — ela sorri.

Eu dou uma olha nas horas e vejo que já são quase quatro da manhã.

— Estou com sono, Jay.

— Eu também. Desculpe ter estragado a sua noite. Você deveria estar com Elena ou tentando voltar para ela, como sempre.

— Que nada. Não é todo dia que eu tenho a chance de dormir com uma celebridade. Vou até tirar uma foto para postar no meu *Facebook* — ambos rimos. — Agora é sério, aqui é o lugar que eu quero estar hoje. Não estragou a minha noite e nunca vai estragar.

Dou um beijo em sua cabeça.

— Obrigada mesmo, May. Você me fez ter boas lembranças e todas elas vão ser eternas em mim. Até amanhã. Eu vou ser sempre sua, assim como você sempre será meu.

Eu não falo mais nada, mas suas palavras me acalmam.

O problema de Jay é que ela ainda se vê como um dia foi. Ela chora por algum tempo, depois fala mais um pouco da família e isso me faz sentir algo estranho. Fico pensando no que falar, em como mudar isso, mas no fundo ela tem razão. Assim como os dela, os meus erros não me deixam e em noites silenciosas eles gritam, e sei que sempre terão noites que vou implorar por uma dose, suplicar para esquecer. Nós dois queremos a cura, a chance de tentar viver sem dor.

Quando ela finalmente dorme, já são cinco horas da manhã. Eu beijo seu rosto, acaricio seu cabelo, implorando para que eu possa sentir essa dor em seu lugar, e sinceramente queria aliviar sua carga, mas não posso.

Ao acordar, eu vejo que Jay já foi embora, deixando um bilhete dizendo que gravará um DVD no final do mês, que será uma grande produção e quer que eu vá. Eu mando uma mensagem dizendo que irei aparecer e ainda brinco falando

que quero ser famoso também. Ela só me responde com risadas.

Fico para almoçar com a minha mãe, e às duas da tarde volto para o apartamento. Ao entrar, eu vejo Noah com Bold na sala, que corre para me recepcionar. Noah vem em seguida, pega Bold no colo e vai para a área de serviço sem nem mesmo me cumprimentar.

— Oi, Noah.

Ele sorri e Elena surge na escada, sorrindo.

— Sua família já foi?

— Já. E Jayde, está melhor?

— Está sim, eu acho.

Elena pega a minha mão e me puxa pela escada, e já tenho até uma noção do que ela quer.

— Noah está acordado, meu anjo — tento interrompê-la, mas não funciona.

Não demora a me excitar e iniciarmos o projeto neném. Ainda que eu não ache uma boa opção, mas não dispenso.

E é assim no decorrer da semana. Acho que ela realmente quer outro filho, sua disposição para sexo está quase que inacreditável.

Na quinta, quando chego ao bar, vejo a cara de curioso do Enzo e sei bem qual o assunto. Jayde.

Não dou muita brecha, pois acho ridículo essa coisa de querer saber dos problemas dos outros se você não pode resolver. Mas falando em problema, quero resolver o da Alanis. Quando inicio as músicas, me concentro apenas nelas, hoje está tranquilo. Tem dias que as pessoas estão mais tranquilas, em outros, agitadas, não sei se tem a ver com os astros. Não sei se assim como ao planeta, eles influenciam no comportamento dos humanos. Pelo menos não há dados científicos que comprovem tal afirmação.

Quando finalmente as horas se vão e a última música é tocada, penso em como convencer Alanis a sair daqui. Não que eu vá ajudar a todos que cruzarem o meu caminho, isso é impossível, mas posso começar com ela e talvez alguns pecados sejam perdoados. Que viagem!

Depois de oferecer carona, vou para o carro e mentalizo as palavras, na verdade, não mentalizo porra nenhuma. Jayde me preocupa e começo a pensar nela sem ao menos estar pensando. Isso é foda.

— Obrigado pela carona. Está virando rotina — eu digo, brincando, então ela entra, fecha a porta e sorri.

— Jayde ficou bem?

— Ficou, mas o assunto aqui é outro — sorrio — Quero atualizar você.

— O quê? Como assim?

— Brincadeira. Na verdade, eu consegui um emprego melhor para você.

— Você ficou louco?

— Não, mas isso aqui não é futuro, sabe que precisa de algo melhor e o tempo está passando.

— Se não é futuro, o que faz aqui?

Olho para ela sem acreditar no que acabo de ouvir, sei que será do jeito difícil.

— A situação é diferente, mas se acha que esse é o emprego dos sonhos e se sente realizada aqui, esquece o que eu disse.

Ligo o carro e saio.

— Enzo vai te dispensar se souber disso.

— Procure alguém que se importe, porque eu estou pouco me lixando. Não tem só esse bar na cidade.

— Por que quer me ajudar?

— Quero ter algumas coisas boas na lista. Ter só ruins *tá* foda — sorrio.

— Onde é?

— Com meu pai, na empresa, laboratório. Na verdade, eles ajudam quem tem interesse em se profissionalizar na área. Será uma boa para você.

— Mas eu não sei nada a respeito.

— Pode iniciar na área administrativa, já conversei com ele. O salário é bem melhor, a carga horaria também. Fora que terá tempo para estudar.

Ela fica pensativa.

— Mas e se não der certo, Maycon? Enzo não vai me aceitar de volta.

— Alanis, se você tiver comprometimento e interesse, o que eu sei que você tem, é impossível não dar certo. Fora que pedi para o meu pai te dar essa força. Mas ele é chato, já te aviso.

— Chato como?

— No sentido de pessoas enroladas. Ele realmente gosta de ver o empenho, mas isso não é problema para você.

— Sua mulher não vai ficar chateada?

— Se preocupe só com a proposta. Use seus poucos neurônios pensando a respeito e me dê a resposta amanhã.

— Mas eu não posso fazer isso com Enzo, tenho que...

— Ah, vai à merda Alanis. O cara *tá* cagando e andando pra você e ainda vai pensar nele?

— Maycon, quando eu precisei, ele me ajudou.

— Na verdade, foi uma mão lavando a outra. Já fez o suficiente para retribuir isso e agora deve pensar em você. A vida é assim, sempre procurando o melhor.

Paro em frente ao seu apartamento.

— Quando é a entrevista? — ela pergunta e eu entrego a ela uma folha com todos os requisitos para preencher a vaga que não existia, mas ela não precisa

saber disso. — Seu pai sabe sobre o pó?

— Que pó? Você vai parar com essa merda, é a sua chance de mudar de vida. Alanis, você não é viciada, saia dessa enquanto é tempo. Olha onde eu fui parar, onde seu irmão foi e olha para Jay. Quer isso para você?

Ela fica em silêncio, me agradece e diz que vai arrumar tudo. Dá um tchau e retribuo. Sigo para a casa pensando que as coisas finalmente começaram a dar certo entre Elena e eu. Ela mudou, ainda que seja mínimo, mas aconteceu e eu também. É difícil encontrar o erro, mas quando você o encontra e é humilde para admiti-lo e corrigir, a sorte começa a andar ao seu lado. E pela primeira vez, apesar dos desencontros, ao lado da Elena eu sigo meu caminho. É bom, maravilhoso fazer esse simples trajeto de voltar para casa e saber que a mulher da minha vida está me esperando com o meu filho.

Capítulo 28 - Suspiro

Mais uma semana se inicia e pela manhã ligo para o meu advogado e peço a anulação do divórcio. Ele não faz protestos, mas deixa claro que terei que pagá-lo da mesma forma, o que eu já sabia. O projeto neném, como diz o Maycon, está a todo vapor. Estou tão focada nisso que durante as horas vagas no trabalho, procuro assuntos sobre como engravidar, as melhores, coisas do tipo. E para não esquecê-las eu mando mensagens a Maycon falando sobre o que acho interessante. Lógico que recebo provocações e deboche da parte dele por isso. Ele começou a achar exagero todas as noites fazermos sexo, não pelo ato em si, mas por achar que estou um pouco neurótica. Para ele tem que ser uma coisa natural, como foi com o Noah, ou seja, sem essa pressão toda. Mas não dou atenção aos seus conselhos, é a minha fase, nossa fase e quero curtir ao máximo.

Parece bobo, mas se estou feliz, ele está. Estou amando essa nova realidade, a sensação é como se finalmente a vida decidisse nos dar uma trégua, os dados foram jogados a nosso favor e o destino resolveu cooperar. E assim, nessa intensidade de boas energias, mais uma semana se vai sem contratempos.

Na segunda, assim que chego à clínica, Jeniffer pede que eu vá a sua sala. No decorrer da semana que passou, quase não tivemos tempo e eu a tenho evitado.

— Oi! Com licença — digo, entrando.

Ela sorri e me indica a cadeira, em seguida pede para que a sua nova assistente nos deixe um minuto a sós.

— Eu notei que você anda meio distante, parece até estar me evitando. Aconteceu alguma coisa?

— Não, apenas com a agenda cheia — eu sorrio e ela acaricia a barriga. — E a gravidez, como vai?

— Bem. Estou me sentindo enorme e indo para o quinto mês, mas me sinto bem. O bebê é bem ativo e realmente estamos amando.

— Que bom...

— Pena que na época do Noah você não teve isso. Foi tão conturbado que até me surpreendi quando você me disse que queria tentar outra vez antes da separação. E falando em separação, como vai o processo do divórcio?

Fico pensando no que responder, mas na altura do campeonato, Emily já foi informada da anulação e provavelmente deve ter contado a Isaac.

— Bom, não sei como contar, mas eu e Maycon decidimos tentar novamente, e...

Ela dá um sorriso forçado.

— Nossa! Mas como assim? Algumas semanas juntos e já decidiram voltar? Maycon realmente é muito bom com palavras, suponho.

Sorrio, sem jeito.

— Bom ele é sim, mas não foi com palavras. Foi porque nos amamos e quando se tem certeza do amor, acho que vale tentar quantas vezes julgar necessário.

— Quem sou eu para opinar? Se você está feliz, fico feliz, ainda que seja tão momentânea essa felicidade de vocês — ela diz, mas a expressão do seu rosto não condiz com suas palavras e não percebo traço algum de felicidade por nós. Ela muda de assunto, mas é notável que está desconfortável, então conversa vagamente sobre alguns detalhes da clínica, em seguida, me agradece.

A semana continua e percebo uma transformação em Jeniffer em relação a mim. Ela se mantém distante, até mesmo no horário de almoço, e na quinta, me surpreendo ao ouvi-la dizer que Alanis iniciou na Callier. Diz na frente de Derek que Maycon fez ótimas recomendações e sinto uma certa provocação na frase, mas simplesmente ignoro. É interessante como a felicidade estampada em meu rosto passa a incomodá-la. Eu poderia interrompê-la dizendo que ele me contou, mas prefiro ignorar. Realmente estamos bem e não serão assuntos fúteis que irá nos atrapalhar.

A semana finalmente termina, e se no trabalho ela não foi a mais agradável, em casa não poderia ser melhor. Com duas semanas tentando engravidar, precisamente no sábado, pela manhã, acordo cedo, faço exame de urina e para minha tristeza, vejo apenas uma linha rosa aparecer, o que significa negativo. Isso me faz chorar, então chamo Maycon, que se aproxima com cara de sono, sorri e me abraça quando vê o resultado.

— Relaxa. Só tem duas semanas, isso não quer dizer nada.

— Talvez você esteja fumando muito e isso tenha diminuído nossas chances.

— O quê? Hoje eu levo uma vida muito mais saudável que quando você engravidou do Noah. Sabe que o que sugere é um absurdo, não tem muito lógica.

— Tem sim. Eu li a respeito...

— Ei, pode parar. Você está se comportando como se estivéssemos tentando há um ano. Relaxa, no momento certo vai acontecer, você vai ver.

Maycon me beija.

— É, você tem razão — respiro fundo. — E com Enzo, não teve problemas no trabalho? — falo, me referindo a saída da Alanis.

— Acho que ele ainda não sabe que fui eu o responsável, mas já estou olhando outros lugares para tocar.

— E você tem notícias dela?

Maycon respira fundo e volta para a cama. Eu o sigo e pergunto novamente.

— Elena, eu cheguei às três da manhã, tomei um banho e você sugou até o último esperma que tinha no corpo, fomos dormir mais de quatro. Ainda me acordou para acompanhar o exame, não estou reclamando, mas me livra de uma crise de ciúme agora, vai? Sou todo seu, todinho... — pisca.

— Não pode cogitar a ideia de procurar outra profissão?

Ele me olha com desdém e sei que isso está fora de questão. Antes de voltar a falar, Maycon boceja, sua cara é de muito sono.

— Que tal voltarmos a dormir? Estou realmente precisando disso.

Eu me deito ao seu lado, olho as horas, seis e quarenta da manhã, sim, acordei Maycon às seis da manhã para fazermos o exame juntos. Acho que estou mesmo exagerando. Alguns pensamentos permanecem até se tornarem distantes, então volto a dormir.

Quando acordo, escuto Noah bater à porta, tiro o braço do Maycon da minha cintura e me levanto, ainda sonolenta e digo que estou a caminho. Porém antes, faço minha higiene, troco de roupa e abro a porta.

— Papai tá dormindo? — ele pergunta ao olhar para cama.

— Está sim, vamos descer?

Ele segura a minha mão e descemos para tomar café, que a Fátima já deixou preparado. Damos comida a Bold e o levamos ao pet shop para um banho, e só voltamos ao meio-dia. Maycon acaba acordando depois do almoço e antes de tomar café, ele fuma um cigarro. Noah está na varanda brincando com seus heróis e Bold. Maycon se aproxima e lhe dá um beijo, mas Bold corre para perto dele.

— Saí fora cachorro — ele diz voltando para a sala.

Se sentando ao meu lado, ele logo coloca a cabeça no meu colo.

— Está passando bem?

— Dor de cabeça.

— Quer almoçar ou pelo menos algo mais forte?

— Tomei remédio agora, depois eu como — ele dá um beijo na minha mão.

— Minha mãe me ligou perguntando por que cancelamos o divórcio.

— E?

— Disse que era uma pergunta idiota, afinal, se cancela um divórcio porque não quer mais se separar, simples assim.

Sorrio com a resposta bem típica do meu marido.

— E ela?

— Desligou na minha cara.

— Acho que ela realmente não...

Maycon me interrompe.

— Esquece a minha mãe. Depois ela volta às boas comigo. É sempre assim.

— E Jayde?

— Parece que está tudo bem, conversamos ontem. Estou tentando mesmo convencê-la a ir para a reabilitação. Até prometi ir junto, mas está complicado.

— Faria isso? — pergunto um pouco chateada.

— Amor, eu faria, por ela, sim.

— E como eu fico?

— Você consegue entender que algumas pessoas precisam de nós mais que outras? Ou isso é algo irrelevante para você? — ele sai de sua passividade.

— Consigo, tanto que vou dizer quem precisa de você. Noah precisa de você, eu preciso de você. Jayde é adulta, sabe bem o que faz.

Maycon não rebate, mas levanta assim que eu termino.

A tarde se vai e antes de ele ir para o bar, escuto Maycon conversar com ela ao telefone. Tudo indica que ele irá ao show que ela fará aqui no próximo sábado. Li algo a respeito, os ingressos se esgotaram nas primeiras semanas que foi anunciado o show. É isso que eu não entendo. Jayde tem grana, milhares de pessoas para auxiliá-la, para aconselhar, mas ainda se mantém presa ao Maycon. O problema é que nos dias em que eles se falam, Maycon fica tenso, preocupado com ela. Ele quer de todo modo tentar tirá-la, mas não percebe que Jayde não quer sair, não quer nem tentar e essa é a diferença.

Às oito da noite, depois do jantar, ele sai. Dessa vez não fico acordada esperando por ele. Domingo, almoçamos fora e levamos Noah ao parque aquático. Percebo Maycon ainda tenso e sei que o motivo é a Jayde, mas não voltamos a falar a respeito.

A semana segue e finalmente o dia do show chega. Às nove da noite deixamos Noah com Emily. Estou no estilo meio roqueira já que é um show de rock e Maycon meio que já tem esse estilo. Ele liga para Jayde, o show vai ocorrer no estádio do centro da cidade, e quando chegamos, pelo movimento dos carros e pessoas, vejo um mar de gente. Chega a ser apavorante, pelo menos para mim. Passamos pela entrada, onde um segurança nos guia até chegarmos próximo ao palco, passamos por mais seguranças, atravessamos por trás e finalmente entramos nos bastidores do show. Maycon cumprimenta os caras da banda dela e toda equipe. Eles indicam o camarim da Jayde e vamos até ele. Na porta, a placa de “não me incomode” está visível. Ele bate e entra.

Jayde está linda, uma verdadeira estrela do rock. Roupas *estilosas*, maquiagem pesada e cabelo perfeito - isso ela sempre teve. A multidão começa a gritar em uníssono seu nome e começo a achar emocionante, mas ela parece pouco se importar. Se mantém fria, finalmente nos nota, me lança um olhar indiferente, mas ele ganha vida ao olhar para Maycon. Ela afasta a cabelereira que dava os últimos retoques, se levanta e o abraça, quase chorando.

— Você veio — ela o beija e sorri.

— Disse que viria.

Ambos sorriem e como sempre, ela me ignora. Após mais alguns abraços, a assistente volta a prepará-la. Seu empresário bate à porta e entra, lhe entrega algo, um pacote, que ela nem se dá o trabalho de agradecer.

— Em vinte minutos iniciamos — ele diz e sai após nos cumprimentar.

Ela pede para todos saírem e pelo olhar de Maycon, sei que é drogas. Apesar de dizer que ele pode ficar, Maycon sai comigo e seguimos ao encontro da banda, não demora e eles entram no palco, o som pesado do rock inicia para delírio da plateia que aguarda ansiosa a sua estrela. Ela finalmente sai do camarim, está bebendo vodca na garrafa e visivelmente drogada. Começo a me perguntar o porquê disso tudo.

— Como eu estou? — diz para o Maycon.

— Perfeita — escuto sua voz e percebo a decepção nela.

Jayde o beija, dá um último gole e segue para o palco.

Seguimos para área de produção técnica, Maycon prefere acompanhar através dos visores que mostram as filmagens das câmeras.

Todos gritam ao escutar a voz dela, Jayde inicia com *Anjo Sexy* - só para constar. Ela faz uma boa performance, seu timbre é de dar inveja, tem uma ótima presença de palco. A multidão a idolatra, acompanham cada movimento que Jayde faz. Ela anda de um lado ao outro com o microfone a mão e durante toda a canção Maycon evita mesmo me olhar, se mantém atento aos visores que estão interligados com cada câmera.

A primeira música termina, Jayde agradece pela presença, pergunta se querem mais. A plateia grita, é impressionante como eles estão vidrados nela. A banda inicia outra e assim segue até a quarta com ela falando palavrões a cada troca e recebendo os gritos eufóricos do público nos intervalos, da quinta para sexta, ela vem ao camarim trocar de roupa, toma mais vodca e dá um abraço em Maycon, diz que tem uma surpresa para ele, então volta ao palco.

— É emocionante, não é? — eu pergunto e Maycon beija meu pescoço e me abraça por trás.

— Eu achava que esse era o sonho dela, agora vejo que foi um erro — sussurra no meu ouvido.

A música termina e Jayde espera o público acalmar. A produção leva cadeiras ao palco, ela se senta e lhe entregam um violão. Outros dois da banda sentam cada um ao seu lado com violões.

— Sei que todos vieram para se divertir, mas foda-se todos — Jayde diz e todos gritam.

— Bom, antes dessa próxima canção — limpa a garganta. — Tenho umas

palavras sobre alguém, um cara muito foda. Na verdade, eu não curto garotos, mas esse foi diferente.

Olho para Maycon e ele sorri.

— Às vezes a vida é meio sacana e não faz muito sentido, todos temos momentos merdas. E até então eu achava que tudo era uma merda, mas aí eu conheci essa cara. Talvez para muitos ele não represente nada, mas ele deu sentido para a minha vida. Eu o amo e sempre vou amar, de coração. Não vou dizer o nome dele, na verdade, ele é avesso a tudo isso. Só quero dizer que ele sempre terá o melhor de mim...

Todos gritam quando ela termina e inicia os acordes do violão. Jayde canta seu maior sucesso em versão acústica, gosto dessa música, foi a primeira que ela gravou, ou melhor, do primeiro CD. Sua voz é suave e meiga, você se sente no paraíso ao ouvi-la. Foi escrita pelo Maycon, uma homenagem a Emily. Amo mesmo essa música.

Eu não sei

*Mais uma vida perdida, mais um sonho que se apagou
E eu apenas estou refletindo sobre todas as suas lágrimas.*

Talvez ainda me reste um pouco de consciência.

*Confesso que eu não sei, não faço ideia do que é estar em sua pele e me ver
cometer sempre os mesmos erros, mas ainda assim, quero que saiba que amo
você.*

*Estou preste a voltar alguns passos, então você sabe, quero me encaixar no
papel de vítima e te ter novamente.*

Todo o seu amor mal retribuído se transforma em ódio.

*Eu realmente não faço ideia de como é ter que lidar com isso, com toda a merda
que eu escolhi viver.*

*Posso sentir sua dor, posso ver em seu rosto o medo de me ver desaparecer em
meio à multidão.*

E olha onde chegamos, já não há mais respeito.

Você se esforça tanto, quer manter a fé a qualquer custo.

*Mas olha pra nós, não sobrou muito das promessas, estamos aqui, jogando
cartas que não tem mais valor.*

*Eu realmente amo sentir todo seu amor e cuidado, mas simplesmente odeio a
forma como acho que deveria ser grato*

Tudo bem, eu imagino que seja difícil me ver cometer os mesmos erros.

Mas eu ainda amo você.

Pode se lembrar disso, pode se lembrar dos dias em que você era meu refúgio?

Só deixe isso bem gravado em você, eu ainda te amo, eu realmente amo você.

Depois dessa ela canta mais três canções acústicas e Maycon fica encantado, ele ama uma voz ao violão. Me explica sobre alguns acordes, fala sobre notas e os agudos e graves que Jayde faz. O engraçado é que Maycon não olha para ela como quando estão juntos em casa.

— Não é a mesma pra você, ou é? — pergunto e ele sorri.

— É estranho, mas não consigo vê-la como Jayde. Simplesmente não consigo.

Ela termina a canção, recebe aplausos, Jayde pergunta se querem agitar novamente. O público confirma e volta o som do rock pesado. Jayde vem novamente, puxa Maycon ao seu camarim, eu os sigo, ela troca o figurino e em tempo recorde abre um papelote e faz uma carreira de cocaína na frente do Maycon.

— Sabe, coca agita.

Ela cheira uma carreira, fico perplexa. Maycon afunda o rosto em meu pescoço e percebo sua respiração ofegante e suas mãos trêmulas.

— Ele ama tanto que não consegue nem olhar. Manda a Elena para o inferno e cheira essa porra! Você gosta, foda-se ela — Jayde diz, se encara no espelho e passa o dedo embaixo do nariz. Estou tão perplexa com a cena que não sei nem o que responder.

— Três minutos Jayde. Não vai abusar, tem que terminar o show — um cara avisa, Jayde faz um gesto obsceno para ele.

A droga faz efeito rápido e em instantes ela está agitada. Quando olho para Maycon, ele está olhando para a cocaína na mesa, hipnotizado. Jayde pega outra garrafa, passa por nós, dá um beijo em Maycon e volta às presas ao palco.

— Maycon, vamos embora — digo. Ele parece voltar à realidade ao me ouvir.

Eu me pergunto como Jayde pode ser tão inconsequente, como pode sujeitar Maycon a isso sabendo de todo seu esforço para parar.

— Elena, daqui a pouco termina. Prometi e vou ficar até o fim.

Não questiono e voltamos para onde estávamos. Começo a pensar que se eu não estivesse vindo, Maycon teria cedido. Depois disso ele fica estranho, com os pensamentos longe. O show continua e em determinado momento Jayde manda todos pararem, diz coisas sem sentido, depois diz que é ela quem manda e pede para voltarem a tocar. E todos agem como se isso fosse normal.

— Ela vai acabar morrendo — Maycon diz com a voz embargada. — Está correndo o risco de ter uma overdose.

— Por que misturar se os efeitos são opostos?

— A mistura torna os efeitos de ambas mais intensos e duradouro. Que porra! Olha para esses caras, enquanto ela está no palco ganhando dinheiro, eles pouco

se importam com o bem-estar dela. Agora você entende quando eu digo que ela precisa de mim?

— Mas se fizer isso, se aproximar demais. Ela vai te levar junto, Maycon.

— Mas eu não tenho escolha.

— Tem sim e já fez sua escolha. Escolheu a mim e ao Noah. Sinto muito mesmo pela Jayde, mas não pode fazer nada se ela mesmo não quer receber ajuda.

Maycon me olha confuso, ele ainda está transtornado. Quando finalmente chega aos momentos finais, Jayde agradece a todos da banda e ao público pela presença. Maycon está inquieto, acho que quer ir embora. A banda deixa o palco, mas todos são surpreendidos ao ouvir Jayde gritando.

— Isso não está no repertório, mas hoje é meu dia de quebrar algumas regras. Alguém me traz um violão? — ela pede e todos ficam surpresos.

Eles levam um violão e uma cadeira. Jayde anuncia que essa será a última música. Agradece mais uma vez a todos pela presença e diz que a música é de sua autoria e nunca foi tocada antes. Se emociona ao dizer que fez para seu único amigo como forma de agradecer.

*Iniciamos cedo e percorremos um longo caminho nesses anos.
Éramos apenas crianças seguindo sobre arames farpados e cuspiendo na loucura
Mas não estávamos prontos para ir para a casa.
Você segurou minha mão, e me ajudou a entender
Que alguns momentos são eternos
Como eu e você
Agora é hora de viver o adeus
Já estamos crescidos e prontos para ir para a casa
Nossas lembranças viverão eternamente
Seremos sempre um do outro
E nessa nova caminhada eu seguirei sozinha
Irei de encontro ao meu destino
Esse é o tempo que eu preciso para me encontrar
E não chore por velhas lembranças
Eu continuarei segurando sua mão
Não poderá chorar minha ausência
Nem mesmo guardar uma leve tristeza
Mas vou te permitir sentir uma leve saudade
Que a dor da separação encontre conforto em seu peito
Eu sempre estarei amando você, esperando você*

Termina a canção derramando algumas lágrimas. Agradece mais uma vez e finalmente deixa o palco ao som de gritos com seu nome. Todos a cumprimentam pelo show, dizendo ter sido uma ótima performance. Quando finalmente a deixam seguir, ela se aproxima, abraça Maycon e chora por quase meia hora. Acho que o efeito depressivo da droga iniciou. Alguém a chama, ela dá um beijo em Maycon, o abraça mais uma vez. Aproxima-se de mim, fico surpresa ao sentir seu abraço.

— Cuide dele, não o deixe por nada e sejam felizes — é tudo que ela diz antes de se afastar.

Voltamos ao apartamento e Maycon não conversa muito. Ele deita em meus braços e dorme assim, sentindo minhas carícias. No domingo, almoçamos com Emily, apesar das indiretas da mãe, Maycon se mantém indiferente. Após o almoço, levamos Noah ao shopping. Assistimos a uma sessão de cinema, coisa que adora e nosso domingo acaba.

A segunda vem sem muitas novidades, eu me arrumo sem muitas expectativas, deixo os homens da minha vida dormindo, dou um beijo me despedindo. O dia amanheceu nublado, frio. Chego à clínica e encontro Derek na recepção e quando vou seguir para a minha sala, ele me chama.

— Elena.

— Sim.

— Jeniffer pediu para que vá a sala dela.

Sorrio e agradeço. O que será dessa vez? Sigo para sua sala um pouco tensa, nós não estamos no melhor momento, mas levo um choque ao abrir a porta e ver Emily e Isaac.

Peço licença e ao ver a cara de desamparado de ambos, fico assustada.

— Aconteceu alguma coisa? — pergunto de imediato.

Todos guardam em um silêncio constrangedor.

— Maycon costuma acordar que horas? — Emily é a primeira a falar, parece preocupada.

— Entre oito e nove, depende do Noah.

Ela respira fundo e começo a ficar apavorada.

— Elena, volte para a casa e não deixe que ele veja jornal nem nada do tipo — Isaac diz, sério.

— Por quê? Aconteceu alguma coisa? — pergunto já apavorada.

Emily engole em seco e Jeniffer derrama algumas lágrimas.

— Jayde foi encontrada morta no hotel...

Escuto suas palavras, mas não consigo acreditar no que ouço.

Capítulo 29 - Fora da realidade

— Como assim? Deve haver um engano, eu a vi no sábado, nós fomos ao show — falo, já deixando as lágrimas caírem.

— Infelizmente não há. O empresário dela ligou para Isaac. Ela tinha uma entrevista às oito da manhã, como não atendeu ao telefone, eles pediram a chave reserva e a encontraram morta. Ainda não foi noticiado na mídia, mas deve sair logo mais.

— Meu Deus! Maycon me disse... Ele disse que ela estava mal, mas eu tive medo que ela o levasse de novo ao vício e o afastei, eu...

Emily se aproxima, me abraça e eu choro feito uma criança, me sentindo culpada.

— Elena, olhe para mim — eu faço isso e vejo Emily chorando. Todos estão abatidos, ninguém esperava por isso. — Você não teve culpa, nós não tivemos. Você fez o que era certo, protegeu sua família, infelizmente Jayde era sim uma péssima influência e se não fosse por você, provavelmente Maycon já teria ido antes dela. Eu tenho muito a te agradecer, nós que amamos o Maycon, temos muito a agradecer.

Ela me solta, tentar sorrir, mas não consegue, então enxuga as lágrimas.

— Sabe que ele não vai superar isso, não sabe? — sussurro.

— Ele vai sim — Isaac interrompe. — Ele tem você, o Noah, tem a nós. Sei que não vai ser fácil, mas ele vai superar.

— Elena, eu quero que você volte para a sua casa, não deixe que ele veja televisão, nem entre em redes sociais — Isaac ordena, apreensivo.

— Não me peçam para contar a ele, eu não consigo — falo de antemão.

— Eu e Emily vamos esperar apenas o atestado de óbito e a causa da morte. Já estamos indo. Contaremos juntos.

— Tem ideia do que houve? — pergunto, tentando me controlar.

— Ela foi encontrada deitada na cama. Pelo que entendi, havia consumido heroína, mas só o médico para realmente falar a causa.

— Elena é melhor você ir, meu motorista a aguarda — Emily me abraça novamente. — Temos que ser fortes pelo Maycon, precisa ser forte por ele. Entendeu?

Olho para Jeniffer, ela está em lágrimas abraçada a Isaac. Emily me acompanha até o carro, não consigo conter as lágrimas, não dá para acreditar que Jayde morreu. Meu Deus, como Maycon vai reagir a isso?

Entro no carro, nada parece fazer sentido, choro até não haver mais lágrimas.

A morte da Jayde machuca, mas dói mais ainda saber como isso atingirá Maycon... Os pensamentos são preenchidos por um vazio, não éramos amigas, mas ela significava algo para mim. Vejo as pessoas nas ruas e penso como a vida é irônica. Todos seguem suas vidas enquanto sou consumida pela angústia, a ausência de saber que a morte levou alguém próximo. Chego ao apartamento e antes mesmo de passar o portão, sinto minha coragem me abandonar sem escrúpulo algum, pela primeira vez eu não quero encarar isso, não quero olhar para Maycon sabendo a verdade.

A cada passo me sinto como se estivesse entrando em um abismo.

Antes de abrir a porta, respiro fundo e imploro para que seja um pesadelo, para receber aquela ligação que irá dizer que foi um mal-entendido, mas os minutos passam e essa ligação não vem. Tento inutilmente me encher de coragem, enxugo minhas últimas lágrimas, abro e me deparo com Fátima arrumando a sala.

— Bom dia, Maycon e Noah ainda estão na cama?

Ela confirma com a cabeça e retribui o bom-dia. Sinto minha carga tão pesada, minha consciência diz que Jayde morreu, mas eu me nego a acreditar. Me nego a admitir que ela não está mais aqui.

Subo a escada sem força alguma, passo pelo quarto do Noah, ele está dormindo. Paro em frente ao meu, abro devagar, tão devagar que não faço barulho. Vejo Maycon ainda deitado, porém acordado mexendo no telefone. Ele me olha surpreso e o brilho em seus olhos me diz que ele ainda não sabe e isso dói tanto.

— Aconteceu alguma coisa? — ouço suas palavras, mas não posso sentir. Respiro fundo.

— Não estou me sentindo muito bem, e...

— Fez outro exame e deu negativo?

Não respondo, apenas engulo em seco, até as palavras me fogem.

— Amor, relaxa. Sinceramente acho que deve parar de ficar fazendo esses exames.

Ele se aproxima e me abraça, deixo algumas lágrimas caírem e Maycon me dá um sorriso meigo, enxuga com os polegares e agora vejo como sou covarde. Acho melhor não o deixar mexer no telefone. Mas como dizer isso? Qual a justificativa para isso? Estou perdida, parece que qualquer passo que der, será um passo em falso.

— Quer tomar um banho comigo? — falo sem pensar muito.

— Espera só um minuto. Ontem de madrugada escutei o telefone vibrar, mas estava com tanto sono que não atendi, hoje olhei e vi que era a Jay — ele diz e eu congelo.

— Era uma chamada? — tento fingir normalidade.

— Não, mensagem, vi agora.

— E o que dizia? — pergunto.

— Ela tem andado deprimida, falou que me amava e que queria que nós seguíssemos em frente...

Seguro o choro, o nó que se forma em minha garganta, parece perceptível.

— Amor, eu sei que você e ela nunca se deram bem, mas estou pensando em trazer Jay para ficar uns dias com a gente. Sei que vai ser foda para você, mas vê-la nessa fossa está me matando. Você entende, não entende?

Ele olha em meus olhos e eu como a covarde que sou, desvio o mais rápido que posso, não consigo sequer responder.

— Liguei para ela agora de manhã, mas não me atendeu.

— Você ligou para ela? — pergunto e prendo meus lábios entre os dentes para não chorar. Maycon confirma com a cabeça. Não consigo mais encará-lo.

— Mas ela não atendeu, então mandei uma mensagem propondo isso que falei. Pensei até em viajarmos juntos, Jay vai gostar, ela quer isso, um tempo. Sei que o empresário dela vai pirar, mas acho que posso convencê-la.

Não consigo mais ouvi-lo, então sigo para o banheiro e tranco a porta, ligo para Emily e peço para eles virem rápido. Choro por minutos silenciosamente escorada a porta e recebo a mensagem de Emily dizendo que estão em frente ao prédio. Lavo meu rosto, quando saio, Maycon não está no quarto. Desço a escada, vejo ele e Noah tomarem café na cozinha. A campainha toca, faço sinal para Fátima que irei atender. Abro a porta, Isaac e Emily entram, perguntam pelo Maycon, mas ao escutar a voz deles, Noah vem correndo em nossa direção. Eles o abraçam, indico o sofá, Maycon aparece na porta e olha para ambos sem entender.

— A última vez que vieram juntos à minha casa foi há um bom tempo e incluía uma clínica de reabilitação. Então imagino que não seja boa coisa — sorri, mas muda assim que vê a expressão séria de seus pais.

Ele se senta ao meu lado, Emily se senta e pede para Fátima para levar Noah e Isaac se mantém em pé.

— Maycon — Isaac suspira. — Infelizmente eu não tenho uma boa notícia para te dar... E...

Maycon se mantém atento ao pai, então eu seguro a sua mão e ele me olha de relance ao sentir.

— O que está acontecendo? Que porra, vocês estão me assustando.

Isaac desvia o olhar, ninguém consegue encará-lo.

— Maycon — engole em seco. — Jayde foi encontrada morta no hotel... — olha para cima.

Maycon olha para todos nós e sorri sem graça. Ele não acredita.

— Pai — fala com voz embargada. — Deve haver um engano, eu conversei com ela, quer dizer, ela mandou mensagem ontem. Deve ter um engano, tem um engano. Jay está bem, quer dizer, ela, ela não pode, não é ela... Não ela, entende? Vocês estão enganados — ele liga a televisão e começa a trocar de canal. — Tem algo errado, ninguém está falando nada, isso não é verdade. Elena, isso não é verdade, vocês estão errados... E...

Seu pai derrama algumas lágrimas.

— Eu implorei a Deus para que fosse mesmo um engano, mas não é. Maycon, eu sinto muito...

Maycon fica parado, mantém seu olhar vazio, não derrama uma lágrima, mas está distante, em silêncio. No momento só se escuta o meu choro e o de Emily, seu pai se aproxima, mas ele se levanta e faz sinal para se afastar. Pega apenas o maço de cigarros e isqueiro, vai até a varanda e fuma um cigarro atrás do outro. Cada um sente pela notícia, não consigo dizer uma palavra sequer, não sei o que dizer. Finalmente encontro forças e vou até a varanda, me aproximo de Maycon, mas ele continua olhando a rua.

— Amor, eu sinto muito.

— Não sinta. Eu mereço isso, é só a vida me mostrando que sou um filho da puta.

— Não foi sua culpa.

Ele dá um sorriso torto.

— Não foi, imagina. Assim como não foi minha culpa com o Robert. Ela precisava de mim, Elena, Jay precisava mesmo de mim. E eu... — engole em seco. — Eu ignorei porque estava focado demais em salvar meu casamento.

— Maycon, não é sua culpa, não mesmo.

— Como foi? Como souberam?

Isaac vem à varanda.

— Tudo indica que foi overdose. Ela injetou uma alta dose de heroína, encontraram hoje, deitada na cama.

— Que horas? — Maycon questiona.

— Não faz isso — interrompo.

— Alguém pode falar a porra das horas? — diz, alterado.

— No começo da manhã.

Ele afunda a cabeça entre as mãos, chora por um tempo, passa por nós e pega a chave do carro.

— Maycon aonde você vai? — sua mãe é a primeira.

— Para o inferno, provavelmente, esse é o lugar de caras como eu.

Ninguém rebate.

— Ficar sozinho não é a solução — digo, tentando impedi-lo.

— Sempre estive sozinho — toma fôlego. — Uma parte de mim acaba de morrer junto com ela e a outra que persiste, é apenas a dor que vai chorar sua ausência. Não tem problema ficar sozinho porque querendo fugir ou não, minha consciência vai ficar repetindo que eu não ouvirei mais sua voz, não escutarei mais suas reclamações, e isso dói, dói tanto que faz qualquer outro sentimento parecer insignificante. Então qualquer tentativa em tentar me consolar, não surtirá efeito algum. Jay é inalcançável agora. Você consegue entender isso? Ela se foi, Elena, ela se foi e não posso fazer nada quanto a isso. É bem como dizem, a vida continua, e eu, bom, acho que estou fadado a isso. A ser o cara que é deixado para trás, a ver tudo que eu amo se tornar apenas uma lembrança em mim. Ela morreu sozinha, eu prometi que não deixaria isso acontecer. Então se isso é a verdade, quero ficar sozinho um pouco.

— Amor, tem coisas que estão longe de conseguirmos cumprir — Emily sussurra.

— Esse é o problema, mãe, eu nunca consigo cumprir porra nenhuma. Sempre fui um merda.

— Sabe que isso não é verdade, amor.

— Eu sempre fui um péssimo filho, errei com vocês, errei com Robert, errei com Elena, e errei com a única pessoa que nunca virou as costas para mim. E agora ela está morta, e eu não pude nem sequer me despedir.

— Pode fazer isso no velório — seu pai sugere.

— Posso mesmo porque sou um hipócrita, e como um bom hipócrita tenho que estar lá com milhões de hipócritas que nunca souberem quem ela realmente era, que nunca tentaram entender. Vou estar com sensacionalistas que querem lucrar até o último momento como se a pessoa não merecesse respeito algum. Mas eles não podem perder, afinal, é mais uma vítima das drogas, isso merece estampar os jornais e foda-se pra quem está sofrendo. Acho que realmente eu deveria, mas se não pude me despedir em vida, não existe despedida na morte. Então sinto muito, ainda que deva, não vou estar lá.

Ele sai e nem mesmo eu consigo ter reação. Após um tempo contando os detalhes, Isaac e Emily vão embora. Dou almoço ao Noah, mas não consigo almoçar. Depois do almoço o rosto de Jayde está estampado em todos os canais. Como Maycon disse, eles lamentam a morte prematura e dizem que a droga fez mais uma vítima. Relembra alguns sucessos, fazem menção ao último show e a outros artistas que também morreram prematuramente devido às drogas. É deprimente, parece tão irreal, um sonho sem sentido.

Passo a tarde deprimida, pensando em todas as vezes que nos encontramos, pensando em quando Maycon adoeceu e ela foi me buscar. Jayde era linda, tinha

toda a vida pela frente, eu não consigo entender o sentido disso.

Ligo para Maycon e me lembro que seu telefone está no quarto.

No fim da tarde, escuto alguém subir a escada. Maycon entra no quarto, mas seu olhar perdeu o brilho, ele tira a blusa e após fumar um cigarro, deita ao meu lado. Me abraça e chora por quase meia hora.

— Eu sei que é difícil, amor.

Ele não me responde, apenas se mantém em meus braços.

— Eu fico pensando, refazendo meus passos e perguntando o porquê de tudo isso. Por que ela teve que ir. Eu queria ter a chance de voltar atrás, de pedir perdão e dizer que eu preciso dela, queria ouvir sua voz contando sobre alguns shows e dessa vez eu iria prestar atenção. Como eu faço, Elena? — diz, entre lágrimas. — Como eu faço para voltar atrás, para ter ela de volta.

— Amor, eu sinto muito...

Ele chora, desesperado.

— Sabe, quero que ela volte, nem que seja para me assombrar, para impedir que eu prossiga...

— Amor, Jayde queria que você seguisse em frente, queria que fosse feliz. Lembra?

— Ela não me disse que iria ficar para trás. Se tivesse dito, eu responderia que era impossível seguir em frente, que eu não quero seguir em frente. Não quero ter que acordar amanhã e saber que ela está nessa droga de mundo melhor inventado pelo Robert.

Eu o abraço forte, Maycon está tão vulnerável, tão inconsolável.

— É uma droga isso, uma droga continuar respirando e saber que ela não está mais aqui. Por favor, me leva de volta, Elena, me leva de volta para aquela porra de show, eu ainda tenho umas coisas para dizer, ainda tenho que dar umas ideias nela, dizer que ela é a melhor pessoa que conheci, dizer que fui um filho da puta, mas se ela me der uma chance, eu vou ser um amigo melhor.

— Eu sinto tanto por você, sinto muito mesmo.

— Eu tentei, pode parecer idiota, mas eu estava tentando, dando meu melhor, mas olha que merda. Foi tudo em vão. Eu a perdi, porra, perdi Jayde para sempre. Eu poderia tê-la trazido para casa, poderia amenizar tudo, consertar as coisas, eu só precisava de um tempo, mas eu ia conseguir. Jayde deveria ter me dado essa chance.

— Eu sei, mas não podemos julgá-la. Ela quis assim.

— Agora eu fico aqui, com todas as nossas lembranças, com todas as nossas loucuras. Eu escrevi tantas canções para ela, tentei protegê-la. Mas acho que nada fez muito sentido, eu não pude salvá-la. E me sinto um merda por isso.

— Você mesmo me disse que não podemos salvar uma pessoa de si mesma.

— Mas nós estabelecemos um limite e prometemos não ultrapassá-lo, apenas juntos, mas ela ultrapassou e me deixou aqui, sentindo toda essa culpa.

— Amor, não foi sua culpa.

— Foi sim, eu deveria ter estado mais presente. Jayde me deu todos os sinais de alertas possíveis, mas aquela parte de que ela não faria isso comigo, sempre os ignorava. Agora estou condenado a isso. Uma parte em mim ainda quer ignorar que ela se foi. Mas eu achava que Jayde sempre estaria aqui. E dói tanto isso. Nós costumávamos pegar o carro nas férias, eu dizia “para aonde garota?” e ela sempre respondia “para onde você for”. Mas agora eu quero escutar isso, quero escutar que ela vai comigo aonde eu for...

Maycon continua chorando e dói tanto vê-lo assim. Noah entra no quarto, mas nem nosso filho ele parece enxergar. À noite, acabo lhe oferecendo um remédio para dormir, e já cansado de chorar, ele aceita e dorme assim que o remédio faz efeito.

Quando amanhece, Maycon não diz uma palavra sequer, não sorri, mantém a mesma expressão. Não ligamos a televisão ou qualquer outro meio de comunicação, apenas quando ele toma banho eu assisto e vejo a enorme comoção que a morte da Jayde causou, foi noticiado na mídia internacional. Agora entendo que ocorre dois funerais, o da Jayde, a cantora, e da Jayde que vivia no Maycon, porque parte dele se foi com ela. E não sei se ele conseguirá voltar a sorrir como antes.

À noite, seus pais junto com a Jeniffer e Jessica, vêm ao apartamento. E mesmo eles tentando, Maycon se fechou no seu próprio mundo, ele até conversa, mas nada relacionado a ela. Não pronunciamos seu nome. Ele até mesmo desligou seu telefone. Quando ele vai com Noah e Jessica no quarto de brinquedos, Isaac nos conta que tudo indica que foi suicídio, ela não deixou carta, mas uma semana antes passou toda sua fortuna para o nome do Maycon e o colocou como responsável legal do seu nome. Nenhum de nós tem coragem de contar isso a ele, provavelmente isso o deixará mais deprimido. Isaac conta que seus CDs estão nos primeiros lugares da lista de mais vendidos. E seus produtores já anunciaram que seu DVD será lançado no prazo máximo de um mês. Na verdade, Maycon tem razão quando diz que todos querem lucrar, mesmo que seja com sua morte. E isso te faz questionar essa “grande fraternidade” em que vivemos.

Eles vão embora às dez, mas repetem a visita no decorrer da semana. Desde a morte dela não voltei a trabalhar. Maycon se mantém frio, mas toda noite ele chora como no primeiro dia. Eu não sei o que fazer, nesse momento apenas me mantenho ao seu lado.

No sábado pela manhã, levanto primeiro e assim que desço, vejo uma carta

que Fátima deixou sobre o aparador.

É para o Maycon. Eu a viro e quando vejo o remetente, quase caio para trás. Jayde Wesley. Reconheço sua letra e vejo a data de duas semanas atrás. Sinto alguém se aproximar, estou em choque, Maycon vê o envelope e antes que eu possa dizer algo, ele o pega cuidadosamente da minha mão e o abre um tanto receoso. Pela sua expressão, ele está perplexo.

Oi, May

Essa não é uma carta do além, rá, escrevi duas semanas antes de, você já deve saber. (rsrs). Ainda que, independentemente de onde eu esteja agora, saiba que te levo em meu coração. Mas vamos falar um pouquinho de nós e tudo que você precisa saber. Eu sei que no momento você deve estar se sentindo horrível, mas tudo que você está vivendo agora, eu vivi tendo que olhar pra você e tomar a difícil decisão de ir embora. E pode ter certeza, não foi fácil, não mesmo.

Não foi fácil deixar meu único e melhor amigo. Mas quando a dor grita mais alto que sua própria vida, você fica meio sem opções. Eu tentei mesmo te dar uma despedida digna da grande e maravilhosa pessoa que você é. Mas como eu te conheço, sei que nem notou que era despedida, assim como não notava todas as minhas indiretas. Sei que não haverá cura para essa dor que você sente por não estarmos mais juntos. Mas deve entender que eu cheguei ao fim do meu caminho. Finalmente cruzei a linha de chegada, e estou melhor agora. Mas você não, ainda tem que percorrer o seu caminho. Não fique preso a essa dor, quero que pense que finalmente eu estou livre, que voei para longe de tudo que me fazia sentir mal, não sou mais uma dependente. Não existe mais uma dose, não existe mais depressão, e isso é tão bom.

May eu estou bem. Então não fique esperando pela mudança que irá resolver tudo. A grande mudança somos nós. Quero que encontre conforto, quero que se lembre de mim como uma amiga que esteve ao seu lado no tempo que estava determinado, nem um minuto a menos nem a mais. Seja feliz, tenha mais filhos, faça sua vida valer a pena e viva intensamente. E quando, meu amigo, seu dia de cruzar a linha de chegada finalmente surgir, eu vou estar aqui, esperando você com aquele sorriso bobo que só você consegue arrancar.

Me perdoe por toda a dor que eu te causei.

Eu te amo e sempre vou te amar, de coração.

PS: NÃO TE AUTORIZO A ESCREVER MÚSICAS PARA OUTRA CANTORA.

Viva em paz, te amo...

Jayde.

Sua única e eterna estrela do rock.

Capítulo 30 - Palavras

Maycon

Coloco novamente a carta no envelope, pego meu isqueiro e queimo a porra sem cerimônia alguma, não dou satisfações, deixo apenas cair às cinzas sobre a mesa. Quando olho para Elena, vejo como ela está chocada com a minha atitude, o que me surpreende, ela e Jayde não eram grandes amigas, não entendo por que guardar essa merda. E para completar sua indignação, penso em justificar sem dar brecha para rebates.

— Isso não faz mais diferença, Jayde, você está morta. E eu... Ainda meio vivo, um mundo nos separa agora e nenhuma palavra tosca pode mudar isso — me viro para Elena, não sei o que dizer, não sei como proceder em relação a sua evidente desaprovação. Não quero falar sobre isso. — É só uma maldita manhã fria de domingo, Elena, não vamos começar com o pé esquerdo — solto o ar que nem sei por que prendia. — Planejou algo para hoje?

— Não, não ainda... Eu...

— Ótimo, na verdade, hoje eu queria uma folga, ficar sozinho, se é que me entende...

Ela respira fundo, é perceptível que procura uma desculpa para não ceder ao que eu disse.

— Estou bem — me aproximo e lhe dou um beijo. — Vou ficar bem, é só um tempo para pensar. Tipo castigo mesmo — sorrio, ela me abraça.

— Maycon, quero ficar com...

— Desde que aconteceu toda essa merda, você tem sido maravilhosa — me apoio no sofá e a puxo para os meus braços. Ficamos nos encarando, então coloco algumas mechas de seu cabelo atrás da orelha, ela quer enxergar os sinais de que estou bem. E tento dar isso a ela. — É só um tempo sozinho, amor, um tempo comigo mesmo. Não posso mais continuar nisso, preciso apenas encarar a verdade, mas quero fazer isso sozinho.

Elena quase chora.

— Não está sozinho, nunca vai estar — seguro suas mãos entre as minhas e beijo. Uma parte de mim se irrita tanto pela sua insistência, a outra se sente grato e toda essa confusão é frustrante.

— Eu sei que não. Passe o dia com meu pai e Jeniffer, ontem eles nos convidaram para ir ao Puebla Costo hoje, você ainda gosta de lá, não gosta? — ela sorri.

Levanto-me, vou ao nosso quarto, pego meu celular que estava desligado há

dias, ligo o aparelho e mando uma mensagem ao meu pai dizendo que vamos. O que não me inclui, mas no momento ele não precisa saber. Espero Noah acordar, lhe dou café e ajudo Elena a arrumá-lo, não consigo conversar por muito mais tempo, as palavras ficam presas. Ficamos brincando enquanto Elena se arruma. Eles ficam prontos, esperamos a chamada do meu pai e quando ele finalmente liga, ganho beijos antes da despedida.

— Você vai ficar bem? — ela pergunta, preocupada.

— Vou, como você mesmo disse, isso faz parte. Estou tentando me encaixar no “a vida continua” — finjo meu melhor sorriso e ela retribui.

Eles se vão e não sei se isso realmente é bom ou ruim. Acho que minha vida agora se resume a isso, a não saber nada sobre o passo seguinte. Eu perdi alguém, mas vai além disso, essa pessoa levou parte de mim e a parte que continua aqui não sabe como continuar. O vazio transborda e boa parte das minhas lembranças passa a simplesmente não ter sentido. Penso em como posso mudar isso, em como eu desejaria não ter conhecido Jayde, porque toda alegria, todos os bons momentos não aliviam sua ausência. Só de pensar que ela não está mais aqui, dói, mas não é a dor que muitas vezes eu senti quando Elena e eu nos separamos, é a dor que indica que nada que eu faça vai trazê-la de volta, que sou impotente, que me faz sentir pequeno.

Volto ao quarto, visto uma blusa, troco a bermuda e calço um tênis. Pego as chaves do carro e sigo procurando um lugar, um rosto familiar, mas não há ninguém, ninguém para me levar de volta para onde eu realmente quero ir e isso é uma droga. Paro no acostamento e fumo um cigarro. Estou ouvindo vozes, não muito distante, então ligo novamente o carro e me afasto ao máximo das pessoas, dirigindo pelas ruas até elas se tornarem desertas. Não entendo porque essa necessidade de seguir como se no fim eu fosse encontrar a solução. Talvez eu esteja louco, porém antes que eu deixe isso me dominar, olho para o meu lado e viajo na imagem da Jayde. Tento ignorar, mas é tão real, queria poder tocá-la, senti-la. Mas é apenas seu fantasma e eu não posso mais ignorar a verdade, tenho feito isso nesses últimos dias e não está adiantando. Encaro essa tosca ilusão de sua imagem:

— Você está ciente de tudo que está me fazendo passar? Está ciente que estou perdendo o controle porque não sei lidar com toda essa merda? Não sei lidar com o fato de que você não está mais aqui, simplesmente não sei como prosseguir. Agora todas as nossas lembranças correm em círculos em minha mente e isso é foda, é foda saber que não existe uma próxima vez, principalmente porque acreditei que sempre existiria. Você lembra que me dizia que não podia ir primeiro para não se perder no caminho? Pois é, agora eu fico feito idiota pensando que seja lá que merda de lugar é esse, você está precisando

de mim... E isso me divide, me deixa feito um cachorro bobo sem saber qual direção seguir, não era para ser tão difícil assim, não combinamos isso. Está tão foda que toda manhã eu revivo essa merda, olho as horas e posso ver meus pais entrarem e contar que eu te perdi. Vejo e sinto tudo novamente, tudo porque não quero acreditar que você não está mais aqui... Prometemos tanto e não chegamos a cumprir nem a metade. Me sinto um imbecil porque acho que nunca soube exatamente quem você era, mas ainda assim, eu estava com você. Estávamos juntos Jay, pena que isso não teve importância alguma. Sabe, eu nunca te contei isso, não te contei que quando meus pais souberam que estava morando comigo, eles surtaram. Minha mãe investigou sua vida e me disse que eu, além de envergonhá-los por deixar claro para todos que era usuário de drogas, agora me dava o luxo de morar com prostituta. Me fizeram escolher entre você e eles, e na época eles se afastaram um pouco por isso. E não parou por aí, nunca quis te dizer essa real, mas de bons cantores o mundo está cheio e nem sempre a oportunidade bate à porta deles. Sabe como sua carreira decolou? Zerei minha poupança e meu pai quase enfartou com isso, achou um investimento arriscado e eu ignorei seus avisos. Essa é a verdade, Jay, e eu te poupei de toda essa merda, eu aguentava tudo calado porque queria apenas que fosse feliz. Você sabia que todas as vezes que você vinha eu colocava meu casamento em risco simplesmente porque não queria te magoar, e escutava um discurso cheio de lição de moral da Elena por isso. Você deveria saber valorizar essas coisas, deveria entender que fazemos isso apenas por amigos. Mas não, tinha que ser egoísta e pensar só em você. Eu ainda tinha algumas coisas para falar, tinha mesmo e não existem mais chances, não é mesmo? Olha que merda, estou aqui conversando sozinho porque não quero mostrar toda essa dor. As pessoas esperam que eu siga em frente, que eu supere, mas ninguém me conta como posso fazer isso, como posso superar alguém que é insuperável. Estou me sentindo tão sozinho, sem razões. E ficar aqui não vai resolver nada, eu sei. Só que em nenhum lugar vai resolver... O jeito é seguir, eu tenho um filho, não posso me dar o luxo que você se deu. É foda, eu ainda estou magoado, estou mal e não sei se posso perdoar você, não agora. Mas você não precisa disso, não precisa do meu perdão. Talvez nem se lembre de mim, mas eu gosto de pensar, Jay, gosto de pensar que está agora mesmo entre as estrelas, brilhando como o sol e desejando algo de bom para mim... Lembra-se desse lugar? Não tem como lembrar, você está morta. E eu fazendo a mesma merda de antes, seguindo qualquer estrada como faço quando acho que cheguei ao meu limite e nela deixo alguns pesos. Então é isso, estou deixando isso aqui, deixando um pouco dessa culpa, dessa dor. Não que amanhã eu vá estar bem, mas vou estar lá de qualquer maneira. Eu...

Engulo em seco e deixo o silêncio continuar por mim. Suspiro e fico esperando como se alguém estivesse vindo, ninguém vai vir, ninguém está aqui. Não há pegadas, não há vozes, não existe mais Jayde Wesley. E toda vez que essa maldita frase ecoar dentro de mim, eu vou morrer um pouco com ela.

Isso é deprimente, o tentar seguir em frente é uma merda. Uma merda infelizmente necessária... Encaro mais uma vez a estrada. Ligo o carro, viro na direção contrária e pego o caminho de volta sem querer voltar. Chego ao apartamento, o silêncio paira... Olho as cinzas que ainda estão sobre a mesa, aproximo-me e sento no sofá. Choro tentando desapegar dessa dor, mas ela está enraizada.

Por que Jay? Por que fez isso comigo? Onde falhei com você, o que eu te fiz para me deixar desse jeito? Eu queria apenas uma resposta, na verdade, uma resposta de você. Queria te ver entrar por essa merda de porta, queria que me dissesse como lidar com isso.

Fico feito idiota imaginando essa droga de esperança, só que estou cansado disso também, e antes que a culpa me domine por inteiro, subo a escada. Tomo um banho e após fumar alguns cigarros me deito no sofá, desejando que seja apenas um sonho, desejando que quando eu acordar possa saber que isso foi apenas um pesadelo e que você vai estar aqui.

Escuto ao fundo a voz da Elena, a vejo ao meu lado, ela sorri, mas não me dou o trabalho de retribuir.

— Noah está dormindo?

— Está.

Ela se aproxima e tenta me beijar, não consigo nem corresponder, não estou com clima para sexo. Respiro fundo e a afasto.

— Desculpa — ela sussurra.

Levanto e por insistência dela acabo jantando.

— Foi muito bom com seu pai e Jennifer, nós...

— Elena, eu fico feliz por ter sido algo legal, mas não estou a fim de escutar sobre isso, na verdade, eu não quero conversar sobre nada, então se puder ficar calada, vou agradecer.

Ela engole em seco, pego meu violão e fico dedilhando algumas músicas do Nirvana, no momento o único som que não me irrita é o do violão.

Consequentemente, apesar de não tocar alto, Noah acorda chorando e até seu choro me irrita. Acho que Elena fica esperando ele descer, afinal, ainda está parada olhando para mim.

— Vai mesmo esperar ele descer ao invés de subir e fazê-lo calar a boca?

Ela se assusta com meu tom nada amigável. Respiro irritado, deixo o violão e subo até o quarto do Noah. Eu o pego no colo e o faço voltar a dormir e o coloco

delicadamente em sua cama. Sigo a passos largos para o meu quarto, Elena já está deitada. Vou ao banheiro, escovo os dentes e deito ao seu lado. Sei que chorou e parte de mim sabe que devo pedir desculpas.

— Desculpa, eu te amo.

— Tudo bem... — ela dá um sorriso tímido.

Quero tanto realmente ficar bem.

— Acho que deveria ser mais grato a você, e sou, só não estou conseguindo demonstrar isso no momento, Elena.

— Tudo bem, mesmo que você não consiga mais voltar a sorrir como antes, eu ainda vou estar aqui — ela me beija. — Eu demorei a entender, mas entendi que você a amava. E se só a ideia de perder você me deprime, imagino como você deva estar se sentindo.

Ouvi-la me alivia. Ameniza a culpa.

— Eu preciso de você, preciso ouvir que isso vai passar, que vai demorar, mas vai passar. Perder Jayde me fez enxergar que não temos controle sobre quem amamos. Elena, estou com tanto medo. Medo do amanhã... Medo de perder você. Não suporto mais. Eu...

Ela me beija e correspondo e fico em seus braços.

— Eu não consigo perdoá-la, sabe, eu queria, mas não consigo. Jay tinha a péssima mania de dar o troco quando se sentia menosprezada. Eu quis ignorar isso, quis acreditar que foi por engano, uma dose forte. Mas a carta só me confirmou como ela foi egoísta. Ela queria que eu fosse com ela, por mais que eu não queira pensar assim. Algo em mim diz que foi por isso, ela quis me dar o troco. Jay não partiu meu coração, ela me despedaçou e não posso mais juntar os pedaços — choro. — Pode conviver comigo assim? Em pedaços?

Elena me olha com ternura.

— Ainda que restasse apenas um pequeno pedaço, eu continuaria ao seu lado. Nosso amor sobreviveu a tantas tempestades, mesmo fraco ele se mostrou forte, só nós dois sabemos o que passamos para chegarmos aqui. Não existe Elena sem Maycon... Ainda que esse Maycon esteja em pedaços, eu o quero aqui comigo... Você acredita em mim?

— Acredito.

— Então vai demorar um pouquinho, mas essa dor um dia vai ser apenas saudade. E quando a saudade o fizer sentir falho, não tem problema chorar, as lágrimas não são sinais de fraqueza, são sinais de que todo seu sentimento é real. Eu não entendo as razões da Jayde, mas isso não me dá o poder de julgá-la.

Dormimos abraçados, às sete da manhã seu celular desperta, então eu a acordo.

— Amor, eu não vou...

— Você vai sim. Já ficou uma semana, Jayde se foi, Elena, mas nossa vida tem que seguir e não quero que abra mão do seu emprego por mim.

Ela fica meio receosa, mas acaba se arrumando e indo. Às oito, acordo Noah, Fatima já pôs a mesa, então tomamos café. Depois que alimentamos o cachorro, meu telefone toca. Fátima o traz para mim, não conheço o número, mas atendo.

É o advogado da Jayde, que me informa que ela deixou tudo para mim, o que acho bem ridículo da parte dela, ainda diz que inclusive detenho os direitos sobre seu nome. Escuto e acho tudo uma merda, mas ele apenas está fazendo seu trabalho. Insiste em marcar uma data para que eu assine alguns papéis, mas informo que no momento não posso, porém entrarei em contato. A manhã se vai e após o almoço deixo Noah na escola, às duas da tarde ligo para Jessica e vou a casa do meu pai. Ela se assusta ao me receber.

— Espero que não tenha esquecido o que eu te ensinei.

Ambos sorrimos, pego meu violão e a aguardo na sala, e quando ela volta com o seu, percebo que ela está com uma blusa com a foto da Jayde.

— Por que não foi se despedir dela? — Jessica me pergunta, sussurrando.

— Porque os mortos não podem ouvir.

— Mas acho que deveria ter ido, fui porque sou fã.

— Mas os fãs tinham obrigação de ir, como eu não curtia as músicas dela, fiquei fora — sorrio e antes que ela faça mais perguntas, iniciamos a aula.

— Eu não queria ter outro irmão, você queria, Maycon?

Ela para de tocar para me perguntar.

— É legal ter irmãos, por que não queria ter mais?

— Não acho tão legal e você também não acha.

Respiro fundo, ela geralmente não conversa comigo, não sei por que isso agora.

— Jessica, eu sei que não somos muito próximos, mas não fomos criados juntos, a circunstância nos manteve afastados.

— Minha mãe dizia que você se afastava.

— Ela tem razão, mas se pudesse voltaria no tempo e tentaria ser diferente. Você vai ganhar um irmão e se souber cultivar esse laço, vai fazer bem no futuro.

— Eu gosto de você, Maycon. Gosto mesmo.

Sorrio com sua singela declaração.

— Eu também gosto — coço a cabeça. — Estou achando que você está me enrolando, te passei a partitura completa da música e era para me entregar pronta há uma semana. Está bem atrasada.

— Eu achei que não voltaria — ela sorri.

— Mas eu voltei e quero ouvir você tocar agora, vamos...

Ela toca *Heaven*, mas toca mal e começo a acreditar que até para se tocar um

instrumento tem que ter dom. Ainda assim, no final eu a elogio, tiramos algumas dúvidas, faço algumas correções e lá se vai mais uma aula. No caminho de casa ligo para o Enzo, o cara me ligou, não só ele, mas Jong, Alanis e até mesmo Katherine me mandou mensagem com seus sentimentos pela morte da Jayde. Passei o restante da tarde agradecendo aos mais conhecidos, Enzo perguntou se pretendo voltar, respondo que quinta estarei de volta.

Terça e quarta se vão, na quinta volto ao bar. Enquanto toco, alguns pedem uma música em homenagem a Jayde, vejo pessoas com blusas com o rosto dela, mas não faço isso. Depois de apresentada a última música, já estou esgotado, vou ao bar e junto com Enzo eu bebo, mas tanto que nem sei como chegar em casa. Quando saio, está chovendo e eu mal consigo dar um passo.

Acordo e sei que estou em casa, como cheguei, não faço ideia, não falo com Elena no decorrer do dia, não sei se houve briga. Na sexta, repito a mesma coisa, no fim bebo ao som da voz da Jayde e isso está uma merda. Ignoro o fato de todos sentirem sua falta, ignoro o fato de não tê-la mais comigo e fico tentando driblar sua ausência em mim como se ela nunca tivesse existido

Acordo no sábado sem lembrança alguma da sexta e à noite, após tocar algumas músicas, vejo um rosto familiar. Alanis está em uma mesa, ela sorri e me aplaude em todas as músicas. Enzo senta ao seu lado e depois da última canção, me sento com eles.

— A que devemos a honra? — brinco, já sendo servido por Enzo.

— O bom filho a casa torna, mas que fique claro que isso é apenas uma visita.

— Que bom...

Alanis me encara e não sei decifrar seu olhar.

— Como está lidando com tudo isso? — ela pergunta e antes que eu responda, Enzo retruca.

— Maycon está bem, muito bem. Já tomamos uma dose ontem em memória da Jayde.

Rimos. Alguém o chama e ele se levanta.

— Como está lidando, Maycon, é sério? Qualquer um percebe que não está bem, apenas fingi estar.

— O que eu posso fazer? As pessoas esperam que eu supere, estou dando o meu melhor para isso. Eu... — engulo em seco.

— Não tem que se forçar a seguir se acha que ainda não está preparado.

— Vai completar duas semanas, não posso mais ficar preso a isso.

— Foda-se o que as pessoas esperam de você, não tem que se forçar a nada simplesmente porque elas esperam. Eu senti pela Jayde, eu...

— Ela morreu e eu morri junto, Alanis, e sinceramente odeio ouvir o tal de: eu imagino como você está se sentindo. Porque ninguém pode sequer imaginar se

não a amavam como eu. Fico sempre me perguntando se eu devo? Se eu posso seguir? Posso sim, meio morto, sem vontade alguma, mas não é tão ruim quanto parece. Ainda acho que eu deveria ter ultrapassado todos os sinais, que deveria ter falado muitas verdades para ela, e aí sim ela saberia o que é ser incompreendido. Sabe, estou tão revoltado com ela que queria ter a chance de trazê-la de volta só para eu mesmo matá-la.

Engulo o choro, respiro fundo e peço outra garrafa de uísque.

— Chega! Não vamos falar sobre ela, não quero falar sobre os mortos, deixem eles onde devem ficar.

— Por que não faz terapia? Pode achar que parece normal, mas não é normal ter perdido alguém que amava tanto e se forçar a seguir... Você está magoado, dá para perceber pela sua voz.

— Foda-se, Alanis. Que adianta isso tudo se ela está morta? Terapia não vai trazê-la de volta. Cara, a Jayde está morta — me levanto da mesa e começo a falar alto e bom som. — Jayde Wesley está morta, a filha da puta se matou, então parem de chorar pela aquela porra, porque se ela tivesse o mínimo de consideração pelos fãs, não teria feito isso.

Alguém me chama de idiota e pede para que eu cale a boca, digo para o cara me fazer calar e antes que eu arrume briga, Alanis e Enzo me tiram do bar. Levo minha garrafa e termino, já estou meio tonto.

Enzo volta ao bar e Alanis se senta ao meu lado.

— Eu sinto muito por você, sinto mesmo. Já são três e quarenta, é melhor ir embora, consegue dirigir?

Confirmo com a cabeça.

— Então vou indo. Maycon, tire um tempo se acha que precisa de um, mas não faça isso consigo mesmo.

— O tempo não vai amenizar isso, Alanis, o tempo não vai me trazê-la de volta.

Ela enxuga algumas lágrimas, sai e eu sigo segurando a garrafa até o carro. Entro e choro por meia hora. Penso em nosso tempo juntos, na época em que éramos livres, aventureiros e não consigo acreditar que a aventura teve um fim. Sigo para o apartamento, chego e tento não fazer barulho, vejo Elena sentada no sofá e mágoa em seu olhar. Eu a ouço dizer alguma coisa, mas não consigo entender, então vou para o quarto. Ela me segue, e eu vou direto para a cama, encarando o teto. Quero tanto ser outra pessoa, me libertar desses sentimentos. Elena deita ao meu lado, me viro, olho em seus olhos e começo a beijá-la.

— Maycon, pare. Toma um banho, está fedendo a bebida.

Escutá-la me faz rir.

— Não é a primeira vez nem será a última, pare de frescura. Já ficou comigo

eu estando bem pior — forço um beijo e isso provoca ânsia nela, que me empurra e vai ao banheiro.

Meu estômago também embrulha, vou ao banheiro e a cena é bem patética, eu vomitando pela bebida e Elena pelo gosto que sentiu ao ser beijada por mim. Ela liga o chuveiro e me faz entrar com roupa e tudo, e fico tão irritado que acabo puxando-a junto. Eu a abraço e antes que ela saia, percebe que estou chorando.

— Desculpe, você não merece isso, mas eu realmente não estou suportando. Eu quero seguir em frente, mas as lembranças e a culpa de que poderia ter feito algo para mudar a situação não me deixam seguir.

Ela me abraça forte e chora junto comigo.

— Maycon, você tem que aceitar o que Jayde deixou, o quase nada de respostas. Lembrar-se dos bons momentos, e que apesar de que tudo poderia ter sido diferente, foi escolha dela, e ficar bebendo para tentar esquecer a dor não vai apagá-la.

— Eu sei que tenho que seguir, mas isso é tão foda, é tão foda saber que ela se foi.

Choro muito e me apoio na parede, de repente estou deslizando para o chão. Elena se senta ao meu lado.

— Maycon, tem apenas duas semanas que você a perdeu, ninguém consegue superar tão rápido.

— Começo a acreditar que não vou superar nunca. As pessoas se tornaram apenas rostos vazios, distantes. Estou tentando continuar como se não a tivesse conhecido, implorando a Deus para que essa dor acabe, mas isso não passa. Sinto-me sozinho, não tenho muita certeza de como devo me sentir, do que devo dizer ou como seguir.

— Diga o que sente.

— Acho que toda essa dor começa a se transformar em ódio. Odeio o fato de passar por isso, odeio Jayde por me fazer passar por isso, mais ainda por sentir sua falta a cada segundo. Eu perdi todo o respeito que tinha por ela, mas ainda a amo, parece loucura tudo isso.

Elena não rebate, senta no meu colo, olha em meus olhos e me beija. A princípio não correspondo, mas me sinto tocado quando olho em seus olhos e sinto todo seu amor. Tiro sua camisola e minhas roupas, e ali mesmo nos entregamos de uma forma confortadora.

Desligo o chuveiro, a levo para cama e faço amor com ela pelo restante da madrugada, e nesse momento ela toma todos os meus pensamentos. Pela manhã, quando acordo, olho as horas, são quase onze, estou com dor de cabeça, abro as cortinas com o controle, a claridade adentra e vejo um envelope branco do lado.

É um exame de laboratório da Elena, leio os dados e vejo que serei pai,

novamente.

Capítulo 31 - Respirando novos ares

Essa semana não foi fácil, Maycon literalmente não sabe lidar com perdas. Na segunda, como ele insistiu fui trabalhar, mas antes passei no laboratório e fiz um exame de sangue. Já faz quase um mês que estamos tentando engravidar e para a minha surpresa, à tarde obtive o resultado, positivo. A notícia era para ter me deixado mais feliz, contudo os últimos acontecimentos têm roubado mais uma vez minha felicidade. No decorrer dos dias, todos têm se mostrado abatidos, mas de algum modo estão seguindo. Já Maycon, esse finge seguir. Apesar de Derek tentar nos animar entre um intervalo e outro, ainda sinto aquela incredulidade sobre a morte de Jayde. Jennifer me contou sobre o funeral, a comoção dos fãs, da imprensa e como ela estava, mas não ficamos muito tempo nesse assunto, passamos a falar de gravidez e lhe contei sobre a minha. Ela se mostrou feliz, acha que no momento a gravidez vai ajudar Maycon a seguir em frente, fala da sua e diz que não vê a hora de ter o bebê, mas como acabou de completar os seis meses, ainda faltam alguns para o parto.

Na quinta fiquei esperando por Maycon, ele voltou bêbado, mal olhou para mim, tirou a roupa e dormiu como se eu nem existisse, e isso ocorreu na sexta e sábado também. Ele tem se fechado ao ponto de não ter nem me dado brecha para contar a novidade. Ou está fumando - e começo a achar que ele faz isso para me manter afastada - ou está silenciosamente distante, tão distante que se torna inalcançável.

Sei que a perda da Jayde foi um golpe duro, mas estou há tanto tempo esperando por nossa felicidade, que me sinto injustiçada ao ter que passar por isso. Não é fácil, eu sei, mas ele deveria ao menos tentar de verdade. No sábado à noite eu cheguei ao colapso e quase explodi com ele. Detesto vê-lo chegar bêbado e me pergunto quando essa fase vai passar. Domingo acordo cedo e apronto Noah, Emily irá levá-lo ao zoológico. Volto ao quarto e deixo o exame no criado ao lado de Maycon. Emily chega, desço para recebê-la, pergunta pelo filho, evito falar que tem chegado bêbado, mas provavelmente ela sabe que ele não está bem, andou evitando-a e quando isso acontece ela já conhece o motivo. Sei que o domingo é mais para família, mas até com Noah, Maycon tem sido indiferente. Não falamos muito e ela sai com o meu filho. Eu tomo o meu café e preparo chocolate para ele, e fico esperando que se levante sem saber qual será sua reação. Os minutos se vão, finalmente escuto passos, sei que é Maycon. Eu o sinto aproximar, mas mantenho meus olhos na janela, especificamente na rua. Sinto suas mãos, ele me abraça e acaricia meu ventre.

— Quer dizer que a operação povoar a terra está em processo? — beija meu rosto e eu não entendo seu sarcasmo. Mas depois de uma semana sendo ignorada, fico apenas absorvendo esse momento sereno. — Amor, eu sei que andei abusando e passei dos limites, mas prometi que seria diferente e vai ser — escutar isso me faz bem, quero acreditar nisso.

— Quer mesmo esse bebê?

— Ele já está aqui, óbvio que eu quero. Quando soube?

— Segunda...

Ele me vira e olha em meus olhos.

— Acho que não te dei chance de me contar, não é? — diz, sem graça.

— Está tudo bem, você realmente está feliz?

— Estou sim... — procuro acreditar, mas seu olhar me diz o contrário. — Agora é esperar a reação do Noah, se conversarmos bastante sei que ele não vai sentir ciúme.

Ele sorri e me beija.

— Vamos jantar fora hoje? — Maycon pergunta. Ele está fugindo de uma conversa íntima, mas acho que é necessário.

— Eu te amo, Maycon. Sei que não é fácil perder alguém que amamos, mas você ainda tem sua família e não se esqueça nunca que precisamos de você.

Ele desvia o olhar. Respira fundo e volta a me encarar.

— Eu sei e também preciso, acho que toda a perda é também uma oportunidade de um novo recomeço e sinceramente, nada pode trazer Jay de volta, minha única opção é seguir...

Ele me beija e correspondo.

— E se tivesse outra opção, você me deixaria? — pergunto com nó na garganta.

— Você sabe que não. E se tivesse opção, sempre minha escolha seria você. Eu errei com você esses dias e nada justifica meu erro. Mas vou ter meu segundo filho e tenho que seguir em frente, não só por vocês, mas por mim também.

Ele deita no sofá, me faz deitar por cima e ficamos nos encarando.

— Estou com dor de cabeça. E sei que é por conta da bebida ontem.

— Esqueça ontem, hoje é um novo dia.

Ele suspira.

— Menino ou menina? — pergunto.

— Não me atrevo a chutar — ouvi-lo me faz sorrir. — Não desta vez, mas será muito bem-vindo seja o que for — Maycon sorri, amo seu sorriso. Ficamos um tempo abraçados. São quase onze da manhã.

— Quer fazer alguma coisa? — questiono. Maycon fica pensativo, me ajuda a levantar e se levanta.

— Vamos dar uma volta de carro.

— Para aonde?

— Sem planos, só sair...

Ele sorri e pisca, lembro que ele e Jayde faziam isso e não protesto, subimos e trocamos de roupa, ele arruma lanches, água mineral, não coloca cigarro nem bebidas. O que é uma surpresa.

Descemos entre alguns beijos, ele coloca a mochila no banco de trás, seus óculos escuros e coloca o carro em movimento. Liga o som e começa a tocar *REM - Losing My Religion*.

Ele dirige, as ruas se tornam desertas, ele continua nesse trajeto, até adentramos em uma mata, Maycon dirige até o fim, rua sem saída. Não conheço o lugar. Descemos, ele coloca a mochila nas costas, tranca o carro, segura a minha mão. Seguimos por um tempo mata adentro a pé, e eu não faço perguntas. Escuto o barulho de queda d'água, aproximamos até nos deparamos com uma cachoeira bem alta, mas a paisagem é linda.

— Aqui é lindo!

— Vinha muito aqui com Jayde.

— Nunca me trouxe aqui — faço beicinho.

— Na verdade, o lugar era dela, quer dizer, ela que me trouxe, mas agora pode ser nosso. O que acha?

— Tudo bem para você?

Ele se aproxima e me beija gostoso, depois se afasta e coloca um lençol debaixo de uma árvore sobre as folhas, tira a blusa, deita e me chama para deitar ao seu lado. Assim que eu me deito ao seu lado, Maycon se vira e me encara.

— Você é linda e eu te amo muito. Sabe, quando paro para pensar em tudo que eu te faço passar, sei que tenho mais de você do que realmente mereço. Na verdade, eu nunca mereço.

— Você merece sim. Merece porque te amo, amo muito mesmo.

— Conseguir entender por que a trouxe aqui?

Nego com a cabeça.

— Eu perdi minha fé e algumas lembranças minhas com Jayde persistem, umas boas e outras muito assustadoras. Eu realmente quero seguir, mas preciso de novas lembranças, preciso reviver minha fé na vida. E você, meu anjo, pode me dar isso, só tenho isso com você. É nossa chance de recomeçar, de fazer diferente. Novas escolhas, novos caminhos. Pensei a respeito de continuar tocando e sei lá, eu amo tanto isso, mas tocar meu violão me deprime porque essa era minha paixão, minha e da Jayde e me sinto estranho fazendo isso sem ela estar aqui. Lembra que um dia você me disse que se eu tinha uma receita nova, por que não há usava?

— Lembro, mas...

— Então, eu pensei a respeito. Jayde deixou uma fortuna que eu nunca vou precisar, mas posso usar em prol de quem precisa, tenho um diploma de medicina, você é psicóloga. Pensei em usar nosso conhecimento e o dinheiro da Jayde para abrimos uma clínica de reabilitação para dependentes. O que acha?

Penso e acho a ideia magnífica, Maycon poderia expor sua experiência e ajudar outras pessoas.

— É isso que você quer? Acha que consegue lidar com isso?

— Estou motivado e motivação já é o início. O hábito junto aos resultados, me farão ter amor à causa e continuar. Mas realmente acho que posso ajudar, porque para se ajudar é preciso conhecer os dois lados e eu conheço bem — suspira. — Quero fazer pelas pessoas o que gostaria de ter feito por Jayde e quero ter você comigo.

— Conversou com mais alguém sobre isso?

— Só com a Jayde mesmo. Com ela e o Robert — Maycon sorri. Oh meu Deus, eu amo tanto esse sorriso irônico. — Apesar de eles não darem opiniões, eles contam, não contam?

Sorrio e ele não me espera responder, inicia mais beijos deliciosos.

— Não tem receio que alguém nos veja aqui?

Maycon gargalha.

— Vai topar entrar nessa comigo?

— Quer abrir aqui na cidade?

— Na verdade, eu pensei em um lugar mais calmo. O que acha?

— E seria onde?

— Na sua cidade. O que me diz?

Sorrio feito boba.

— Sério que quer morar perto dos meus pais?

— Seus pais são policiais. Eles saberão a quem oferecer ajuda. Já estão habituados a essa situação.

Não consigo tirar o sorriso do rosto.

— Mas e seus pais?

— Podem ir nos visitar, mas não vamos morar ao lado dos seus pais. Pode ser a quilômetros, não me importo — sorri.

— Mas acha que sua mãe irá aceitar isso?

— Não sei, mas eu realmente quero uma mudança na minha vida, e como Jayde disse na carta, a mudança começa por nós. Dói e sempre vai doer a ausência dela, mas eu tenho você, e não posso ser ausente estando vivo... E sei que tenho feito isso.

— Eu te amo e quero entrar nessa com você.

— Existem muitas coisas pelo qual me arrependo muito, e hoje, depois que vi o resultado do seu exame, fiquei me perguntando se iria fazer da minha vida apenas isso, decisões erradas e arrependimento. Não posso anular minha culpa, eu mudei exteriormente, mas no fundo ainda pensava em como uma boa carreira me fazia bem. Mas algo que rouba sua família, seus amigos, sua vida, não te faz bem e demorei para enxergar isso... Eu tentei ajudar Jayde, mas não era real para mim e a perda dela me despertou essa consciência. Eu não a fiz acreditar que há uma solução, porque nem eu mesmo acreditava. Mas quando eu olho para você e vejo todos os meus erros, sei que poderia ter evitado muitas lágrimas se não fosse tão inconsequente, e percebo que eu poderia ter sido a luz para ela como você foi para mim.

Ele se deita, olha para o céu coberto pela copa da árvore.

— Tinha intenção de me dizer tudo isso?

Ele sorri.

— Não, mas você desperta esse meu lado consciente. Acho que deveria demonstrar mais minha gratidão pela vida, pelas oportunidades. Pelo pouco que tive Jayde, tive Robert e ver que há um propósito para ainda estar aqui. Não vou mentir, ainda me sinto como se tudo estivesse tão errado, mas meu lugar não é preso em lembranças.

Maycon está diferente, ele volta a me beijar, percebe que estou um pouco tensa, sorri e coloca suas mãos debaixo da minha blusa.

— Relaxa. Pense apenas em você, no momento, e no que quer, esqueça as possibilidades de ser pega. Pensar muito no que pode acontecer te deixa fora do que está acontecendo no momento. E o importante é o presente.

Suas mãos percorrem meu corpo, estou excitada, mas não consigo ser como ele, Maycon é completamente louco e eu sou racional, essa é a nossa diferença. Mas ele é meu vício e apesar de achar loucura e ter medo de ser surpreendida por alguém, deixo que ele conduza a situação e faço amor com ele olhando para o céu entre as folhas das árvores. Amo a maneira de nos entregarmos um ao outro, é perfeito, nossos corpos se misturam até se tornarem um. Quando terminamos, estamos pelados deitados em um lençol em pleno dia. Ele continua distribuindo beijos por todo meu corpo. Deita de lado e me puxa para os seus braços.

— Você é uma pessoa completamente insana — digo e ele sorri.

— E você, viciada em mim.

Sorrimos.

— Não sou viciada.

— Elena, o primeiro passo é admitir o vício — ambos sorrimos. — Quer tomar um banho de cachoeira?

— É muito alto, não dá para pular, nem posso.

— Tem uma trilha. É só descermos, eu te ajudo.

— Nós estamos pelados. Esqueceu?

Maycon me entrega sua blusa, veste sua cueca e bermuda, visto minha calcinha. Ele me ajuda a descer e quando coloco o pé vejo como a água está fria. Maycon se certifica que estou segura, sobe novamente a trilha e para o meu desespero se joga lá de cima, gritando. Vejo sua queda e meu coração vai a mil.

— Maycon!

Chamo, demora alguns segundos e ele não aparece, começo a me desesperar, e de repente sinto algo no meu pé e ele emerge na minha frente.

— Seu idiota! — Xingo e ele sorri.

Ele me puxa até a parte mais funda, fico receosa, não nado bem.

— Eu e Jayde apostávamos quem dava o melhor pulo.

— Ah tá. Jura que ela pulava?

— Pulava. Você não conheceu o melhor lado dela, talvez por isso não irá sentir tanto a sua falta.

Fico sem jeito, mas Maycon me beija.

— Eu te amo.

— Também te amo, Elena.

Nos beijamos por mais um tempo. Ele dá alguns mergulhos, sou medrosa demais para acompanhar. Penso em como ele e Jayde se divertiam.

— Acho que está na hora de você comer alguma coisa. Vamos sair? — sua voz interrompe meus pensamentos.

Voltamos, tiro sua blusa molhada e visto minha roupa. Maycon continua com a mesma, tomamos água e antes de comer o lanche, ele me interrompe.

— Tem um restaurante de beira de estrada legal aqui perto. Quer almoçar lá?

Confirmo, pegamos nossas coisas e caminhamos de volta ao carro. Maycon segue com o som do carro alto, canta junto e acabo acompanhando. Ele ri o tempo todo ao perceber meu péssimo desempenho.

Chegamos ao lugar, é rustico. Estou envergonhada e Maycon pouco se importa com as pessoas à nossa volta que nos olham curiosas. Nos servimos e sentamos em uma mesa próxima à janela. Ele senta à minha frente, almoçamos e eu como feito um dragão. Apesar do seu estilo largado, Maycon é tão perfeitinho com os talheres e isso sei que vem da mãe. Ele brinca com a sobremesa e me dá na boca como se eu fosse uma criança. Faz tanta gracinha que em nada lembra o Maycon de alguns dias atrás e peço a Deus para que seja sempre assim.

— Vinha aqui com Jayde também?

Ele sorri e olha para o lado.

— Sim, mas era mais depressivo, só para constar.

Me joga um beijo com charme. Terminamos, Maycon paga a conta e saímos

de mãos dadas, me sinto uma adolescente boba saindo com o primeiro amor, mas ele é e sempre será meu primeiro e único amor.

Voltamos ao carro, ele me beija novamente. Se aproxima do meu ventre e o beija várias vezes.

— Oi, bebê, sou seu pai e essa garota chata que não curte aventuras é sua mãe — ele abaixa o freio de mão, se deita apoiando a cabeça em meu colo. — Você tem um irmão lindo que se chama Noah. Eu sou o cara mais legal que você irá conhecer. E já te amo muito.

Volta a beijar meu ventre. Se levanta novamente e beija minha boca.

— Eu te amo.

— Muito? — sorrio.

— Mais do que você merece — ele sorri, mordendo a língua.

— O quê?

— Brincadeira, meu anjo, te amo mais do que você imagina. Elena, eu ainda vou olhar o lugar, resolver algumas pendências para começar a colocar o plano em prática e não vou contar a mais ninguém. Só quando ele deixar de ser projeto e começar a se concretizar, e isso vai levar meses ou até um ano. Até lá isso pode ficar entre nós?

Confirmo com a cabeça, estou imensamente feliz. Há tempos não tínhamos isso, um dia só nosso e estou realmente grata por ele.

— Adorei nosso passeio, você foi tão diferente hoje — sorrio.

— Você me conhece muito pouco, apesar de anos juntos, mas vamos mudar isso, eu prometo — ele beija minha mão e seguimos para o apartamento.

— Minha mãe vai trazer o Noah ou temos que buscar? — ele pergunta, já próximo ao apartamento.

— Ela não falou, quer que eu ligue?

— Não, deixa assim. Se até às seis ela não trouxer, eu busco.

— Acho que você se distanciou dele também.

Maycon entra na garagem.

— Nunca me afastaria do Noah, Elena, me afastei um pouco de você, mas dele não. Ter me visto afastar de você a fez pensar isso. Essa semana eu o levei na escola todos os dias, inclusive preparei seu café, almoço e o arrumei. Sua carência te fez pensar isso.

— Por que se afasta, Maycon?

Ele respira fundo, me encara.

— Chego ao ponto de me sentir tão magoado, que acho que posso magoar as pessoas à minha volta, por isso me afasto. Nesse momento eu falo tudo que penso e sei que isso magoa. Sou complicado e lidar comigo não é fácil, mas vou trabalhar esse meu lado também.

Subimos para o quarto e tomamos banho juntos. Depois do banho, Maycon pega o violão, senta na cama e fica dedilhando, me deito ao seu lado e fico observando suas tatuagens.

— Por que não faz uma tatuagem em homenagem a Jayde? Vocês gostavam disso.

— Desculpa, eu realmente não acho legal essa coisa de homenagem aos mortos. Se você não fez em vida, e isso nós fizemos, na morte não adianta porra nenhuma.

— Estava indo bem sem palavras.

Ele sorri.

— Vou tocar uma música e você canta.

— Não, eu canto muito mal... — faço charme.

— Eu sei, mas estou disposto a escutar — sorri, debochando.

— Cante você.

— Escolhe então — ele me olha, esperando que eu me decida.

Escolho *Extreme - More Than Words*. Maycon toca e canta perfeitamente, depois me dá uma aula sobre música, quando termina, guarda seu violão, deita o meu lado e nos beijamos novamente. Ficamos entre carícias e acabo cochilando.

Acordo com a voz do Noah. Ele está eufórico contando as novidades ao pai, fala sobre todos os animais. Maycon dá um banho e como desanimado de sair para jantar, ele pede pizza, conta histórias ao Noah sobre animais com direito a teatro, e me faz rir das suas performances enquanto os vejo rolar no chão imitando os animais. E é exatamente nesses momentos que não me arrependo de ter escolhido ele, porque ainda que seja complexo e difícil, como ele mesmo disse, Maycon tem a fórmula perfeita da minha felicidade. Acaricio meu ventre e sussurro ao meu bebê que ele será muito bem-vindo, que sua família o ama e não vê a hora de tê-lo aqui.

Capítulo 32 - Nosso refúgio

Depois de muita agitação, Noah finalmente dorme. Maycon o leva a seu quarto e quando volta já estou deitada. Ele vai à sacada e fuma um cigarro, depois outro, estava demorando, volta, vai ao banheiro.

Quando finalmente deita, me acomodo em seus braços e ele me beija.

— Sem cheiro de cigarro — sorri.

— Ótimo! — Brinco. — Amor, eu realmente tive um dos melhores dias hoje, espero que tenhamos muitos assim.

Sorrio, Maycon morde minha orelha de leve.

— Também, meu anjo.

— Sabe, estive pensando no que você disse sobre eu não te conhecer...

— E?

— Então por que não tentamos nos conhecer melhor?

— E o que você sugere?

Ele está calmo, acho que o dia também lhe fez bem.

— Uma brincadeira de perguntas e respostas.

Maycon sorri, incrédulo.

— Não acha que estamos grandinhos para isso? — dá um sorriso de canto.

— Para, não custa tentar.

— Tudo bem, não está mais aqui quem falou. Comece então.

Penso por segundos.

— Qual a maior loucura que você cometeu e depois pensou, nunca mais faço isso?

— Defina seu conceito de loucura primeiro. Porque tenho impressão de que não é o mesmo para nós.

— Loucura é loucura. Não existe isso de definições diferentes.

Ele se vira de lado e fica estudando meu rosto.

— Existe sim, mas tudo bem. Sexual ou referente às drogas?

Sorrio e o faço sorrir.

— Jura dizer a verdade? — brinco.

— Eu não minto, sabe disso — suspira. — Então, qual vai ser?

— Sexual — sorrio, sugestiva.

— Tudo bem, mas sexual nunca rolou isso de nunca mais vou fazer, na época fiz e repeti várias vezes.

— E o que foi?

— Ménage.

Fico sem palavras.

— Com quem, eu conheço?

— Quer detalhes? É isso? — levanta a sobrancelha.

— Sim, gostaria, a não ser que não queira.

— Eu, Jayde e Rebeca, lembra dela? Estudava com você.

— Espera aí, quando foi?

— Sem viagem. Foi antes de você, um tempo antes.

— Você disse que não rolava entre você e Jayde.

— Eu e ela não, mas nós dividíamos a Rebeca — sorri. — E ela gostava.

— Nossa, não acredito nisso — eu me viro e fico olhando para o teto. — E não se arrependeu, não é?

— Na época não, na verdade, disso não. Tenho mais do que me arrepender.

— E gostou... Você gostou, gosta de lembrar.

— O quê? Não, você perguntou, isso foi ideia sua.

— E está pensando nisso agora!

— Não...

Ficamos em silêncio até que volto a falar.

— E do que se arrepende, Maycon?

— De todas as vezes que magoei você, que fiz escolhas erradas em relação a nós, a Jay, a meus pais — respiro fundo.

— Sua vez — falo, desanimada.

Maycon continua me olhando atentamente, posso ver de relance.

— Está disposta mesmo a deixar tudo e ir embora comigo? — sua pergunta me traz de volta a realidade. — Sabe que vão tentar te convencer do contrário. Não sabe?

— Por que fariam isso?

— Porque meus pais têm a tosca ilusão de que me ajudam a manter o controle. Então, você está me dando sua palavra. Posso confiar em você?

— Estou sim — ele se aproxima e me beija com carinho.

— Desculpa, acho que falei demais. Elena, na verdade se eu te contasse todas as minhas loucuras, não acho que continuaria me amando, como eu disse, é muita bagagem.

— Já me deu motivos para ir embora muitas vezes, e se ainda estou aqui é porque nada será capaz de me afastar de você.

— Eu te amo tanto, mas a partir de hoje vou escolher melhor minhas confissões — sorri, sugestivo, então voltamos ao silêncio e percebo que minha ideia não foi tão boa.

Quero conhecê-lo, mas sou ciumenta demais para não me deixar abalar por seu passado, apesar de ser passado.

Maycon apaga a luz e me acomoda em seus braços. Ficamos um bom tempo assim, em silêncio, com ele acariciando minha barriga.

— Sabe, eu não consigo dormir antes de uma e quarenta da madrugada, sei lá, alguma coisa me diz que ela morreu nesse horário e eu fico com aquelas velhas questões que se naquele dia eu estivesse acordado, poderia de alguma forma ter mudado isso.

— Amor, infelizmente tem coisas que não podemos evitar.

— Eu sei, agora eu fico feito um bobo idiota pagando pelos meus pecados. Fazendo confissões para os mortos.

Eu me aproximo do seu rosto e o beijo.

— Não dá para acreditar que perdi minha melhor amiga, quando abro os olhos pela manhã e tenho que encarar essa verdade, prefiro mesmo ignorar, porque isso machuca. E olha pra mim, tudo que eu tenho a te oferecer é essa solidão, e quero tentar. E se não for o suficiente, prometo tentar mais.

— Sei que vai, sei que vamos conseguir.

— Eu te amo.

Escuto e retribuo o seu eu te amo, sinto seus beijos e quero ficar acordada, mas grávidas sentem tanto sono. Acabo dormindo e quando acordo, já é segunda.

No decorrer da semana, marcamos uma consulta com o meu médico. Ligo para os meus pais e conto a novidade, e como sempre, recebem a notícia, radiantes. Pergunto por minhas irmãs e minha mãe diz que ainda estão tristes pela morte da Jayde, todos lamentaram muito. Na quarta vamos ao médico, estou tão feliz por ter Maycon ao meu lado passando por tudo que não tive na primeira gestação.

Levo o exame de sangue, estou empolgada feito criança e apesar de Maycon dizer que está, não consigo sentir.

Quando chega a nossa vez, entramos, Maycon se mantém atento a toda a consulta, ao escutar o coração do bebê, ele sorri, mas ainda não é o mesmo sorriso de antes da morte da Jayde e a cada dia, minha esperança de recebê-lo, diminui.

Na semana seguinte marcamos o ultrassom, Maycon se mostrou feliz ao ver o bebê, e eu chorei. Exatamente seis semanas, ele está bem pequeno, nosso amor materializado. Os dias seguem, continuo trabalhando na clínica, e ele indo tocar no bar. Parece desmotivado, sei que está tentando, mas parece forçado. Na sexta contamos a Noah sobre o bebê mostrando o vídeo do ultrassom.

— Tem um bebê na mamãe? — pergunta ao pai.

— Tem, é seu irmão, ou irmã. Não sabemos ainda — Maycon se deita no chão enquanto Noah se mantém sentado ao seu lado, olhando para a televisão.

— Mas onde ele vai ficar papai?

— Com nós — Maycon sorri. Noah está bem desconfortável e tenta disfarçar.

— E o papai vai ser dele também?

— Sim, dos dois...

Noah suspira. Fico apenas observando. Ele e Maycon se entendem muito bem, achei que fosse mais fácil o pai falar. Noah me olha de relance, não faz mais perguntas, mas passa o restante da tarde grudado em Maycon e quando o pai vai ao bar, ele chora.

Depois de uma longa pirraça, antes de dormir, ele pede mamadeira e fico surpresa, há tempos ele não mama mais. E como me nego a dar, lá se vai mais uma longa pirraça. Ele diz que pode me dividir, mas não vai dividir o pai. Nessa mesma noite ele acordou três vezes. No sábado Emily o levou para dormir com ela, Maycon permite que Noah fique somente na casa dela, e isso é motivo de escutar indiretas de Jeniffer, mas não posso ir contra o Maycon. Antes de ele ir ao bar, achei que receberia um convite para ir junto, mas não obtive.

Depois de quase uma hora que ele se foi, resolvo fazer uma surpresa, me arrumo sexy e vou ao bar. Quando chego, escuto Maycon cantando, está cheio - lógico que está - aos sábados sempre está. Entro e fico a certa distância, vejo Alanis toda animada na plateia, sentada em uma mesa próxima e reconheço o cara ao seu lado, Enzo. O tempo passa e sinto ciúme, muito, Maycon atende vários pedidos e odeio sua aproximação com outras garotas, ainda que seja apenas ele respondendo aos pedidos e comentando algo a respeito da música. Ele tem um entrosamento legal com o público. Termina a apresentação, para a minha decepção, ele se senta com eles. Vejo Alanis falar algo e ambos sorriem, Maycon bebe com eles, ela toca seu braço, parece animada contando um caso, e quando termina eu vejo os dois darem uma gargalhada. Não é um sorriso como era para Jayde, mas está longe de ser um Elena. Estou com ciúme, muito, mas ao invés de me aproximar, volto ao apartamento em lágrimas. Depois de alguns minutos, eu escuto a porta do apartamento abrir, passos ao longe e corro para trocar de roupa. Eu faço isso em segundos e quando ele entra, estou deitada na cama fingindo dormir, com tudo escuro. Maycon não faz barulho, vejo a luz do banheiro se acender, ele toma um banho e me pergunto se houve tempo para sexo entre eles. Que droga, parece que a insegurança aflora quando estamos grávidas. Depois de longos minutos, ele se deita a meu lado.

— Foi boa a noite?

Maycon se vira para mim tentando ter certeza se escutou mesmo minha voz ou não.

— Está acordada até agora?

— Por que não estaria?

— Aconteceu alguma coisa? Sua voz parece irritada.

— Tem motivo para estar irritada com você? Fez algo errado?

Ele me olha confuso.

— Vai direto ao assunto e me diz o que eu fiz de errado! Aos seus olhos, claro.

— Por que ainda se encontra com aquela garçonete vagabunda?

— Eu o quê?

— Não se finja de bobo, Maycon.

— Eu realmente não estou entendendo, seja mais específica.

— Fui ao bar hoje, queria fazer uma surpresa e te vi com ela.

— Por que não se aproximou? E você não me viu com ela, provavelmente a viu em uma mesa com Enzo, depois eu tomei uma com eles e vim embora.

— Ela parecia bem empolgada. Parece que até consegue te fazer esquecer que Jayde está morta, acho que só se lembra disso quando está comigo — deixo as palavras saírem e percebo Maycon engolir em seco. Ele fica minutos em silêncio, então me viro de bruços.

— Essa não é a melhor posição para uma grávida.

— E você se importa com isso?

Ele me vira, olho em seus olhos e sinto sua respiração.

— Alanis não estava empolgada, estava bêbada. Não fiquei nem meia hora com eles, e vai por mim, queria mesmo ter alguém que me fizesse esquecer que perdi a Jayde, mas não tem, não existe. E sim, eu me importo tanto com esse bebê quanto me importo com Noah. E se você tivesse me falado, se eu tivesse te visto, provavelmente teria ido até você. Sou casado e não tento esconder isso, nem quero.

Ficamos em silêncio, Maycon o rompe.

— Hoje foi lançado um clipe do novo CD da Jayde.

— Já haviam gravado, imagino.

Ele confirma com a cabeça.

— Você viu?

— Não.

Maycon pega o telefone, coloca no *YouTube*.

O clipe inicia com Jayde de cabelos soltos, maquiagem quase natural, está com um vestido bege na altura dos joelhos, coturnos e sua guitarra. Ela caminha por uma rua deserta e quando inicia a música, quase choro. Não parece que ela está morta. À medida que ela anda, tudo atrás começa a ser destruído, Jayde para em alguns pontos e escreve, M e J, e uma seta indicando a direção.

Indo para o paraíso

*Hey, baby, tenho algo a dizer
Mas preste atenção, isso não é um blefe
Por favor, baby, acredite em mim, menti algumas vezes
Mas podemos explorar isso agora
Então venha, baby, antes que nosso tempo acabe aqui
Sim, baby, eu encontrei a estrada para o paraíso
Sim, meu anjo, nosso paraíso
Sim, baby, podemos seguir juntos agora para o paraíso, então venha comigo
Sei que não tem sido fácil
Teremos que entrar pela porta dos fundos, você sabe, não sou bem-vindo!
Mas seremos só nós, baby, em nosso paraíso
Sim, baby, eu encontrei a estrada para o paraíso
Não tenha medo
Será apenas nós novamente
Eu sei que fiz escolhas erradas e magoei você
Mas até os anjos tem planos perversos
Por favor, baby, não estou escutando seus passos
Venha rápido é nossa chance de entrar no paraíso
Oh, meu anjo, é nosso paraíso essa noite
Não tenha medo, minhas mãos podem te segurar
Meus pés seguiram o caminho, oh eles não irão errar dessa vez
Confie em mim, meu anjo
Estamos quase no paraíso
Sim, meu anjo, está a alguns passos
Anjo, venha correndo
Eu ainda não escuto seus passos
Não me deixe ir sozinho
Sou um perdido, mas vou com você para nosso paraíso
Meu anjo
Oh não é um blefe
Não é uma cilada
Sim é o nosso paraíso
Podemos ser nós mesmos
Não consigo escutar seus passos
Não consigo escutar seus passos*

Ao final, ela permanece parada no fim da estrada sorrindo e o clipe termina

com sua imagem desaparecendo. Não sei o que dizer. Sei que o M é de Maycon, parece um claro convite para ir embora, e antes de protestar, sou interrompida pela voz do Maycon.

— Antes que pense mal dela, fui eu quem escreveu a música.

— É linda — digo, sem graça. — Quando escreveu?

— Quando estava na clínica pela primeira vez. Entreguei em umas das cartas e disse em qual tom ela deveria tentar. Jayde insistiu que não conseguia, que esse não era o seu tom, e olha, que porra que ficou — ele diz com voz embargada. — Ficou perfeito, linda em sua voz...

Maycon se encolhe um pouco e deita em meus braços. Ficamos em silêncio até que sinto sua respiração calma. Como sempre, eu banqueei a idiota, ele está tentando e meu ciúme quase colocou tudo a perder.

No domingo vamos à casa de Emily. Noah se mantém grudado em Maycon, e se afastou um pouco de mim.

Maycon tem forçado sempre um sorriso, mas para os seus pais o fato de ele fingir estar bem, é o suficiente. Após o almoço, ele conta sobre a gravidez a mãe.

— Mas foi planejado? Vocês queriam? — ela pergunta, surpresa.

— Ele já está aqui, então essas perguntas não fazem mais sentido.

Emily fica sem graça, mas conhece bem seu filho.

— E como Noah tem reagido?

— Acho que como eu reagiria se tivesse um irmão — todos sorrimos. — Mimado e querendo chamar atenção, mas isso passa.

— Vocês estão felizes?

— Felicidade se consiste em estado de espírito, uma força invisível que oscila. Ora você a tem, ora não. Mas no momento tenho motivos para estar.

— Que bom, amor, então fico feliz por vocês, mas devem redobrar a atenção com Noah, caso contrário, ele pode ficar deprimido.

— Sabemos, senhora Emily.

Ela se aproxima, senta próximo a Maycon, que apoia a cabeça em seu colo.

— Amor, temos que ser gratos pela vida. Ela é um bem que pode ser nos tirado a qualquer momento, por isso temos que aproveitar ao máximo.

— Com certeza, afinal, a vida é uma maravilha para você, para o meu pai, para Elena e tantos outros, mas para mim é foda procurar motivos que me façam levantar da cama todos os dias, porque no fim, mãe, eles me obrigam a levantar, não me motivam. E essa é a diferença.

Eu e Emily ficamos sem jeito. Mudo de assunto falando a respeito da gravidez, Emily rapidamente dá continuidade, Maycon vai até Noah que está brincando com os trenzinhos da turma do Thomas e seus Amigos.

À tarde vamos embora e Noah chega ao apartamento dormindo. Maycon o

leva ao quarto, desce para a sala. Ele senta ao piano, me aproximo e sento em seu colo. Ele começa a dedilhar uma canção, não canta, apenas toca, no momento me vem à lembrança de Jayde quando ficamos na casa deles e Maycon estava no hospital.

— Desculpa por ontem, por ter dito que não se lembrava dela.

— Tudo bem, eu quero esquecer mesmo.

— Não tem que esquecer, pode guardar as boas lembranças.

— Conhece essa música? — ele muda de assunto. Nego com a cabeça, a melodia é familiar. — A sutil diferença entre nós, é que eu evito me machucar. Eu poderia ter perguntado naquele dia, quantas vezes você beijou o Keven estando comigo, mas se isso irá causar algo não muito legal entre nós, por que vou perguntar?

Fico em silêncio, ele tem razão.

— Você não se aproximou no bar e por ver Alanis, a ofendeu sem conhecê-la e ainda se achou com razão sendo que a decisão de não se aproximar foi sua. Percebe onde quero chegar?

— Que tenho que pensar antes de agir...

— Que deve tomar cuidado, porque ações geram consequências e no fim todas elas machucam.

— Me desculpe.

— Tudo bem — ele me abraça e iniciamos beijos ternos.

— Tenho ciúme dela, Maycon.

— Não precisa ter. Sabe que amo você e no momento nem eu me suporto. Minha depressão é visível e contagiosa, todos percebem e se afastam.

— Não eu.

Ele sorri, voltamos a nos beijar, Maycon me carrega no colo, me deita no sofá e se encaixa entre minhas pernas.

— Achei linda a música, por que não me mandou?

Ele sorri.

— Porque depois descobri que não existia paraíso, eu falava de um paraíso estando no inferno. Isso não faz sentido.

— Foi para mim?

Pergunto timidamente.

— Depois que ficamos juntos, todas foram relacionadas a você, de algum modo. Quando me olho no espelho, ainda me pergunto em como posso estar vivo, parece que tudo queimou, tudo despedaçou e eu ainda estou aqui.

— Mas eu também estou...

Ele volta a me beijar, não quero ficar com ele na sala, mas isso já aconteceu várias outras vezes, e sua desculpa sempre é a mesma, “curta o momento e

esqueça o lugar”. Em questão de segundos, estamos nus, nos amando. E cada entrega é única, é sempre a mesma sensação de ir a uma montanha russa pela primeira vez.

— Me ajude a queimar essa tristeza, a me sentir vivo de novo. Não desista de mim, porque estou tentando. Elena, estou mesmo.

— Nunca vou desistir de você. Eu te amo e vou com você para onde quiser. Eu prometo.

Maycon sorri, volta a me beijar e ficamos assim. Olho em seus olhos e percebo que ele ainda não se deu conta, mas nós encontramos o paraíso, e não é um lugar, nosso paraíso é íntimo e particular, apenas nossos corpos juntos tem acesso. Olho em seus olhos e vejo o lado mais obscuro do seu coração, vejo todos os medos e inseguranças e posso simplesmente voar com ele acima disso tudo. Podemos ser intensamente um do outro. Nosso paraíso existe e ninguém é capaz de chegar ou nos tirar dele, nosso paraíso é o nosso amor.

Capítulo 33 - Confronto

Maycon

Algumas pessoas nunca conseguirão perceber o esforço que você faz para fazê-las felizes. Isso é um fato incontestável. Na minha vida, essa pessoa em específico se chama Elena. Sua insegurança às vezes me irrita, na verdade, sempre me irrita porque ela arruma pretextos para justificá-la. E para evitar brigas, tenho ocupado minha mente no projeto da clínica. Sem falar com Elena, liguei para o seu pai. Foi estranho, pela primeira vez tivemos uma conversa de mais de meia hora, falei como eu gostaria que fosse o lugar, até mesmo a metragem. No tempo que estive na clínica, peguei muitas informações sobre isso, na época era apenas para passar o tempo, hoje, está me valendo muito. Johnson diz que já tem um local em mente, conversamos mais alguns detalhes e desligamos.

A semana tem passado rápido, vimos nosso bebê, estou feliz por ele e já o amo, mas não estou em um bom momento e para Elena, estou sendo falso. Fiquei por horas pensando em como ele é frágil. Agora são dois que precisam de mim e já sinto o peso da responsabilidade. Os dias seguem e eu ignoro todas as vezes que Elena tenta me colocar para baixo. Começo a acreditar que é inconsciente essa atitude infantil dela. Na última, ela sugeriu que eu esqueci que Jayde está morta, que porra, eu queria mesmo esquecer, mas como um tumor, a dor da sua ausência está enraizada em mim. É estranho isso e em horas como essas, eu queria ouvir sua voz contando qualquer merda, mas queria. É estranho, a mesma pessoa que te proporciona alegria, te traz tristeza. Apesar de ter se passado mais de um mês, uma parte de mim sente a falta de Jayde como se fosse o primeiro dia.

Sinto sua falta e nada pode mudar isso. É como perder uma parte do seu corpo, você sobrevive, mas sabe que lhe falta algo, e falta, na minha alma. Ao ver seu novo clipe a saudade veio com força total, juro que nessa noite eu cheguei a implorar por intervenção divina. A dor foi tão surreal que pensei que em algum momento meu coração iria parar de bater, mas na manhã seguinte, eu fui forçado, como sempre, a seguir. É frustrante. Por todos os lados os problemas surgem e a vida é bem isso, ela não te dá trégua. Noah com ciúme e tentando chamar atenção, Elena e suas crises, meus pais sempre ligando como se o meu “estou bem” fosse vital para eles, mesmo que seja falso.

O trabalho que não me motiva mais, rotina com Noah e até minha meia-irmã tem me preocupado. Na segunda da semana passada, ela me deu um perfume. Na

quarta, uma blusa do Nirvana. Fora que não para de falar, não sei se é carência, já que percebi que meu pai lhe dá pouca atenção. Jessica me disse que ele sempre chega tarde e quase não conversam, e para agravar, agora sua mãe está preocupada com a gravidez. Merda de desculpa para a isolarem, acho que isso a tem deixado vulnerável. Um dia ela me disse que está gostando de um garoto, quando eu questionei que ela é muito nova, porque ainda vai fazer treze, ela disse na minha cara que com essa idade eu já usava drogas, que a mãe dela havia contado isso.

Fiquei de queixo caído, mas não dei muita trela. Na quinta ela me ligou e pediu para levá-la ao cinema na sexta, achei estranho, mas como era na parte da tarde, às duas horas, aceitei. Não falei com Elena e levei Noah junto. Quando cheguei, não entendi, suas amigas estavam com outros garotos que aparentavam a mesma idade. Jessica ficou desconfortável a me ver com Noah. Quando disse que iria levá-lo à loja de brinquedos enquanto a sessão não começava, eu vi o alívio em seu rosto. Voltamos, ela não me apresentou como irmão para as suas amigas, e todos passaram a me olhar de um jeito estranho. Eu e Noah dormimos na sala de cinema. Saímos e ela segurou na minha mão, não correspondei, mas eu a deixei segurar no meu braço, uma vez que Noah estava em meu colo. Tentei relevar achando que de fato é excesso de carência, mas agora estou aqui, em plena segunda lhe dando aula, e vejo que ela não presta atenção no que eu falo, está viajando, mas não para de olhar para mim. Está confusa, é óbvio. Culpa minha que nunca me aproximei, culpa do meu pai que não a deixa socializar com seus amigos. E como não sei o que está acontecendo, acho melhor tentar saber.

— Jessica.

— Oi — responde, sorrindo.

— Está acontecendo alguma coisa? — pergunto diretamente, sem rodeios.

— Por quê?

— Você está diferente.

— Diferente como, May? Estou normal — ela sempre me chamou de Maycon.

Tento não sorrir, mas Jessica responde entusiasmada.

— Está me dando presentes, fomos ao cinema e suas amigas estavam com outros garotos. Deveria ter levado um da sua idade, sair com seu irmão mais velho deve ser foda.

— Não falei que você era meu irmão, falei que era meu namorado — ela responde com um sorriso tão inocente. E eu levo um choque.

— Por que mentiu?

— Bom, eu gosto de você e você também gosta de mim. Qual o problema?

Ergo uma sobrancelha, assustado.

— Jessica, eu realmente gosto de você. E como a garota inteligente que sei que você é, sabe que existem vários tipos de amor — ela confirma com a cabeça.

— E sabemos que nos gostamos como irmãos. Não é?

— Mas não somos totalmente irmãos. Nós podemos...

Eu a corto.

— Jessica, você só está confusa.

— Não, não estou.

— Eu sou seu irmão e além disso, vou fazer vinte cinco anos e você tem doze.

Fora que eu sou casado. Entende que é errado?

— Não é errado amar as pessoas. Se eu te amo, pode me amar também.

— Jessica, está entendendo errado. Não gosto de você, não desta forma, somos irmãos, gosto de você como uma irmã e nada mais.

Falo, já prevendo as lágrimas. Ela me olha confusa.

— Gosta da Elena?

— Sim, mas eu falei duas questões sérias antes disso. Primeiro sou seu irmão, segundo isso seria pedofilia. Você é inocente e está carente, mas sabe, quando se sentir preparada, vai encontrar um cara legal, que seja mais próximo da sua idade e vai curtir ficar com ele, assim como eu e a Elena.

— Mas meu pai é bem mais velho que a minha mãe.

Porra! Detesto ter que explicar.

— Verdade, mas quando eles se envolveram, sua mãe era maior de idade.

Percebe a diferença?

— Vai contar para o meu pai?

— Não, vou contar para o “nosso” pai. Como eu disse, você só está confusa.

— E o que vou dizer para os meus amigos, que você terminou comigo? — ela diz tão inocente, que me deixa chocado.

— Não, nós não somos e nunca fomos namorados, somos irmãos, Jessica.

Esquece isso. Se alguém te perguntar, confesse a mentira e fale a verdade. Isaac detesta mentiras — tento ser convincente.

No mesmo instante ela diz que está com dor de cabeça e paramos a aula, sinceramente eu agradeço mentalmente por isso. Sinto pena por constatar que meu pai não é o mesmo pai para ela.

Volto ao meu carro e dirijo até meu apartamento. Os dias são tão iguais que começam a confundir minha mente.

Busco Noah na escola no final da tarde, que está com uma carinha de cansado.

— O bebê vem hoje? — pergunta, preocupado. Eu olho para ele pelo retrovisor.

— O bebê está pequeno, Noah, é como uma semente, precisa crescer. E só

depois que crescer na barriga da mamãe é que ele chega.

— Como ele foi para lá? — sorrio. Ele é tão curioso.

— Papai e mamãe o colocaram lá.

— Ele *tá* de *catigo*?

— Pode se dizer que sim. Mas chega de perguntas, nós chegamos, que tal um banho?

Ele sorri, subimos, Noah nunca leva a mochila do carro ao apartamento, mesmo quando eu lembro. Quando entramos na sala, percebo que Elena já chegou, o que é um milagre. Está na cozinha, comendo.

— Aconteceu alguma coisa? — eu pergunto a ela, me viro para o Noah, que corre ao seu encontro e a beija. — Sobe e leva sua mochila. Depois do banho você come alguma coisa.

Ele faz uma cara de desaprovação, mas obedece. Aproximo e vejo que Elena está comendo biscoito com chocolate, ela tem exagerado nos desejos e manhas, mas como não teve isso com Noah, não falo nada e mesmo se tivesse tido, eu não falaria. Me abraça e me beija.

— Amo você, muito — diz com a boca cheia. — Um paciente desmarcou, saí mais cedo.

— Também te amo, meu anjo. Se tudo der certo, daqui duas semanas vamos para a casa dos seus pais. Ele encontrou um lugar com as referências que eu passei. Faltam apenas alguns detalhes.

Elena sorri feito boba.

— Amor, é sério?

— É sim.

— E vamos dormir lá?

— Em um hotel.

— Maycon... — tenta contrapor-se.

— Elena, eu estou tentando. Por que não começa a ver isso?

Não dou margem para resposta e subo ao quarto do Noah, lhe dou um banho, ele faz muita graça e tudo é para chamar atenção. Sei disso, só que é irritante.

A semana segue e sempre que chego do bar, depois que deito, Elena pede para preparar biscoito com chocolate, pede com uma manha que me deixa incrédulo, falo quinhentos palavrões mentalmente, mas faço a merda dos biscoitos. No sábado, depois de tocar, resolvo visitar o Robert, uma parte de mim tentou culpá-lo por enfiar merda na cabeça da Jayde com isso de lugar melhor, mas depois de um tempo, assumi a culpa sozinho. Chego ao cemitério e acendo um cigarro, já próximo ao seu túmulo.

— Quanto tempo? — respiro fundo. — Vou ter outro filho, não sei se isso conta para você, mas conta para mim — escuto o nada, mas gosto de sentir a

brisa da noite. Dou mais uma tragada. — Imagino que Jayde esteja ao seu lado agora, mas desejo que vocês nem sequer reconheçam um ao outro por tudo que ela me fez passar — termino o cigarro. — Aqui está foda, Robert, e o foda é que todas as vezes que eu vim aqui, te disse isso. Não quero bancar o santo, muito menos encontrar redenção, mas vou abrir uma clínica. Sei que você gostaria disso, Jayde iria rir, mas você ia curtir essa ideia. Depois que ela morreu, não fui visitá-la, nem vou, ela já tem todo respeito que se deve aos mortos e provavelmente tem muitos que a visitam.

— Você conversa com mortos? — escuto a pergunta e logo uma risada.

Alanis.

— É proibido?

— Você é louco, muito mesmo.

— Olha quem fala, a garota normal.

— Pelo menos eu não converso com mortos — sorri novamente. — Agora é sério, acha que eles te escutam? — pergunta, sarcasticamente.

— Vai à merda, Alanis! E você vem aqui para quê? Fumar um baseado?

Ela senta em cima da lápide e eu deito, estou cansado e acho que Robert não vai se importar.

— Sente falta dela, não é? — não respondo, fico apenas olhando as estrelas.

— Eu sei como é, por mais que as pessoas digam que a vida continua, não é mais a mesma, mas como elas não serão capazes de entender sua dor, você dá o seu melhor e finge seguir.

Ofereço um cigarro e ela aceita, ficamos fumando em silêncio. Vai um cigarro e depois outro, até completar três para ela e quatro para mim. Ela continua.

— Sua vida vira de cabeça para baixo e você fica se perguntando o que está acontecendo. É bem assim.

— Você fala muito. Prefiro conversar com seu irmão — sorrio. — Depois que se perde alguém que ama, todas as decepções se tornam secundárias. É nesse ponto que você conhece a verdadeira dor e se sente idiota por achar que a conhecia. E essa mesma dor, por ironia da vida, apenas quem a trouxe que poderá levá-la, ou seja, a morte.

— Seu pai é estressado, e muito.

— Conheço esse lado dele, mas por que diz isso?

— Ele fala duas vezes no máximo, na terceira, ele explode.

Dou um sorriso.

— Alanis, eu vou embora.

Ela me encara.

— Como assim, vai embora para a sua casa?

— Mudar de cidade. Eu e Elena vamos para perto dos pais dela.

— Mas por quê?
— Novos ares, vida nova. Elena está grávida.
— Seu pai falou. Mas eles sabem que vocês irão embora?
— Não contei ainda, mas pretendo voltar a exercer minha profissão. Não sei se te falei, mas sou médico. E vou usar o dinheiro da Jayde para abrir uma clínica de reabilitação.

Ela continua me olhando, surpresa.

— Ah, legal. Quer dizer, será algo a favor da vida, isso é bom.
— É... Vou indo agora...
— Maycon, se precisar conversar, pode me ligar. Não sou como a Jayde ou o Rob, mas sou boa ouvinte.
— Não existe melhor ouvinte que seu irmão, ele não retruca.

Ambos sorrimos, dou meus passos em direção à saída. Não gosto de contar meus planos para as pessoas, mas quero evitar contar isso ao meu pai, e contar a Alanis fará com que a notícia chegue a ele. Com a sensação de dever cumprido, dirijo até meu apartamento. Antes de subir ao quarto, preparo os biscoitos e chocolate quente, sei que Elena vai pedir. Entro, o quarto está escuro, deixo ao seu lado, tomo um banho e quando deito, ela suspira, me abraça e escuto:

— Amor, faz um lanche para mim?
— Está ao seu lado.

Ela acende o abajur e devora os biscoitos, já consigo sentir a pequena saliência em seu ventre, o milagre da vida. Pena que esse milagre não existe na morte.

Como previ, meu pai me liga na segunda pela manhã, diz que ele e minha mãe querem conversar e já sei bem o motivo. Me convida para jantar em sua casa, diz que minha mãe irá, e eles vão usar de persuasão para me convencer do contrário sobre a clínica. Fala também que não preciso dar aula para a Jessica e justifica dizendo que ela está de castigo por ter ido ao cinema sem avisar.

Quando Elena chega, às seis, Noah já está de banho tomado, então tomamos banho juntos. Acabamos tendo uma sessão ótima de sexo. Às oito, estamos em frente à casa do meu pai e vejo o carro da minha mãe. Entramos e já sinto o clima de velório. Minha mãe é a primeira a aproximar, me beija e pega Noah no colo. Jeniffer está enorme, parece que sua barriga vai estourar, sério. Cumprimento todos com um boa-noite. Sem delongas, vamos à sala de jantar. Após o jantar, seguimos para a sala de visitas, meu pai nos oferece um vinho, eu e minha mãe aceitamos, ele pede a Jessica que leve Noah para brincar no quarto, ela obedece sorrindo para mim.

— Maycon, escutei um boato de que você e Elena irão mudar, é verdade? — ele inicia e não me parece satisfeito.

— Não é boato, é verdade. Pretendo abrir uma clínica de reabilitação na cidade dos pais dela.

Vejo a ironia nos olhos de Jeniffer ao me escutar.

— Maycon, amor — minha mãe inicia passivamente. — Sua atitude é linda e me faz ter mais orgulho ainda de você. Contudo não é um trabalho fácil tratar de dependentes, tem que ter preparo para isso.

— Mãe, eu sei. Óbvio que estou me preparando para isso.

— Você e Elena não tem experiência em lidar com dependentes — ela insiste. Sorrio ao escutá-la.

— Isso é piada, não é?

— Acha que brincaríamos com isso, Maycon? Por favor, essa conversa é séria! — Meu pai interrompe com ignorância.

Respiro fundo.

— Pai, eu conheço os dois lados. Acho que posso sim ajudar, principalmente porque...

Ele me interrompe.

— Por que foi usuário de drogas? Por Deus, Maycon, isso não lhe dá vantagem em nada. É muita responsabilidade e se não suportou consultar pacientes normais, imagine usuários de drogas. É lindo, mas não é real, não para você.

— Usuários de drogas são pessoas normais, dizer que não são normais por usarem drogas mostra apenas seu preconceito, não que tem razão no que está falando.

Ele ri com certo deboche e encara minha mãe como se passasse a bola para ela.

— Maycon, esse tratamento exige orientações com profissionais de saúde especializados no assunto de dependência química, como um psicólogo e médico psiquiatra. Não com um ex-usuário — minha mãe diz com calma e é interrompida pelo meu pai.

— Ter conhecido o outro lado não o faz ser um especialista no ramo. Entendeu agora? — ele conclui com o ego cheio de razão.

— Nunca afirmei ser um especialista, mas acho que...

— Esse é o problema. O seu achar não resolve nada. Tem certeza mesmo que está preparado para isso? Provavelmente já convenceu Elena, mas por acaso foi franco com ela?

Elena e Jeniffer não interferem.

— Eu sempre sou franco com ela.

— Que bom, então nos diga, quanto tempo está sem usar cocaína? Lembrando que irá completar três anos que fez seu tratamento.

— O que isso tem a ver? — altero o tom.

— Responda, é simples. Quanto tempo está sem usar?

— Ele teve uma única recaída, Isaac. Maycon já me contou — diz Elena. — Sim, ele está sendo franco comigo. Estamos nessa juntos.

— Não sei onde essa conversa vai chegar. Vou fazer com o dinheiro da Jayde, o que significa que não preciso de você.

— Maycon, não é assim que se resolve as coisas — minha mãe se opõe.

— Sério? E acha que o dinheiro dela não vai acabar? Sinto lhe informar, mas Jayde, assim como todos que morrem, será esquecida e uma hora o dinheiro vai acabar, e então grande gênio, como vai fazer quando isso acontecer?

— Vai à merda, Isaac. Você se acha tanto, mas não consegue nem cumprir com seu papel de pai. Errou comigo e está errando com a Jessica, e se ao invés de se preocupar com minha vida, tentasse organizar a sua, não perderia seu tempo tentando mudar uma opinião já formada. Eu e Elena já decidimos e vocês não nos farão voltar atrás.

— Elena provavelmente está sendo dominada pela vontade de voltar a morar perto dos pais, mas quando colocar a mão na consciência verá que isso é um erro. Quer ajudar viciados? Ótimo, o dinheiro é seu, mas porque não doa para uma instituição. Já respondo porque, quer ir para lá apenas porque acha que vai poder voltar a ser quem era, e se Elena fosse esperta, teria percebido isso. Sabe por que, Elena? Porque Maycon acha que se ele voltar a usar, e voltará, você não terá coragem de contar aos seus pais, então vai ter que engolir e aceitar tudo sozinha. Quer isso? — ele pergunta e vejo a insegurança no rosto da Elena.

— Elena, isso não vai acontecer. Ele está viajando porque quer me manter preso aqui.

— Quero o melhor para você e mesmo que doa dizer isso, sei que não tem estrutura para abrir uma clínica de reabilitação — diz, irritado.

— Isaac, por favor? — minha mãe intervém.

— Para você eu nunca tenho estrutura para nada, pai. Seu problema é que ainda me vê como aquele garoto que você deixou chorando quando foi embora, mas eu cresci e tem que começar a enxergar isso.

— Como eu vou ver isso se a cada vez que tem um problema você recua para o colo da sua mãe?

— O quê?

— Chega! Isso não vai levar a lugar nenhum e é melhor parar por aqui. Deixou de ser um momento apropriado para conversar — minha mãe conclui.

— Quando não concordamos com ele, mãe — aponto para o meu pai. — Nunca é momento para conversar e é óbvio que sei que tenho que ter uma equipe especializada e estou correndo atrás disso, mas como sempre, vocês nunca

escutam o que eu tenho a dizer. Muito obrigado por todo incentivo, só demonstram o quanto me apoiam, mas ainda assim, isso não muda minha opinião. Eu vou embora vocês querendo ou não — me viro para Elena. — Vamos embora?

Ela confirma com a cabeça, pega Noah, se despede de todos, minha mãe sai com a gente. Me pede calma e cada um segue para a sua casa. Eu me sinto tão frustrado que começo a apreciar o convite de Jayde para ir embora, mas além do Noah, eu tenho outro filho que está vindo e percebo que até essa opção de desistir me foi tirada. É horrível sentir a falta de confiança das pessoas tão exposta na minha pele. Posso até ouvir Jayde e Robert rindo, porque até eu começo a acreditar nessa droga de mundo melhor, porque pior do que essa porra aqui, acho impossível existir.

Capítulo 34 - Sem fórmulas

Ele segue em silêncio, pensativo. Sei que está magoado pela atitude dos pais. Não demora e seu telefone começa a tocar. Maycon atende.

— Oi, mãe — fico em silêncio, mas não consigo escutar. — Não, é a opinião dele. Está tudo bem... Tenho certeza, não, mãe, não precisa, está tudo bem. Sério, obrigado, boa noite.

Assim que chegamos, ele pega Noah e o leva no colo. Maycon vai direto para quarto do nosso filho e quando vem ao nosso, estou terminando de trocar de roupa. Acho que tenho exagerado um pouco com os favores. Mas essa é a maneira que encontrei de mantê-lo conectado com a gravidez. Só não sei se ele entende isso. Após escovar os dentes, ato que se tornou um martírio devido aos enjoos, deito. Ele fuma na sacada, queria tanto que ele largasse o cigarro, mas parece impossível. Amo o Maycon, amo tanto que gostaria muito de podê-lo fazer enxergar como é importante para mim. Quando ele deita, me viro olhando para o seu rosto e isso o faz dar um sorriso tímido.

— Meu pai não a fez mudar de opinião, ou fez?

— Não — dou beijo nele e acaricio seu rosto.

— Iria comigo mesmo se não fosse para a sua cidade natal?

— Amor, eu iria para qualquer lugar que você fosse.

— Para o inferno também? — diz com ironia.

— Já passamos por ele — falo séria. Ele desvia o olhar, sem graça e fica em silêncio. — Mudando de assunto, acho que será ótimo morarmos longe dos seus pais — digo, ele dá um sorriso de canto.

— Talvez minha mãe me acompanhe.

— Ah não, Maycon...

— Ei calma, não acho que ela faria isso. É apenas brincadeira.

— E o que ela queria?

— A mesma história de sempre: *somos seus pais e queremos seu bem*.

— Com certeza querem, mas exageram no, digamos, “proteção” — ele escuta, mas não revida. — Eu te amo e tenho certeza que seremos felizes.

— Você acha? — ele pergunta e eu o olho, sem entender. — Estou tentando me manter com você, ao seu lado. Mas acho que é sem sentido e eu não sei se consigo fazer isso por muito tempo. Sei que deveria ser grato, mas sabe o que é querer ter um dia da vida de outra pessoa, qualquer uma, querer apenas não ser eu?

— Amor, um dia você me disse que era normal sentir insegurança em um

mundo com tantas pessoas para te sacanear. Entendo que é difícil ver além das adversidades, mas se olhar um pouquinho só, acima delas, vai ver que o futuro trará os bons frutos. Vamos tentar hoje, e se amanhã não der certo, tentamos outro caminho. O importante é termos um ao outro.

— Ouvir você não faz sentido algum para mim. Desculpe se estou sendo sincero, acho que às vezes falo demais. Eu não quero te...

— Estou aqui para você, para os nossos filhos, para nós. Eu acredito em você, entendo a sua perda, mas acredito que você é forte, que vamos conseguir passar juntos por isso. Você não tem que lidar com isso sozinho, pode contar comigo sempre.

Ficamos nos encarando como se tentássemos descobrir algum segredo. Ele me puxa para os seus braços, vejo o verde de seus olhos, ainda que conheça profundamente esse olhar, ele é indecifrável. Maycon é depressivo e desde a morte da Jayde ele tem afundado mais, apesar de tentar demonstrar o contrário. E ter que passar por essa perda, junto com a falta de apoio dos pais, o deixa ficar vulnerável. Quero poder demonstrar o quanto ele é necessário na minha vida. O quanto o amo, mas é difícil tentar ajudá-lo quando meus sentimentos dominam até o mais íntimo dos meus pensamentos e razão.

— Quer fazer amor comigo?

Sua pergunta me surpreende. Sorrio e ele entende a resposta. Se aproxima e iniciamos nossa dose altamente viciosa de beijos. Maycon me beija com todo o amor e desejo que sente por mim. Quero me desprender de tudo, todos os pensamentos e conectar-me somente a ele. Não posso negar que sou viciada nisso, em seu toque, seus beijos, o contato íntimo de nossas peles. Tudo em mim, cada sensação, cada suspirar, me diz que preciso dele. Só pela forma que Maycon me olha, já é o suficiente para o meu corpo entrar em chamas, pois o homem que eu amo com todo o meu coração, além de sentir o mesmo por mim, me deseja como eu o desejo.

— Você está linda. Seu corpo está ganhando novas curvas — Maycon diz enquanto passa a mão na lateral do meu corpo.

— Eu acho que estou engordando mais do que na gravidez do Noah — ele sorri e passo a ter certeza disso.

— Não se sinta menos que perfeita, porque é isso que você é, meu anjo — sussurra enquanto beija meu pescoço, causando arrepios por toda a minha pele.

— Mas é normal ter insegurança, a gravidez sempre deixa suas marcas.

— Independentemente de como seu corpo irá ficar, para mim você sempre será perfeita. O amor está acima disso, Elena, o importante é você se sentir bem consigo mesma — ele sussurra e abaixa as alças da minha camisola.

— Você, como sempre, sabe o que dizer — sorrio, coloco minhas mãos em

seu cabelo, Maycon vai distribuindo beijos por todo o meu colo, chega aos meus seios, que estão mais sensíveis, explorando com sua boca e suas mãos.

— Seus seios ficam mais lindos quando está grávida. Eu adoro.

Sorrio enquanto Maycon me deixa nua. Ele se ajoelha na cama e tira toda sua roupa, e assim, nos encaramos. Ele se senta e me puxa para o seu colo, coloco cada perna ao redor de seus quadris. Maycon coloca suas mãos por dentro do meu cabelo e me puxa para um beijo intenso, passo meus braços ao redor do seu pescoço, ele não deixa meus lábios, aprofunda mais o beijo. Aos poucos, ele me puxa pela cintura, me posicionando em seu colo e sinto uma sensação maravilhosa ao senti-lo me invadir. Como sempre, a sensação de tê-lo dentro de mim é perfeita e a maneira que nossos corpos se encaixam no outro, incomparável. Aos poucos vamos dando tudo de nós. E eu vou me rendendo ao ritmo da canção que apenas os amantes podem escutar, e assim, ambos iniciamos a busca do nosso prazer. Nunca tive uma experiência íntima com outro homem, mas tenho certeza que nenhum seria capaz de causar em meu corpo as mesmas sensações que esse vício me causa.

Depois de nos amarmos intensamente, adormecemos abraçados.

A semana continua, no sábado iremos para a casa dos meus pais. Maycon passou a assistir ao clipe da Jayde todas as noites, como um ritual e vejo a dor da saudade em seus olhos. Mas na mesma ocasião, prefiro me ater a um livro, ou simplesmente ficar em seus braços sentindo seu cheiro. Na clínica, nos intervalos, penso em como fazer para ajudá-lo sem que ele perceba que é uma ajuda. Ao pensar em Jayde, acabo não resistindo e escuto a música, tenho me negado a ver o vídeo, pois para mim tem uma mensagem clara e ao pensar a respeito, abro o *YouTube* e quando vejo novamente com atenção, percebo, no momento em que a palma da mão dela se torna visível com a frase “Estou te esperando”. Congelo, achando que minha mente está me pregando peças, volto a ver novamente e confirmo que realmente está escrito. Instintivamente ligo para o Maycon.

— Oi — ele atende.

— Está tudo bem?

— Estou, por quê?

— Quer vir me buscar hoje? — espero a resposta.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, mas...

— Tudo bem, eu vou. Eu te amo, Elena.

— Eu também te amo.

Quando termino o expediente, fico feliz ao ver o carro dele na rua em frente à clínica, não entrou no estacionamento e sei o motivo, mas veio e isso é o que importa. Ele me beija assim que entro, conversamos um pouco e ao olhar em seus olhos, meu coração se aquieta. Nossa semana segue e apesar de tudo, estamos bem. Na quinta, assim que chego, me deparo com Emily e Isaac na sala com Maycon e Noah. Apenas cumprimento, Noah corre para os meus braços e me beija, depois volta ao seu brinquedo. Eles não parecem tensos, saio dizendo que vou tomar banho e fico alguns segundos na escada, escuto Emily dizer que Maycon não precisa se mudar, que se ele realmente quer abrir a clínica, eles o ajudarão na condição de ser aqui na cidade.

— Mãe, obrigado pelo apoio, mas realmente eu já decidi. Não vou voltar atrás — ele está diferente, parece alheio a tudo isso, parece não se importar.

— Maycon, tudo isso é conversado — Isaac interrompe.

— Pai, sabe qual o seu problema? Se preocupa e dedica todo o seu tempo à empresa, e o que sobra, para mim. Eu cresci e me deixa puto como você não enxerga isso. Vai ter outro filho e fora que Jessica precisa de você mais que eu, já reparou que ela está carente?

— Jessica está ótima, o assunto aqui é você — diz, rude.

— Está enganado. Naquele dia ela foi ao cinema comigo.

— O quê? Ela foi com você? — Isaac interrompe.

— Escuta, ela me ligou e pediu para levá-la. Eu não fazia ideia de que vocês não sabiam, depois ela me confessou que disse aos amigos que eu era seu namorado.

— O quê? — escuto Emily e Isaac, surpresos.

— Fiquei tão chocado quanto vocês, mas isso é carência, pai. Ela é inocente e se confundiu, o erro é seu e da sua esposa. Então dê atenção a ela para que não aconteça o que aconteceu comigo.

— Não vai mudar de decisão? — Isaac insiste, ignorando o que Maycon disse sobre Jessica e isso parece deixar Maycon frustrado.

— Não!

— Tudo bem, vou indo então.

Subo a escada em passos rápidos para que eles não me vejam.

Os minutos passam, Maycon sobe e se despede de mim, diz que viajaremos sexta de madrugada e que já reservou o hotel.

— Amor, por favor, ao menos uma noite eu queria dormir com você no meu antigo quarto.

— É uma fantasia? — ele sorri, maliciosamente. Confirmo com a cabeça. — Vou pensar a respeito — pisca e segue para o bar.

Na sexta, às sete da noite, nossas malas já estão prontas. À uma e meia seguimos para o aeroporto. A viagem é tranquila, de madrugada evitamos o transtorno de horário de pico. Desembargamos às quatro da manhã, seguimos para o hotel e não consigo dormir, ao contrário de Noah e Maycon, que dormem bem até às oito e meia. Estou tensa. Antes do almoço, já estamos em frente à porta dos meus pais, e é meu pai que abre. Estou sorrindo feito boba, Noah se joga nos braços dele e logo todos estão na sala para nos receber. Conversamos e deixo Noah aos cuidados das minhas irmãs, meu pai fica dando atenção a Maycon, então ajudo a minha mãe a pôr a mesa, vez ou outra, olho para sala e vejo um cenário bem oposto da última vez que estivemos aqui.

Eles conversam a respeito da clínica, sobre o local e meu pai indica pessoas com experiência no ramo, diz que poderá apresentá-lo. É uma conversa amigável, me emociona ver, não só eu, a minha mãe também. Ela sabe o que significa para mim vê-los assim. Terminamos de pôr a mesa e chamamos todos para almoçar, minha mãe faz uma excelente comida caseira e gosto disso, desse aconchego familiar. Como sempre, meu pai faz um agradecimento pelo alimento e todos almoçamos. Maycon elogia a comida da minha mãe, meu pai brinca dizendo que eu não aprendi com ela e ele confirma que não.

Após o almoço, vamos ao local junto com o meu pai, onde poderá ser a clínica. É uma área bem vasta, com espaço verde, já possui uma casa com vários cômodos, precisará de uma reforma e vários ajustes, mas é um excelente local, eu acho, e Maycon parece ficar entusiasmado também. Fico surpresa quando ele mostra todo o design feito por ele no celular. Eles conversam sobre tudo com o corretor de imóveis. Ele anda por todo o local, depois de quase uma hora, finalmente voltamos para a casa. Meu pai nos diz que fará um churrasco com alguns amigos à noite para apresentar Maycon, que sorri sem jeito. Ele está tímido, fala pouco, reservado.

— Vou te ensinar a preparar um bom churrasco — meu pai brinca e Maycon sorri. Eu o pego pela mão.

— Quero te levar para um lugar.

— Aonde?

— Só vai saber quando chegarmos.

— Mas e o Noah?

— Está brincando com as minhas irmãs no quintal. É rápido — sorrio.

— Não é chato sairmos assim? Seus pais são... Você sabe.

— Já tinha falado com a minha mãe. Um tal de Maycon uma vez me disse para viver o momento sem pensar nos outros.

— Mas isso não inclui quando se está na casa dos sogros.

Ele sorri e seguimos de mãos dadas pelas ruas, quando chego ao parque, sinto

um frio na barriga. Ele está como sempre esteve, a não ser por mais bancos, Maycon se mantém em silêncio, observando o lugar. Eu me aproximo do lago e sento na grama e ele senta ao meu lado.

— Imagino que tenha boas lembranças daqui.

— Passei minha infância vindo brincar aqui e depois que o conheci, fantasiava que um dia viríamos para cá.

— E como era na sua fantasia?

Ele deita a cabeça em meu colo, me encarando.

— Perfeito — começa a ventar mais forte.

— E é perfeito para você aqui? — ele não desvia o olhar, parece estar tentando ver além dos meus olhos.

— Não precisamos de lugares perfeitos quando temos a pessoa que amamos ao nosso lado. O amor por si só já transforma um simples lugar em algo mágico.

Ele me puxa e me beija.

— Cada segundo ao seu lado me faz perceber que você foi feito para mim e quero poder de alguma forma fazer com que você perceba o quanto me faz feliz, Maycon.

— Elena, eu sei que deveria ser melhor para você, que deveria tentar mais, mas infelizmente eu não sei como chegar a isso. Mas quero, realmente quero chegar a ser quem você merece.

— Mas você já é, apenas não percebeu ainda. Como pode querer ser o melhor para mim se não se acha o melhor?

— Isso é psicologia, pode parar — sorri.

— Não, meu amor. Eu só quero te fazer enxergar a verdade sobre você.

— Mas você não conhece a verdade sobre mim, e se conhecesse, talvez não diria isso — suspira. — Gostou do local? — ele muda de assunto.

— Não faça isso, não quando estou tentando.

— Tudo bem, desculpa.

— Qual o real motivo por ter escolhido esse lugar? — pergunto, olhando em seus olhos.

— Você, Elena. Eu fiz tantas escolhas pensando em mim e elas foram erradas, quero fazer escolhas que te façam feliz. Quero começar a acertar, cansei de ter que encarar as consequências dos meus erros — ele se levanta, deita e me faz deitar em seus braços, me viro e fico o encarando. — Eu não consigo encarar está vida sem tê-la ao meu lado. Eu preciso de você e quero escolher a sua felicidade, porque se você estiver feliz, eu estou também, entende? Você me falava desse lugar como se ele fosse o lugar mais perfeito do mundo, mas não é, contudo percebi que ele se torna perfeito através de seus olhos e acho que quero isso. Quero enxergar a vida como você enxerga.

Sorrio e o beijo.

— Sempre sonhei em estar aqui com você e esse momento é a prova de que sonhos se realizam.

— E sonhou em fazer amor comigo aqui também? Porque se sonhou, vou começar a realizar agora.

Ele coloca a mão por baixo da minha blusa e beija minha pele, sentir seus lábios é como o bálsamo.

— Maycon, para. Aqui é cidade pequena, todos se conhecem.

— Mas eles não me conhecem.

— Mas me conhecem — sorrio.

Ele volta a me beijar, mas não o deixo chegar tão longe. Paramos aos poucos.

— Está gostando daqui?

— É outra realidade. Lugar pacato, ruas estreitas e todos parecem se importar com a vida alheia — sorrimos.

— Acha que pode se acostumar?

— Sim — sorri. — Quero que seus sonhos se tornem reais, quero te dar o que eu nunca dei a mim mesmo. Sei que no momento parece forçado e impossível, mas não é. É a verdade de quem eu quero chegar a ser.

— Obrigada, eu te amo muito.

Voltamos aos beijos, mas algumas crianças chegam acompanhadas de seus pais. Nos sentamos e Maycon observa as famílias. Ficamos apenas nos braços um do outro observando, sentido o vento e vendo as folhas serem levadas por ele. Maycon passa a mão em meu ventre.

— Acho que será um bom lugar para criar Noah e o bebê.

Levantamos, as pessoas nos dão um boa-tarde, retribuímos e seguimos de mãos dadas para a casa de meus pais.

— Papai e mamãe *chego* — Noah diz ao nos ver entrar e vem ao nosso encontro.

— Ele já contou que vai ter um irmão e que papai vai ser dos dois — minha mãe sorri.

— Ele só lembra do pai.

Todos sorrimos, inclusive Noah. Maycon aperta minha mão e me lembro de que ele quer tomar banho.

— Mãe, vou tomar um banho agora.

— Fiquem à vontade. Pode deixar que eu cuido do Noah.

— Meu pai saiu?

— Foi com sua irmã comprar algumas coisas.

— Tudo bem.

Subimos a escada, quando abro a porta do meu antigo quarto, vejo que não há

muita diferença. Maycon sorri ao ver as paredes lilases com papel de parede florido. Vai até a estante e vê várias fotos antigas com alguns amigos de escola.

— Nunca um rapaz dormiu aqui comigo — provoco, sorrindo.

— Dá para perceber o porquê — sorri, debochando.

— Engraçadinho — eu o abraço por trás. Ele se vira, me beija e segue comigo até a cama, deita e me coloca por cima.

— Seu quarto é a sua cara.

— Isso é bom ou ruim?

— Depende do seu ponto de vista. Para mim que ama tudo em você, é bom.

Ele me beija novamente. Continuamos por um tempo e acabamos no banheiro fazendo amor debaixo do chuveiro.

— Estive pensando no nome — falo, olhando em seus olhos enquanto ele recupera o fôlego.

— Mas não sabemos o que é ainda — Maycon sussurra.

— Está tão diferente do Noah que tenho algumas suspeitas — sussurro e ele sorri, mas não pergunta qual a suspeita.

Terminamos, quando descemos meu pai já iniciou os preparativos e apresenta Maycon para alguns amigos. Todos ajudam, meu pai entrega uma cerveja para o meu marido, que o ajuda na churrasqueira e outro amigo traz tequila. Vez ou outra ele sorri para mim, fico distraída conversando com a minha mãe e as esposas dos amigos do meu pai, elas me viram crescer.

— Seu filho e esposo são lindos. Parabéns, Elena — uma diz e todas dão sorrisos discretos.

— Obrigada.

Elas continuam contando fofocas dos vizinhos e minha mãe adora saber das “novidades”, como ela mesma diz. Observo Maycon, ele sorri ao escutar os casos absurdos de vantagens que os homens contam, é uma história mais absurda que outra, mas acho que eles não percebem que ele ri por achar absurdo. Ele está relaxado, comendo e bebendo com eles. Quando me aproximo, ele me abraça e não demora, Noah vem ao seu colo.

— Esses caras são loucos — ele sussurra.

— É tudo mentira.

— Óbvio que é, mas são engraçados — ele conclui.

— Daqui a uns dois anos você estará como eles.

— Gordo e contando vantagens absurdas? — ele pergunta.

— Sim. Não gostou?

— Adorei — ele me dá um selinho. Noah pede um refrigerante para a minha mãe, então Maycon fala para ir até ela buscar e ele o obedece. — Vamos na frente da casa para que eu possa fumar um cigarro?

Aceito ir com ele, Maycon fuma um, depois outro.

— Seus pais são legais, Elena.

— Eles erraram com você.

— Já estão perdoados — dá uma tragada. — Você fica bem tranquila com eles por perto.

— Você também, ou não?

— Fico sim, são confiáveis. Amanhã vamos embora.

— Pedi para a minha mãe olhar uma casa aqui na região que esteja à venda.

Mas também podemos construir, se você quiser.

— As duas opções são válidas. Você decide o que achar melhor.

Voltamos para a área de churrasqueira que fica nos fundos. Meu pai toda hora pede Maycon para provar suas bebidas.

— Pai, chega, já beberam demais.

— Elena, eu não bebi demais — ele diz, sorrindo, e esse é um claro sinal de que está bêbado.

Vou com Maycon até a churrasqueira e ele vai jogar cartas com os amigos. Maycon tira a última carne, eu olho as horas e vejo que são quase onze. Observo o céu estrelado, sinto seu abraço por trás.

— O céu está lindo, as estrelas — falo.

Maycon apenas admira.

— Podemos deitar?

— Podemos.

Nos despedimos de todos e como Noah quer ficar com Ashley e Kayla, acabo deixando.

Vamos ao quarto, estou cansada, muito. Deito e ele deita ao meu lado.

— Acho estranho. Eu não consigo me lembrar como era minha vida antes da cocaína, não me lembro da minha infância ou de como era bom. E quando eu penso em tudo, na Jayde, parte de mim pode dizer que pelo menos eu tentei fazê-la feliz, tentei ser alguém que ela podia confiar e isso de certa forma me conforta. Quero poder acreditar que ela está bem, que está feliz. Essa fé vai me ajudar a seguir.

— Eu acho que ela está melhor, ela disse isso na carta. Não lembra?

Maycon dá um sorriso.

— Acho que deveria ter guardado, mas queimei. Tenho algumas palavras guardadas em mim, e...

— Às vezes é bom queimar o que não faz bem, deixar velhas lembranças no passado e permitir que o presente lhe traga novas. Mas se quiser, podemos ir ao cemitério um dia e você pode se despedir. Dizer o que gostaria de ter dito, isso não é ser falso, Maycon, e fazer isso não o tornará pior. Eu acho que você

precisa disso para se sentir mais leve. E se sentirá livre para escolher seus passos sem aquela sensação de que está deixando algo para trás.

— Você tem razão, obrigado por ser quem você é — ele me beija.

— Por mais que eu tente, só posso imaginar o que você está passando. Mas eu vou tentar compreender da melhor forma que puder. Vou ficar ao seu lado e quando se sentir preparado para isso, vou com você, também preciso me despedir dela.

No domingo à tarde, seguimos de volta para a casa e pela primeira vez, sei que ambos gostamos e queremos mesmo voltar. Sinto que encontramos um bom lugar para recomeçar e engana-se quem pensa que para se recomeçar é necessário ter tudo planejado. A vida não permite planos, ela mesmo traça seu caminho e essa é sua essência. Ela não se traduz em fórmulas, mas aceita avidamente ser guiada pelo amor. E ele está nos guiando.

Capítulo 35 - Encontrando-se

Maycon

Voltamos para o apartamento e confesso que dessa vez eu me senti bem. Acho uma loucura ir para um lugar tão pacato, mas uma loucura boa. Apesar de odiar mesmo pessoas querendo meter o dedilho na minha vida, o que lá é comum, mas vou arriscar, é isso e foda-se.

Mais uma semana se inicia e penso no que Elena me falou a respeito da Jayde, a gravidez tem modificado Elena e não só fisicamente, mentalmente também, ou talvez eu nunca tenha dado a ela a chance de me apresentar esse lado. Volto a dar aulas a Jessica, ela está mais reservada e penso que meu pai tenha conversado com ela, mas não pergunto. Meus problemas já são o suficiente para mim. Essa semana tem consulta, Elena completará três meses, se não me engano, ando ruim para guardar datas, parece que a única que não esqueço é do nosso aniversário de casamento, que está se aproximando, e da morte da Jayde, onde tudo meio que perdeu o sentido. Os dias seguem, Noah tem reagido melhor com a ideia de ter um irmão e acho que esse mérito é meu, que sempre converso com ele a respeito.

Quando se vive um momento ruim, você deseja mesmo ter um botão que irá passar a vida toda para a frente, o problema é que nunca se sabe se o que vem a seguir não é pior. Minha mãe me convida para almoçar na próxima quarta e sei que provavelmente virá outra tentativa em me fazer desistir, o que será inútil. Aceito, decidindo não me abalar mais com isso, não deixar que palavras me atinjam. É frustrante, você tenta, mas não consegue assumir a direção. E se antes, em algum remoto momento eu me achava o cara, hoje me acho um babaca. Mas as pessoas mudam, ou a vida as mudam e temos que aceitar, se adaptar é a palavra certa.

Vamos para a consulta, Elena, como sempre, está animada, escutamos o coração do bebê, bate bem mais rápido que o coração de um adulto, o que é normal. O ambiente me faz lembrar algumas aulas, mas sou desperto ao escutar do médico que está tudo bem com a gestação. Não estou fazendo as contas, mas acho que meu outro meio-irmão está perto de nascer e sinceramente, acho que deveria me importar mais. Às vezes eu sinto que é um porre ser eu, tão sem ânimo. Mas estou indo para a grande mudança, aquela que irá resolver tudo, segundo a perspectiva da Elena, e uma parte em mim está muito animada. Ela só não consegue demonstrar para outra. Mas estou tentando me reerguer e isso deixa meu ego intacto. A quarta chega, sorradeira como os outros dias, me dizendo que

minha vida está passando bem diante de mim. Deixo Noah na escola, chego ao restaurante e vejo minha mãe em uma das mesas. Loira, com seu cabelo perfeitamente alinhado em um coque, vestindo um terno elegante. Essa tem um ego maior que o meu, o que faz todos à sua volta parecerem inferiores. Ela olha as horas e assim que me aproximo, começa a falar.

— Como você está, meu amor?

— Como um velho de cem anos que acaba de ganhar na loteria — sorrio e ela não corresponde, odeia ironias. — E você, mãe?

— Preocupada com você.

— Então está como sempre. É foda ter um filho que só causa isso em você, preocupação.

— Não quis dizer isso, amor.

— Tudo bem, tem dias que nem eu me suporto. Mas estou bem, morrendo de amor e vivendo a passos lentos.

— Por que não tentamos antidepressivos de novo? Por que não volta ao psiquiatra, terapia. Você se saiu muito bem da última vez.

— Todo dia eu tenho uma guerra contra o espelho simplesmente por odiar o cara que está do outro lado. Parece que eu tento e nada dá certo e sinceramente, se as consultas e remédios não forem me dar a chance de viver na pele de outra pessoa, não vai resolver merda nenhuma.

— Elena sabe disso? De como se sente?

— Mãe, é um saco viver com pessoas depressivas e eu sei disso. Melhor poupá-la, e outra, só estou falando isso para você porque meus únicos amigos estão mortos — faço um gesto como se contasse um segredo. — E quer saber? Não espalha, mas descobri que eles não podem me escutar — sorrio ao ver sua desaprovação ao me ouvir. — Mãe, não quero forçar a barra e nem te obrigar a me entender, mas quando paro um pouco e penso em tudo, de repente me dou conta de que a vida me parecia melhor quando minha realidade era à base de uma viagem.

— Quando diz sua vida antes, quer dizer antes de casar?

— Nossa, que viagem a sua com isso de tentar colocar a culpa na Elena. Óbvio que não. Eu realmente a amo muito, é frustrante porque estou tentando ser meu amigo, mas meu outro eu não coopera muito. Banca o imbecil a todo momento, o que me deixa frustrado. Sou egocêntrico e caras assim são uma merda para conviver — pisco sorrindo e ela me olha confusa.

— Eu não consigo te entender, amor.

— Nem eu, percebe que loucura? Mas estou pouco me lixando para essa porra. É irritante demais, estou cansado de tentar me ver como esses idiotas, cansado de tentar chegar a ser como eles, tudo porque simplesmente não sei

como chegar a isso, a realmente sorrir e não ter que fingir um sorriso.

— O que eu posso fazer para te ajudar?

— Já está ajudando, não percebe? Está aqui, escutando merda de um imbecil que não sabe agradecer a vida que tem, isso já é uma grande ajuda.

Principalmente porque agora mesmo posso ver pelo seu olhar que acha que estou ficando louco. Mas eu também penso isso, às vezes — sorrio.

— Amor, você tem que tentar entender que...

— Que sou importante, que tenho uma família perfeita, que tenho saúde, que tenho a vida que muitos queriam ter e muitos etc. Eu sei e anotei isso, pretendo até fazer uma *tattoo* no meu braço com todas essas anotações. O que acha?

Assim, quando alguém começar com o discurso eu mostro a *tattoo* e a pessoa percebe que eu já decorei tudo.

O prato chega, minha mãe não rebate. Almoçamos silenciosamente, após terminamos, ela pede sobremesa e inicia novamente:

— Gostou da família da Elena, do lugar? Quer mesmo ir para lá?

— Essa semana assino os papéis de compra e a escritura.

— Maycon, nunca te contei isso, mas antes de você, eu tive duas perdas gestacionais. Simplesmente não conseguia levar a gravidez adiante.

Descobrimos que era uma causa imunológica, meu organismo rejeitava a gravidez. E depois de tratarmos, engravidei, era você — ela sorri. — E esse problema imunológico foi apenas o início. Aos quatro meses eu comecei a sentir cólicas e contrações, tomei remédio durante toda a gravidez para conseguir chegar ao final da gestação. Tive que fazer repouso durante todo o processo. Eu deixei a carreira, vida social, mas sentir você mexer, era como saber que tudo valia a pena, que eu teria minha recompensa, e tive no dia em que você nasceu. Seu pai foi maravilhoso, compreensivo e não via a hora de poder te conhecer. Acho que nós fomos os pais mais corujas do mundo. E conversando sobre isso com a minha terapeuta, ela me disse que talvez eu ainda te veja como o bebê tão frágil que era, mas que eu tenho que entender que você cresceu. E ainda que seja difícil, se é isso mesmo que você quer, tem meu apoio. Não posso ir te ver sempre, mas quando for abrir a clínica, serei umas das primeiras a estar na inauguração.

Suas palavras me surpreendem e me deixam feliz. E gosto disso.

— Desculpa por ter agido feito um louco, por sempre ter sido um péssimo filho. E obrigado por sempre estar ao meu lado, mãe.

Ela me olha confusa pela mudança repentina. É estranho ter certeza que minha mãe não me conhece. Mas acho que nem eu me conheço.

— Vou procurar patrocínio com todos os empresários que conheço e sei que posso convencer seu pai também.

— Obrigado. Isso seria ótimo.

— Arrumo a papelada para você também, se quiser. É só me enviar.

— Por que mudou de opinião. Tudo por causa da terapeuta?

— Porque quero a sua felicidade, e sei, apesar da saudade que irei sentir, que ela não está aqui.

— Queria ser forte como você sempre foi.

— Não tem que ser forte como eu, nem ser como seu pai, seja você e sei que quem te ama vai sentir orgulho de ver você sendo quem é. Quando tinha uns oito anos, costumava me dizer que um dia iria voar como um pássaro. E acho que chegou o momento e mesmo que eu esteja apreensiva, entendo que é necessário. Você não é mais um menino e eu preciso ver isso.

Ela quase chora, levanto, puxo a cadeira e sento ao seu lado, abraçando-a.

— Não é como se eu fosse morar do outro lado do mundo e sabe que sempre será bem-vinda na minha casa e vida.

— Eu sei. E o bebê, Noah, como estão?

— Bem. E o do meu pai, é para quando?

— Não fico perguntando muito, apenas se está tudo bem, mas acho que já está bem perto. Bruno, o nome.

Sorrimos.

— Sei que às vezes eu ainda pareço aquele moleque chato, desculpa.

— Nunca pensei isso de você, sou sua mãe e vou sentir muito sua falta.

— Eu também, mãe.

— Liga para o seu pai, sabe que ele se importa muito com você.

— Eu sei, depois vou ligar. E Jessica?

— Ela irá fazer terapia. Eu indiquei, mas isso é ciúme, sempre teve a atenção de Jeniffer e agora vai ter que dividir. Mas terapia é bom, muito bom. Eu amo fazer.

— Que bom, ela precisa.

— Você também.

— Estou fazendo com a Elena.

— Isso é antiético.

— Rola sexo depois da sessão — sorrio e ela fica vermelha.

— Maycon! Por favor, eu sou sua mãe — me repreende e eu dou um beijo em seu rosto.

— Vou indo, mãe. Obrigado pelo almoço. Por tudo.

— Promete trazer o Noah de quinze em quinze dias?

— Não. Trago em uma quinzena e na outra você vai vê-lo — pisco, ela sorri.

Saio pensando na vida e em meus pais, Elena, no Noah. Meu garoto esperto, ele é uma luz na minha vida. Aquela que diz que não posso desistir, ainda que

queira. Dirijo pelas ruas, sei que Elena queria mesmo fazer isso comigo, mas há coisas que você deve encarar sozinho, então é bem previsível para aonde estou indo. O cemitério onde ela foi enterrada é bem no centro, sinceramente, é tão lindo e bem-cuidado, que se não fosse pelas lápides, poderia ser confundido com um parque. Dirijo até a entrada, estaciono e sinto um peso, a dúvida se posso fazer isso, mas há uma diferença entre poder e dever, e sei que devo. Por mim, por ela. Saio e dou meus pesarosos passos. A despedida nunca é fácil, mas eu preciso, e esteja onde ela estiver, sei que precisa também.

Demoro um pouco, não sei por que, mas parte de mim prefere fingir que estou perdido. Respiro e eu posso sentir como se ela estivesse bem à minha frente, sentada, com um sorriso e esperando por isso. Fecho os olhos, sinto o vento e sei que direção seguir. Paro em frente ao seu túmulo, que é lindo, todo em mármore, com uma foto e várias flores, cartas e até algumas bebidas. É estranho, não é como Robert, olho mais uma vez sua foto, ela está sorrindo. Respiro fundo tentando encontrar as palavras, mas as lágrimas vêm primeiro.

— Olá, Jay, sou eu... É estranho isso, mas a vida é estranha, não é? — suspiro.
— A única certeza que temos é a morte. Eu queria poder marcar um encontro, poder contar algumas coisas engraçadas e dizer outras que a façam se sentir bem. Eu desejo que tenha encontrado aquele lugar, que esteja feliz. Estou aqui apenas para dizer adeus, sei que você já se foi, mas eu preciso fazer isso real em mim. Não dá mais para ficar esperando sua ligação, esperando ouvir sua voz... É difícil seguir, a dor da despedida é cruel, mas não é segredo que você se foi para viver a sua liberdade. E tenho que aceitar isso — derramo mais algumas lágrimas. — Você pode me ouvir? Acho que não. Mas eu ainda me lembro de todos os momentos que nos fizeram ser quem somos. E prometo que ao invés de chorar sua ausência, vou ser grato pelo tempo que tive você ao meu lado, por ter me ensinado a ser um amigo. Desculpe, estou sendo egoísta ao falar apenas de mim, mas me conhece e sabe que sou assim. Jay, eu te perdoo por tudo e espero que possa me perdoar também. Espero que a parte louca do Maycon que foi com você, possa nunca se esquecer da parte que ficou bem aqui. Sempre vou te amar, de coração. Não trouxe flores, mas você não precisa mais delas, fica em paz minha doce Jayde, eu te amo.

Respiro fundo, enxugo as lágrimas e dou passos mais leves em direção à saída. O tempo cura e vou ficar esperando que isso aconteça. Essa é a parte do seguir em frente. Quero começar a viver isso agora.

Volto ao apartamento e me pego pensando em toda sua essência, no seu sorriso, em tudo que essa garota representou para mim, em quantas vezes me salvou. O tempo vai trazendo e levando essas lembranças. O relógio desperta, hora de buscar Noah, sigo para o colégio e lembro da mesma cena. Eu,

esperando meu pai e enquanto mato os minutos, ligo para ele.

— Tudo bem, pai?

— Estou sim, Maycon, e você?

— Estou.

— Sua mãe me disse que almoçaram juntos. E que já vai comprar o terreno para a clínica.

— Vou sim — ficamos em silêncio.

— Maycon...

— Eu tenho plena consciência hoje, que quando eu me afundei nas drogas, levei você e minha mãe juntos. Além de deixar a cocaína roubar minha vida, ela roubou a de vocês também, que passaram a viver em função do filho problemático. Eu agradeço mesmo por nunca ter me abandonado, por ter acreditado e estado ao meu lado todas as vezes que precisei, pelo apoio em todas às vezes que fracassei, mas estou me dando uma nova chance de recomeçar em outro lugar, e pode achar que não, mas com isso também estou dando a chance de você e minha mãe retomarem a vida de vocês.

Eu o escuto chorar.

— Pai, eu vou ficar bem. Pode acreditar nisso e me dar essa chance?

— Eu posso, mas Maycon, vai com a consciência de que se necessário, terá sempre a opção de trilhar o caminho de volta.

— Obrigado, pai. Obrigado mesmo.

— Tudo bem. Eu tenho uma reunião agora, mas estou feliz por você. Posso te dar um conselho?

— Sempre.

— Sua mãe me disse que está depressivo e sabemos bem o motivo.

— Pai, eu...

— Maycon, como vai fazer com que outras pessoas acreditem que é possível e sigam o tratamento sendo que você mesmo não o faz? Ao menos pense a respeito.

— Tudo bem, eu vou pensar.

— Vou ir agora.

— Tchau, pai.

— Tchau.

Desligamos, saio do carro e vou ao portão, se Noah não me vir assim que ele se abre, começa a chorar, então eu sempre venho minutos antes. O portão se abre e sigo para onde ele fica com os outros alunos e professora. Pergunto se foi tudo bem e ela confirma. Pego sua mochila e seguimos de mãos dadas. Ele começa a falar e vou respondendo quando ele me dá tempo. Chegamos ao carro, então eu o coloco na cadeira de segurança.

— O bebê chega hoje?

— Não, mas vai chegar — respondo depois de verificar se o cinto está bem preso e confortável.

Fecho a porta, entro no carro e dou partida. Ele vai observando as ruas, os carros e começa a contar ao seu modo.

Os dias seguem, comemoramos nosso terceiro ano de casamento em um parque com Noah, com direito a bolo que ele escolheu. Mais dias passam e quando o vazio em mim transborda ao ponto de ser difícil suportar, tenho consciência que meu pai tem razão. Sempre detestei meu antigo médico, doutor Jordan, o psiquiatra que acha que sabe tudo. Ele é amigo do meu pai e me dá até desânimo em pensar nele, mas como tratou de mim por um bom tempo, ele conhece muito bem o meu caso. Não conto para ninguém, sei que meus pais irão descobrir, então marco uma consulta.

Após uma longa conversa com ele resumindo toda a minha vida desde a última vez que consultei, saio com uma receita de medicamentos, bem longa, por sinal. Marco um retorno para daqui a quinze dias e mais alguns exames. Volto a tomar antidepressivos, dessa vez mais forte que os últimos. O foda de ser cético é que você demora a perceber a melhora, mas elas chegam com os meses. Dois, para ser mais exato. O projeto está ganhando vida, as reformas e construções, iniciaram, estou acompanhado de perto. O que me faz visitar meus sogros, mais do que gostaria. Porém me sinto motivado, estou pesquisando muito a respeito e gosto de estudar sobre tratamentos eficazes e mais usados, e rio de algumas teorias que encontro sobre viciados na internet.

Agora que a barriga da Elena está grande, Noah se habituou com a ideia de um irmão. Ela irá completar cinco meses. Semana que vem, após fazermos mais um ultrassom, nós três iremos comprar o enxoval. Parece que finalmente estou conseguindo ver além, como Elena mesmo diz.

Meu irmão nasceu na sexta passada e hoje iremos visitá-lo. Bruno irá completar uma semana e como foi um parto complicado, Elena e eu resolvemos esperar esses dias. Eu o conheci por fotos e achei igual a todo recém-nascido. Elena diz que parece comigo, mas não sei onde ela conseguiu ver isso, mulheres são assim, veem coisas onde não existem. Elena optou por uma casa mais próxima do que eu queria da casa dos pais, mas não arrumei confusão por isso. Ultimamente tenho me apaixonado por todos os seus sorrisos, e adoro mesmo provocá-los.

Eu ainda não fiz aquela análise de como a vida está mudando, tenho boas perspectivas, e sinceramente está sendo como Elena apostou que seria. Eu, que não acreditava nos milagres da vida, presencio um a cada vez que sinto nosso bebê chutar. E isso não tem explicação, as pequenas coisas da vida, as simples

coisas são as que produzem a felicidade que grandes feitos nunca conseguirão. Tenho aprendido a apreciar isso, a dádiva da simplicidade. E hoje, ao invés de reclamar por sentir cada dia igual, aprecio as pequenas diferenças que os fazem ser únicos. Entendo que às vezes eu quero companhia, mas que também preciso de tempo. Tenho aprendido a lidar com a saudade que Jayde deixou e trancar a porta para todas as lembranças ruins. Às vezes eu permito que a solidão chegue e me faça companhia, esses são os meus momentos e não quero nunca abrir mão deles. É exatamente onde me encontro, neles eu reconheço alguns equívocos, como por exemplo, nunca poderei ter a mesma visão de vida que Elena, mas aprendi a gostar de como agora vejo a vida. E apesar de todo esse aprendizado, sinto que ainda tenho muito pela frente, muito que oferecer e receber, é um ciclo. Mas dessa vez não irei me precipitar, nem perder a hora, apenas aceitar e esperar pelo momento certo de cumprir minhas promessas. E sei que ele vai chegar.

Capítulo 36 - Um milagre a cada dia

Seguimos para casa de Isaac para conhecer Bruno, que lembra muito Maycon, mais até que Jessica. Somos recebidos pela ajudante, então entramos e os vejo na sala. Ele está no colo de Jessica, nos aproximamos e Noah segue desengonçado e todo curioso.

— É o *Buno*? — pergunta, encantado.

— Fala baixinho, senão assusta o bebê — chamo a sua atenção.

Cumprimentamos a todos e vejo que Jeniffer ainda está um pouco abatida. Sentamos de frente para eles e sou a primeira a pegar o bebê. Maycon, que está sentado ao meu lado, fica observando o irmão, enquanto Noah vem para o seu colo e curioso passa a mãozinha pelo rosto de Bruno. Ele é um bebê tão lindo, tão pequeno.

— Parece tão quietinho. Ele é calmo? — Maycon pergunta.

— Quando não está com fome é, mas acho que ninguém superará você.

Chorava demais — Isaac provoca.

— Ah pai, pode parar. Sempre eu sou extremo em tudo para você.

— Brincadeira, ele é como a maioria dos recém-nascidos.

— Normal, então.

Não dou palpites, estou tão admirada. Isaac oferece uma bebida para Maycon, ambos se levantam, mas Noah fica ao meu lado. Vai entender os homens, enquanto nós mulheres nos rendemos ao bebê, eles não demostram tanta emoção.

— Depois de quase treze anos, é a mesma coisa? — pergunto para a Jeniffer com sorriso bobo.

— É tão diferente que às vezes me acho inexperiente. Sério, mas Isaac tem ajudado bastante, ele é prático. Acho que é como foi com Maycon. E Jessica tem se mostrado uma ótima irmã mais velha, está cuidando muito bem de mim e dele, não é amor? — ela sorri para Jessica que retribui timidamente.

— Que bom. É sempre bom ter o apoio deles.

Continuamos a conversa, então Jessica o pega no colo e leva para trocar a fralda, com a babá os acompanhando.

— Emily já o conheceu?

— Sim, já sim. Ela nos contou que Maycon está fazendo terapia e que está bem melhor. É notável, ele parece melhor mesmo.

— Ele tem mudado muito, inclusive voltou a estudar. O chato é que sempre a mãe dele fica sabendo primeiro que eu — sorrio, sem jeito, mas essa é a verdade

e acho que começo a contar os dias para mudarmos com a esperança de que isso acabe.

— Emily parece vidente, Elena. Ela enxerga o problema e aponta a solução antes mesmo de nós vermos.

— Na verdade, ela se impõe muito, essa é a diferença.

— Ah, mas pense pelo lado positivo, vocês estão indo embora, vai passar esse melaço e é normal que ela queira estar mais próxima a ele.

— Verdade, mãe é mãe.

— Apesar de ela exagerar muito. E se não me engano, Isaac comentou que ela até conseguiu investidores para a clínica.

— Conseguiu. Maycon falou isso, mas o que ela não consegue? — ambas sorrimos. — Veio quando?

— Veio ontem, mas não ficou muito tempo, tinha um compromisso. Inclusive estava com aquela garota... Amiga do Maycon que conhecemos no bar. Qual é o nome mesmo?

— Alanis?

— Essa mesma. Isaac disse que às vezes almoçam juntas.

— Estranho, mas mudando de assunto, você está bem? Sei que o parto foi complicado.

— Optamos por parto normal e ele é bem grande, e como não dilatei, induziram o parto — suspira. — Mas fora isso, foi tranquilo. Você sabe, depois que os pegamos no colo, esquecemos.

— Verdade.

Seguimos até a sala de jogos onde Isaac e Maycon estão jogando sinuca. Consigo escutar a conversa antes de entrar e nossa presença não a interrompe.

— Ela é louca, mas é uma ótima pessoa, de confiança — Isaac se refere a alguém.

— E coloca louca nisso — Maycon completa e ambos sorriem.

— Quem Isaac? — Jeniffer pergunta, enciumada.

— Alanis — se direciona a Maycon. — Sua mãe gostava muito do Robert e acho que como você está indo embora, ela tem se apegado à Alanis. Tomará que ela possa colocar juízo naquela cabecinha de vento.

— Ela adorava o Robert — Maycon dá um sorriso de canto. — Era impossível não gostar daquele cara.

— É, você morria de ciúme — sorri, debochando. — E a clínica? Sua mãe disse que está indo bem — ele muda de assunto, mas é nítido o ciúme de Jeniffer, já o meu, consigo disfarçar.

— Está como planejado. Minha mãe me apresentou a um psiquiatra que mora na cidade vizinha aos pais da Elena. Tenho levado em consideração contratar

pessoas que já tenham experiência no ramo.

— Já é uma vantagem, mas deve colocar todos os gastos, inclusive cálculo de salários para ter base do investimento. Em compensação, a manutenção do lugar será feita pelos próprios dependentes, não é? Pode tirar como base a clínica onde se internou, eles possuem um ótimo planejamento.

— Será nesse mesmo estilo. Minha mãe tem me ajudado muito, você também e eu agradeço mesmo por isso. Ela tem me instruído consideravelmente em relação a toda documentação.

— Posso fazer a contabilidade para você. Precisa apenas me enviar os gastos e planejamentos, base de salários, quantos funcionários...

— Pai, eu agradeço mesmo, mas entendo que seu filho acabou de nascer e precisa desse tempo com sua esposa e família.

— Você também é da família, Maycon — Jeniffer opina.

— Eu sei — ele não rende.

— Já sabem o sexo do bebê? — ela pergunta.

— Não. Temos consulta e um ultrassom para fazer essa semana.

— Você está bem melhor, Maycon. Fico realmente feliz por isso — Jeniffer sorri, então escutamos o choro de Bruno. — Se não se importam, vou amamentar meu príncipezinho.

— Fique à vontade, não se preocupe conosco — digo, sorrindo, Jeniffer deixa a sala e Noah a segue.

— Fico realmente muito feliz por você, Maycon, com muito orgulho mesmo.

— Estou em metamorfose, pai — dá um sorriso irônico. — Deixei o bar para voltar a estudar, estou evitando palavrões, seguindo planejando meus passos no caminho do bem para colher os frutos. Daqui a pouco posso ser considerado santo. Santo Maycon — me olha com sarcasmo.

— Isso é amadurecimento, ele sempre chega, cedo ou tarde — retruco. — Vamos embora, Maycon?

— Está cedo — Isaac se opõe.

Maycon vira o restante da bebida e dá uma última tacada.

— Você que manda, meu anjo — me manda um beijo.

Nos despedimos de todos e lidamos com a birra do Noah que cisma que quer levar o bebê.

— Mamãe, eu *prometo* que devolvo amanhã — diz.

— O seu irmão já está chegando — Maycon brinca.

— Só um pouquinho — ele insiste. Maycon se ajoelha em frente a ele.

— Noah, escuta o papai — ele o olha, atento. — O bebê mama, além disso, ele quer ficar perto da mamãe dele. Não podemos levá-lo embora.

— É só um *poquinho*.

— Depois eu trago você para ficar com ele, mas vai ser depois, hoje está tarde e ele quer dormir.

Ele emburra, mas aceita, então voltamos para a casa.

Mais dias passam e eu engordo em todos eles e ao completar vinte semanas vamos para o ultrassom com a expectativa de saber o sexo. Hoje compraremos o enxoval.

Noah diz que é menino igual ao *Buno*, ele quer o Bruno de todo o jeito. Maycon sorri ao estacionar em frente à clínica e escutar Noah dizer que quer o *Buno*.

Ele tem estado bem, muito bem e eu também queria ficar assim, mas tenho tanto ciúme que às vezes nem eu me aguento. Evito muito demonstrar para o Maycon, agora que ele voltou a estudar se especializando em psiquiatria. E se antes eu tinha ciúmes por ele ir ao bar de quinta a sábado, hoje ele sai de segunda a sexta para faculdade onde conhece outras pessoas, ele sempre teve facilidade para fazer amigos. Só de pensar já é estressante para mim.

Após apresentar meus documentos na recepção, vamos até a sala indicada. Troco minha roupa pela hospitalar, deito na maca e o médico me prepara enquanto Maycon fica com Noah no colo. O médico passa o gel frio sobre meu ventre e o bebê mexe, então inicia o exame relatando os dados. Escutamos o coração, ele mede a frequência cardíaca e finalmente surge a pergunta se já sabemos e se queremos saber o sexo. Maycon diz que não sabemos e que estamos ansiosos para descobrir, então volta a olhar para a tela, assim como eu.

— Pode preparar a espingarda, é menina.

Maycon dá um sorriso lindo, é o sorriso Jayde, senti tanta falta dele.

— Parabéns! — O médico nos diz e agradecemos.

Ele conclui o exame, então eu me visto novamente e ao sairmos da sala, Maycon me abraça, sorrindo e me dá um beijo.

— Estou muitíssimo feliz. Você vai ter uma irmãzinha, Noah — brinca.

— Menina?

— Sim, uma menina — eu dou um beijo nele.

Então vamos às compras, onde entramos em várias lojas e compramos praticamente todo o enxoval. Deixamos Noah escolher também, inclusive a saída da maternidade.

Na semana seguinte, preparamos o quarto e contamos a novidade aos familiares e amigos que nos parabenizam ao saberem. Emily até sugere alguns nomes, mas descarto todos. Maycon agora a chama de princesa e geralmente ela corresponde se mexendo.

Na clínica tudo está seguindo normalmente, agora apenas eu e Derek sentamos à mesa, às vezes algum médico acompanha. Jeniffer sempre nos envia

fotos de Bruno, que está cada dia mais lindo.

Quando chego em casa, tenho me sentido indisposta, não sei se é cansaço mental, já que ando muito desanimada, ou por ter engordado nove quilos e não estou no meu melhor momento. Vejo as fotos de quanto estava grávida de Noah, foram poucas, mas dá para notar a diferença.

Eu e Maycon estamos mais distantes, talvez seja eu, na verdade, sei que o problema está em mim. Ele sempre me chama para sair e eu invento uma desculpa. Hoje completo vinte e quatro semanas, vamos à consulta e tudo está normal. Depois da consulta, deixamos Noah com Emily, que o levará para uma pousada para ficarem o fim de semana.

— Quer ir algum lugar? — Maycon pergunta ao entrarmos no carro.

— Não vai à faculdade hoje?

— Vou, mas agora são três horas da tarde.

— Aonde?

— Tomar um sorvete, ou um passeio, não sei.

— Maycon, eu já estou enorme, quer me engordar mais? — digo, séria.

— Você está grávida, é diferente.

— Vamos para casa, quero dormir.

Ele não questiona, em minutos chegamos e vou direto para o quarto da nossa princesa. Maycon não tem culpa por eu estar me sentindo tão estranha e sei que exagerei com ele mais uma vez. Eu me sento na cama, minutos depois Maycon entra e se senta ao meu lado.

— Você está tão linda, Elena.

— Estou mesmo, com o rosto parecendo uma bola de futebol. Ah esqueci, o rosto e o corpo — sorrio.

Ele beija a ponta do meu nariz.

— Pare com isso. Você está perfeitamente linda.

— Obrigada — eu lhe dou um beijo.

— Não vejo a hora de mudarmos.

— Eu também. Mas vamos esperar o nascimento, então poderemos fazer as coisas com calma, mobiliar tudo do jeito que a gente quer, sem as preocupações de uma gravidez.

Eu me deito e ele faz o mesmo.

— Escolheu o nome? — Maycon pergunta.

— Não, você pensou em algo?

— Escolhi o do Noah. Achei que você iria querer escolher o dela.

— Meu pai escolheu meu nome e das minhas irmãs.

— Quer deixá-lo escolher?

— Prefiro que seja você.

Ele sorri e pelo seu sorriso, sei que já tem algo em mente.

— Confesse, senhor Maycon Sebastian.

Ele beija a minha barriga. Maycon acaricia meu rosto, eu amo isso, amo seu toque, amo essa conexão.

— Sophie Aileen, o que acha?

— Por que escolheu esse?

— Sabedoria majestosa. Inclusive o nome Sophie era muito usado na realeza e ela é uma princesa. O que acha? Eu acho que encaixa bem.

— Perfeito — acaricio a minha barriga. — Sophie Aileen, você tem o pai mais babão e inteligente do mundo.

— E a mãe mais linda e gostosa, mas é chata e espero que não seja igual a ela na chatice.

Nos beijamos, agora com essa barriga enorme não tem como variar muito as posições, mas Maycon diz muito que estou perfeita, linda... E vários adjetivos que não vejo ao me olhar no espelho, mas ouvi-lo dizer isso me faz sentir dessa forma, é gostoso, intenso e eu o amo. Amo ser dele, me entregar e me sentir realmente perfeita em seus braços.

— Eu te amo — sussurro, deitada em seus braços.

— Eu me apaixono por você todos os dias, cada manhã que eu acordo e olho em seu rosto, me pergunto por que ser tão linda. Silenciosamente agradeço por tê-la ao meu lado, e sempre me aproximo da sua barriga e a beijo, sussurrando para Sophie o quanto a amo, o quanto amo Noah e como seremos felizes juntos. Eu conheci outra vida através de você, uma vida tão perfeita que desejaria vivê-la por mil anos. E tudo isso porque eu tenho você.

— Não me faça chorar, por favor.

— Isso é mais fácil do que imagina. Você tem que tirar essa ideia louca de reduzir o amor para a beleza, porque ele é um sentimento que está bem acima disso, e sujeitá-lo a isso o faz perder o valor. Tudo em mim ama você, Elena. E pouco me importo com seus quilos a mais, apesar de justificáveis, eles não diminuem em nada sua beleza.

— Eu amo você.

— Eu sei, meu anjo, a sua maneira, mas ama. Assim como eu te amo.

Vamos ao nosso quarto e nosso fim de semana é tão perfeito que desejo que Noah tenha se divertido como nós.

Mais três semanas passam, falta apenas uma semana para completar os sete meses e tudo está indo bem. Visitamos Bruno novamente, que continua lindo. Na quarta, ao chegar da clínica, me sinto indisposta, então comento isso com o Maycon, mas ele tem prova e me sinto tão incomodada que peço para Fátima ficar até mais tarde. Ela não se opõe e Maycon promete voltar assim que fizer a

prova.

Assim que ele sai, Fátima e eu ficamos conversando enquanto Noah brinca. Ela já trabalha comigo há um bom tempo e como não tem filhos e é viúva, perguntei se ela gostaria de se mudar com a gente, e para a minha alegria, ela aceitou. Estou realmente me sentindo mal, então olho as horas e vejo que ainda são sete e meia. Fico com uma vontade louca de ir ao banheiro e ao me levantar sinto um líquido escorrendo pelas minhas pernas. É muito líquido, começo a ficar assustada, assim como Fátima. Então ela me ajuda a trocar de roupa, pega a minha bolsa e chama um táxi para mim. Eu não estou pensando direito, então só peço para que ela tome conta de Noah.

O caminho todo vou implorando a Deus para que fique tudo bem. Chegando ao hospital entro às presas, explico o que aconteceu para uma enfermeira e digo que estou quase completando vinte e oito semanas e é neste momento que ela chama a equipe e me internam rapidamente. Estou assustada, com medo e sozinha e a única coisa que me vem à mente é Sophie, não consigo senti-la mexer. O médico me examina, colocam aparelhos para monitorar o coração dela, que está batendo normalmente, mas ao fazerem um ultrassom, para a minha decepção, eles constatam que perdi quase todo o líquido amniótico. Estou em lágrimas e acabo perdendo a noção do tempo. Volto à realidade somente quando Maycon entra no quarto.

Ele me abraça e choro feito criança.

— Vai ficar tudo bem, não vai?

— Vai — responde mais para si.

Ele está tão assustado quanto eu. Meu médico é chamado e não demora a chegar. Ao entrar, ele tenta me tranquilizar, mas é inútil, tudo que martela na minha mente é que ela não está pronta para nascer. Nesse momento, meu sentimento de mãe implora a Deus por sua vida, para que fique tudo bem e no ápice do desespero peço para que leve a minha vida no lugar da dela. O médico chama Maycon para conversar e quando ele volta vejo em seus olhos que não é a melhor notícia.

— Ela vai ficar bem, não vai?

Ele olha em meus olhos, desvia e diz um sim muito vago. As horas seguintes são surreais. Começo a sentir as contrações, que se tornam mais constantes até não ter intervalos. Não quero que a tirem de mim, mas o médico me examina e diz que chegou o momento.

— Ela não está pronta, sabe disso, não sabe? — sussurro.

Maycon não responde, apenas se mantém ao meu lado, segurando firme minha mão. Começo a fazer força e não sinto a dor, a dor em meu peito junto ao medo de perdê-la é mais forte. Então eu a sinto sair, estou sem forças, tonta, mas

escuto um choro fraquinho e de repente para.

— Trinta e cinco centímetros, e um quilo e noventa e três gramas.

Escutar isso dilacera o meu coração. Ela é colocada na incubadora, depois a levam e Maycon acompanha. De repente um vazio enorme me invade. O médico termina os procedimentos e eu consigo ver compaixão no rosto de cada um que acompanhou o parto. Os minutos passam, ou horas, não sei, então duas enfermeiras me levam para o quarto, onde Maycon me aguarda. Estou confusa sem saber o que dizer e o que pensar. Tudo estava indo tão bem.

— Conseguiu vê-la? — pergunto, depois de um tempo chorando.

Maycon confirma com a cabeça.

— Cabe na palma da minha mão — sussurra, chorando.

Eu consigo entender o que ele diz, mas não onde eu errei. Eu deveria protegê-la, agora ela está lutando pela vida na UTI neonatal. Acabo fazendo todas as promessas possíveis pela vida da minha filha. Agora sinto uma solidão sem explicação, não posso tocá-la, amamentá-la, tê-la em meus braços. Protegê-la.

Choro por horas nos braços de Maycon que permanece dizendo que tudo vai ficar bem, mas nem ele acredita nisso. A noite se vai por completo e às dez da manhã uma enfermeira vem nos avisar que podemos vê-la. Entramos na UTI com Maycon me segurando, então me aproximo da incubadora e me surpreendo. Deus, é pequena demais, tão pequena que não parece de verdade. Está toda entubada, usando apenas uma fraldinha e protetor nos olhinhos. Não nos deixam ficar muito tempo, então voltamos ao quarto e derramo todas as lágrimas possíveis, choro até não ter forças. À tarde, Emily vem nos visitar e traz Noah. Ele sorri muito ao me ver e ao abraçá-lo começo a chorar novamente. Ela vai ver Sophie e quando volta está tão inconsolável quanto nós. Se aproxima e me abraça e quando dá um abraço em Maycon, ele chora muito, fazendo com que Noah chore sem entender. Na hora de ir embora ele se nega a voltar sem nós. Emily conversa, Maycon conversa, mas é inútil.

Meus pais chegam e pela expressão do rosto deles, sei que estão sofrendo. Percebo que Noah não vai embora se Maycon não for e antes que ele perca a paciência com o nosso filho, sugiro que minha mãe fique comigo. Óbvio que Maycon não aceita, mas invento a desculpa que eu quero ficar com ela. Relutante e magoado, ele vai com Emily, meu pai e Noah.

Minha mãe tenta me tranquilizar e eu me agarro ao fio de esperança que teima em me deixar toda vez vejo Sophie lutando pela vida. Meu coração quer acreditar, mas a minha razão diz que é impossível.

Na manhã seguinte, eu recebo alta e Maycon volta para me levar para casa. Não há felicidade alguma em deixar o hospital sem a minha bebê. Faço mil preces implorando por um milagre e é exatamente isso que iremos viver a partir

de agora, um milagre a cada dia que Sophie se mantiver viva.

Capítulo 37 - Era uma vez

Penso em Sophie o tempo todo, eu não esperava tê-la tão cedo, muito menos ter que me separar tão rápido e sem certeza do amanhã. Tento desesperadamente continuar esperançosa, quero apenas que alguém me diga que vai ficar tudo bem e me agarrar a isso. Porém, ao contrário disso, o médico nos disse claramente que eles não podem garantir nada, tudo irá depender da Sophie e sua luta pela vida. Essas palavras não me saem da mente.

Maycon segue dirigindo lentamente e tudo que sinto é meu coração em pedaços, choro durante todo o trajeto. Não há conforto e todos ficam escutando meu choro sem interromper. Assim que chegamos ao prédio, ele para na garagem, então saio para pegar as minhas coisas, mas minha mãe me abraça e eu permaneço alguns minutos com a cabeça apoiada em seu ombro, chorando. Ela não deveria ter nascido agora, não estava planejado que eu deixaria o hospital sem ela, desamparada. Estou fraca, abatida, mas tudo que me importa é a vida da Sophie. Maycon me leva no colo até nosso quarto e diz que Emily ficou com Noah e o trará mais tarde.

— Eu sinto muito por isso, eu... — sussurro.

Ele me coloca na cama e se deita ao meu lado.

— Elena, não foi sua culpa, infelizmente isso pode acontecer com qualquer um.

— Mas dói, porque eu sou a mãe e deveria protegê-la e não sei nem o que eu posso fazer, como ajudar, mas eu a quero aqui, Maycon, com a nossa família.

— Eu sei, meu anjo. Logo ela virá para casa, pode ter certeza que vai ficar tudo bem.

Eu olho em seus olhos, mas não consigo decifrar esse enigma chamado Maycon, não sei se ele acredita mesmo nisso. Mas eu acredito e quero a minha filha viva. Fico em seus braços, chorando por horas. Em situações como essa, você passa a valorizar cada segundo, porque cada segundo a mais é uma vitória para Sophie. Alimento-me por insistência da minha mãe, meus seios estão cheios e começam a vazar leite e até isso me abate, queria poder amamentá-la. Mas como o hospital tem banco de leite e aceita doações, Maycon me propõe doar.

A noite segue, Noah vem ao meu quarto e apesar de ter certeza que falaram para ele não perguntar, a primeira pergunta é sobre a irmã. Choro tanto que não consigo responder, resta a Maycon dar explicações, ele o faz e em seguida vai ao quarto com Noah e conta histórias até o nosso filho dormir. Minha mãe me ajuda a tomar um banho e devido ao cansaço, durmo algumas horas.

Acordo às quatro da manhã, mas não consigo voltar a dormir, fico apenas esperando o dia clarear para voltar ao hospital. Vê-la novamente me dá forças para acreditar no impossível. Na primeira semana, passamos a ir vê-la pela manhã e à tarde. Nossa vida se resume a ir ao hospital duas vezes ao dia, implorando durante o caminho para que tudo esteja bem. Os pulmões ainda não estão formados, o que a faz depender do respirador e oxigênio, o médico praticamente nos disse que será um milagre se ela sobreviver, mas o que ele não sabe é que eu sempre acreditei em milagres e não será exceção para a minha filha. Sei que a saúde dela é frágil e isso nos faz comemorar e sermos gratos por cada dia ao seu lado. Sophie é tão pequena que posso cobrir seu corpinho com a minha mão, mas uma guerreira.

O hospital é adepto do método mãe canguru e depois da primeira semana, eles me deixam pegá-la, acreditam que o calor materno ajuda na recuperação. É a primeira vez que posso tocar minha menina e amo tanto esse momento que o mundo parece insignificante. Tudo o que eu preciso é tê-la em contato comigo, protegendo-a e mostrando o quanto a amo. Nesse tempo em que estou com ela, choro pedindo desculpas, Maycon tira algumas fotos, mas não interrompe nosso momento. Ele também a segura e chora. Ainda não posso amamentá-la, já que ela tem uma dieta restrita.

Duas semanas após o parto, já me sinto melhor. Depois de ver Sophie, tomo a decisão de ficar no hospital o dia todo. Maycon não se opõe pois ele sabe como preciso disso. Meus pais voltam para casa e Jeniffer e Isaac vem nós visitar com Jessica, deixando o pequeno Bruno com a babá, mas me mostram fotos de como ele está lindo. Isaac se emociona ao ver Sophie, e eles enxergam apenas as probabilidades que não são a favor dela, eu enxergo o impossível tornando-se possível. À noite, Maycon me diz que Emily ficará com Noah, pois ele tem que voltar à faculdade e com isso a nossa rotina mais uma vez muda.

Passamos as manhãs no hospital com ela, depois Maycon passa em casa um pouco antes do almoço para pegar Noah e o leva ao colégio, e eu permaneço até o final da tarde. Volto para casa apenas às oito da noite, horário em que ele já está na faculdade, então eu só o vejo novamente na manhã seguinte, quando acordamos.

Alguns dias Sophie parece bem, em outros, não. É uma luta constante e como teve que ficar entubada durante os primeiros dias, teve pneumonia. É uma montanha russa, dias ruins, dias bons, recaídas... E pela primeira vez, essa palavra não está ligada às drogas, mas a vida da minha filha, que luta constantemente para sobreviver. E cada dia é uma vitória. Sophie não desiste, tem sido meu maior exemplo de vida e tenho orgulho de ser sua mãe. Meu resguardo termina e sei que toda a situação é frustrante, inclusive para o

Maycon que tem ficado tomando conta do Noah. Ele não reclama, mas imagino que deve ser horrível apenas dormir ao lado de sua mulher. Mas em momentos como esse, o instinto materno fala tão alto, e tudo que eu penso é que Sophie precisa de mim e que tenho que estar aqui para ela.

Apesar de estar bem, de me sentir bem, não penso em sexo, às vezes, quando Maycon chega e eu ainda estou acordada, conversamos apenas sobre ela e Noah. Maycon tem sido compreensivo, sei que isso vai de cada pessoa, mas não me imagino tendo uma noite de prazer enquanto minha filha luta pela vida em um hospital. Na segunda, às sete da manhã, o hospital me liga informando que ela finalmente teve alta. Depois de um mês e duas semanas, ela irá para a maternidade e isso significa que agora poderei dormir com ela, amamentá-la. Quando dou a notícia para o Maycon, ele fica imensamente feliz, mas pela primeira vez, questiona.

— Mas vai passar a dormir todos os dias?

— Sim, eu vou.

— Vai ser bem cansativo para você, Elena. Podemos revezar, eu, você e minha mãe.

— Amor, eu não me importo com cansaço. Você sabe que Noah fica bem com você. Melhor assim, como está.

Chegando ao hospital, fazemos uma festinha com as enfermeiras e finalmente tiramos a nossa foto em família. Ela está pesando um quilo e setecentos e só poderá sair depois que conseguir os dois quilos, e se tudo correr bem, será breve. Converso com ela dizendo o quanto a amo, o quanto preciso dela, canto, acarício, mimo. Maycon agora está mais feliz e ri das minhas palhaçadas. Ele me mostra as fotos e vejo como estou horrível, mas o engraçado é que toda a minha preocupação com a aparência sumiu desde o dia que Sophie nasceu e iniciamos nossa luta. Uma enfermeira volta ao quarto para fazer exames, olha para o Maycon e diz que nossa família é linda, percebo que ela se refere a ele. À tarde, ele vai embora com Noah e eu encaro a minha primeira noite com Sophie, e isso me traz uma paz inexplicável. Eu me sinto muito bem em tê-la nos braços o tempo todo, sinto que posso protegê-la e que estando assim, nenhum mal irá acontecer a ela.

Na quinta, Maycon chega cedo, lindo como sempre, e dessa vez não traz Noah. Após mimar nossa filha, ele me convence a almoçar com ele, então vamos ao restaurante próximo ao hospital.

— Eu te amo muito — me beija.

— As pessoas nos olham e devem ficar pensando que sou bruxa.

— Por quê?

— Eu estou horrível e você lindo. Devem achar que é feitiço — brinco, ele

apenas sorri, faz os pedidos e enquanto esperamos, fica mexendo no meu cabelo.

— Está solitário lá em casa, mas quando eu vejo você e tudo o que está fazendo pela nossa filha, consigo suportar isso. Eu te amo e ver como você é uma mãe maravilhosa me faz amá-la muito mais.

— Eu também te amo.

— Esses dias, e olha que não tem nem uma semana que está aqui — me beija. — Me fizeram valorizar ainda mais a sua presença, porque o tempo que eu passo longe de você me faz ver que estar ao seu lado é como ter o melhor dia da minha vida. Eu te amo e não vejo a hora de poder levar vocês para casa.

— Obrigada por estar ao meu lado, obrigada por compreender que Sophie precisa de mim.

À tarde ele vai embora prometendo voltar no dia seguinte com Noah. Minha mente anda tão cansada que não questionei o porquê de não ter trazido o Noah. E somente à noite, quando ele me envia fotos com os pais e Noah no apartamento comendo bolo, é que me lembro que é o dia do seu aniversário. Mando uma mensagem de volta pedindo mil desculpas, mas ele diz que não tem problema e que passará a trazer Noah apenas à tarde, pois ele quer sempre dormir mais e acaba atrasando Maycon.

Na sexta, pela manhã, ele vem novamente e assim se repete até completar duas semanas. Maycon passa as manhãs comigo e Sophie, e volta depois de pegar Noah no colégio, indo embora a tempo de ir para a faculdade.

Na terça, me surpreendo ao ver Emily vir à tarde com Noah.

— Aconteceu alguma coisa com Maycon?

— Não. Ele tem provas e disse que se não parar para estudar, vai ter problemas. Então pediu que eu trouxesse Noah essa semana para vê-la, mas ele continuará a vir pelas manhãs.

— Hoje ele esteve aqui, mas como não falou nada, então me assustei ao vê-la.

Eu me sento e Noah vem ao meu colo, Emily pega Sophie e se emociona ao ver como ela está melhor.

— Eu já havia percebido como Maycon havia amadurecido, mas depois que Sophie nasceu, a cada dia ele se supera. Elena, durante todo esse tempo ele deixava Noah comigo apenas no horário de ir para a faculdade, e mesmo quando eu ligo dizendo que Noah já dormiu, ele passa lá para pegá-lo. Foi duas vezes resolver algumas questões na clínica e voltou no mesmo dia. É surpreendente, porque ele se tornou um homem maduro — ela sorri. — E o que dizer de você? Não há palavras. Eu sempre pedi a Deus por um milagre que salvasse meu filho e demorei para reconhecer, mas o milagre foi concedido. É você. Elena, você é uma mulher determinada, forte, uma mãe excepcional e meu filho a ama mais que tudo. Sei que não somos muito próximas, mas desejo mesmo que você e

Maycon sejam felizes nessa nova fase que irá iniciar.

— Emily, eu também reconheço o quanto você ajudou e tem ajudado nesse momento complicado e sei que está por perto para ajudá-lo com Noah, e acima de tudo, quero que saiba que sempre será bem-vinda em nossa casa, não como sogra, mas como a maravilhosa mãe e avó que é.

Ela sorri, então conversamos o restante da tarde enquanto ela espera receber notícias através do médico, e ao confirmar que nossa pequena está bem, leva Noah para a casa.

Mais dias se passam, na sexta pela manhã Maycon entra silenciosamente. Essa é a última semana do ano, mas não faz diferença para mim. Ele se aproxima da Sophie, lhe dá um beijo e faz mil declarações. É lindo, intenso e protetor.

— A clínica está quase pronta. Acho que podemos mudar quando Sophie tiver alta — sorri. — Nossa casa também, sua mãe e irmãs me ajudaram a deixar do seu jeito. Todos estão empolgados para receber os novos vizinhos.

— Arrumou tudo? — pergunto, surpresa e me sentindo como se estivesse meses sem vê-lo.

Ele se aproxima de mim, senta ao meu lado e me beija.

— Arrumei — beija o meu ombro. — Não vejo a hora de ter você de volta.

— Você não me perdeu, estou só cuidando da nossa filha.

— Desculpa, eu não quis dizer isso.

— Às vezes parece que...

— Elena, eu sou o pai dela, entendo o seu sofrimento e tudo o que está passando, porque sinto o mesmo. Pode ter certeza que daria a minha vida para não ver nenhuma das duas passando por isso — ele me abraça.

— Me desculpe, não quis dizer que não sente — tento sorri.

— Tudo bem... Minha mãe se ofereceu para ficar com ela esse fim de semana. É o último do ano.

— Maycon, eu... — ele segura minhas mãos entre as suas.

— Amor, por favor. É só esse fim de semana. Sophie está bem e minha mãe prometeu ligar caso ocorra algo — nego com a cabeça. — Meu anjo, estou sentindo muito a sua falta — ele beija a minha mão. — Pode deixar o leite, e...

— Não quero sair daqui sem ela.

— Elena, Noah também sente sua falta, nós dois. Passamos o Natal sozinhos. Vamos ao menos passar a virada do ano juntos — diz, suplicando.

— Eu não abandonei o Noah, Maycon, mas ela...

— Não abandonou, eu sei, também sei que ela precisa de você. Na verdade, todos nós precisamos. Faz quase três semanas que não dorme ao meu lado — ele dá um sorriso tímido.

Três semanas e mais de dois meses sem sexo. Isso me vem à mente, mas ele

não faz cobranças, não no momento.

— Tudo bem, ela virá que horas?

— Disse que é só ligar.

— E o Noah?

— Está com o meu pai.

— Não vamos pegá-lo?

— Ficamos só nós dois hoje e com ele amanhã. Pode ser?

— Vai deixá-lo ficar com o seu pai?

Maycon sorri, sem jeito.

— Minha mãe vai ficar com ela, não tive escolha. Fora que eles irão comemorar entre amigos.

— Tudo bem — sorrio.

Maycon fica com a nossa pequena no colo e me entrega apenas para mamar. Emily chega às quatro e meia da tarde para ficar com ela. Sinto uma dor no peito por deixar nossa pequena Sophie, mais ainda por minha sogra passar a virada do ano no hospital com ela. Mas Maycon não me dá tempo nem para pensar, assim que sua mãe se acomoda, ele segura a minha mão, despedimos e deixamos o hospital antes das cinco.

— Vamos passar em casa antes?

— Não.

— Eu tenho que tomar um banho, Maycon.

Ele se aproxima e me dá um beijo cheio de malícia e saudade.

— Você pode tomar banho chegando lá — pisca para mim e não é difícil deduzir o lugar.

Só o Maycon mesmo para ter a cara de pau de ir para um motel em plena luz do dia. Assim que chegamos, ele passa os dados e escolhe a suíte, eu nem presto muita atenção, meus pensamentos estão em minha filha. Vamos ao quarto, ele sorri e me abraça ao passarmos pela porta, me beijando logo em seguida, e quando percebe que não estou tão focada, me puxa para a cama.

— Pode cuidar de mim só um pouquinho? — faz uma cara de carente.

Eu sorrio e voltamos aos beijos. Ele para e liga o som em músicas dos anos 70, seu estilo preferido.

— Eu te amo demais, meu anjo.

Ele tira a blusa, revelando seu peitoral e braços tatuados, pega um uísque e um energético, abre a garrafa e se serve, depois traz um copo de energético para mim, que tomo aos poucos. Depois que eu termino, ele se ajoelha na cama e me puxa para um beijo. Eu me esforço para curtir o momento, mas Sophie ainda domina meus pensamentos.

— Não quero que sinta como se fosse errado, porque nós dois juntos nunca é

errado.

Ele me beija e logo o desejo ocupa meus pensamentos. Maycon é viciante demais e eu nunca me contento com apenas uma dose, e depois de todo esse tempo, acho que merecemos mesmo um momento para nós. Fico excitada ao senti-lo com tanto tesão.

Ele tira a minha roupa e fico meio envergonhada, como não tive tempo para nada, depilação é última coisa que passaria pela minha cabeça, e olhando essa perfeição à minha frente, sinto o peso por não ter me preparado melhor. Maycon sorri ao me ver nua, termina de tirar sua roupa em tempo recorde e se mantém de joelhos na cama olhando o meu corpo nu, enquanto eu permaneço deitada, desconfortável.

— Desculpe por roubá-la hoje, mas estou louco para me sentir só seu e tê-la só para mim, ainda que seja apenas por uma noite — Maycon me olha com adoração e sinceramente, eu não entendo como isso ainda pode acontecer.

Ele começa beijando o meu corpo e acabo deixando transparecer a minha insegurança.

— Não estou no meu melhor momento, meus pensamentos vagam constantemente... E meu corpo mudou muito — ele apenas sorri, ignorando cada palavra minha.

— Sei que está pensando nela e não vou tentar impedir, ainda que eu realmente queira que esse seja o nosso momento — volta a distribuir beijos tão doces que acredito que devem engordar também. — Meu anjo — ele sussurra. — Para mim, você era gostosa antes da gravidez, durante a gravidez e agora mais ainda. Eu amo você, Elena, e quando entender a verdadeira essência do amor, toda essa insegurança vai perder o sentido — Maycon passa a mão pela lateral do meu corpo e se deita por cima de mim.

— Você consegue me fazer sentir uma mulher tão linda. Está sempre fazendo de tudo para mostrar o quanto me ama e sei que muitas vezes acabo sendo chata demais com você — seguro seu rosto com as duas mãos, olhando dentro de seus olhos.

— Mas se você não fosse chata, não seria a mulher que amo — sorrimos.

Eu puxo Maycon para um beijo demorado e o ritual de insanidade começa. E como mágica, somos transportados ao nosso paraíso e passo a não sentir mais nada à minha volta. Essa loucura chamada Maycon, que entrou na minha vida e transformou todo o meu mundo, me domina de tal forma que não me resta outra alternativa a não ser me render.

— Voltou a tomar remédio? — sussurra.

— Ainda não, teremos que nos prevenir.

— Sem problemas — Maycon assente com a cabeça.

Passa minha perna por sua cintura, enquanto vai aprofundando o beijo e eu quero saciar minha sede em tê-lo. Passo minhas mãos por suas costas largas, ao mesmo tempo em que Maycon passa suas mãos pelos meus seios. Ele vai descendo suas mãos pela minha barriga, até chegar em minha intimidade e assim que sinto suas mãos, um gemido sai dos meus lábios. Como o ar é necessário, Maycon desce os beijos pela minha mandíbula e segue para o meu pescoço. Ele está sendo tão carinhoso como foi na nossa primeira vez.

— Amo muito você. Amo tanto que se não aceitasse vir, eu a sequestraria.

Ele sorri, me fazendo sorrir. O tempo todo ele faz declarações tão loucas e em todas elas eu me sinto uma deusa ao ouvir que sou a mulher da sua vida, seu universo, seu começo e fim.

Quando ele insinuou no hospital que queria um tempo para nós, eu sabia que ele sentia falta, afinal, são mais de dois meses sem sexo. E apesar de no começo relutar, Maycon tem se esforçado tanto na faculdade, com o nosso filho, que achei injusto dizer não. Sabia o quanto ele estava carente e pensei que quando chegasse aqui, eu não iria conseguir ir adiante. Mas quando ele me toca, a mulher louca e apaixonada que há mim se revela e faz com que tudo ao meu redor seja esquecido. Não sei exatamente como ele consegue, mas tem a chave e a usa bem a seu favor. Quando Maycon percebe que estou bem excitada, ele coloca o preservativo e aos poucos vai me invadindo. Eu amo cada vez que isso acontece. Seu corpo sobre o meu, seu cheiro, tudo me leva à loucura. É um vício, meu vício que mal começa e eu já imploro para ser eterno, para ter sempre mais. Maycon literalmente foi feito para o meu prazer. Enquanto ele inicia um vai e vem delicioso, ouço seus gemidos ofegantes em meu ouvido se misturarem com suas declarações loucas e pervertidas. Ele continua possuindo meu corpo, então seguro o seu rosto e ficamos nos encarando com uma intensidade única enquanto nosso suor se mistura. Posso ver em seus olhos o seu amor por mim e tenho certeza que ele pode ver o mesmo nos meus olhos. Nossos corpos se encontram e se perdem um no outro em sintonia, fazemos amor, demostramos amor e nos tornamos amor.

— Eu te amo. Você é o meu mundo, o único homem a quem quero pertencer por toda vida — consigo dizer entre gemidos antes de puxá-lo para mais beijos.

Ficamos nessa sintonia perfeita até chegarmos ao ápice de nosso prazer. Permanecemos conectados e Maycon deita sua cabeça próximo aos meus seios, beijando delicadamente cada um deles. Começo a fazer carinho em seu cabelo, enquanto nossas respirações se normalizam. Depois de um tempo em silêncio, Maycon levanta sua cabeça, me encara e acaricia o meu rosto.

— Obrigado por nunca ter desistido de mim, mesmo quando dei todos os motivos do mundo para isso. Obrigado por ter escolhido eu entre tantos viciados

naquele dia — sorri, irônico.

— Não tinham muitos — brinco.

— Pode ao menos me deixar continuar com meu discurso de grande sortudo?

— olha em meus olhos, com sarcasmo.

— Continue.

— Obrigado por ter cruzado o meu caminho e me obrigado a ir para o caminho do bem — brinca. — Elena, você me salvou de mim mesmo e me impediu de ter o mesmo destino do Robert, da Jay e de tantos outros. Obrigado por ter me mostrado um amor que eu nunca imaginei conhecer um dia. O amor real de homem por uma mulher, porque eu te amo incondicionalmente e vai além disso. Hoje, toda vez que ouço Noah me chamar de papai, eu agradeço a você por me permitir conhecer essa dádiva. E quando olho para Sophie, tão frágil e tão pequena, sei que também devo a você. E apesar de amá-los ao ponto de dar minha vida por eles, você é o meu maior presente. E através desse maravilhoso presente, que várias vezes eu não soube valorizar, conheci o que é viver de verdade. Obrigado por ser minha cura, minha salvação. Eu amo cada mudança que seu corpo teve para me proporcionar isso. Amo você pela maravilhosa mãe que é, pela sensatez, mas sou loucamente apaixonado por essa mulher maravilhosa e chata que tenho ao meu lado.

Lágrimas de emoção descem pelo meu rosto, então olho em seus olhos e penso em tudo que passamos para chegar aqui. Penso em como ele era tão escravo da cocaína e ela parecia ser invencível, mas nós vencemos. Penso em todo medo que tinha de uma recaída quando ele finalmente deixou as drogas. Penso em todas as brigas no casamento, todas as lágrimas. E agora, olhando em seus olhos, tudo parece insignificante. Ouvir as palavras desse novo Maycon renova minha esperança, minha fé em nós, na felicidade, na vida.

— Maycon — ele se mantém atento a mim. — Se pudesse escolhê-lo novamente, mesmo sabendo por tudo que teríamos que passar, eu o escolheria mil vezes.

Ele me beija, se acomoda ao meu lado e me abraça carinhosamente. Eu sei que tudo na vida tem um propósito, sei que a minha princesinha não está passando por tudo isso em vão. Sophie é como um anjo que uniu a todos nós e veio para mostrar para o Maycon e para mim, que devemos dar mais valor ao nosso amor, a companhia um do outro, a nossa família, a vida.

— Eu te amo — falo, emocionada.

— Eu te amo muito mais — Maycon diz antes de me beijar e assim iniciamos mais uma vez nosso ritual viciante de amar ao som dos fogos, quando outro ano se inicia.

Capítulo 38 - Rumo ao novo amanhã

Maycon

Coloco a banheira para encher, enquanto Elena está na cama coberta por um lençol. É complicado, depois de todos esses anos juntos, ela ainda se sente desconfortável com o corpo. E pouco me importo com a sua insegurança, eu a amo demais para me prender a detalhes irrelevantes, pena que ela não percebe isso. Eu a observo de longe, está tão cansada que acabou cochilando, então me aproximo devagar e me sento ao seu lado. Vejo seu rosto delicado, sua respiração calma, e é notável que eu sinto mais sua ausência, do que ela a minha. Mas desde que Sophie nasceu, nossas vidas foram viradas de cabeça para baixo.

Parece até piada, já que Jay se foi e Sophie chegou, e as duas antes da hora, então acho que isso quebra o preceito de hora certa. Não existe hora certa, existe o tempo e ele é diferente para cada um. Toco delicadamente seu rosto, passando o polegar em seus lábios, tão linda, tão perfeita para mim, tão chata. Ela entrou na minha vida de uma forma tão despretensiosa e em um momento que eu já havia feito minhas escolhas, em um momento que eu não estava disposto a permitir ninguém entrar. Mas ela entrou e me fez conhecer o amor e com ele, o medo de perder alguém. Me fez conhecer as incertezas, me fez sair do casulo para encarar a vida e questionar minhas escolhas e por mais que eu tenha demorado para admitir, Elena me fez querer ser alguém melhor.

Algumas pessoas trazem sentido para a sua vida, outras se tornam o sentido da sua vida, algumas pessoas fazem bem a você, outras com que você faça o bem. Elena é uma delas. Eu sei que houve muitas lágrimas, decepções, que chegamos ao extremo onde os dois queriam que realmente tivesse um fim, mas esse é um dos mistérios do amor. Não há um ponto final. Ele não é um sentimento que foi feito para acabar e depois do extremo, eu descobri que podemos ir além dele, que só se chega ao fim da jornada quando paramos de caminhar, caso contrário, sempre há mais passos, mais aprendizado. E estamos caminhando.

Na sua ausência, eu descobri que não precisamos de um tempo, se entendermos que o tempo é curto, devemos aproveitá-lo ao lado de quem amamos. Ela me fez acreditar em tudo que eu podia ser, que a felicidade existe, mas que devemos lutar por ela. Ela me fez amá-la como ela é, com defeitos e qualidades, e hoje, ao olhar para Sophie e ver como ela luta dia após dia, aprendo a não ser covarde, a ter fé na vida, a crer no impossível. O que soa engraçado vindo de mim, um cético. Mas no dia em que ela nasceu, foi um choque para mim. Eu tive medo do que viria a seguir, medo por não conseguir

encarar a realidade, medo porque não dependia de mim e eu não podia fazer nada para mudar a situação. Medo por saber que Elena não conseguiria superar se a perdêssemos. Tive medo de encarar Elena e ela me culpar, já que eu me sentia tão culpado. E bem acima disso, eu achava que Sophie não resistiria nem a primeira noite. Mas quando cheguei à incubadora e vi pela primeira vez seu rostinho tão frágil, tão pequeno, percebi que ainda que fosse impossível, ela conseguiria.

Vê-la lutar pela vida me fez ter vergonha por ter desistido tantas vezes por nada. Vê-la superar e vencer um dia de cada vez, me fez perceber que o limite é imposto por nós, e ela não impôs limites, por isso os vence. Sophie, em seus poucos dias, me ensinou mais do que eu aprendi em anos. E quando eu pude segurá-la pela primeira vez, senti orgulho por tê-la em minha vida, entendi que alguns acontecimentos são inexplicáveis pelas leis naturais, não são de fácil compreensão, e como a ciência não os explica, são denominados milagres. E eu presencie um quando segurei minha princesa pela primeira vez. Eu, o cara foda, que não tinha o costume de se retrair de maneira alguma, se sentiu pequeno ao presenciar esse grande milagre. Percebi que a surpresa do seu nascimento me mostrou que eu ainda tenho muito a aprender e estou aprendendo.

E ao pensar na minha pequena princesa, eu me levanto, pego o telefone e ligo para a minha mãe para saber como anda Sophie. Eu me sinto aliviado quando a minha mãe me diz que ela está bem, então desejo um feliz Ano Novo. Logo em seguida ligo para o meu pai e também desejo um feliz Ano Novo, falo sussurrando com Noah que me conta algumas histórias sobre o *Buno* e sobre os fogos, então ele desliga. Vou até a banheira e desligo a torneira, já que está cheia. Volto para a cama e levanto o lençol um pouco, revelando seus seios tão lindos. Elena é linda com uma beleza comum, simples, apaixonante e quando você passa a valorizar as pequenas coisas, as grandes deixam de ser atraentes. Tiro algumas fotos e todas ficam lindas, apesar de ter certeza que ela irá dizer o contrário.

— Vamos tomar um banho? — pergunto, enchendo-a de beijos. Ela sussurra dengosa que está com sono. — Eu a levo no colo, tudo bem?

Elena sorri com os olhos ainda fechados, mas se assusta assim que entramos na banheira.

— Quanto tempo eu dormi?

— Quase uma hora. E antes que pergunte, nossa prole está bem — sorrio.

— Você ligou para os seus pais? — confirmo com a cabeça. — Posso confiar?

— Não, não sou confiável — falo sério e isso a faz dar um sorriso sem graça.

— Estava com saudades de você — ela diz com a voz sonolenta e se deita ao meu lado, olhando em meus olhos.

— Aleluia! Me sinto feliz por isso. Você sentiu minha falta, isso é raro — brinco e a vejo revirar os olhos.

— Estou feliz por você. Conseguiu se superar. É um novo Maycon.

— Eu devia dar créditos ao doutor Jordan pé no saco, mas não vou dar — ela sorri ao me escutar.

— Como você vai conseguir continuar o tratamento?

— Uma vez ao mês venho dar o ar da graça. E dar lições sobre a vida para ele — sorrio.

— E a faculdade? Muitos amigos? — ela começa.

Sei que se refere às mulheres e acho impressionante que mesmo agora o ciúme prevalece.

— Nada. Eu sempre gostei de me associar aos excluídos e não encontrei nada que se identificasse comigo.

— Não me lembro disso. Era popular quando estudávamos juntos.

— Não era popular. As pessoas falavam muito a meu respeito, mas poucos se aproximavam. Meu melhor amigo era gay e eu morava com uma bissexual. E todos éramos viciados. Por um tempo eles até falaram que eu era gay.

— Você não se importava?

— Não me importava nem com o que minha mãe pensava a meu respeito, quanto mais os outros. Mas vou pedir transferência para a faculdade que sua irmã cursa. Lá tem residência em psiquiatria e é na cidade vizinha.

— Sim, já olhou tudo? — confirmo com a cabeça. — Vai ser bom, assim podem fazer companhia um ao outro — ela suspira e sei que tem algo a me dizer. — Maycon, depois que Sophie sair, quero me dedicar a ela e ao Noah por um tempo e sei que prometi ir para clínica e trabalhar ao seu lado, mas...

— Relaxe, meu anjo. Já esperava por isso e quero que faça o que se sentir melhor, desde que esse melhor inclua eu dormir ao seu lado todos os dias — pisco.

— Isso é uma indireta? — ela me olha, sarcástica.

— Não, imagina. Estou amando isso de sexo a cada dois meses e meio, dá tempo de voltar a ser virgem — sorrio, irônico.

Elena afunda na água e volta em seguida. Depois lava o cabelo e eu fico apenas observando essa garota que tem o melhor de mim, que me faz ser tão louco e querê-la tanto. Ela se aproxima, vindo por cima de mim, senta em meu colo e fica me encarando, antes de sorrir com uma carinha sapeca.

— Amo muito você, Maycon Sebastian.

— Gosto de ser amado por você, Elena Tyner. Isso me faz sentir um cara do bem — ela me ignora.

Eu adoro ver a sua carinha de desaprovação para tudo que eu falo. Eu amo

tanto pertencer à Elena, que a beijo novamente e a nossa segunda sessão é melhor que a primeira e sei que nunca vou me cansar disso. Depois de terminarmos o banho, eu peço o jantar e vou ao bar, onde pego um uísque e dois copos. Então coloco um reggae e isso a faz sorrir.

— Já tomou um porre? Se for com o Keven ou Derek, não precisa responder.

Ela sorri e não responde. Que porra!

— Qual? — insisto.

— Keven.

— Antes ou depois de mim?

— Aceito beber com você, mas só um copo — me ignora e tenho certeza que foi depois. Foda-se.

— As pessoas costumam falar muitas verdades quando estão bêbadas — brinco.

— Sério? Então vamos começar.

O jantar chega e nós devoramos a comida. Ela bebe apenas um copo de uísque e eu estou indo para o meu terceiro, então cogito a ideia de fumar um cigarro.

— Acho que deveria tentar parar...

— Pela Sophie?

— Por você, amor, por nós.

— Estou tentando, vou me esforçar mais.

— Pode fumar se acha que precisa de um agora.

Que merda, sei muito bem o que significa sua resposta. Acendo o cigarro e vou até a área da piscina privativa, fumo um e depois outro.

Elena se aproxima e me abraça por trás, depois pega o maço e isqueiro.

— Sei que não está fácil para você.

— Elena, eu sei que sua carga está sendo mais pesada que a minha. E é chato ficar dizendo isso, mas sinto sua falta, sei que essa fase vai passar e vamos ficar bem. Mas enquanto não passa, eu preciso de ao menos uma noite com você e não falo só pelo sexo, vai além disso. Entende?

— Entendo, eu também preciso. Obrigada por tudo.

— Não por isso, meu anjo — respiro fundo e desvio o olhar.

— Desculpa. Eu acho que deveria ter dado mais atenção a você, que está sendo maravilhoso para mim.

— Cada um tem o que merece da vida.

— Nem sempre. Você merece muito mais do que eu posso dar no momento.

Ficamos em silêncio.

— Você me deu bem mais do que eu merecia. Me deu uma família maravilhosa. Desculpa por não perceber isso antes, eu entendo nosso momento e sou grato por ter você ao meu lado.

Por fim ela me dá um longo beijo, e como acabei de fumar e ela desteta, deve contar como sacrifício, certo? Acabamos voltando para a cama, onde ficamos trocando carícias e beijos.

— Eu amo estar aqui com você, amo ser sua esposa.

Ouvir isso me faz parar, então seguro seu rosto e passo a língua em seus lábios. Ela abre a boca e chupa minha língua. Que delícia!

— Você realmente tem um jeito que me deixa louco que não sei explicar. Sei que não consegue ver como eu te amo Elena, e nunca saberá exatamente o que isso significa, mas você é meu tudo e o nada, meu ódio e amor, minha loucura e sanidade. Você está profundamente em mim, mas não sei se estou em você — eu olho em seus olhos e ela parece confusa.

— Maycon você é louco e eu não entendo quase nada dessas declarações.

— Está acima da sua compreensão, somente os loucos entendem. Mas eu te amo exatamente do jeito que você é. Amo o jeito que eu te quero e como fazemos amor.

Seguro seus braços e beijo cada centímetro da sua pele. Ela se excita tanto que começa a gemer e essa é a música que eu mais amo ouvir. Elena e seus gemidos loucos. Ela perde a pose de santa e se transforma para mim, então fazemos um sexo tão gostoso, louco e em consequência, cansamos rápido demais. Mas é bom, muito bom. Dessa vez durmo primeiro, sentindo seu cheiro maravilhoso.

Às nove da manhã, ligamos para a minha mãe e checamos que tudo corre bem. Como combinamos, levamos Noah para almoçar fora, que está feliz por ter Elena o dia todo. Diz que mamãe é princesa, papai príncipe, ele príncipe e Sophie, princesa. Passamos a tarde toda juntos e vamos repetir isso quando Sophie estiver melhor, tenho certeza disso. À noite, deixamos Elena no hospital e antes de irmos embora, vemos Sophie e tiramos mais fotos. Ela está cada dia mais linda e acho que começa a parecer com Elena. Às dez, eu volto com Noah para o apartamento e ele dorme antes de chegarmos, então tenho que acordá-lo para o banho, que ele toma cochilando. Visto seu pijama, coloco na cama e ele volta a dormir. Dou um beijo e apago a luz.

Vou para o nosso quarto vazio e é horrível, solitário e está bem foda isso. Cada noite sozinho parece ser mais do que eu posso suportar. Merda! Eu até tento, mas como não consigo dormir, fico matando meu tempo sentindo falta da Elena, querendo que a vida se normalize rápido. Não quero beber, mas isso ajuda a mantê-la longe dos meus pensamentos. Estou indo bem e pretendo continuar assim, mentalizando coisas positivas enquanto tudo está uma merda. Dói não tê-la aqui e sinto tanto sua falta, que Jordan acha que isso é obsessão. E eu pouco me importo com suas teorias sobre o meu comportamento louco.

A clínica está pronta para ser inaugurada, mas não disse isso a ela, já andei

muito sobre pressão e isso é uma porra. Fumo uns cigarros, tomo todas as drogas prescritas que me mantém no controle, me fazem sentir bem e olhando para elas, percebo que nunca vou ser um cara normal. As horas passam e lá se vai mais uma noite solitária. Quer dizer, menos uma, isso é bom, muito bom. A semana inicia, então sigo a minha “maravilhosa rotina”.

Manhãs no hospital, levo Noah para escola, à tarde estudo um pouco, e como estamos em recesso na faculdade, fico um pouco aliviado. Estava odiando a faculdade mais que o normal, tentando me concentrar e falhando totalmente, uma vez que meus pensamentos fugiam até Elena e Sophie. Geralmente, durante a tarde, entro em contato com profissionais próximos a clínica, faço entrevistas on-line onde exponho minha intenção e alguns acham de fato inspirador a minha experiência. Nunca sei se isso de inspirador é falso ou não, mas fazer o quê? O engraçado é que por telefone todos parecem ótimas pessoas, empenhadas com a causa, mas quando me veem na droga da entrevista online, alguns ficam desconfortáveis, talvez esperassem um cara sério de terno e eu sou oposto a isso. Contudo, essa é a velha sociedade que julga pela aparência e isso parece estar longe de mudar.

Mas nem tudo está perdido, tenho conhecido pessoas realmente interessadas e acho o interesse um dos principais requisitos, óbvio que o diploma e a experiência estão inclusos. À tarde, levo Noah para a casa da minha mãe, onde ficamos até a noite, depois visitamos Elena e Sophie e voltamos para casa para dormir.

Nas noites que não consigo dormir, fico estudando e se tudo der certo, quando mudarmos, iniciarei a residência. No decorrer da semana, tenho quase todos os profissionais da lista da equipe multidisciplinar, psicólogos, psiquiatras, terapeutas, nutricionistas e enfermeiros. O administrador foi sugerido pelo meu pai, como ele mesmo disse, “uma pessoa de confiança”. Ele irá contratar o restante da parte corporativa, como recepcionistas, seguranças, secretária, atendente e os demais profissionais. Ele me liga constantemente para resolvermos assuntos que eu realmente acho que ele poderia resolver sozinho ou em um e-mail explicativo, que seria até mais funcional. Mas como meu pai impôs que eu esteja a par de tudo, e quero estar, não posso culpá-lo. E por causa de todo o estresse do momento, estou sem ânimo para detalhes.

Duas semanas se vão e finalmente Sophie alcança os sonhados dois quilos. É animador. Na quinta à tarde, Elena me liga eufórica dizendo que Sophie recebeu alta. A sensação é como se finalmente pudéssemos respirar, então pego Noah no colégio e corro, desesperado, para o hospital. Quando chego, Elena já está à minha espera e finalmente vejo Sophie fora do quarto, isso é maravilhoso. Assinamos os papéis da alta e estou realmente aliviado. É a recompensa que

esperávamos há tempos. Quando eu a coloco no bebê conforto, sinto uma felicidade enorme. Noah se senta na cadeirinha, Elena o prende e eu guardo o restante das malas. Entro no carro sem peso algum, olho para Elena, não acreditando que Sophie está bem e estamos indo para a nossa casa. Demoramos um pouco para chegar, já que dirijo com cuidado e lentamente, e quando finalmente entramos no apartamento, eu mal consigo acreditar. Elena sobe com ela para o quarto para amamentá-la com Noah ao lado delas, que está curioso e feliz. Tomo um banho e após amamentar a nossa pequena, ela dá um banho em Noah para jantarmos. Noah dorme escutando histórias da mãe, Sophie volta a mamar, eu a coloco para arrotar e parece surreal, mas finalmente estamos em casa.

— Já está mais que na hora de dormir, princesa — falo calmamente, ela faz beicinho e começa a chorar. — Que isso, anjinho, papai não está brigando, mas nessa casa temos regras — ela continua chorando e acho que se acostumou a ter Elena o tempo todo.

Elena entra no quarto e assim que Sophie escuta sua voz, tenta olhar em direção ao som. Elena se aproxima, a pega e em segundos ela dorme em seu colo, então é colocada no berço. Ficamos feitos bobos olhando para ela.

— É linda como você — sorrio. Elena me abraça e beija meu rosto.

— Vamos para o quarto. Ela costuma acordar de madrugada e temos que aproveitar esse tempinho.

Ela me beija e seguimos para o quarto, aproveitamos bem nosso tempo e como ela mesmo disse, Sophie acorda todos de madrugada. Ela chora tão alto que acho que toda a vizinhança acordou junto.

No sábado, meus pais vêm jantar conosco. Bruno cresceu bastante e Jessica tem se saído uma ótima irmã, melhor do que eu, com certeza. Jeniffer e meu pai também estão bem. Minha mãe chora ao me ouvir falar que é o último fim de semana aqui. Escuto o meu pai falar que nesse momento estamos cortando o cordão umbilical, então ela me abraça.

— Sem drama, Maycon. Não dou duas semanas para ela ir atrás de você — meu pai começa as brincadeiras e sei que é ciúme. Minha mãe acaricia meu rosto e todos riem.

— Se sentir muita saudade ou você precisar de mim, vou antes.

— Você me trocou pela Alanis, mãe — brinco e vejo meu pai fazer aquela cara de “não acredito que tem ciúme”.

— Olha o ciúme. Elena, pode preparar um quarto para Emily que não vai demorar para que ela vá atrás do bebezão.

Isso faz com que todos riem. É difícil. Estou sentindo uma dor no peito, mas apesar disso, eles me apoiam e isso conta muito para mim. Não estou cem por

cento seguro, mas é necessário alçar voo.

A semana segue, arrumamos tudo e no último momento, decidimos ir de carro. Essa ideia me veio à mente. Só nós quatro, na estrada, rumo a um novo começo.

Na sexta à tarde, estamos os quatro dentro do carro, prontos para seguirmos viagem.

— Pronta para embarcar em uma nova aventura? — pergunto, sorrindo.

Ela coloca os óculos escuros e sorri.

— Com você, sempre — me dá um selinho. Ela está radiante de felicidade e isso me anima. — Eu te amo.

— Não mais que eu.

Olho Noah e Sophie pelo retrovisor e a sensação é ótima ao vê-los bem.

Dizem que quando um homem se depara com a luz, ele não quer mais andar nas sombras. Eu já estive no escuro, já estive sem esperanças, já desisti, perdi pessoas insubstituíveis. Mas por algum motivo que ainda não compreendo, eu me deparei com a luz e quando ela veio, no começo me cegou. Demorou um pouco, mas quando pude finalmente enxergar, percebi que a vida é maior que nós e não temos controle sobre isso. Descobri que cada passo é um aprendizado, que erros nos fazem humanos, que a perfeição é imperfeita e que o medo nos mantém vivos. Que podemos dizer adeus a quem amamos, e levá-los sempre em nós, no coração. Que sorrir não depende do seu estado de espírito, é uma escolha que você faz para si mesmo a cada dia. E não é porque andou pelo caminho errado algumas vezes, que deve persistir nele.

E sei que isso talvez não faça sentido agora, mas fará. E por mais que não consiga ver a solução, se persistir tendo fé em si mesmo, se acreditar que pode ir além e se der uma chance, a luz irá surgir. Sua mente irá se abrir e você terá uma compreensão melhor sobre si mesmo. Reconhecerá seus limites, não fará julgamentos, aprenderá a se perdoar e acima de tudo, você vai se amar mesmo com todos os defeitos. Entenderá que a vida é o hoje e que as decisões de agora determinam o amanhã. E estou feliz pelo meu novo amanhã, apesar de não saber como será, tenho Elena, Noah e Sophie, e isso me basta para mergulhar fundo nesse novo amanhã.

Eu me viro para Elena e a beijo, então ela coloca sua mão sobre a minha perna, eu a cubro com a minha e a levo aos lábios, dando um beijo. Sorrimos, volto a minha atenção para a estrada e assim seguimos para a nossa nova vida.

Epílogo

Faz dois anos que mudamos para perto da casa dos meus pais. Na clínica de reabilitação, Maycon obtém sucesso em quase setenta por cento dos casos, o que traz uma satisfação enorme para ele, mas cada perda também o derruba.

Sua história de vida motiva seus pacientes a sempre manterem a fé, ainda que pessoas próximas tenham desistido. E como ele sempre frisa em suas palestras “é uma luta com você por você mesmo”. Não pela família, mas porque você é importante e merece estar limpo e viver a vida plenamente como todos os outros.

Sophie, nossa princesa, está linda, forte e é tão decidida como Emily.

E falando nela, Emily continua exercendo sua profissão, vez ou outra brincamos a respeito de namorados, mas acho que ela realmente está solteira e vem nos visitar uma vez por mês. Isaac e Jeniffer estão bem e Callier continua em alta no mercado. Jeniffer continua administrando a clínica psiquiátrica e agora tem Alanis como uma amiga. Quando ela me contou isso, fiquei surpresa, mas acho que só aconteceu uma vez que Emily a acolheu como filha. E falando em Alanis, Maycon ficou atônito ao receber o convite para o seu casamento, mas não pelo convite em si e sim em saber que o noivo é o Dr. Derek. Com certeza tem o dedo da Jeniffer ali. Eu desejo de coração que eles possam ser felizes, pois também são prova que opostos se atraem.

Jessica está linda, puxou a Jeniffer e já Bruno, está um rapazinho.

Minha irmã Ashley está se formando, deixando meus pais orgulhosos. Na verdade, todas os deixamos orgulhosos. E enquanto Ashley está para se formar, Kayla ainda irá decidir o que fazer. Elas são uma comédia.

Meus pais se sentem realizados e como eu, amam estarmos todos pertos, ajudando Maycon no que for preciso em relação à clínica de reabilitação.

Hoje Maycon e o meu pai levaram Noah e Sophie para passear. Noah queria aprender a pescar.

As horas passam, então escuto risadas, olho pela janela e os vejo atravessando o portão. Sorrio ao ver Maycon, Sophie e Noah correndo um atrás do outro. Uma vez que Sophie consegue alcançar Maycon, ele se joga no gramado com eles. E como não vejo peixe algum, sei que não houve pesca. Ele me vê na janela, acena, sorri e me chama para ir ao encontro deles.

É tão perfeito quando sua felicidade transborda, e a nossa está assim. Dou alguns passos e vou até o meu closet pegar uma caixa que meu pai fez para mim quando eu tinha quinze anos. Na época, ele me disse que era para guardar os melhores segredos ali, então olho todas as cartas que escrevi e recebi do

Maycon. Olho uma por uma até achar a que procuro, seguro em minhas mãos e leio o texto que escrevi em um momento que havia perdido as esperanças. Na ocasião, queria contar a minha história com Maycon e ao reler, pego a folha e rasco. Essa história mudou e hoje, se fosse escrevê-la, ela começaria assim:

Era uma vez uma garota que acreditou na luz do amor e ainda que seu mundo tenha sido muito escuro, um dia ela presenciou os milagres desse dom supremo. Ela acreditou que seu amor venceria, não titubeou, e hoje, graças a sua fé nesse dom divino, ela está cercada de luz. Hoje há paz, há felicidade.

Ela o ama, e ele, bom, ele a ama mais que a própria vida.

Escuto novamente os três me chamando, então saio do quarto e desço a escada às pressas, passando por Fátima, que os observa através da janela. Sorrio e vou encontrar a minha felicidade plena, meu maior e mais valioso tesouro. Minha família.

bezz
EDITORA

NOS
BRAÇOS DO
ROQUEIRO

LIVRO 1 - SÉRIE THE ROCKER

TERRI ANNE BROWNING

Nos braços do roqueiro

Browning, Terri Anne

9788568695449

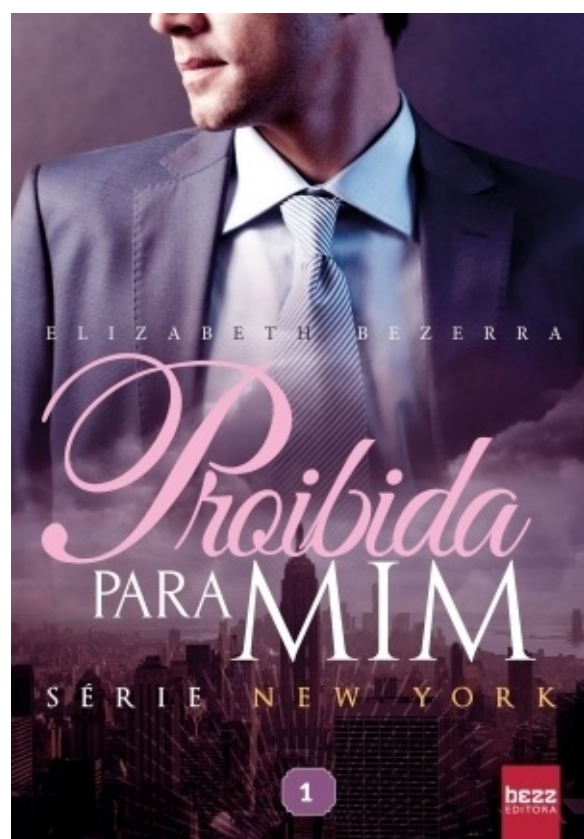
147 páginas

[Compre agora e leia](#)

Sair em turnê com quatro roqueiros parece um sonho... pelo menos é o que as pessoas me dizem. Para mim, esses quatro roqueiros são a minha família. Cuidam de mim desde meus cinco anos de idade, protegendo-me da minha mãe e de seus episódios de fúria quando estava bêbada e drogada. Mesmo depois de famosos, continuaram cuidando de mim. E quando meu monstro de mãe morreu, eles se tornaram meus guardiões.

Há seis anos eu cuido dos quatro homens que são tudo para mim. Tomo conta deles da mesma maneira que sempre cuidaram de mim. Resolvo tudo, até as sujeiras dos bastidores da vida de um roqueiro. Nem sempre é bonito. Às vezes, chega a ser quase repugnante, principalmente quando tenho que me livrar das transas aleatórias. Ugh! E se apaixonar por um roqueiro NÃO é inteligente. Tudo bem, então não sou inteligente. Eu amo os meus garotos, e um deles, meio que tem meu coração em sua, grande e calejada, mão roqueira.

[Compre agora e leia](#)



Proibida para mim

Bezerra, Elizabeth

9788568695371

310 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quando Neil Durant socorre Jennifer Connor durante um assalto em uma noite fria ele não sabe que sua vida mudará para sempre. Descobrir que a jovem é cega é uma surpresa para ele. Neil está preso em um casamento de conveniência e sabe que Jennifer é totalmente proibida para ele. O correto é afastá-la de seu mundo sujo, mas o destino insiste em aproximá-los cada vez mais. Passado e futuro se entrelaçam de forma surpreende e os dois se veem mergulhados em uma paixão incandescente.

[Compre agora e leia](#)

bezz
EDITORA



Meu Vício

ELA O AMA, E ELE... BOM, ELE AMA A COCAÍNA

KELL TEIXEIRA

Meu vício

Teixeira, Kell
9788568695555
441 páginas

[Compre agora e leia](#)

Elena Tyner é uma garota comum de dezenove anos que cursa psicologia. Devido a uma criação tradicional, assim como a sociedade em sua maioria, ela possui preceitos e preconceitos contra usuários de drogas, passando até ter repúdio pelos mesmos. Mas tudo muda quando ela faz uma entrevista com um usuário, se envolve e passa a ver o outro lado da história.

Nesse drama é relatado de forma clara e espontânea a amarga experiência que é conviver, amar, e presenciar uma pessoa entregar sua vida para as drogas... Um caminho obscuro e muitas vezes sem volta...

Falar sobre dependência química é muito forte, muito atual e de suma importância. Mostrar todo sofrimento do dependente e de todos ao redor de forma tão realista e interessante, faz com que a gente vivencie o sofrimento junto com Maycon e Elena. E sinta o amor surgindo no meio das trevas, da dúvida. Um amor puro e sincero, porém não aceito.

[Compre agora e leia](#)



Por você eu faço tudo

Bezerra, Elizabeth

9788568695524

512 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma proposta irrecusável... Um desejo de vingança... E uma reviravolta surpreendente!

Richard Delaney é um rico, bonito e metódico engenheiro. Sua família é uma das mais tradicionais de Nova York. A vida parecia perfeita, até voltar de viagem e encontrar a noiva com outro homem. Agora ele está furioso e decide dar voz ao bad boy que existe nele. Vingança é tudo o que ele quer. Começaria apresentando como noiva, a linda e impertinente dançarina de pole dance, Paige Fisher.

Paige não acredita no amor. Um dia, após chegar do trabalho, descobriu que seu namorado havia vendido todas as suas coisas, roubado o dinheiro do aluguel e fugido com sua melhor amiga. Para ela o amor era para tolos.

Quando Richard faz a surpreendente proposta para que finja ser sua noiva, vê a oportunidade para mudar sua vida, radicalmente. Sua única exigência era: nada de sexo.

Mas o que eles não previram é que essa história tomaria um rumo muito diferente...

A atração entre eles é explosiva e amor acontece quando menos se espera.

Mudando suas vidas para sempre.

[Compre agora e leia](#)

CRISTINA MELO

MISSÃO 1

A
missão
AGORA É
amar

bezz
EDITORA

A missão agora é amar

Melo, Cristina
9788568695562
468 páginas

[Compre agora e leia](#)

VOCÊ TEM UMA NOVA MISSÃO!

Objetivo – entregar todos os seus sentidos e se deixar levar por este romance apaixonante e avassalador.

Alvo – seu coração.

A Missão – agora é amar.

Aquela história de que os opostos se atraem se enquadra nesse romance. E mais, tem uma pitada de ironia do destino com traumas fortes do passado.

Lívia é uma mulher linda de personalidade forte que tem seus ideais e também seus traumas. Depois de tudo o que passou achava que agora estava com a vida perfeita e tudo estava em seu lugar, até que um dia tudo muda. Em uma operação policial, ela é atingida por um olhar fatal que penetra sua alma, desvendando todas as suas fraquezas e o medo que ela achava estar superado volta com força total. Será que ela conseguirá não quebrar o único juramento que fez na vida?

Gustavo Torres é Capitão do BOPE (CAVEIRA). Um homem sem medos, focado no trabalho e que não se abala com nada e ninguém. Carrega uma responsabilidade de proteger e cumprir com a lei. Solitário e desconfiado das armadilhas da vida, procura andar atento, mas sempre andando na contra mão da felicidade, ele é conhecido por ter o controle e nunca desviar seu foco e objetivo. Até que um anjo cruza o seu caminho e o transforma totalmente, quebrantando o seu coração, fazendo-o liberar todo o seu amor, lhe dando uma nova missão que ele vai tentar cumprir a todo custo, pois missão dada é missão cumprida.

Uma deliciosa historia de amor, medo e rendição se inicia...

[Compre agora e leia](#)

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1 - Vida de casados](#)

[Capítulo 2 - Sob controle?](#)

[Capítulo 3 - Sob controle? Nunca](#)

[Capítulo 4 - Retorno](#)

[Capítulo 5 - Salvação?!](#)

[Capítulo 6 - Sussurro inesperado.](#)

[Capítulo 7 - Corrompendo-se](#)

[Capítulo 8 - Tóxico](#)

[Capítulo 9 - Minha prisão](#)

[Capítulo 10 - Convertendo-se](#)

[Capítulo 11 - Assimetria da felicidade](#)

[Capítulo 12 - Pretexto](#)

[Capítulo 13 - Perdendo o jogo](#)

[Capítulo 14 - Engolindo o orgulho](#)

[Capítulo 15 - Divergindo-se](#)

[Capítulo 16 - Seguindo meu caminho](#)

[Capítulo 17 - Seguindo meu caminho](#)

[Capítulo 18 - Revendo alguns passos](#)

[Capítulo 19 - O preço a ser pago](#)

[Capítulo 20 - Sem vencedores](#)

[Capítulo 21 - Encarando algumas verdades](#)

[Capítulo 22 - Escolhas...](#)

[Capítulo 23 - Será que é possível?](#)

[Capítulo 24 - Novas cartas](#)

[Capítulo 25 - Ludibriar-se](#)

[Capítulo 26 - Promessas](#)

[Capítulo 27 - Confissões](#)

[Capítulo 28 - Suspiro](#)

[Capítulo 29 - Fora da realidade](#)

[Capítulo 30 - Palavras](#)

[Capítulo 31 - Respirando novos ares](#)

[Capítulo 32 - Nosso refúgio](#)

[Capítulo 33 - Confronto](#)

[Capítulo 34 - Sem fórmulas](#)

[Capítulo 35 - Encontrando-se](#)

[Capítulo 36 - Um milagre a cada dia](#)

[Capítulo 37 - Era uma vez](#)

[Capítulo 38 - Rumo ao novo amanhã](#)

[Epílogo](#)